



POUSADA DE  
SANTA BÁRBARA  
TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Sara Miranda de Almeida Figueiredo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura  
Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e  
Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Orientação do Professor Doutor João Mendes Ribeiro.

Dezembro de 2013





# POUSADA DE SANTA BÁRBARA

TRADIÇÃO E MODERNIDADE



Sara Miranda de Almeida Figueiredo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura  
Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e  
Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Orientação do Professor Doutor João Mendes Ribeiro.

Dezembro de 2013

A seguinte dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico e foi estruturada em cumprimento da Norma Portuguesa 405.



Ao Professor Doutor João Mendes Ribeiro, orientador deste trabalho, pelas sugestões e críticas.

À Professora Doutora Susana Lobo, pelos esclarecimentos adicionais.

Ao actual proprietário da Pousada de Santa Bárbara – Vitor Caetano e à sua esposa – Susana Caetano, pelo seu entusiasmo e disponibilidade.

À Dona Teresa, secretária do Mestre, pela partilha de histórias e documentos.

Àqueles amigos que tornaram curtos estes longos anos de trabalho no dARQ.

À Regina, ao Vitor, à Raquel, à Sofia, ao Bernardo, à Daniela e ao Eduardo em especial.

Ao Ricardo, pelo apoio em todos os momentos, mesmo naqueles em que me apetecia desistir.

À minha mãe porque acreditou sempre no meu futuro.



# ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
<b>1ª PARTE</b>	
CONJUNTURA NACIONAL	11
Anos quarenta	13
Entre o Congresso e o Inquérito	19
Terceira Via – Paradigmas da nova arquitectura	27
Anos sessenta	33
POUSADAS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA	35
Pousadas do Bom Gosto	39
Pousadas do Inquérito	41
Pousadas em Monumentos	47
<b>2ª PARTE</b>	
MANUEL TAINHA	59
Percurso	63
Discurso	73
Obra	83
POUSADA DE SANTA BÁRBARA	99
Uma obra de início de vida	99



Reinterpretação da obra	109
Uma obra de fim de vida	127
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>135</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>143</b>
<b>FONTES DAS IMAGENS</b>	<b>163</b>
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANTE-PROJECTOS</b>	<b>173</b>
Esquiços	173
Desenhos	183
<b>PROJECTO</b>	<b>191</b>
Memória Descritiva e justificativa	191
Fichas de Assistência em Obra	200
Fotografias da Construção	208
Esquiços	212
Desenhos	227
Reinterpretação da obra	21 f.
<b>AMPLIAÇÃO</b>	<b>233</b>
Memória Descritiva e Justificativa	233
Desenhos	7 f.
<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>243</b>
Portaria n.º 740 - AG 2012	243
<b>FONTES DAS IMAGENS</b>	<b>247</b>







## INTRODUÇÃO

A Pousada de Santa Bárbara, *obra de início de vida* do arquitecto Manuel Tainha, será o objecto de estudo central desta dissertação, onde se procurará compreender a linha de pensamento projectual tida em conta pelo arquitecto no ambiente cultural e político daquele tempo. A escolha desta obra como elemento central da dissertação surge do interesse pessoal que ela me desperta, porque, localizada nos arredores da cidade de Oliveira do Hospital, da qual sou natural, evidencia-se pelo seu carácter vernáculo e simultaneamente moderno, centrado na relação com a paisagem envolvente. Agora, após ser classificada como Monumento de Interesse Público, a admiração particular de a ver renascer segundo um projecto de ampliação, *de fim de vida*, do próprio Manuel Tainha, que a pretende adaptar às necessidades hoteleiras contemporâneas.

A não existência de qualquer publicação de tipo monográfica sobre a Pousada de Santa Bárbara, que se debruce exclusivamente sobre o seu processo de construção, vem fundamentar a sua documentação, não apenas por meio verbal, mas também através de esquiços, desenhos e fotografias de alto relevo para a exposição e interpretação da obra.

A dissertação estrutura-se em duas partes, em que o primeiro capítulo se dedica ao contexto cultural da arquitectura na segunda metade do século XX, na vertente política e hoteleira, e o segundo, se dedica ao percurso do arquitecto e à interpretação do caso de estudo, desde o seu projecto inicial até à actualidade.

O desenvolvimento do primeiro capítulo apoia-se, inicialmente, na visão da arquitecta Ana Tostões em relação ao percurso da arquitectura portuguesa





do século XX, segundo a obra *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50* e o catálogo da exposição no Centro Cultural de Belém - *Arquitectura do século XX: Portugal*. Pretende-se contextualizar política e culturalmente o ambiente arquitectónico e artístico vivido em Portugal a partir dos anos 40. Segundo uma abordagem de índole cronológica, é feita uma caracterização da conjuntura nacional lida no combate ao conservadorismo da ditadura, que pretendia afirmar o carácter português e condenar o internacionalismo da arquitectura moderna.

Seguidamente, dado que o objecto de estudo se trata de uma Pousada, é feita uma referência à evolução histórica da arquitectura das Pousadas em Portugal, desde o albergue ao hotel de luxo. A bibliografia base da investigação incide na publicação da arquitecta Susana Lobo, *Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX*, que constitui obra fundamental para a compreensão da evolução do tema, uma vez que consegue espelhar as condições políticas, as práticas sociais e a cultura arquitectónica do país, desde os primeiros exemplos dos anos 40, pelas mãos da DGEMN, até às pousadas em Património dos anos 90. Propõe-se uma leitura dos casos mais relevantes do ponto de vista político e mais interessantes do ponto de vista arquitectónico, organizando-se segundo um faseamento cronológico que permita compreender o percurso hoteleiro.

O segundo capítulo centra-se no *Percurso*, no *Discurso* e na *Obra* do arquitecto Manuel Tainha, desde a sua formação, em pleno período de afirmação do movimento moderno no mundo e, simultaneamente, numa aparente regressão da arquitectura moderna em Portugal, até à maturidade, em que a sua obra se distingue ao serviço do ensino e da crítica de arquitectura, onde o sentido de tempo e de lugar se integram numa reunião de conceitos modernos, vernáculos, mas também clássicos, entendidos numa ampla noção de integração, de conforto, de escala e de materialidade. Sobre este tema realça-se a publicação *Manuel Tainha, arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura* decorrente da exposição retrospectiva organizada pela Casa da Cerca que expõe as reflexões do arquitecto face a inúmeros temas da arquitectura da esfera nacional e internacional. Também os textos escritos pelo arquitecto ao longo da sua carreira serviram para melhor compreender a sua linha de pensamento em relação à profissão, é o caso do livro *Arquitectura em Questão* ou *Manuel Tainha: textos de arquitectura*. As suas impertinentes reflexões teóricas, não só



enquadram a sua obra como também o caminho percorrido pela arquitectura portuguesa do século XX.

A segunda parte deste capítulo reúne todo o processo da Pousada de Santa Bárbara, desde a sua encomenda, na década de 50, integrada na segunda fase do plano de criação de novas pousadas dirigido pelo Ministério das Obras Públicas e pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo, cujos projectos foram entregues a arquitectos da nova geração, na procura de uma linguagem mais moderna em ruptura com os projectos da fase anterior, até ao actual projecto de ampliação que a pretende adaptar às necessidades hoteleiras contemporâneas. Primeiramente, é feita uma abordagem ao processo interventivo do arquitecto na Pousada de Santa Bárbara, onde se pode ler uma síntese já amadurecida das principais fontes de inspiração dos arquitectos portugueses da época, seja a arquitectura nórdica, ligada às questões da natureza e da paisagem, através de Alvar Aalto ou Jacobsen, seja a arquitectura dos mestres italianos do pós-guerra, ligados à relação entre a teoria e a prática. A visita ao atelier do arquitecto, na Rua da Alegria, em Fevereiro de 2012, e a conversa informal com a Dona Teresa, secretária de Manuel Tainha há 40 anos, revelou-se crucial na interpretação de todo o processo da Pousada de Santa Bárbara, porque, para além de ter disponibilizado todo o material base para a documentação da obra – textos e esboços do arquitecto, desenhos dos ante-projectos e do projecto, pormenores do mobiliário, memórias descritivas, fichas de assistência em obra e fotografias, deu-me conta de alguns episódios menos conhecidos do processo da Pousada.

Seguidamente, é apresentado o novo projecto do arquitecto Manuel Tainha para a integração da Pousada num novo conceito de *Hotel de Charme*, com capacidade para acolher as exigências turísticas contemporâneas. A obra é apresentada segundo uma descrição da sua organização espacial, que, embora condicionada pela geometria original do edifício, aumenta ligeiramente a sua capacidade de alojamento e integra um novo espaço de spa e piscina. O processo de reabilitação para as novas necessidades vai ao encontro das actuais estratégias de atracção turística que confrontam o sentido crítico da arquitectura na sua adaptação a uma nova realidade.

A metodologia de trabalho resulta em dois momentos essenciais que, tendo sido realizados em simultâneo, permitiram a estruturação do tema. Em primeiro lugar, a realização da pesquisa histórica que enquadra o ambiente arquitec-

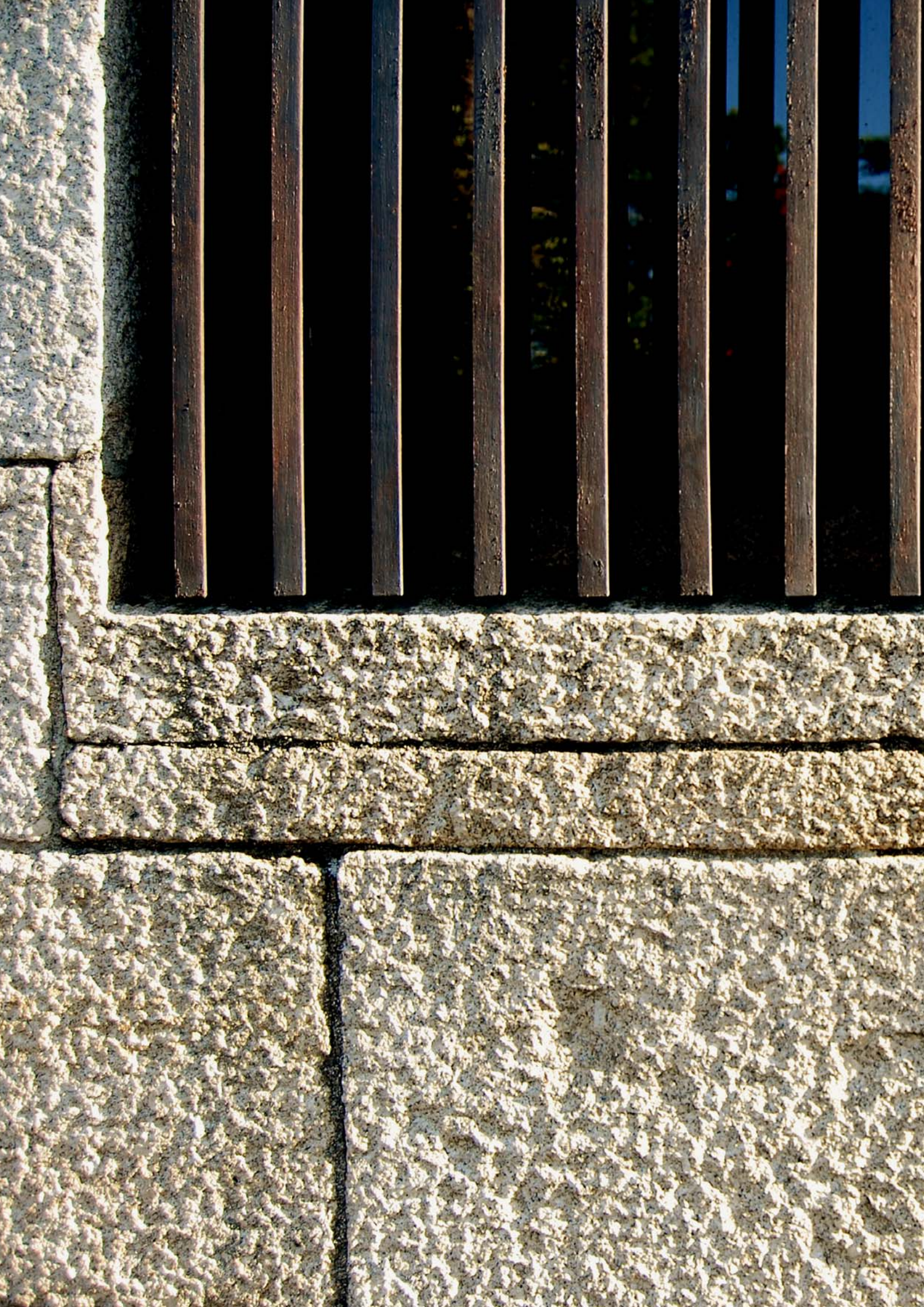


tónico português na segunda metade do século XX, a evolução do conceito de Pousada e a linha de pensamento defendida por Manuel Tainha em relação a ambos os conceitos. Depois, dada a inexistência de documentos gráficos digitais da obra e com o objectivo de melhor compreender a dimensão do caso de estudo, o redesenho de todo o projecto a partir dos documentos fornecidos pelo atelier e pelas imagens publicadas, recorrendo ainda ao levantamento fotográfico intensivo da obra. Esta análise permitiu, através de organigramas espaciais que articulam o desenho com a escrita, fazer uma interpretação minuciosa da Pousada.



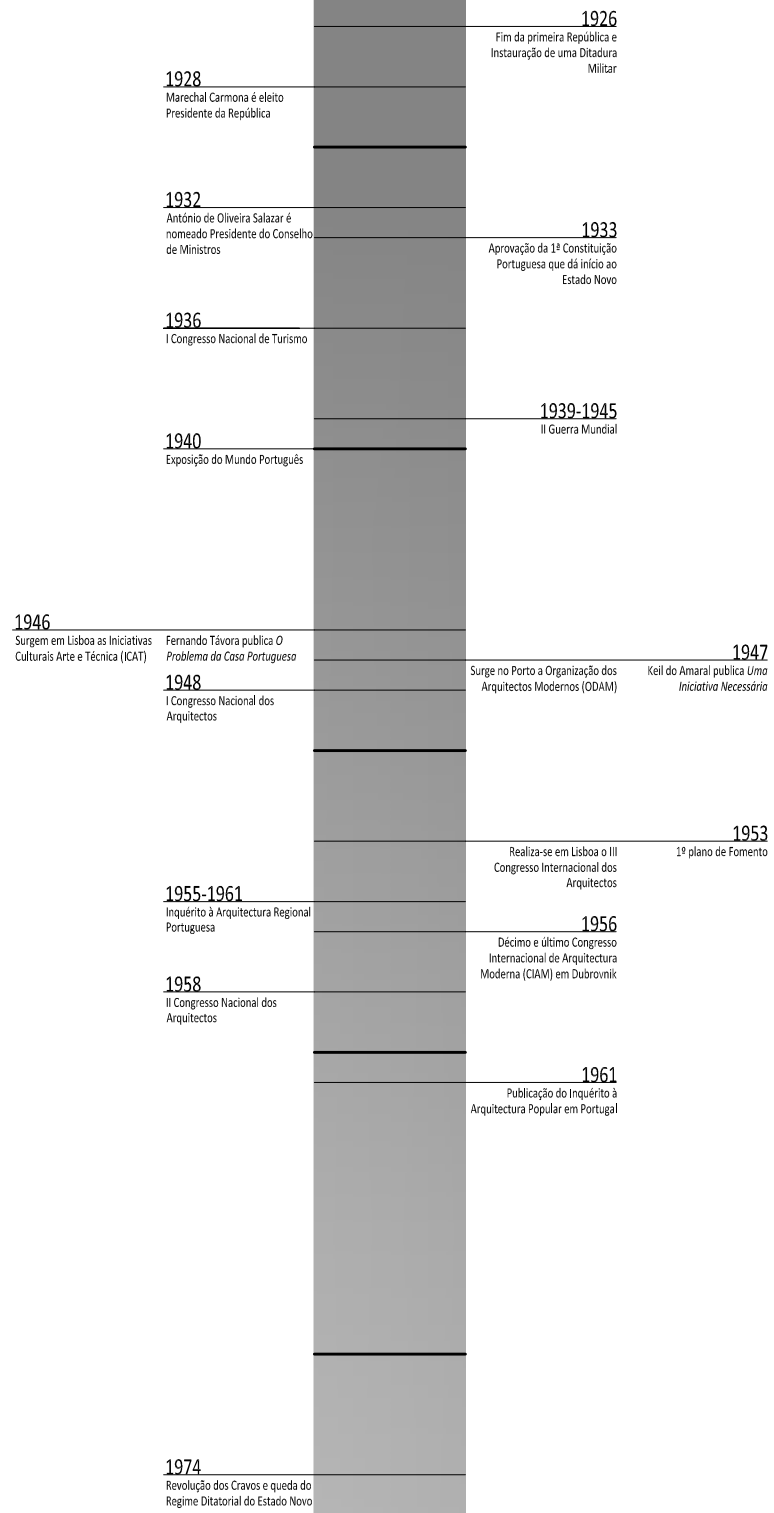








Contexto  
Arquitectónico



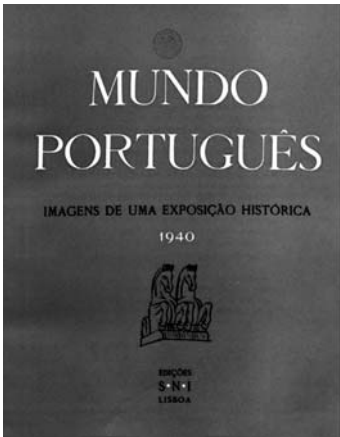


## CONJUNTURA NACIONAL

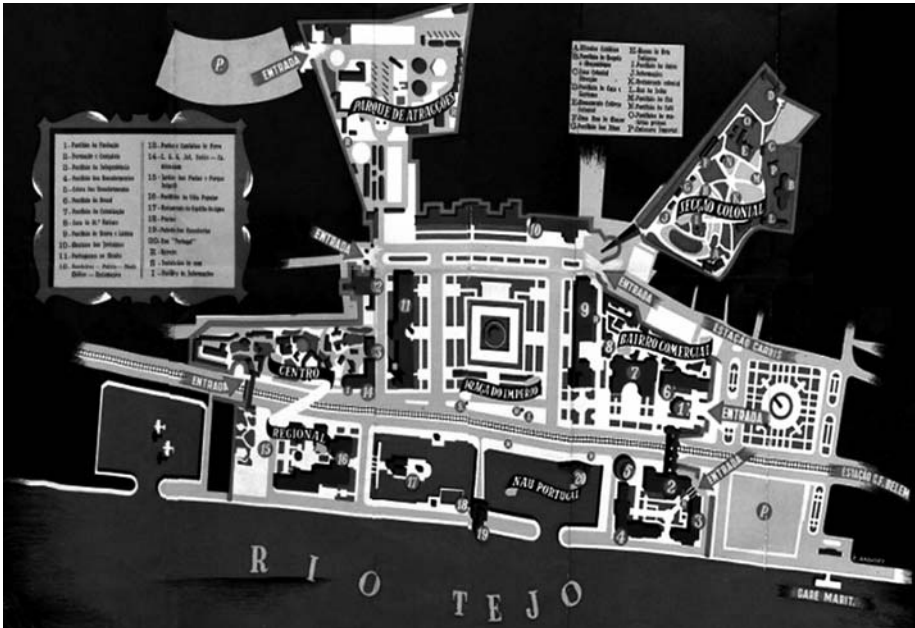
A arquitectura do início do século XX em Portugal afirmou-se entre um revivalismo e um modernismo eufórico. Por um lado, nacionalismo, portuguesismo e revivalismo, eram objecto de debate na cultura portuguesa, evidenciando-se o magistério de Raul Lino e a questão da identidade nacional. Por outro, a emergência de uma nova geração de arquitectos que troca o ecletismo da sua aprendizagem, por uma concepção claramente modernista e funcionalista da arquitectura. Ao longo da década de 1920, a *art déco* estabelecida no seio dos artistas portugueses evolui para um modernismo experimental através de influências internacionais algo epidérmicas. A este experimentalismo moderno contrapõe-se uma procura de monumentalidade, condensado na posterior afirmação do Estado Novo através da arquitectura e da *Política do Espírito*.

Na década de 1930, assiste-se então à substituição do regime republicano vigente por uma ditadura que se virá a apoiar nos novos arquitectos e a patrocinar alguns dos mais significativos edifícios modernistas portugueses. Porém, social e culturalmente, a ditadura era caracterizada por um extremo conservadorismo sustentado no culto pela tradição, que pretendia afirmar o carácter português e condenar o internacionalismo da nova arquitectura, apelidando-o de subversivo e mesmo de comunista.

*Estavam criadas as condições políticas para a manipulação da arte enquanto instrumento de propaganda ideológica, ao serviço de um Estado forte, tendencialmente totalitário. E a arquitectura, como expressão de uma política de obras públicas de que*



1. *Mundo Português* - imagens de uma exposição histórica (1940).
2. Fotocomposição com imagens do Catálogo Oficial da Exposição do Mundo Português.



*o regime se orgulhava, estava na primeira linha para tal missão. Os valores nacionais eram exaltados e o internacionalismo comunista tornou-se o inimigo principal.*<sup>1</sup>

O que se designa por Arquitectura Moderna tem o seu desenvolvimento mais claro no nosso país nos anos trinta, onde a inovação tecnológica e a expressão artística que acompanha a *Arquitectura do Betão Armado*<sup>2</sup> é acelerada pelo aparecimento do incentivo à construção devida à progressiva estabilização política. Porém, entre o final da década de 1930 e o Congresso de 1948, assiste-se, simultaneamente, ao período da consagração da *Arquitectura do Estado Novo*<sup>3</sup> enquanto arquitectura do regime, apostando na busca das raízes pelo caminho monumental e regionalista. A referência à história colectiva faz-se através da exaltação dos valores da nação, graças à tarefa conservadora da DGEMN (Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais).

Os arquitectos, salvo algumas excepções, viam no Estado Novo a oportunidade de realização de uma obra que de outro modo não conseguiriam. A relação entre estes primeiros arquitectos modernos e o Poder foi, no entanto, uma relação ambígua, pois embora estas obras lhes dessem estatuto e trabalho de prestígio, muitas vezes não partilhavam das mesmas opiniões ideológicas e políticas.

## ANOS QUARENTA

Nos anos quarenta, multiplicaram-se os casos em que arquitectos viram rejeitados os seus projectos ainda modernos e foram obrigados a aceitar fazer outros de acordo com os cânones oficiais. As obrigações que o Poder impunha aos arquitectos situavam-se no campo estilístico, traduzindo uma concepção da arquitectura entendida como cenografia, patente na composição dos volumes e sobretudo nas fachadas. Tratava-se de exprimir o poder do Estado e de incutir nos cidadãos os valores da autoridade e da ordem.

A imponente *Exposição do Mundo Português*, realizada em 1940, cuja direcção e

1 PEREIRA, Nuno Teotónio in TOSTÕES, Ana; BECKER, Annette; WANG, Wilfried – *Arquitectura do século XX: Portugal*. p.34

2 FERNANDES, José Manuel – *Português Suave*. p.17

3 *Ibid.* p.22



planificação esteve a cargo de Cottinelli Telmo (1897-1948), marca a viragem decisiva dos rumos da arquitectura portuguesa, consequente da *Política do Espírito* transmitida pelo regime aos artistas portugueses. Embora se defrontassem vestígios do modernismo inicial das décadas anteriores e expoentes da nova fase nacionalista, este momento representou, simultaneamente, um ponto de chegada e um retrocesso ideológico em relação ao espírito moderno. *Com a Exposição do Mundo Português abre-se aos arquitectos uma era de prosperidade nunca antes conhecida. Desse mesmo passo tenta-se domesticar uma classe que apresentava já sinais evidentes de contaminação modernista: é na verdade a vanguarda de 30 que em peso se vê envolvida no Grande Projecto.*<sup>4</sup>

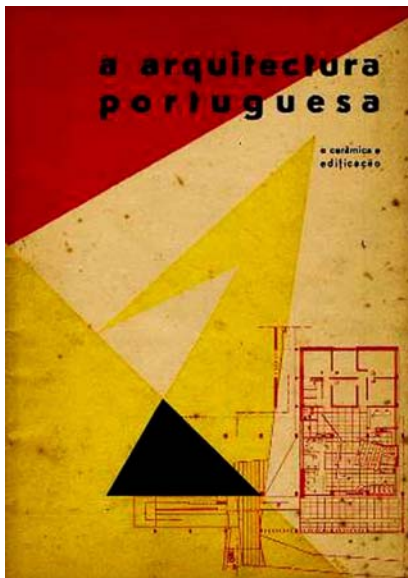
A proximidade do Poder e o importante papel desempenhado pela encomenda oficial condicionavam, de certo modo, a produção arquitectónica na cidade de Lisboa. Contrário ao cenário vivenciado na capital pelos arquitectos, que de bom ou mau grado, foram aceitando os dogmas da arquitectura imposta pelo Regime, na cidade do Porto - cidade comercial e burguesa, afastada do poder - um grupo de profissionais dotados de uma afirmativa consciência moderna, opôs-se às tentativas do Poder para domesticar a arquitectura, garantindo uma aproximação ao desejo do novo e uma continuidade dos ideais modernos entre a primeira geração e as seguintes. Uma nova geração de jovens arquitectos tendia a afirmar-se com convicção, aproveitando os CODA (Concursos para a Obtenção do Diploma de Arquitecto) para lutar pelos ideais modernos, comprovando a abertura ideológica da Escola do Porto agrupada em torno do mestre Carlos Ramos, apostado em construir um discurso de abertura às novas metodologias.

Em 1946 surgem em Lisboa as ICAT<sup>5</sup> (Iniciativas Culturais Arte e Técnica), organização agrupada em torno de Keil do Amaral (1910-1975), determinada no debate que transforma a velha revista *Arquitectura*, e que ao lado da ODAM<sup>6</sup>

4 TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão*. p.103

5 As ICAT agrupavam um conjunto de arquitectos da nova geração que desenvolviam uma acção mais abrangente, não se confinando à defesa de uma arquitectura moderna, colocando-se claramente em oposição ao regime com uma postura mais cívica e politizada. Fora do âmbito fechado do sindicato promoviam animados debates de atelier, utilizando como veículo as EGAP - Exposições Gerais de Artes Plásticas, e a revista *Arquitectura*.

6 A ODAM pretendia divulgar os princípios da arquitectura moderna, formando uma consciência profissional e, através do entendimento entre arquitectos e artistas plásticos, valorizar o indivíduo e a sociedade portuguesa.



3. *Revista Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação* #1.

4. *Revista Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação* #2.





(Organização dos Arquitectos Modernos) no Porto, fundada no ano seguinte, terá um papel determinante na organização e nos resultados do Congresso de 1948. Organizados em torno de novos ideais, tanto as ICAT como a ODAM apostavam em juntar esforços para dissolver o chamado *português-suave*<sup>7</sup> - a arquitectura dita nacional que a ditadura de Salazar, a exemplo de outros regimes totalitários europeus, utilizava como ferramenta para fortalecer o seu poder. Através da sua forte carga ideológica, a acção destas organizações traduz uma nova consciência social e ética dos profissionais portugueses, como forma de contestação e de resistência.

As únicas influências arquitectónicas modernas da Europa Central e do Norte chegavam-nos pela via de artistas como Carlos Ramos (1897-1969), que colecionava bastante bibliografia germânica, e por Keil do Amaral, que estudou e publicou no ano de 1943 a *Moderna Architectura Holandesa*<sup>8</sup>. Sobre esta arquitectura Keil escrevia: *arquitectura racional, mas de um racionalismo sem dureza, sem secura, um racionalismo que anda de braço dado com a poesia (...)* *A comodidade e a beleza fazem-se mútuas para maior harmonia dos conjuntos.*<sup>9</sup>

Contudo, a limitada divulgação da arquitectura moderna internacional pela única revista da especialidade publicada em Portugal - *Arquitectura Portuguesa* - não satisfazia teoricamente e deixava bastante a desejar em termos gráficos. Este factor contribuiu para que a primeira geração de arquitectos modernos não tivesse meios para produzir uma reflexão teórica e, conseqüentemente, pusesse em causa a especificidade do modernismo arquitectónico em Portugal, dado a ausência da informação quanto à preocupação social que está na base do Movimento Moderno europeu e presente nas intenções de Gropius e de Corbusier.

Já a revista *Arquitectura*, de publicação irregular desde 1927, tentava estabelecer-se no meio embora sem grande critério crítico. No entanto, no ano de 1946 passou a ser propriedade das ICAT dedicando-se desde então a uma informação internacional inspirada em novos moldes gráficos. A publicação da revista acompanhou os sintomas da renovação no quadro da arquitectura e da cultura portuguesas, constituindo por si só um espaço de denúncia das

7 FERNANDES, José Manuel – [op. cit.].

8 AMARAL, Francisco Keil do – *A Moderna Architectura Holandesa*.

9 *Ibid.* p.49



5. I Congresso Nacional de Arquitectura, Maio de 1948.

*maleitas da arquitectura nacional*<sup>10</sup>. A nova geração de arquitectos, socialmente comprometida e culturalmente consciente, aproveita-se do espaço da renovada revista *Arquitectura* para combater e criticar a arquitectura nacionalista do Regime.

A partir 1956 a revista *Arquitectura* ganha uma nova consciência crítica de adequação social, histórica e cultural, apoiada na teorização e na reflexão das correntes arquitectónicas tanto internacionais<sup>11</sup> como nacionais<sup>12</sup>. Inovando na lucidez e na distância crítica com que divulgava e discutia os artigos e as obras, a revista tornar-se-ia na principal directriz de produção arquitectónica portuguesa a partir dos anos cinquenta.

## ENTRE O CONGRESSO E O INQUÉRITO

Com o fim da II Guerra Mundial (1939 - 1945) e com o despertar das democracias numa oposição fortalecida pela derrota do fascismo na Europa, promove-se, no final da década de quarenta, um tempo de agitação cultural particularmente significativo na reflexão da arquitectura moderna em Portugal. A arquitectura abandona a simples forma de expressão plástica para participar no reflexo da própria vida, apoiando-se em dados fundamentais como a cultura e a espontaneidade. Numa tradução coerente das necessidades materiais e espirituais que caracterizam épocas, regiões e povos, resulta uma arquitectura que quer ser moderna mas que simultaneamente procura no passado os valores fundamentais.

A componente social do Movimento Moderno é finalmente introduzida na nossa cultura e, ainda que conscientes que esta afirmação se viesse a transformar num problema político, os arquitectos modernos do pós-guerra reivindicam a arquitectura moderna como condensador social, no quadro de uma produção arquitectónica ao alcance de todos e uma intervenção arquitectónica a outra escala - a escala da cidade e do território segundo um urbanismo fixado na

10 AMARAL, Francisco Keil do – *Maleitas da Arquitectura Nacional*.

11 Apoiada no processo de revisão do Movimento Moderno, a revista começa a divulgar algumas experiências europeias, dedicando especial atenção a arquitectos como Coderch, Carlo Scarpa, Alvar Aalto, Louis Kahn, Frank Lloyd Wright ou Le Corbusier.

12 São publicadas obras de autores portugueses assentes numa linguagem mais contextualizada dos valores vernáculos da arquitectura, como Álvaro Siza, Fernando Távora ou Nuno Teotónio Pereira.



Carta de Atenas.

Como consequência directa desta aparente abertura democrática do Regime, tem lugar, em Maio de 1948, o I Congresso Nacional de Arquitectura. Organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos e integrado na celebração dos *15 Anos de Obras Públicas*, o Congresso abriu portas à discussão sobre a mudança do plano da arquitectura nacional, que numa forte atitude de contestação ao Regime se contrapôs polemicamente aos ideais sustentados na Exposição Oficial de 1940. A entusiástica manifestação cultural e profissional em redor do Congresso constituiu um importante ponto de viragem na nossa cultura arquitectónica, onde a adopção dos princípios do Movimento Moderno e a resposta funcionalista a novos programas passam a definir um segundo período da arquitectura moderna em Portugal, *após a breve fase dos pioneiros da primeira geração*<sup>13</sup>.

O Congresso adquiriu um caminho ideológico diferente daquele que a Direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos idealizava, devido à participação maciça das jovens organizações marginais ao Sindicato - a ICAT e a ODAM. Os profissionais presentes aproveitaram para criticar as imposições estilísticas do regime ditatorial e fundamentar a aceitação dos dogmas modernos e da Carta de Atenas.

Num contexto político determinado, arquitectos e estudantes de arquitectura afirmavam-se contra a expressão nacionalista da arquitectura oficial e contestavam os valores da *casa portuguesa*, alertando para as verdadeiras necessidades da arquitectura portuguesa e reivindicando um novo rumo, moldado segundo os parâmetros formais do Estilo Internacional e ideológicos do Funcionalismo. O tratamento dos temas<sup>14</sup> do Congresso recaiu numa oportunidade única da nova geração manifestar abertamente as suas convicções políticas e culturais, centrando as intervenções em duas temáticas estruturantes: a *Arquitectura no Plano Nacional* e o *Problema Português da Habitação*, duas controvérsias do contexto social e económico emergente<sup>15</sup>.

13 FRANÇA, José Augusto – *A Arte em Portugal no século XX*. p.439

14 As teses foram preparadas de forma a serem utilizadas como *cavalos de Tróia* e os arquitectos serviram-se do facto das comunicações não serem objecto de censura para exprimirem as suas ambições, que de outro modo não poderiam fazer.

15 A par da defesa de uma actualização formal e ideológica da arquitectura portuguesa, insistia-se, no que se refere à divulgação da profissão, num maior dinamismo que valorizasse o papel do arquitecto como meio de estimular uma intervenção mais alargada e esclarecedora da sua função social à população.



6. Francisco Keil do Amaral.

A consequência imediata do heróico Congresso foi o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, ideia que ficava logo definida em 1949 pela direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos, agora sob a presidência do recém-eleito Keil do Amaral<sup>16</sup>. A partir do Congresso sente-se emergir uma nova geração, que trás na bagagem uma vontade colectiva de mudança e de recusa ao espírito historicista moldado pelo regime para uma arquitectura do Estado Novo. O novo quadro social exigia agora uma simplificação e uma maior racionalização de programas para responder à vida moderna e, os novos programas de habitação, de equipamento e industriais obrigavam à reforma do código linguístico, condenando assim a arquitectura populista. Neste período desenvolveram-se novas consciências e delinearom-se renovadas orientações, acompanhadas da construção de significativas obras pontuais que irão permitir uma intervenção mais poderosa após o Congresso. As autoridades governativas reagem apenas pontualmente a este movimento de transformação, indeferindo alguns projectos e, numa atitude mais pessoal, impedindo, por exemplo, que Keil do Amaral tomasse posse do cargo para que fora eleito no SNA.

Já em 1947, Keil do Amaral propunha a realização de uma pesquisa séria sobre a arquitectura popular, certo de que *a nossa arquitectura regional encerra muitas e valiosas lições*<sup>17</sup>, nela se encontrariam as bases para a construção de uma perspectiva de trabalho teoricamente racional e formalmente tradicional. Em *Uma Iniciativa Necessária*, Keil defendia que a tradição popular imprimia na arquitectura uma linguagem simples, equilibrada e autêntica, inspirada nas suas próprias raízes e afastada de ecletismos e estilos, e que estudando-a, a arquitectura portuguesa poderia adquirir uma maior profundidade.

Com o decorrer da década de 1950, dá-se então lugar a um outro entendimento

Simultaneamente, centrava-se a discussão na remodelação do ensino caduco das *Beaux-Arts* em prol de um ensino mais concordante com as necessidades contemporâneas, pois as novas tarefas que se apresentavam ao arquitecto exigiam um ensino capaz de formar profissionais conhecedores da sua missão. A questão da censura que condicionava a actividade do arquitecto foi um assunto bastante debatido pelos congressistas, revoltando-se contra as críticas tecidas pelas esferas oficiais aos projectos executados de acordo com a nova realidade e fora dos moldes estabelecidos pelo regime, que insistia num retorno a uma arquitectura do passado.

16 Keil do Amaral afirma-se enquanto referência profissional e ética da nova geração, procurando um novo entendimento da *casa portuguesa* e da própria arquitectura moderna. A sua obra transmite uma necessidade de humanização e contextualização que permite conciliar os valores da arquitectura moderna com a integridade da arquitectura vernacular. Esta consciência origina a procura de uma via alternativa à dicotomia modernidade/tradição - a *terceira via*.

17 AMARAL, Francisco Keil do - *Uma Iniciativa Necessária*. In LOBO, Susana - *Pousadas de Portugal*.





da evolução das ideias e práticas arquitectónicas, baseado numa correcção metodológica que pretendia alcançar um conhecimento mais humanista do fenómeno social e uma visão mais crítica dos exemplos internacionais de referência. Sentia-se a necessidade de *rever o caminho percorrido* na década anterior, pelo que se esboçava, no espírito dos arquitectos portugueses, uma procura de autenticidade, de fixação do tempo e da história, denunciando a preocupação de tornar possível a integração da modernidade na tradição.

No seio deste ambiente, onde se lutava, por um lado, contra o conservadorismo oficial e, por outro, contra o esquematismo do estilo internacional, tem início, em 1955, a realização do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. Para a esfera oficial, esta era uma oportunidade para se fundamentar o conceito de arquitectura nacional recorrendo à análise científica do território mas, para os arquitectos envolvidos, a intenção era desconstruir a ideia de uma *casa portuguesa*, através da identificação do modo de construção popular e da compreensão do meio em que essa arquitectura se construía, observando as diversas dificuldades com que a população se defrontava e até que ponto as soluções permaneciam vivas, adequadas funcional, económica e espiritualmente.

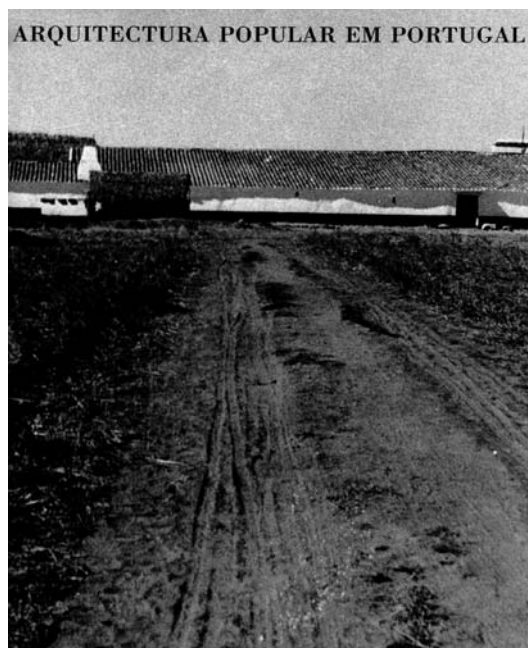
A par da manifestação de interesse na arquitectura vernácula de alguns países nórdicos e do exemplo do realismo italiano, encontra-se a base da iniciativa portuguesa que, numa aproximação entre a arquitectura popular e os princípios do Movimento Moderno, tenta dar uma resposta racional às condições reais do nosso território de acordo com as circunstâncias contemporâneas. Assim, o Inquérito acarreta um grande significado cultural e político, onde se manifesta um particular cuidado com o contexto e se renova o interesse pela realidade da cultura autêntica portuguesa.

Esta atitude de constante procura por parte dos arquitectos modernos portugueses pode denunciar as contradições e a crise que o Movimento Moderno atravessava no contexto internacional<sup>18</sup>, no entanto, aponta também para

18 Os CIAM, como principais centros de divulgação e discussão ideológica do Movimento Moderno e como reflexo directo da arquitectura internacional, atravessavam também uma fase de revisão das premissas modernas, depois do radicalismo inicial, onde o Movimento Moderno passa a ser entendido enquanto expressão de um método adequado às necessidades materiais e emocionais do utente. É no sentido desta aproximação às condições do homem, que a equipa de arquitectos portugueses (liderada por Viana de Lima e Fernando Távora) apresenta, no Congresso de Dubrovnik de 1956, o “Plano de uma

11. *Arquitectura Popular em Portugal*, volume 1 - Minho, Trás-os-Montes e Beiras (1961).

12. *Arquitectura Popular em Portugal*, volume 2 - Estremadura, Alentejo e Algarve (1961).



uma aproximação aos conteúdos de carácter integrador, que constituem uma constante premissa da arquitectura portuguesa.

Divididos em equipas e organizados por regiões, os arquitectos dedicaram-se à análise da ocupação do território e da estruturação urbana, bem como do estudo da expressão dos edifícios e da adequação dos materiais aos processos de construção, revelando as influências do clima, das condições económicas, da organização social e dos costumes das diversas populações. Numa linha de continuidade baseada na simplicidade dos meios, a arquitectura vernacular mostrou manter uma relação diluída com o sítio, utilizando as referências locais para imprimir uma expressão contextualizada aos seus volumes.

Todo este trabalho só foi possível graças ao apoio financeiro do governo que esperava uma contribuição para a elaboração do tão desejado *estilo nacional*. No entanto, o Inquérito veio evidenciar que o país não carecia de unidade arquitectónica pois a expressão das construções é sobretudo influenciada pelas condições do meio social, económico e geográfico. Desta forma, os arquitectos provaram que o povo português sempre foi naturalmente racionalista, afirmando a inexistência de um estilo definidor de uma nação, bem como de uma *arquitectura portuguesa* ou de uma *casa portuguesa*.

O trabalho de investigação realizado com o *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* veio a resultar, em 1961, numa publicação intitulada convenientemente de *Arquitectura Popular em Portugal* e não de *Arquitectura Popular Portuguesa*, como esperavam os defensores do estilo genuinamente português. Este livro não pretendia servir de conclusão ao Inquérito realizado, mas antes suscitar o interesse pelo conhecimento do património cultural, provando que *moderno* e *vernacular* continuam a ser dois parâmetros elementares no processo de intervenção e de clarificação disciplinar da arquitectura moderna em Portugal.

### TERCEIRA VIA – PARADIGMAS DA NOVA ARQUITECTURA

Os anos que seguiram o Congresso ditaram um novo tempo e um ponto de partida para a produção e a reflexão da década de 1950. Num primeiro período assiste-se a uma corajosa afirmação da modernidade, moldada segundo os

Comunidade Rural”, influenciado directamente pela acção do Inquérito à Arquitectura Portuguesa.



dogmas internacionais e desinteressada do valor da história e da identidade. No entanto, no momento seguinte, observa-se uma tomada de consciência em que se aceita, já com alguma maturidade, uma linguagem mais culturalista, entendida numa poética espacial que tende para uma contextualização mais profunda e para uma autenticidade enraizada na tradição.

A necessidade cultural de encontrar uma *terceira via* combina a aceitação do Movimento Moderno com o respeito pela identidade regional descomprometida do nacionalismo, traduzindo-se numa atitude conciliatória entre a Carta de Atenas, o Estilo Internacional e a tradição da arquitectura portuguesa.

*A arquitectura moderna assume-se como uma contestação ao regime, ao estado das coisas, a um regionalismo fascizante, numa tomada de consciência colectiva de produzir obras verdadeiras e actuais, sem no entanto se perder o vector da tradição e das raízes da arquitectura portuguesa.*<sup>19</sup>

Por razões de ordem cultural, associadas ao peso da tradição, à aptidão criativa fortemente integradora, mas também ao congelamento que o regime salazarista trouxe ao país, a situação arquitectónica portuguesa desenvolve-se num contexto muito particular em relação ao quadro europeu. No ambiente português, só mais tarde foi elaborada a fusão entre uma concepção arquitectónica funcional e formal moderna e uma arquitectura adequada ao tempo, à especificidade do sítio e às capacidades técnicas, utilizando elementos e materiais construtivos locais. Permanecia entre os profissionais portugueses, uma maneira de pensar e projectar a arquitectura vincada pelo valor da memória, da ideia de cidade e do valor dos utentes, assente num processo de busca de identidade que permitiu aceitar com uma certa naturalidade as premissas modernas, valorizando as questões do contexto, o significado do sítio, a importância dos materiais naturais e dos métodos artesanais.

Devido às suas capacidades técnicas, o betão foi o material mais utilizado neste período, o que permitiu uma revolução no modo de construir. Inicialmente, o betão era apenas utilizado enquanto elemento de carácter formal da estrutura, mas com o decorrer da década, adquiriu um papel mais expressivo e escultórico, aliado à estereotomia da própria cofragem. O seu valor plástico começou a sobrepor-se à sua função estrutural, aparecendo simplesmente

19 TOSTÕES, Ana – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. p.49



descofrado e sem acabamento ou, quando trabalhado com cofragens de madeira, denunciando os veios e assumindo a sua textura. As capacidades do betão não se esgotavam e os arquitectos souberam aproveitar o avanço da técnica para eliminar a dependência estrutural entre a laje, a viga e a parede.

A implantação da construção e a maneira de abordar ao sítio denuncia inicialmente um carácter mais arrogante que separa a construção do terreno, elevando-a em plataforma suspensa sobre a paisagem, ao estilo corbusiano. No entanto, a estas construções vanguardistas suspensas em *pilotis* vão suceder construções mais contextualizadas, agarradas à terra por embasamentos graníticos e plataformas orgânicas.

A aplicação de uma enorme diversidade de soluções de cariz funcionalista e com uma leitura plástica moderna, como as varandas recuadas, os *brise-soleil*, as palas ou as grelhas cerâmicas, revelam uma exploração formal ilimitada do tema dos vãos, adaptados às realidades do nosso país. As janelas abandonam o simplismo da *fenêtre-en-longueur* do estilo internacional para dar lugar a panos envidraçados agora dispostos segundo determinados enquadramentos, evidenciando o valor poético de relação com a envolvente.

Também o conceito de planta livre será reinterpretado, permitindo que sucessivos espaços fluidos se associem a valores descontínuos de iluminação, aproveitando essa escala para gerar espaços diferenciados. No momento da afirmação da arquitectura moderna, as luzes eram claras e a espacialidade era moldada numa caixa ampla de iluminação transparente, mas com o passar da década, assiste-se ao regresso da sombra pelas persianas que modelam a luz, filtrando-a para um ambiente mais intimista e confortável.

Recupera-se a cobertura inclinada em telha em detrimento da cobertura plana, para assumir o jogo plástico de volumes nas obras de orientação mais organicista. Semelhante destino tem o tema da fachada livre que abandona a poética do ângulo recto para se apoiar em composições volumétricas de avanços e recuos, numa clara exploração tridimensional. Também em termos estruturais a arquitectura denunciou a preocupação de integrar a modernidade na tradição, é o caso do moderno sistema da grelha de betão que passou a ser executada em granito espesso, aproveitando as propriedades deste material vernacular para o aplicar ao sistema construtivo universal.

Os modelos introduzidos pelo Movimento Moderno internacional são criticamente empregados pelos arquitectos portugueses, adaptando os seus princípios





estruturantes à realidade da nossa cultura. O resultado é uma união entre uma concepção funcional e formal baseada nos princípios modernos e uma aplicação técnica e construtiva de origens ancestrais e regionais.

## ANOS SESSENTA

De um modo geral, a década de 60 afirma-se como uma época de pluralidade. Com o desenrolar da guerra de África, em 1961, a paz estabelecida no nosso país é fragilizada, o que constitui um novo motivo de contestação ao regime. Simultaneamente, a publicação da *Arquitectura Popular* em Portugal alia a memória do nosso território a uma nova visão da arquitectura moderna.<sup>20</sup> O organicismo consolida-se a par com uma crescente diversidade de conceitos, onde a cultura Pop caminha lado a lado com a valorização vernacular e a arquitectura do detalhe.

Entre ruptura e nostalgia, o território sofre grandes metamorfoses com a construção de inúmeros empreendimentos turísticos, a cidade internacionaliza-se com o aparecimento de grandes edifícios de serviços e começam a surgir os subúrbios. O *fazer moderno* que nos chegava pelo Estilo Internacional tende a vulgarizar-se a par com a especulação capitalista, originando uma arquitectura de ruptura com a cidade e com a paisagem, levando conseqüentemente ao aparecimento do suburbano e dos não-lugares.<sup>21</sup> Paradoxalmente, desenvolvia-se a consciência do valor da paisagem enquanto património em simultâneo com a sua destruição.

Os anos sessenta introduzem a profissionalização e assiste-se à formação de grandes empresas de arquitectura e de gestão de obra. A única possibilidade de resistência à crescente industrialização e desordem imobiliária aparece associada às cada vez menos obras de arquitectura erudita de autor.

20 TOSTÕES, Ana – *Manuel Tainba: 50 anos de arquitectura portuguesa - Arte, Profissão, modo de vida?* p.15

21 *Ibid.*











## POUSADAS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA

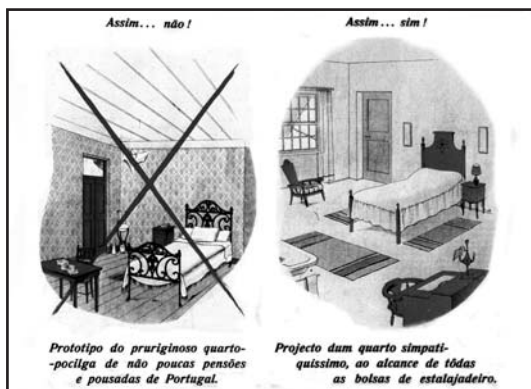
A origem primitiva do turismo remonta ao século XVI, altura em que os jovens aristocratas, no final dos seus estudos, partiam numa grande viagem – o *grand-tour*, cuja finalidade era complementar a sua formação, adquirindo novas experiências. No início do século XIX, com a Revolução Industrial, o sentido de viagem como processo de conhecimento altera-se, dando lugar a deslocações caracterizadas pelo prazer, não só do descanso, como também da descoberta e da aventura, estimuladas pela consolidação de uma burguesia portadora dos recursos económicos necessários.

Em Portugal, no início do século XX, o turismo era uma indústria ainda pouco explorada<sup>1</sup>, resumindo-se numa oferta bastante reduzida, dispersa pelos principais centros urbanos e pelas modestas estâncias termais, a que se associava a imagem romântica dos *Palace Hotel*, apenas acessível a uma minoria da população. A partir da década de 30, a crescente adesão à cultura do turismo, agora mais direccionada para o ar livre e o desporto, dita a necessidade de inventar um novo conceito de hotel, afastado da atmosfera de luxo que caracterizava os *Palace*.

Influenciada por esta mudança de paradigma no sector do turismo, a revista *Notícias Ilustrado* lança, em Julho de 1933, o concurso *Hotel Modelo*. O programa

1 O turismo, como actividade organizada e politicamente enquadrada, nasceu em Portugal em 1911 com a criação do primeiro organismo oficial do turismo na sequência da realização, em Lisboa, do IV Congresso Internacional de Turismo, do qual resultou a criação da primeira organização internacional de turismo – a Federação Franco-Hispano-Portuguesa, que viria dar origem à actual Organização Mundial de Turismo.

13. Concurso *Hotel Modelo* - Proposta para o Minho.
14. Concurso *Hotel Modelo* - Proposta para o Douro.
15. Concurso *Hotel Modelo* - Proposta para a Beira Alta.
16. *Cartilha de Hospedagem Portuguesa*, brochura didáctica editada pelo Secretariado da Propaganda Nacional (1941).
17. Ilustração das Pousadas do S.N.I (1949).

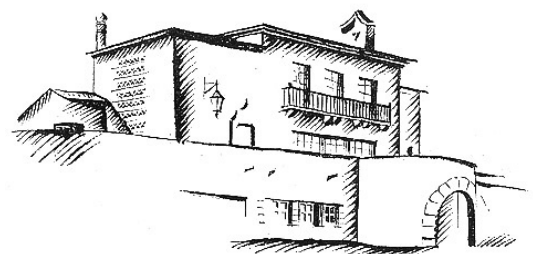


do concurso, elaborado por Raul Lino (1879-1974), pretendia definir uma nova tipologia de hotel, de aspecto regional, que pudesse ser extensível a todas as províncias. As propostas acabariam por ser condicionadas pelos parâmetros fixados por Raul Lino no seu ensaio *Casas Portuguesas - Alguns Apontamentos Sobre o Arqueitectar de Casas Simples*, resultando numa espécie de versões ampliadas e adequadas à função hoteleira dos exemplos [aí] ilustrados<sup>2</sup>. Numa acção de propaganda sem precedentes, as propostas seriam divulgadas por todo o país numa exposição itinerante patrocinada pela CP, com o propósito de transmitir uma *cultura de bom gosto* que deveria orientar a indústria hoteleira portuguesa. Na sequência da campanha do *Hotel Modelo*, a *Notícias Ilustrado* publicava um artigo que enaltecia a inovadora estratégia turística levada a cabo pelo Patronato Nacional de Turismo espanhol que, através da adaptação de edifícios antigos a funções hoteleiras, garantia o seu restauro e a sua conservação - caso do *Parador* na Ciudad Rodrigo instalado na antiga fortaleza de Enrique II. Na procura de uma maior uniformização da rede hoteleira, o PNT cria, simultaneamente, uma rede de *Albergues de Carretera*, associados aos principais eixos viários e circuitos históricos e artísticos do país. Estes albergues eram direccionados especificamente para os automobilistas, segundo um projecto que deveria ser único e comum às diversas localidades, garantindo a economia da sua construção e posterior manutenção. Porém, grande parte das acções propostas pelo PNT ficam suspensas com o início da guerra civil espanhola, em 1936. No mesmo ano, realiza-se em Portugal, o I Congresso Nacional de Turismo, que viria a marcar o ponto de viragem para uma nova era turística da cultura portuguesa. O Congresso permitiu que se discutissem novas propostas, na tentativa de idealizar uma nova estrutura hoteleira, de expressão regional, economicamente acessível para a maioria da população e que assumisse um regresso aos valores tradicionais da cultura portuguesa. Dos diversos temas apresentados, distinguiu-se a tese de Francisco de Lima - *Pousadas*, que apresentava o estudo de um novo tipo de instalação hoteleira *para a grande massa, para o viajante mais modesto, para o empregado público, para o industrial que deseja conhecer o seu país e instruir-se, para o estudante*<sup>3</sup>. Francisco de Lima propunha uma nova abordagem ao turismo nacional, segundo uma esca-

2 LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal*. p.22

3 *Pousadas*. Tese apresentada por Francisco de Lima no I Congresso Nacional de Turismo, IV Secção, Lisboa, 1936. (consultar em *ibid.*)

18. Pousada de Santa Luzia, Elvas.
19. Pousada de S. Brás, São Brás de Alportel.
20. Pousada de S. Tiago, Santiago do Cacém.
21. Pousada de S. Gonçalo, Marão.
22. Pousada de Santo António, Serém.
23. Pousada de S. Lourenço, Manteigas.





la adequada e uma estratégia de aproximação regional compatível com as pequenas províncias. Sugeria ainda duas hipóteses de construção - adaptação de construções antigas e construção de raiz, onde se deveriam prever, em projecto, futuras ampliações. Estas estruturas deveriam abandonar os conceitos luxuosos subordinados aos *Palace* para se definir entre os modelos do país vizinho, numa aproximação ao regionalismo proposto pelo *Hotel Modelo*. *Pousadas* viria a tornar-se numa importante ferramenta na futura política de Turismo desenvolvida pelo SPN, convicto de que *o nosso país, pela sua situação geográfica privilegiada, pelas suas belezas naturais, pela sua riqueza monumental e arquitectónica, tem condições excepcionais para o desenvolvimento do turismo*<sup>4</sup>.

## POUSADAS DO BOM GOSTO

No âmbito das comemorações do Duplo Centenário<sup>5</sup>, é anunciada, em 1939, a construção das primeiras pousadas regionais, produto da campanha de *Bom Gosto* sustentada pelo SPN. A título experimental, é realizada a reconversão de uma antiga pensão de Óbidos - Estalagem do Lidador, cujo resultado deveria orientar a imagem com que se pretendia caracterizar as restantes pousadas nacionais. Estas seriam entregues a dois arquitectos já conhecidos da época - Miguel Jacobetty Rosa (1901-1970) e Rogério de Azevedo (1898-1983) - que ficariam responsáveis pelo estudo desta nova tipologia, com projectos distribuídos segundo regiões, a Sul e a Norte/Centro, respectivamente.

Com o objectivo de promover diferentes pontos turísticos, a primeira série de intervenções seria constituída pelas pousadas de Elvas (1942), de São Brás de Alportel (1944) e de Santiago do Cacém (1945) pelas mãos de Jacobetty Rosa e, da autoria de Rogério de Azevedo, as pousadas do Marão (1942), do Sérem (1942) e de Manteigas (1948). Excepcionalmente, a pousada de Alfeizeirão (1943) seria entregue a Veloso Reis Camelo (1899-1985). Com a sensibilidade necessária para responder racionalmente às carências específicas de cada região, estas pousadas, aproximam-se do conceito da *Casa Portuguesa* presente no *Hotel Modelo*. Porém, para cumprir com o *gosto português* exigido

4 *Ibid.*

5 Celebração do VIII Centenário do Nascimento de Portugal (1143) e do III Centenário da Restauração da Independência Portuguesa (1640).

24. Pousada de S. Pedro, Castelo de Bode.
25. Pousada de S. Bento, Caniçada.
26. Pousada de Santa Clara, Santa Clara-a-Velha.
27. Pousada Vale de Gaio, Torrão.
28. Pousada de Santa Catarina, Miranda do Douro.



pelo SPN, esta primeira série de pousadas esconde, por de trás de um regionalismo forçado, uma clara linguagem moderna.

## POUSADAS DO INQUÉRITO

Num contexto de aparente abertura democrática do Regime no final da II Guerra Mundial, que se seguiu ao período áureo da campanha do Ministério das Obras Públicas, define-se, no seio da profissão, uma nova consciência social e ética da arquitectura. A procura de um novo rumo que integrasse, de forma crítica, modernidade e tradição, culminaria, em Maio de 1948, no I Congresso Nacional de Arquitectura e, posteriormente, no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955/1961).

Nesta sequência, em 1954, a DGEMN define uma segunda fase de construção de pousadas<sup>6</sup> apostada na reformulação do plano desenvolvido anteriormente. Com o intuito de se explorarem novos conceitos desta tipologia, mais distantes do modelo antes definido, são chamados arquitectos de uma geração mais jovem, acto que é visto como um desejo de actualização por parte do Regime. Esta segunda série de pousadas pretendia relacionar-se mais com o *espírito do lugar*, contrariando o carácter de passagem da primeira série. Segundo a arquitecta Susana Lobo<sup>7</sup>, podemos dividir esta série em *Pousadas Regionais*, no seguimento das anteriores, e *Pousadas em Barragens e Série Beira-Mar*, associadas ao aproveitamento dos recursos turísticos do litoral português e à exploração hidrográfica da estratégia industrial definida anteriormente<sup>8</sup>.

O conjunto de *Pousadas em Barragens*<sup>9</sup> era, maioritariamente, o resultado da adap-

6 São propostas quinze pousadas regionais, algumas feitas de raiz e outras resultado de adaptações: três na Beira Alta; duas no Minho, em Trás-os-Montes, na Estremadura e no Baixo Alentejo; e apenas uma na Beira Litoral, na Beira Baixa, no Ribatejo e no Algarve. Em 1966, acrescentar-se-iam uma pousada na Beira Alta e outra no Baixo Alentejo.

7 LOBO, Susana – [op. cit.]. p.74

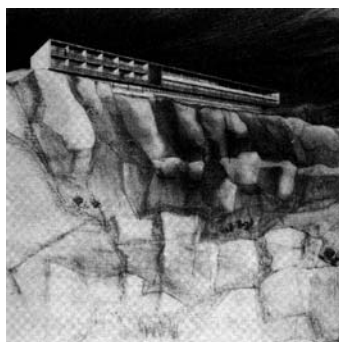
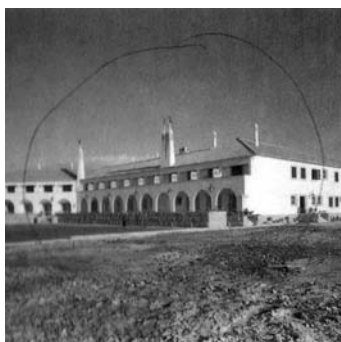
8 Atendendo à urgente recuperação económica do país, o Regime aposta num plano de desenvolvimento industrial que se traduz, em 1953, no I Plano de Fomento, que estabelecia os objectivos da nova política nacional, assentes na criação e modernização das indústrias de base e respectivas infra-estruturas, beneficiando sectores como a electricidade, os transportes ou as comunicações. Estas construções, pela sua dimensão, implicavam o estabelecimento de diversas estruturas de apoio e alojamento, destinadas aos técnicos e aos operários envolvidos na obra, o que proporcionou uma oportunidade única para estreitar a colaboração entre arquitectos e engenheiros.

9 Deste grupo fazem parte a Pousada de S. Pedro na barragem de Castelo de Bode, a de S. Bento na

29. Pousada do Infante, Sagres.

30. Pousada da Nazaré, Nazaré (não construída).

31. Pousada da Ria, Aveiro.



tação das estruturas construídas para acomodar os trabalhadores envolvidos na construção das barragens. Orientadas por uma nova política de turismo, estas soluções, embora explorem outras espacialidades decorrentes de novos conceitos programáticos, acabam por ser um reflexo das propostas da série anterior, na medida em que oferecem uma semelhante atmosfera familiar, proporcionada pela introdução da sala de estar. Apesar da existência de uma certa indefinição quanto ao carácter tradicional ou moderno das propostas, é notória uma crescente tentativa, por parte dos arquitectos, de abertura ao modernismo, quer ao nível da distribuição programática, quer da criação de novas relações com a natureza. Aspecto que estas propostas beneficiam, uma vez que desfrutam *de panoramas únicos, criados no conforto entre a vontade transformadora do homem e a força natural da paisagem, os edifícios existentes adaptam-se facilmente à nova função, pela proximidade ao espírito e ao programa que se estipulara para este tipo de instalações turísticas*<sup>10</sup>.

A *Série Beira-Mar* complementar a estrutura hoteleira existente com quatro pousadas distribuídas pelo percurso litoral entre o Norte e o Sul do país - Aveiro, Nazaré, Portinho da Arrábida e Sagres. Porém, das quatro previstas, só a de Aveiro e a de Sagres viriam a ser executadas.

A Pousada do Infante em Sagres, integrada nas Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, seria o motor da materialização deste grupo, pela sua importância para o Regime, que pretendia consolidar o poder colonial português. Com o intuito de conduzir todo o processo, o Ministério de Obras Públicas convoca Jorge Segurado (1898-1990), um arquitecto experiente e com quem já tinha trabalhado, garantindo assim, um projecto desenvolvido *dentro de um português-suave algo anacrónico*<sup>11</sup>. Enquanto que em Sagres se assiste a um recuo na política das pousadas, em Aveiro, o arquitecto Alberto Cruz (1920-1990) aposta numa incorporação orgânica dos materiais tradicionais numa linguagem claramente moderna. Todavia, ambas procuram a melhor orientação solar e paisagística, segundo claros esquemas de distribuição.

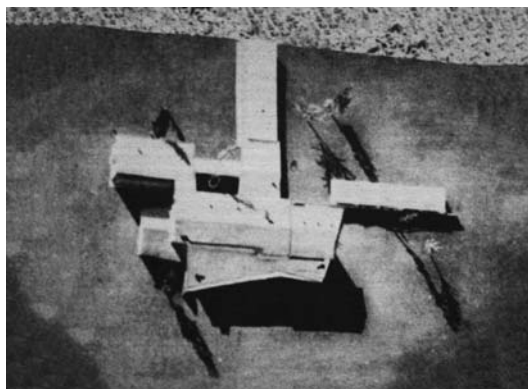
Numa aparente abertura ideológica do Regime, o Ministério das Obras Públicas

Caniçada, a de Santa Clara em Santa Clara-a-Velha, a de Vale de Gaio no Torrão e, a única construída de raiz, a de Santa Catarina em Miranda do Douro.

10 LOBO, Susana – [op. cit.], p.74

11 LOBO, Susana – 1942-2002 - 60 Anos de Pousadas. p.93

32. Pousada de Santa Bárbara, Oliveira do Hospital.
33. Pousada de S. Teotónio, Valença do Minho.
34. Pousada da Portela da Gardunha, Castelo Branco (não construída).
35. Pousada de Vilar Formoso, Vilar Formoso (não construída).



desafia, para os projectos da Nazaré e do Portinho da Arrábida, a encomenda aos arquitectos mais jovens. Para a Pousada da Nazaré, Ruy d'Athouguia (1917-2006) propunha um projecto racionalista onde ressaltava, no topo de uma escarpa, um volume branco horizontal que, apesar de aprovado pela DGEMN, seria rejeitado pelo SNI, por não se integrar na região. Também o projecto de Raúl Chorão Ramalho (1914-2001) para a Pousada da Arrábida ficaria no papel, mas este devido a razões relacionadas com a inexistência de abastecimento de água e luz na zona da serra.

Em oposição aos critérios ideológicos defendidos pelo Regime, que não admitia uma linguagem desenvolvida fora dos cânones oficiais, o grupo das *Pousadas Regionais* representaria um momento de reflexão crítica decorrente do Inquérito, que procura dar resposta às questões do contexto e de integração no território<sup>12</sup>.

Em Setembro de 1958, a revista *Arquitectura*, que sempre desempenhou um papel relevante na divulgação do trabalho moderno, relatava, em *Quatro Novas Pousadas*<sup>13</sup>, os projectos de Manuel Tainha para Oliveira do Hospital, de João Andresen para Valença, de Francisco Blasco para Castelo Branco e de Nuno Teotónio Pereira para Vilar Formoso. Questionava-se *o conceito, então corrente, de pousada regional, entendido agora mais em termos de escala e intimidade do ambiente, do que com base num «tacanho e adulterado regionalismo»*<sup>14</sup>.

Estas propostas realçavam a escolha do sítio (a sua exposição solar e paisagística), bem como a sua integração local através da utilização de materiais e técnicas vernaculares de cada região numa linguagem contemporânea. Segundo Manuel Tainha, *o grau de integração local de um edifício não se mede pela quantidade de aplicação dos materiais que ele nos fornece, mas sim pela utilização dos valores arquitecturais que as suas técnicas de emprego comportam e consagram no curso histórico*.<sup>15</sup> O aprofundar desta ideia traduz-se também no desenho do mobiliário, que tende a recusar o carácter popular admirado pelo SPN/SNI para se integrar na própria estrutura, segundo uma leitura global da

12 Por não integrarem as principais directrizes definidas pela DGEMN para as pousadas, alguns destes estudos seriam recusados, tendo apenas seguimento seis dos oito projectos apresentados, entre eles, o de Oliveira do Hospital de Manuel Tainha, sob necessidade de realização de três ante-projectos até à sua aprovação.

13 ANDRESEN, João – *Quatro Novas Pousadas*. p.5

14 LOBO, Susana – *1942-2002 - 60 Anos de Pousadas [op. cit.]*. p.94

15 TAINHA, Manuel – *Projecto de Uma Pousada para Oliveira do Hospital*. p.7



36. Pousada do Castelo, Óbidos.

37. Pousada de S. João Baptista, Berlenga.





obra, onde se conjugam a plasticidade dos materiais (texturas e cores), no desenho de pormenores, de pavimentos e tectos, e a oportunidade de fenestração, no manuseamento da luz e enquadramento da paisagem<sup>16</sup>.

Embora ainda se sinta alguma rigidez volumétrica, no interior, os espaços assumem um grande dinamismo provocado pelo percurso orgânico de variações dos pavimentos e dos tectos. A interacção entre a paisagem, a exposição solar e o programa evidencia uma harmonia espacial onde se conjugam espaços abertos para a paisagem com outros de maior recolhimento - é o caso dos pátios e dos pequenos jardins. Apesar da constante pesquisa de relações com o sítio e com a tradição, através de uma interpretação sensível do ambiente envolvente, estas obras não conseguem camuflar o seu cunho moderno.

Paralelamente ao programa das pousadas, iniciado na década de 1950, o turismo cresce a um ritmo superior, facto protagonizado pelo sector privado e que conduziu à destruição do território, sobretudo no Sul do país. Os novos programas hoteleiros, representativos de um facto sociológico também novo, relacionado com férias e lazer, assinalam renovados hábitos de uma sociedade consumista, que procura a referência moderna de *bem-estar*. Esta mudança de mentalidade da população leva a que os equipamentos turísticos e de lazer comecem a ser desenhados como edifícios próprios, associados a zonas de veraneio e, posteriormente, inseridos em contexto urbano.

## POUSADAS EM MONUMENTOS

Desde os anos cinquenta que a DGEMN materializava, em simultâneo com a construção das pousadas de raiz, um conjunto de pousadas resultantes de adaptações<sup>17</sup> a monumentos históricos recuperados pelo Ministério de Obras Públicas. O primeiro objectivo prendia-se com assegurar a manutenção e dar utilidade aos inúmeros edifícios antigos restaurados, ao mesmo tempo que se pretendia evocar o monumento como emblema da Nação. A instalação das

16 LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal* [op. cit.]. p.87

17 Incluídas nestas adaptações estão as pousadas do Castelo em Óbidos (1950), de São João Baptista na Berlenga (1953), dos Lóios em Évora (1965), de São Filipe em Setúbal (1965), da Rainha Santa Isabel em Estremoz (1970) e de Santiago em Palmela (1979). À excepção das duas primeiras, em que a incorporação do novo programa não foi um dado adquirido desde o início, nas seguintes, a integração da nova função era um dado assumido *a priori*, orientando a obra nesse sentido.

- 38. Pousada dos Lóios, Évora.
- 39. Pousada de S. Filipe, Setúbal.
- 40. Pousada Rainha Santa Isabel, Estremoz.
- 41. Pousada de Santiago, Palmela.



pousadas em estruturas monumentais, normalmente conventos<sup>18</sup>, castelos ou fortalezas<sup>19</sup>, evidenciava a atitude conservadora que caracterizava toda a política de restauro da DGEMN para com o património arquitectónico, influenciada pelos princípios não intervencionistas do *Restauro Storico*<sup>20</sup>. De modo a evitar qualquer transformação excessiva intervém-se, sobretudo, numa atitude de reorganização, harmonizando os espaços internos em favor do novo programa e intensificando as suas linhas formais através dos tempos, anulando a barreira entre passado e presente.

A aprovação, em 1964, da *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios*, em Veneza, publicada em 1966 pelo ICOMOS, fortaleceria esta atitude de intervenção, como complemento da protecção do monumento e da valorização da sua história. A *Carta de Veneza*<sup>21</sup>, como foi frequentemente chamada, influenciaria, posteriormente, o desempenho da DGEMN no campo das pousadas, *impulsionando uma reflexão e debate mais aprofundados sobre conceitos operativos de intervenção*<sup>22</sup>. Esta postura é reforçada em 1975 na *Carta Europeia do Património Arquitectónico* e desenvolvida numa série de outras Cartas, Declarações e Convenções que se multiplicaram pelos anos 70 e 80.

Neste contexto, os centros históricos passam a assumir um superior interesse, pois constituem elementos interpretativos de uma identidade e de uma realidade urbana, sendo ainda promotores de novos espaços. Um reflexo deste novo rumo de protecção e valorização do Património Arquitectónico defendido pela *Carta de Veneza* são a Pousada de D. Dinis<sup>23</sup> (anteprojeto de 1972 e inauguração em 1982) em Vila Nova de Cerveira, do arquitecto Alcino

18 Nas pousadas em edifícios conventuais a organização espacial resulta da analogia de funções entre o antigo programa conventual e o novo programa hoteleiro.

19 Nas pousadas em edifícios fortificados a adaptação ao novo programa levanta diversos obstáculos relacionados com a definição dos espaços e com os acessos verticais.

20 Doutrina defendida por Luca Beltrami (1864-1933) que se baseia na leitura histórica dos monumentos, de modo a reconstruir, ou a construir, o que neles falta ou o que neles não foi sequer edificado, segundo uma linguagem artística fiel na objectividade histórica.

21 A partir da *Carta de Veneza* confirma-se não só a necessidade de respeitar e articular os diferentes contributos das sucessivas épocas, mas também o progresso que se vinha a observar no sentido de substituir o já ultrapassado conceito estrito de monumento pelos conceitos de conjunto e sítio, sejam eles urbanos ou rurais, eruditos ou vernaculares.

22 LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal* [op. cit.]: p.119

23 Alcino Soutinho aproveita a intervenção na pousada para promover a reconversão do núcleo urbano intra-muralhas, valorizando a coerência do conjunto através da manutenção e da adaptação às novas funções dos espaços internos e da construção de um novo corpo de linhas modernas.

42.

43. Pousada de D. Dinis, Vila Nova de Cerveira.

44.

45. Pousada de Santa Marinha, Guimarães.



Soutinho (1930-2013) e a Pousada de Santa Marinha<sup>24</sup> (anteprojeto de 1973 e inauguração em 1985) em Guimarães, de Fernando Távora (1923-2005). Indício da gradual disseminação do conceito de Património Arquitectónico e de uma diferente política cultural do Estado, estas *intervenções* [são] *exemplares na forma como interpretam e promovem uma nova «relação com o tempo e a história, o saber e a arte» (...)* [através] *de uma paradoxal nostalgia e necessidade de preservar um passado com o qual, intrinsecamente, a modernidade procura romper.*<sup>25</sup>

A difusão deste fenómeno determina uma nova abordagem da política oficial das pousadas, que viria a substituir a construção de edifícios de raiz pela reconversão do património construído ou da requalificação dos centros históricos. Atendendo às crescentes necessidades do sector turístico e à sua importância no quadro nacional, surge em 1976, a ENATUR – Empresa Nacional de Turismo, que passaria a explorar as unidades hoteleiras pertencentes ao Estado. Neste seguimento é lançado, em 1980, o Plano Nacional de Pousadas e Turismo, depois modificado e integrando as novas directivas do Plano Nacional de Turismo de 1986, que incitaria a continuação do estudo de novas estratégias para o sector. Em 1989, o novo Plano Nacional de Pousadas, da responsabilidade do Turismo e não da DGEMN, previa a cobertura de todo o território nacional segundo as necessidades de cada região, através da adaptação de edifícios existentes de qualidade, promovendo assim, a recuperação de grande parte do nosso património cultural<sup>26</sup>. As intervenções na área da conservação do património no final da década de 1980 dão início a uma campanha de construção de novas pousadas inseridas em monumentos ou em zonas históricas, que anunciam *o regresso da autoria enquanto sinónimo de uma arquitectura de qualidade e, por isso, garantia, à partida, de uma participação credível e exemplar também na reformulação de uma estratégia de reutilização e requalificação do património construído*<sup>27</sup>.

24 Fernando Távora utiliza a preexistência como condição base de projecto e como ferramenta no desenvolvimento do novo programa, aceitando as várias sobreposições da história. Sem se contrapor ao antigo edifício, foi acrescentado um novo corpo em “L” de fisionomia metálica totalmente despojada, com janelas contínuas ao longo de toda a fachada. Esta obra aponta o novo caminho metodológico e conceptual, que se irá verificar numa série de outras obras, já na década de 90.

25 LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal* [op. cit.]: p.122

26 O programa hoteleiro ostenta uma flexibilidade de adaptação capaz de fomentar o diálogo entre o património e o turismo, que comprovam a diversidade funcional e a quase ilimitada possibilidade de opções no campo da escolha de monumentos a recuperar.

27 LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal* [op. cit.]: p.142



46. Pousada Flor da Rosa, Crato.

47. Pousada N. S. Assunção, Arraiolos.

48. Pousada de Santa Maria do Bouro, Amares.





Já na década de 1990, na sequência da lição deixada por Fernando Távora em Guimarães com a Pousada de Santa Marinha<sup>28</sup> surgem, das mãos da geração dos nascidos em cinquenta, três pousadas que marcariam o panorama arquitectónico português – *as três filhas de Santa Marinha*<sup>29</sup>. A partir de distintas opções projectuais, que se reorganiza segundo uma metodologia de acomodação programática entre a preexistência e a obra nova, estas obras associam o restauro a contemporâneos desígnios conceptuais, num *permanente equilíbrio entre novo e velho, em que um clarifica o outro*<sup>30</sup>.

No final do século XX, com o objectivo de remodelar e ampliar as estruturas hoteleiras existentes, de acordo com as actuais necessidades comerciais e económicas, a ENATUR concebe uma estratégia que levou à *descharacterização irreversível de alguns dos mais importantes testemunhos da Arquitectura Portuguesa deste século*<sup>31</sup>. No ano de 2002, a ENATUR, declara a comercialização e a desactivação de um desmedido grupo de pousadas regionais construídas de raiz<sup>32</sup> que, por não favorecerem a possibilidade de ampliação, não seriam tão rentáveis e não se enquadrariam na futura estratégia das Pousadas de Portugal, agora mais voltada para preocupações de ordem financeira do que de ordem cultural.

Negligenciando a essência da cultura arquitectónica portuguesa e os valores que delinearão a identidade do percurso do turismo no século anterior, o governo português, face a uma situação de acumulação de resultados económicos negativos, privatiza, em 2003, cerca de metade do capital representativo deste património, atribuindo-o ao *Grupo Pestana Pousadas*<sup>33</sup>, que passa a deter a exploração e a gestão destas unidades hoteleiras por um período de 20 anos. Agora intituladas de *Pousadas de Portugal* passam a adjectivar-se segundo *4 conceitos temáticos* que apelam a diversas experiências sensoriais: *Pousadas*

28 Prémio Nacional de Arquitectura em 1987

29 Pousada da Flor da Rosa (1995) no Crato, de João Luís Carrilho da Graça, pousada de Nossa Senhora da Assunção (1996) em Arraiolos, de José Paulo dos Santos e pousada de Santa Maria do Bouro (1997) em Amares, de Eduardo Souto Moura.

30 LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal* [op. cit.]. p.146

31 LOBO, Susana – *1942-2002 - 60 Anos de Pousadas* [op. cit.]. p.101

32 Excluindo do futuro programa *Pousadas Históricas*, as pousadas do Sérem, de Santiago do Cacém, de Castelo de Bode, de Miranda do Douro, de Serpa, do Caramulo e de Oliveira do Hospital.

33 O Grupo Pestana é o maior grupo português do sector do Turismo, com unidades em Portugal e em vários Continentes. Actualmente, o grupo detém e gere cerca de 90 unidades hoteleiras, onde, para além de 45 hotéis, gere ainda a rede das Pousadas de Portugal, com cerca de 37 unidades distribuídas de norte a sul de Portugal.





*Históricas, Históricas Design, Natureza e Charme.*

*Produto Singular de uma política oficial de turismo que se foi moldando ao longo de todo o século XX, as Pousadas constroem-se entre a afirmação de uma identidade nacional, a abertura possível a uma modernidade que se reivindica e a consciência crítica da perenidade de uma herança popular e monumental a valorizar, traçando um percurso que acompanha e traduz as condições políticas, as práticas sociais e a cultura arquitectónica do país.<sup>34</sup>*

34 LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal* [op. cit.]. (contra-capá)











Manuel Tainha  
Vida

1922	Nasce em Paço de Arcos		
1948	Assiste ao I Congresso Nacional de Arquitectura, ainda estudante		
1950	Forma-se em Arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), com a classificação de 19 valores	1950-1956	Participa nas Exposições Gerais de Artes Plásticas na Sociedade de Belas-Artes de Lisboa
1953	Participa no III Congresso da União Internacional dos Arquitectos (UIA) em Lisboa	1950-1954	Estagia na Câmara Municipal de Lisboa, sob a orientação do arquitecto Faria da Costa
1955-1961	Co-promotor e co-organizador do Inquérito à Arquitectura Regional em Haia Portuguesa	1955	Participa no IV Congresso da UIA
1957-1958	Secretário da Direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos	1956	Integra a Exhibition of Portuguese Architecture em Londres
1960-1963	Presidente do Sindicato Nacional dos Arquitectos	1958	Funda a revista <i>Bindário - Arquitectura, Construção, Equipamento</i> , da qual é director até à 10ª publicação
		1965	Participa no VI Congresso da UIA em Paris
		1965-1974	Co-fundador, director e professor do Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas Artes
		1976-1992	Professor de Projecto no Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, depois tornada Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
		1982-1989	Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Arquitectos Portugueses
1989	Participa no Salão Internacional de Arquitectura em La Villette	1989-1993	Professor associado convidado no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
1991	Recebe o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura atribuído ao edifício da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa	1990	Recebe o Prémio Arquitectura da Secção Portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA)
	Integra a primeira representação portuguesa na XVIII Trienal de Arquitectura de Milão com a Escola de Regentes Agrícolas de Évora	1993-2010	Professor convidado no Curso de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa
1994	A Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa publica uma antologia dos seus escritos - <i>Arquitectura em Questão</i>	1993	Recebe o Prémio Nacional de Arquitectura <i>Edifício Isolado</i> atribuído ao edifício da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa
	Integra a exposição <i>Anos de Ruptura, Arquitectura Portuguesa nos Anos Sessenta</i> em Lisboa		
	Integra a exposição <i>Portugal: Arquitectura do Século XX, Portugal-Frankfurt</i> , no Museu de Arquitectura de Frankfurt		
2000	É agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique pelo Presidente da República	2002	Recebe o Prémio Jean Tschumi pela União Internacional dos Arquitectos (UIA)
	É-lhe dedicada uma exposição retrospectiva na Casa da Cerca em Almada	2004	Doutor <i>Honoris Causa</i> pela Universidade Técnica de Lisboa
		2005	Doutor <i>Honoris Causa</i> pela Universidade Lusíada de Lisboa
		2007	Doa o seu espólio à Fundação Calouste Gulbenkian
		2012	Morre em Lisboa, aos 90 anos



## MANUEL TAINHA

Manuel Mendes Tainha nasceu em Paço de Arcos em 1922<sup>1</sup> e morreu aos 90 anos em Lisboa a 18 de Junho de 2012.<sup>2</sup> Em 1950 formou-se em Arquitectura na ESBAL - Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, em pleno período de afirmação da arquitectura moderna em Portugal. Foi aluno de Cristino da Silva<sup>3</sup> (1896-1976), com o qual teve uma relação conflituosa, resultado da sua rebeldia e do seu sentido de inovação, mas que acabaria por vencer, ao finalizar o curso com 19 valores.<sup>4</sup> Em 1948 assistiu, ainda na qualidade de estudante, ao I Congresso Nacional de Arquitectura<sup>5</sup>, momento heróico onde os arquitectos reclamavam a adopção dos princípios do Movimento Moderno e a resposta funcionalista a novos programas. Ainda antes de se formar, Manuel Tainha dividia o seu tempo de aprendizagem entre a Escola e o atelier do Mestre Carlos Ramos.<sup>6</sup>

Entre 1948 e 1954, trabalhou na Câmara Municipal de Lisboa e, em 1950, começa a participar, juntamente com os seus colegas arquitectos, nas Exposições Gerais de Artes Plásticas<sup>7</sup> realizadas na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Paralelamente, inicia a sua colaboração na revista *Arquitectura*, organizando

1 TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha. Textos de Arquitectura*.

2 BAPTISTA, Ricardo – *Manuel Tainha (1922-2012): João Belo Rodeia recorda o “professor e mestre”*.

3 Cristino da Silva, que uma década antes tinha sido um dos primeiros arquitectos modernos portugueses, era agora um dos mais acérrimos defensores da arquitectura oficial.

4 PEREIRA, Alexandre Marques – *Manuel Tainha ou o Arquitecto dos Sete Ofícios*.

5 TOSTÕES, Ana [et al.] – *1º Congresso Nacional de Arquitectura*.

6 TAINHA, Manuel – *Alocução de Homenagem*.

7 Manuel Tainha participa na 5ª EGAP (1950), 6ª EGAP (1951), 8ª EGAP (1954) e 9ª EGAP (1955).



50. Manuel Tainha, jovem arquitecto.



o número 44, de Setembro de 1952, com Rafael Botelho e Francisco Keil do Amaral.

Em 1955, o jovem arquitecto participou como co-organizador no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, publicado em 1961 sob o título *Arquitectura Popular em Portugal*.<sup>8</sup> Participou também em várias exposições internacionais, como, em 1956, na *Exhibition of Portuguese Architecture* em Londres e, em 1958, na *Contemporary Portuguese Architecture*.<sup>9</sup>

Em parceria com o seu irmão Jovito Tainha, engenheiro civil, Manuel Tainha foi fundador e director, da revista *Binário - Arquitectura, Construção, Equipamento*, da qual seria responsável pela redacção dos dez primeiros números, entre Abril de 1958 e Janeiro de 1959.<sup>10</sup>

O seu empenho na classe dos arquitectos levou-o a integrar a Direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos como secretário, entre 1957 e 1959, do qual se tornou Presidente no ano seguinte e até 1963.<sup>11</sup>

Manuel Tainha dedicou parte da sua vida ao ensino da arquitectura. Em 1965 inicia a sua docência na SNBA - Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde cria o Curso de Formação Artística. Mais tarde, torna-se docente em várias escolas, desde o Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (onde, por razões políticas, só foi admitido como professor depois da Revolução de 1974), à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa entre 1976 e 1992, passando pelo Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, de 1989 a 1993, na qualidade de Professor Associado Convidado, até à Universidade Lusíada, onde leccionou desde 1993.<sup>12</sup>

Foram-lhe atribuídos vários prémios, dos quais se destacam o Prémio Arquitectura da Secção Portuguesa da AICA - Associação Internacional de Críticos de Arte, em 1990, o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura, em 1991, pelo edifício da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, e, dois anos mais tarde, o Prémio Nacional de Arquitectura - Edifício Isolado,

8 TOUSSAINT, Michel – *A Primeira Fase do Arquitecto*. In TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha - Projectos/Projects*. p.13

9 TOSTÕES, Ana – *Manuel Tainha: 50 anos de arquitectura portuguesa - Arte, Profissão, modo de vida?* p.14

10 Ibid.

11 RIBEIRO, Rogério (coord.) – *Manuel Tainha, arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. p.132

12 MILHEIRO, Ana Vaz (coord.) – *Arquitectos Portugueses Contemporâneos*.



51. Manuel Tainha no seu atelier.

da Associação dos Arquitectos Portugueses.<sup>13</sup> No ano 2000, foi distinguido pelo então Presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio, com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Em 2002, a União Internacional dos Arquitectos (UIA) distinguiu o seu trabalho ao serviço do ensino e da crítica de arquitectura com o Prémio Jean Tshumi.<sup>14</sup> Em 2004 foi-lhe conferido o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Técnica de Lisboa e no ano seguinte pela Universidade Lusíada.

Publicou vários artigos e livros de reflexão teórica, onde se destacam *A Arquitectura em Questão: as reflexões de um práctico* - uma antologia de alguns dos seus escritos, publicada em 1994 pela Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, *Textos de Arquitecto*, publicado em 2000 e *Manuel Tainha, Textos de Arquitectura*, em 2006.

No ano 2000 foi-lhe dedicada uma exposição retrospectiva na Casa da Cerca em Almada.<sup>15</sup> Em 2007 doou o seu espólio à Fundação Calouste Gulbenkian e, no ano de 2010, foi homenageado pela Ordem dos Arquitectos por ocasião do Dia Nacional do Arquitecto.<sup>16</sup>

## PERCURSO

A geração a que pertence Manuel Tainha formou-se em plena consolidação da arquitectura do Movimento Moderno no mundo e, simultaneamente, numa aparente regressão da arquitectura moderna em Portugal na década de 1940, depois do modernismo inicial dos anos 20 e 30. No decénio de 1950, quando esta geração iniciou a sua actividade, a arquitectura moderna afirmava-se tardiamente no nosso país, embora a legitimidade de muitas das suas premissas começasse a ser interrogada. *Manuel Tainha pertence a uma geração ligeiramente pré-moderna da arquitectura portuguesa*<sup>17</sup>, geração também constituída por nomes como João Andersen, Ruy d'Athouguia, Rafael Botelho, Bartolomeu Costa Cabral, Celestino de Castro, Pedro Cid, Victor

13 RIBEIRO, Rogério (coord.) – [op. cit.], p.133

14 VASSALO, Francisco (coord.) – *OA'MT: Ordem dos Arquitectos. Manuel Tainha: nomeado para o prémio Jean Tshumi.*

15 RIBEIRO, Rogério (coord.) – [op. cit.].

16 ARQUITECTOS, ORDEM DOS – *Dia Nacional do Arquitecto, Homenagem a Manuel Tainha.*

17 ALMEIDA, Rogério Vieira de – *Manuel Tainha e a arquitectura: as formas, o tempo e o sentido.* p.23



52. Expo Minas da Panasqueira (1970).

Palla, Nuno Teotónio Pereira, Alberto Pessoa, Conceição Silva, Formosinho Sanchez, Maurício de Vasconcelos, entre outros.

Durante a sua formação, Manuel Tainha teve a oportunidade de manter relações com alguns dos mais importantes Mestres da geração que o antecedeu. É o caso da relação agitada com o seu Professor Cristino da Silva ainda na ESBAL, ou a colaboração com Keil do Amaral no projecto para o Palácio dos Congressos no alto do Parque Eduardo VII e a cooperação com o Mestre Carlos Ramos no projecto para a Escola Superior de Belas Artes na Cidade Universitária de Lisboa, ambos não construídos.<sup>18</sup>

Entre a sua formação como arquitecto e os anos em que estagiou na Câmara Municipal de Lisboa, Manuel Tainha fez algumas viagens que se revelaram essenciais para todo o seu percurso de arquitecto.<sup>19</sup> De comboio e na companhia do seu colega António Pinto Freitas faz a viagem clássica pela Itália de Brunelleschi, de Giotto e de Miguel Ângelo. Anos mais tarde, viaja sozinho pela Alemanha e pela Dinamarca, onde se confronta com uma outra realidade, de um país que tenta recompor-se da destruição causada pela guerra. Nesta experiência, para além de contactar com o barroco alemão através das obras de Neuman, Tainha convive com uma cultura mais vasta, a qual se tornará central para o seu futuro pensamento de artista.

À semelhança de alguns dos seus arquitectos de referência, como Alvar Aalto, Adolf Loos, Arne Jacobsen, Erich Mendelsohn, Hans Sharoun ou Gunnar Asplund entre os nomes da arquitectura internacional, e Carlos Ramos ou Januário Godinho na arquitectura nacional, o sentido de Tempo e de Lugar integrado numa reunião de conceitos modernos, vernáculos, mas também clássicos, pode ser lido em diversas facetas da sua obra, onde a noção de conforto, de escala e de materialidade nunca se perde.

Quando em Portugal se reclamavam os princípios do Movimento Moderno, já Manuel Tainha anunciava a falência de algumas das certezas adoptadas no Congresso de 48 e propunha *uma revisão do caminho percorrido pelos arquitectos modernos*<sup>20</sup>. No final da década de 50, desenvolveu-se uma nova posição que reivindicava uma diferente adequação social e histórica da arquitectura moderna, o que permitiu que se formasse uma perspectiva crítica assente na

18 PEREIRA, Alexandre Marques – [op. cit.].

19 PEREIRA, Alexandre Marques – *Manuel Tainha*. p.12

20 TAINHA, Manuel – *Estilo e Espaço, Arquitectura*. p.9

53.

54. Claustro - Pousada de Santa Bárbara.





reflexão e no questionamento do Estilo Internacional. Este momento, associado à investigação decorrente do Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa, no qual Manuel Tainha também colaborou, integra-se no processo de procura de referências locais e de contextualização da arquitectura portuguesa.<sup>21</sup>

A atenção e a reflexão que Manuel Tainha depositava naquilo que fazia pode observar-se na perspicácia com que escrevia sobre arquitectura, no sentimento que colocava em cada lugar e na inteligência com que desenvolvia cada projecto. Conciliando as imposições do programa, as possibilidades e as limitações do lugar e os impulsos da mão do arquitecto, a obra de Tainha foi encontrando a sua própria autonomia, entre os dados racionais e objectivos e os subjectivos e empíricos.<sup>22</sup> Porém, é difícil encontrar na sua obra uma ideia base que possa justificar, por si só, as opções de projecto.

Para Manuel Tainha, a arquitectura devia ser mais do que uma invenção formal, devia ser um produto de trabalho artesanal cujo compromisso era transportar a identidade de cada obra para o conjunto de *bens culturais* [do Homem] *pois criar é resolver poeticamente um problema práctico de sociedade*<sup>23</sup>.

O respeito que Manuel Tainha nutria pelo passado é transportado para toda a sua obra, permitindo, simultaneamente, afirmar a sua contemporaneidade. Nas suas obras, as formas do passado são invocadas para além da simples citação, aparecendo como elementos ou estruturas formadoras de espaço, repensadas e reutilizadas.<sup>24</sup> É o caso do modelo mais persistente da história da arquitectura, utilizado desde a antiguidade clássica em Mosteiros, Conventos ou Palácios, até à contemporaneidade – o claustro. Esta tipologia conseguiu permear as adversidades do tempo e superar as particularidades dos estilos, para se tornar constantemente operativa. As suas características permitem criar espaços exteriores com um grande sentido de interioridade e de relação com os espaços internos. O claustro, ou pátio, atravessou grande parte da obra de Manuel Tainha, desde a Pousada de Santa Bárbara, às Escolas de Grândola e Évora, passando pela Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação de Lisboa, até à mais recente Biblioteca de Viseu.

21 TOSTÕES, Ana – *Manuel Tainha: 50 anos de arquitectura portuguesa - Arte, Profissão, modo de vida?* [op. cit.]. p.13

22 ALMEIDA, Rogério Vieira de – *Manuel Tainha e a arquitectura: as formas, o tempo e o sentido*. p.28

23 AINHA, Manuel – *A VII Exposição Geral de Artes Plásticas*. p.21

24 ALMEIDA, Rogério Vieira de – [op. cit.]. p.27



55. Contraforte/chaminé - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

56. Pórtico - Pousada de Santa Bárbara.

57. Rusticidade - Pousada de Santa Bárbara.

58. Abstracção - Departamento de Engenharia Mecânica de Coimbra.

59. Pilar e Viga - Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

60. Obra global - Biblioteca Municipal de Viseu.



A integração de elementos ancestrais nas suas obras é também recorrente. Podemos observar este apelo ao passado no pórtico que se abre sobre a paisagem da Pousada de Santa Bárbara, fazendo lembrar os antigos pórticos gregos ou as construções da montanha nos Alpes, ou no contraforte/chaminé da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, que se assemelham às formas da arquitectura manuelina.<sup>25</sup>

No que diz respeito às questões construtivas e dos materiais, também é possível encontrar um fio condutor entre as suas obras. Quando comparando a rusticidade dos materiais da Pousada de Santa Bárbara e as paredes abstractas e opacas do Departamento de Engenharia Mecânica de Coimbra parece não existir qualquer relação. No entanto, é essa ausência de invenção construtiva que as liga.<sup>26</sup> O seu forte sentido de economia de meios levam-no a ponderar, para cada caso, se a resolução de um determinado problema é ou não desajustada, assegurando-se que a solução adoptada não produzirá efeitos que vão para além das necessidades específicas do projecto.

Manuel Tainha preferia sempre sistemas estruturais relativamente vulgares, ao invés de cair na tentação de recorrer a sistemas que impliquem um severo aumento nos custos da construção e não melhorem significativamente a qualidade arquitectónica. Tanto utilizava estruturas portantes e materiais tradicionais, caso da Pousada de Santa Bárbara, como recorria ao frequente pórtico de pilar e viga em betão armado, por exemplo na Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

Um outro aspecto comum nos seus projectos é a articulação volumétrica entre as diferentes unidades funcionais, em que a cada área funcional corresponde uma zona definida volumétrica ou espacialmente, à semelhança do esquema gropiusiano da Bauhaus. Ainda assim, os seus edifícios tendem a assumir um carácter de obra global, onde permanece o equilíbrio entre a independência das partes e a definição geral do todo e do lugar. É assim na Casa da Cultura de Mora ou na Biblioteca de Viseu, pois *para Manuel Tainha, o que institui a vida e o carácter do lugar é um conjunto de circunstâncias em que a sua forma é apenas uma delas*<sup>27</sup>. Também frequentemente, as paredes onde se abrem vãos tendem a adquirir um papel de transição que prepara a entrada da luz no

25 *Ibid.* p.28

26 *Ibid.* p.29

27 *Ibid.*



- 61. Janela de canto - Casa Gallo, S. Pedro de Moel.
- 62. Janela de canto - Pousada de Santa Bárbara.
- 63. Entrada de luz - pórtico da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- 64. Entrada de luz - pórtico da Pousada de Santa Bárbara.



interior. No edifício da Escola de Grândola ou na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, assim como na Pousada de Santa Bárbara, as paredes parecem assumir, simultaneamente, a função de parede, de janela e de pórtico, transformando o espaço interno quase em externo.

Segundo Rogério Vieira de Almeida, o posicionamento da sua obra em relação a alguns dos paradigmas formais do século XX e do passado é um pouco ambígua. Com a instituição da arquitectura moderna, apareceu um exuberante leque de novas formas arquitectónicas que Manuel Tainha, ao contrário de alguns arquitectos da sua geração, teve capacidade de seleccionar. De certo modo, a sua obra distancia-se de alguns modelos formais do século XX e de muitos elementos que marcaram presença na arquitectura portuguesa dos anos 50, é o caso da planta-livre, da fachada-livre, da janela em comprimento e dos pilotis. Já no que diz respeito aos paradigmas formais e compositivos anteriores ao século XX, Manuel Tainha explorou-os e tirou partido deles. É o caso do uso frequente da axialidade ou da simetria, do aparecimento informal de ritmos e repetições ou a utilização elementar da geometria. Porque para Tainha *se pode ser clássico no seu próprio tempo sem fazer Vitruvio, Vignolla, Palladio ou Serlio. Não será fácil, mas gostoso. Refiro-me, é claro, não ao Classicismo histórico, mas ao outro*<sup>28</sup>.

*A sua obra é inevitavelmente moderna no sentido em que não recorre ao estilismo do passado, nem ao exemplo acabado de um qualquer modelo existente. É levemente contemporânea na medida em que partilha e participa do seu tempo, e porque é uma obra que faz do entendimento do tempo um dos seus fundamentos. Mas não o é, na medida em que forme ou ajude a formar uma corrente que se estabeleça como principal. Marginal porque, participando no seu tempo, permanece relativamente alheia aos principais circuitos de divulgação de que se faz (para o mal e para o bem) a contemporaneidade.*<sup>29</sup>

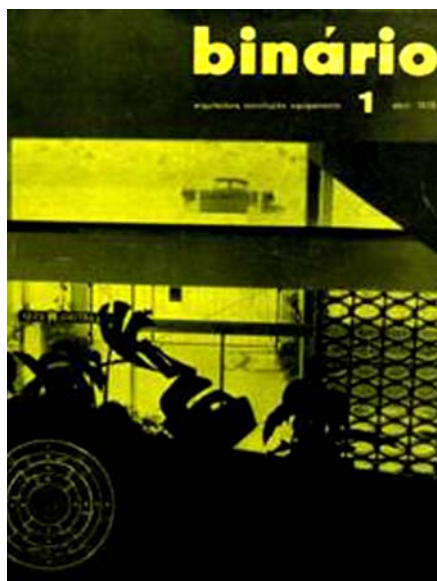
28 TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão*. p.81

29 RIBEIRO, Rogério (coord.) – [*op. cit.*]. p.30



65. Revista Binário #1, Abril de 1958.

66. Revista Binário #3, Junho de 1958.





## DISCURSO

*Para mim (...) escrever é descobrir, é meter o nariz onde não sou chamado. É ir até às fronteiras e pisar o risco; pois é aí que se fazem as descobertas.*<sup>30</sup>

Numa época em que poucos arquitectos se comprometiam com a escrita, exceptuando apenas Fernando Távora e Keil do Amaral, Manuel Tainha tornou o discurso indissociável da sua obra. As suas reflexões teóricas, muitas vezes impertinentes e inquietantes, não só enquadram a sua obra como também o caminho percorrido pela arquitectura portuguesa do século XX.

Durante o seu percurso, Manuel Tainha procurou legitimar as suas inquietações pela experiência, reflectindo sobre o ensino da arquitectura, sobre o ofício, sobre a profissão.

*Se tivéssemos de definir de alguma maneira o papel de Manuel Tainha, não ocorreria melhor aceção que a de arquitecto incómodo com essa sua capacidade permanente de colocar o dedo na ferida. Essa inoportunidade deriva da sua ininterrupta introspecção que humildemente questiona o modo de tratar a arquitectura como puro fenómeno plástico*<sup>31</sup>.

O seu empenho crítico culminou na produção da revista *Binário - Arquitectura, Construção, Equipamento*, fundada em Abril de 1958 em parceria com o seu irmão Jovito Tainha, engenheiro civil. De periodicidade mensal, assumiu-se como uma publicação informativa, de carácter técnico-cultural, mas também de crítica ao que em Portugal se fazia nos campos da arquitectura, do urbanismo, da engenharia civil e, nos seus últimos anos, também no âmbito do design. Inspirando-se no binómio arte-técnica, a revista pretendia envolver a visão global da arquitectura com a visão especializada da engenharia civil, auxiliando a divulgação de algumas questões colocadas por Manuel Tainha ao longo do tempo. Defendiam-se as virtudes da arquitectura enquanto ofício artístico sedimentado na relação da teoria com a prática, falava-se da reciprocidade da arquitectura com a comunidade, do reconhecimento da arquitectura

30 TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão* [op. cit.]. p.131

31 TOSTÕES, Ana – *Manuel Tainha: 50 anos de arquitectura portuguesa - Arte, Profissão, modo de vida?* [op. cit.]. p.12



sem vanguarda e da não valorização do trabalho-estrela.<sup>32</sup>

O *Editorial* do primeiro número anuncia alguns dos princípios que Manuel Tainha queria integrar na revista, baseados particularmente na vontade de *eleva a construção a um processo integrado e unitário*<sup>33</sup>. Aqui, talvez por força do desequilíbrio entre a profissão e a disciplina que cada irmão representava, é clara a definição de um espaço próprio dedicado à arquitectura e outro à engenharia, como se de dois mundos distintos se tratasse. Segundo Nuno Portas<sup>34</sup>, a coexistência destes dois campos disciplinares está na origem do nome da revista, pelo que não se pode estranhar a aparente separação entre a arquitectónica e a tectónica. Mas para Portas, a maior carência da revista assenta na ausência de reflexão teórica e crítica das obras apresentadas, embora se destaque positivamente na divulgação de projectos marcantes da arquitectura internacional do século XX e na tradução de alguns dos mais importantes textos de arquitectos internacionais de referência, como Aalto, Gropius ou Argan.<sup>35</sup>

Dez números depois de ser fundada, a revista sofre uma mudança na direcção e Manuel Tainha afasta-se da publicação. Esta transformação conduz a um acentuado decréscimo na qualidade da *Binário* que, conduzida agora pelo engenheiro Aníbal Vieira, acaba por sofrer uma grande fragmentação de conteúdos e uma redução na divulgação de obras de arquitectura, limitando à apresentação de pormenores construtivos e encurtando as memórias descritivas dos projectos.

No que diz respeito à crítica arquitectónica, a *Binário* não atingiu os objectivos a que se propôs inicialmente, acabando com poucas possibilidades de competir com a revista *Arquitectura*, que apostava mais na reflexão teórica que em questões técnicas. Apesar da sua curta existência, a revista *Binário* foi, naquele período, um importante meio para divulgar a arquitectura contemporânea nacional e estrangeira. Embora Manuel Tainha se afastasse da publicação da *Binário*, as suas obras e os seus escritos continuaram a ser divulgados na revista *Arquitectura* durante as décadas seguintes.<sup>36</sup>

32 *Ibid.* p.14

33 TAINHA, Manuel – *Editorial*. In *Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento*. Nº 1, Abril de 1958. p.1

34 PORTAS, Nuno *apud.* TOUSSAINT, Michel – *A Primeira Fase do Arquitecto*. p.16

35 *Ibid.* p.16

36 *Ibid.* p.18



Depois de renovada nos anos 40, a revista *Arquitectura* transformou-se no meio de divulgação arquitectónica mais importante da época, publicando as obras e os artigos que mais marcaram a arquitectura do século XX. A revista *Arquitectura* era utilizada para o exercício da crítica pelos arquitectos incómodos daquela geração, pelo que, o seu percurso se confunde com o percurso da arquitectura em Portugal.

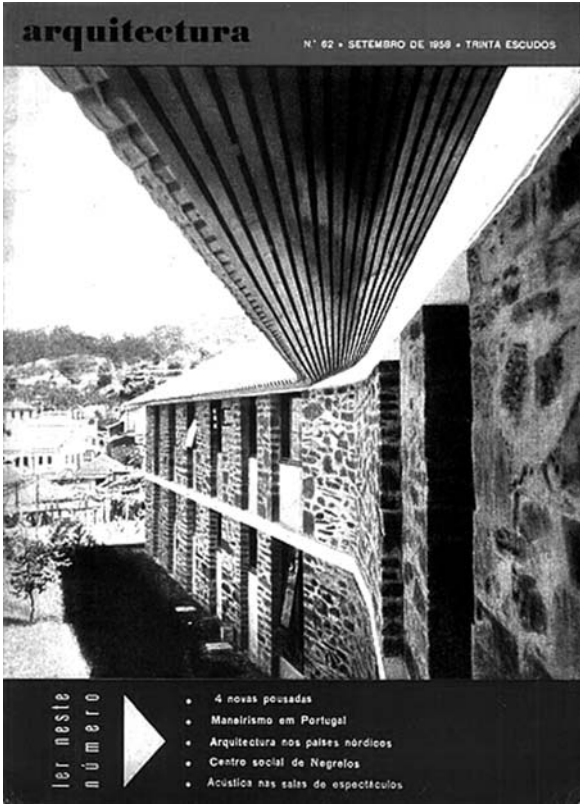
Manuel Tainha foi um dos arquitectos que aproveitou aquele espaço para revelar a sua inquietação e denunciar a necessidade de uma abordagem culturalista mais aprofundada da arquitectura moderna, propondo *uma revisão consequente do caminho já percorrido pelos arquitectos modernos [através de] uma constante leitura e comentário à obra feita*<sup>37</sup>. No artigo *Estilo e Espaço*, *Arquitectura* publicado no número 46 de Fevereiro de 1953, Manuel Tainha alerta para a necessidade de uma arquitectura sem vanguarda, reconhecendo o fracasso de alguns princípios modernos. Neste texto, o arquitecto critica a fragilidade da arquitectura moderna como condensador social, apontando o *desnível profundo entre as realizações e as possibilidades, entre o carácter essencialmente social da arquitectura moderna, à escala colectiva, e o campo das realizações concretas que tem sido quase exclusivamente à escala individual*<sup>38</sup>. A arquitectura ao serviço da colectividade sempre foi um tema constante nas reflexões do arquitecto, onde se revela o seu olhar crítico sobre a imaturidade da arquitectura moderna em Portugal, pois, para Tainha a maturidade da obra arquitectónica é um factor fundamental para se atingirem os objectivos superiores da complexidade humana.

Esta abordagem mostra o conhecimento que o arquitecto tem das posições teóricas de Alvar Aalto que, no mesmo número da revista, apresenta o artigo *O Ovo de Peixe e o Salmão*, bem como a posição organicista de Frank Lloyd Wright, que acabava de ser divulgado em Portugal por Bruno Zevi em *Saber Ver a Arquitectura*. Nos finais da década de 50, Manuel Tainha volta a demonstrar o seu interesse pela obra teórica de Alvar Aalto, traduzindo para português e publicando na revista *Arquitectura* um dos mais valiosos textos de arquitectura do século XX - *A Truta e a Corrente*.

No número 62 de Setembro de 1958, a propósito da elaboração do II Congresso Nacional de Arquitectura, é feito um balanço da década que se seguiu ao

37 TAINHA, Manuel – *Estilo e Espaço*, *Arquitectura* [op. cit.]. p.9

38 *Ibid.*



67. Revista *Arquitectura* #62, Setembro de 1958.



heróico I Congresso. Depois do momento da reivindicação da modernidade e da sua consequência directa – o Inquérito à Arquitectura Regional – ansiava-se que este II Congresso fosse um resultado de uma década de debate, de consciencialização. Testemunho dos *primeiros indícios da concretização de uma etapa decisiva na evolução da arquitectura portuguesa*<sup>39</sup> foram os projectos de *Quatro Novas Pousadas* publicados neste número. Desempenhando um papel de extrema importância na divulgação do fazer moderno, a revista *Arquitectura* apresentou as propostas para Oliveira do Hospital de Manuel Tainha, para Valença do Minho de João Andresen, para a Portela da Gardunha de Francisco Blasco e para Vilar Formoso de Nuno Teotónio Pereira. Por não integrarem as principais orientações traçadas pela DGEMN para as pousadas, as propostas apresentadas seriam recusadas, tendo apenas seguimento os projectos de Valença e Oliveira do Hospital, sob necessidade da realização de três anteprojectos antes da sua aprovação.

Com o decorrer do século, a arquitectura tendeu a banalizar-se, assistindo-se por todo o país à vulgarização das tendências mais figurativas e populares, enquanto os arquitectos de maior reconhecimento se debatiam por uma arquitectura de menor entusiasmo formal. Estas profundas transformações tornaram-se objecto de intensa reflexão para Manuel Tainha, que recupera as suas opiniões inoportunas com a mesma coerência dos anos 50. A sua permanente introspecção levam-no a escrever o artigo *PM'S VS. AM'S*, datado de 1983, onde retoma uma crítica baseada no silêncio e na desconfiança em relação às linguagens, quer modernas, quer pós-modernas, confessando que *a questão AM vs PM não me diz grande coisa (...) mas todas as questões que à Arquitectura dizem respeito – a sua prática, a sua ética, a sua poética – isso é um facto que não tento esconder ou sequer contrariar*.<sup>40</sup>

A década de 80 e a seguinte foram bastante produtivas, quer na criação teórica, onde Manuel Tainha partilhou dúvidas e levantou questões incómodas, quer na criação prática, devido à encomenda pública através de concursos, caso da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa ou do Departamento de Engenharia Mecânica de Coimbra.<sup>41</sup>

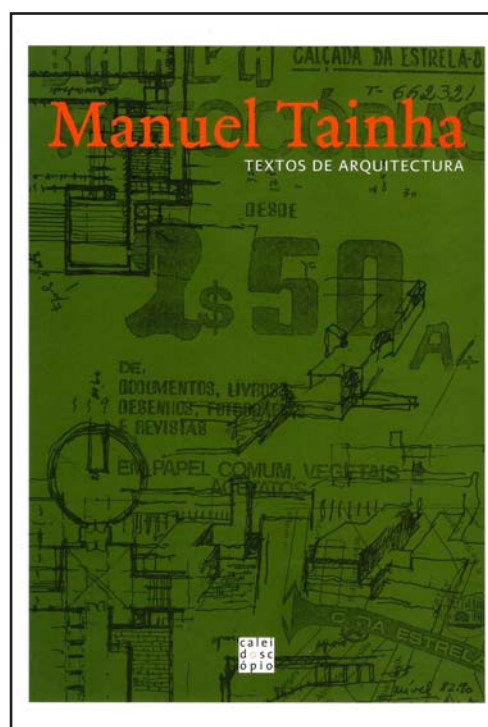
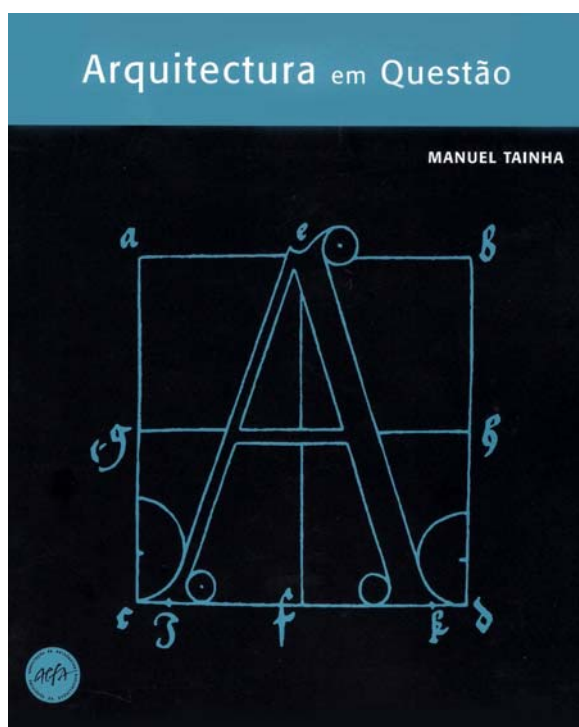
39 ANDRESEN, João – *Quatro Novas Pousadas*. p.5

40 TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão* [op. cit.]. p.49

41 TOSTÕES, Ana – *Manuel Tainha: 50 anos de arquitectura portuguesa - Arte, Profissão, modo de vida?* [op. cit.]. p.16

68. *Arquitetura em Questão* (1994).

69. *Manuel Tainha: Textos de Arquitectura* (2006).



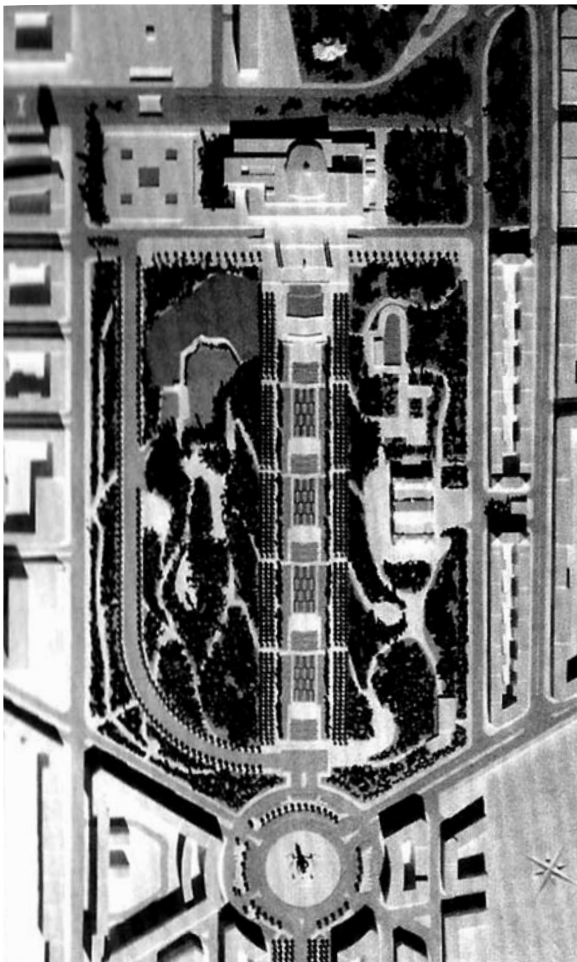
O livro *Arquitectura em Questão*, editado na década de 1990 pelos alunos da Faculdade de Arquitectura da Universidade técnica de Lisboa, reúne alguns dos mais brilhantes artigos do arquitecto, que espelham as preocupações de todo o seu percurso. Podemos observar a sua ligação ao mundo e à sociedade através da arte necessária que é a arquitectura, a sua convicção de uma arquitectura sem vanguarda, onde a luta pelo ofício artesanal vai persistindo às virtudes da máquina. As suas reflexões sobre a arquitectura não se esgotam na simples crítica pedagógica e arquitectónica, mas abordam essencialmente o mundo das coisas, dos sons, da luz, dos sentidos, porque para Manuel Tainha, *na percepção (e consciência) do espaço arquitectónico, dos pequenos aos grandes espaços, todos os sentidos são convocados. (...) Direi que a percepção dos factos e eventos arquitectónicos é feita com o corpo todo, e não apenas com a vista. A visão pode ser o sentido predominante ou hegemónico (o mais operacional de todos os sentidos), mas seguramente não é o único nem por vezes o dominante na construção da ideia (imagem) que se forma e se guarda de um edifício ou de um lugar*<sup>42</sup>.

Manuel Tainha desempenhou um papel de relevo no panorama da Arquitectura em Portugal, não se limitando apenas à prática do ofício, mas também enriquecendo a sua obra com uma postura eminentemente crítica. Num país onde o Movimento Moderno foi apreendido mais tarde que no resto da Europa, o arquitecto teve um papel fundamental para que fossem superadas as desigualdades entre os paradigmas sociais e culturais deste movimento e a conjuntura portuguesa, não só assumindo uma postura crítica como também demonstrando na prática as suas possibilidades.

O modo e o tempo como Tainha acompanhou as inquietações que nos chegavam da Europa, empenhado numa postura de rigor e de responsabilidade, levou-o a expressar o seu pensamento nos diversos textos que escreveu, complementando-os com a leitura da obra construída. Para o arquitecto *escrever é outro modo de agir. E quantas vezes é nesse escrever que se desvendam coisas importantes; coisas que de outro modo ficariam escondidas, ignoradas para sempre. (...) Por isso é que já ousei escrever uma vez, que a teoria, a crítica, a história, fazemo-la nós, todos os dias, na ponta do lápis.*<sup>43</sup>

42 TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão* [op. cit.]. p.86

43 *Ibid.* p.8



70. Palácio da Cidade, Parque Eduardo VII (não construído).

Manuel Tainha  
Obra

1922	Nasce em Paço de Arcos		
1954	Bairro de Habitações Económicas para Aveiro (não construído)	1954-1956	Piscinas do Tamariz no Estoril
1957-1971	Pousada de Santa Bárbara em Oliveira do Hospital	1958-1960	Casa do Freixial
1959-1963	Escola Agro-Industrial de Grândola	1960-1965	Escola de Regentes Agrícolas de Évora
1961-1967	Torres dos Olivais Sul em Lisboa		
1965	Antiprojecto para a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa com Carlos Ramos e Bartolomeu Costa Cabral (não construído)	1968-1970	Expo Minas da Panasqueira na Covilhã
1969-1971	Casa Martins dos Santos em Cascais		
1972-2011	Escola Secundária dos Olivais Velho em Lisboa	1972-1973	Restaurante Coelho Dourado em Lisboa
1975	Gimnodesportivo ICESA, Santo António dos Cavaleiros em Lisboa	1973-1974	Fábricas Barros I em Chelas
1975-1976	Casa de Chá do Pico do Areeiro no Funchal (não construído)	1976-1979	Centro de saúde de Sete Rios em Lisboa
		1976-1981	CHÉ - Vila Fernandes (SAAL) em Lisboa (não construído)
1981-1982	Fábricas Barros II em Chelas	1982	Casa Banzão em Colares
1984	Plano de Renovação Madeira Wine (não construído)	1983	Agência da Caixa Geral de Depósitos de Santiago do Cacém
1987-1990	Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa	1987-1989	Casa da Cultura de Mora
1990-1996	Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra	1988-1993	Escola Superior de Tecnologia de Tomar
1993	Plano para a Expo'98 (não construído)	1988	Centro Cultural de Belém
1994-2001	Biblioteca Municipal de Viseu	1990-1994	Edifício da Câmara Municipal do Seixal
1996-1998	Porta Norte da Expo'98 em Lisboa	1990-1994	Centro Digital de Formação Avançada de Dirigentes de Empresas (CDFAD)
1998-2001	Habitações Eplu Jovem, Martim Moniz em Lisboa (obra interrompida - não construído)	1992-1993	Passagem de Peões do Bom Sucesso em Belém
		1994-1998	Estação de Metropolitano da Alameda I e II em Lisboa
		1996-2001	Hotel Pestana Palace (originalmente denominado Hotel Carlton Valle Flor), Alto de Santo Amaro em Lisboa
		1997	3º classificado no Concurso Público de Ideias para a Urbanização da Zona da Calheta nos Açores
		2001	Edifício de Habitação na Rua Saraiva de Carvalho em Lisboa
		2007	Complexo de Agências Europeias no Calis do Sodré - Agência Europeia de Segurança Marítima e Observatório Europeu da Droga e Toxicodpendência
2011	Projecto de ampliação da Pousada de Santa Bárbara	2012	Morre em Lisboa, aos 90 anos





**OBRA**

*Fazer arquitectura não é resolver problemas, no que de humano ela se contém. É, de outro modo, ordenar explícita e expressivamente esses problemas no sentido de uma particular visão da sociedade dos seres humanos. Pelo que, de alguma maneira, cada edifício oferece uma antecipação, ou melhor, uma prefiguração da própria vida na sua complexa, árdua e teimosa transformação.*<sup>44</sup>

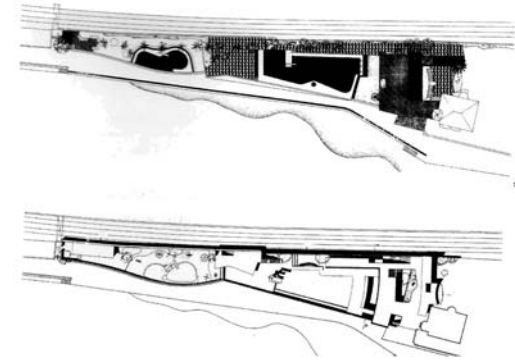
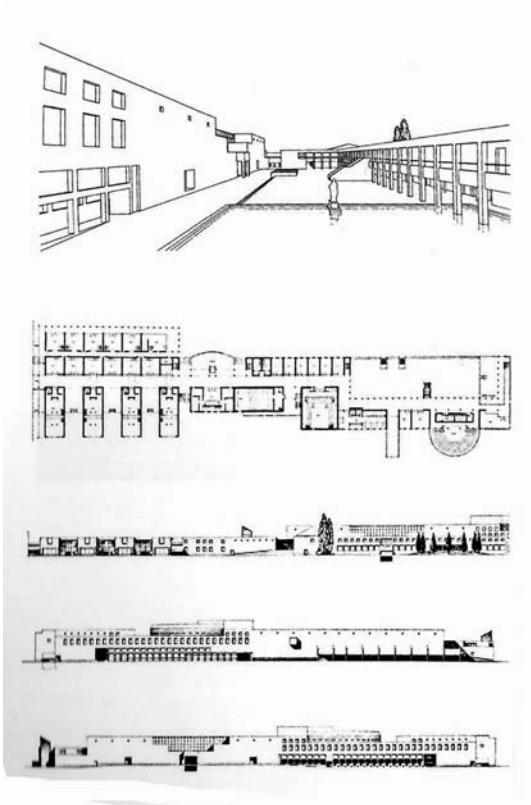
Manuel Tainha é conhecido por muitos como *O Arquitecto dos Sete Ofícios*<sup>45</sup>, entre eles o de *Arquitecto Construtor*, que parte da noção de que a arquitectura só existe enquanto obra construída e vivida. O sistema de produção e o sistema conceptual expressos na arquitectura de Manuel Tainha comunicam a ideia de que a obra é fruto da criatividade, moldada pelo sentido prático e pela reflexão. O carácter inventivo do arquitecto transporta um sentido múltiplo e aberto, de forte capacidade pedagógica, assente na procura de uma base metodológica e conceptual<sup>46</sup>.

Numa fase inicial, Manuel Tainha vive um período de experimentação, reflexo da lição deixada pelo Inquérito à Arquitectura Regional, presente na sua obra de juventude no Tamariz, no intemporal projecto da Pousada de Oliveira do Hospital ou na moradia no Freixial. Na década de 60, o arquitecto afirma a sua posição com as afamadas escolas Agro-Industrial de Grândola e de Regentes Agrícolas em Évora, e as ainda hoje contemporâneas torres habitacionais dos Olivais Sul, em parceria com Raul Hestnes Ferreira. Por construir ficou o Palácio da Cidade para o alto do Parque Eduardo VII, concebido em conjunto com Keil do Amaral em 1960. A década de 70 caracteriza-se por uma fase de maior interioridade, relacionada com a sua dedicação ao ensino artístico na Sociedade Nacional de Belas Artes e na Escola de Belas Artes de Lisboa, e, naturalmente, resultante da repressão do regime que dificultava a encomenda pública. Ainda neste período, envolve-se no desenvolvimento do

44 TAINHA, Manuel – *Editorial*. In *Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento*. Nº4, Julho de 1958. p.1

45 PEREIRA, Alexandre Marques – *Manuel Tainha ou o Arquitecto dos Sete Ofícios* [op. cit.].

46 A exposição sobre Manuel Tainha na Casa de Cerca, no ano 2000, elegia cinco actividades espaciais que constituíram, ao longo da sua carreira, interesses de produção arquitectónica: o espaço que abriga – casa; o espaço que serve – equipamentos; o espaço que representa – instituições públicas; o espaço que ensina – escolas; e o espaço que liga – meios de transporte.



71. Concurso para o Centro Cultural de Belém (não construído).

72. Planta - Piscinas do Tamariz, Estoril.

73. Vista geral das Piscinas do Tamariz.

74. Piscinas ainda em funções.



projecto da Vila Fernandes, numa operação SAAL no sul do país, que ficara no papel, e na construção da Casa Gallo em S. Pedro de Moel. Num período de consagração, entre o final da década de 80 e o início de 90, Manuel Tainha projecta a Agência da Caixa Geral de Depósitos de Santiago do Cacém, a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa (Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura), a Escola Superior de Tecnologia de Tomar e o Departamento de Engenharia Mecânica de Coimbra. Em 1998 consegue o terceiro lugar no concurso para o Centro Cultural de Belém. Desta fase são também reconhecidas, pela sua inovação e qualidade, as obras infra-estruturais da passagem pedonal em Belém, da Estação de Metro da Alameda e da Porta Norte da Expo 98.<sup>47</sup>

Mais recentemente participou no projecto de adaptação do palácio Vila-Flor a Hotel Pestana Palace e construiu um conjunto de edifícios no Cais do Sodré, onde se sediam a Agência Europeia de Segurança Marítima e o Observatório Europeu da Droga e Toxicoddependência.

#### PISCINAS DO TAMARIZ, ESTORIL (1956)

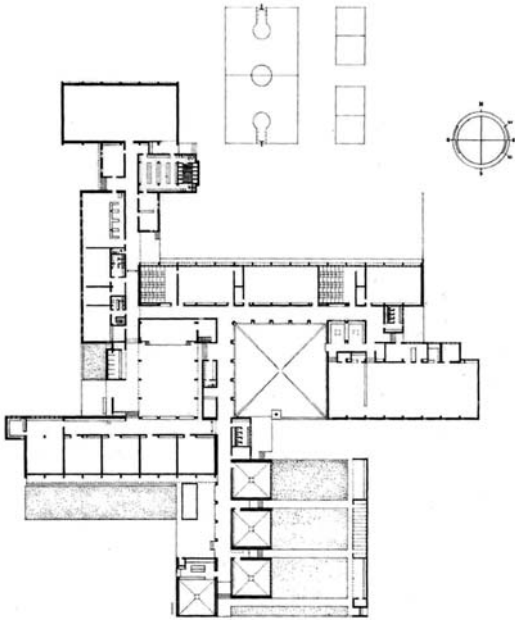
O seu primeiro trabalho de relevo como arquitecto foram as Piscinas do Tamariz no Estoril, obra que ganhou num concurso em 1954 e que demonstra um forte sentido de integração com o local.

As piscinas do Tamariz são um projecto inovador pela sua relação com o sítio, pois estabelecem a mediação entre a linha do caminho-de-ferro e o passeio sobre a praia do Estoril estimulando *à fruição dos pequenos dotes naturais do sítio, que os homens se esqueceram de destruir*<sup>48</sup>. A obra desenvolve-se numa cuidada modelação do terreno em plataformas trabalhadas com grande expressividade segundo os códigos do estilo internacional. Integra-se na paisagem assentando numa cota intermédia, embora não se assuma como uma piscina natural ou de maré, como acontece posteriormente nas piscinas de Leça de Álvaro Siza.

O conjunto da piscina do Tamariz, do qual resta hoje apenas a ruína, tem um carácter lúdico e um desenho moderno típico dos primeiros anos da década de 50, de formas curvas que se entrelaçam, com planos salientes, escadas em

47 FERNANDES, José Manuel – *Arquitectos do século XX*. p.142

48 TAINHA, Manuel – *Piscina no Tamariz*. In *Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento* [op. cit.]. Nº3, Junho de 1958. p.7



75. Escola Agro-Industrial - Planta.

76. Escola de Regentes Agrícolas, Évora.

77. Escola de Regentes Agrícolas - Percurso coberto.



caracol, muros independentes e palas e coberturas em lajes de betão assentes em finas colunas metálicas orientadas *no sentido da não-imposição de massas cuja grandeza pudesse entrar em conflito com a escala dimensional do terreno e do lugar*<sup>49</sup>. A extensa variedade de materiais e a violenta policromia conferem ao conjunto um ar exuberante.

#### ESCOLA AGRO-INDUSTRIAL DE GRÂNDOLA (P.1959/62, C.1963)

O projecto da Escola de Grândola previa um conjunto de vários núcleos, dos quais foram construídos apenas dois – o Pátio da Lavoura e o núcleo de Aulas e Oficinas, ficando por construir o núcleo residencial. A disposição aparentemente informal do conjunto na vastidão do terreno está associada aos critérios funcionais da actividade agrícola.<sup>50</sup>

O núcleo das aulas situa-se na convergência da maioria das construções previstas, organizando-se em torno de uma zona central e estendendo-se pela planície, fazendo-nos lembrar Wright.<sup>51</sup> A partir do centro irradiam quatro alas, conferindo ao conjunto uma configuração em cruz que lhe oferece uma maior clareza funcional e lhe permite uma futura expansão. Este núcleo estabelece-se claramente como um centro de referência, proporcionando a estruturação de todo o conjunto.

As alas reflectem uma grande variedade formal e espacial, anunciadas através da configuração do sistema construtivo que tanto emprega elementos portantes de betão como enchimentos em alvenaria de tijolo, perceptíveis no contraste visual entre o betão, o tijolo à vista e o reboco branco.

#### ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS DE ÉVORA (P.1960, C.1965)

Na Escola de Évora Manuel Tainha substitui a centralidade formal de Grândola por uma centralidade espacial que tira partido da elevação do terreno para se debruçar sobre a paisagem envolvente.

A forma geral do conjunto deriva da interacção de duas formas elementares: o círculo - associado às salas de aulas, e o quadrado - associado às instalações

49 *Ibid.*

50 ALMEIDA, Rogério Vieira de – [*op. cit.*]. p.24

51 TOUSSAINT, Michel – [*op. cit.*]. p.22

78.

79. Torres dos Olivais Sul, Olivais.





colectivas.<sup>52</sup> A disposição destes corpos dá lugar a um todo, organizado segundo um pátio que ocupa a zona de maior elevação do terreno e que possibilita ter uma perspectiva sobre os diversos espaços interiores dos edifícios que, tal como na Pousada de Santa Bárbara, fazem uso do método do corte.

O edifício principal deriva da associação de pequenos corpos autónomos que definem um pátio semi-aberto. O corpo das salas de aula tem dois pisos servidos por um percurso coberto que faz a ligação entre a pequena construção circular das casas de banho e uma outra de configuração quadrangular. Na zona incompleta do círculo surge um quarto corpo de desenho ortogonal em L que define a limitação do pátio.

A relação do conjunto com a topografia e a paisagem, bem como o contraste entre a curva e a ortogonalidade, remete-nos para Alvar Aalto.<sup>53</sup> A implantação do conjunto situa-se na Quinta da Mitra, onde perdura o convento de Valverde com a sua capela de planta octogonal e o seu tanque exterior circular. É possível fazerem-se associações entre as duas construções, separadas temporalmente por vários séculos mas bastante próximas espacial e formalmente.

#### TORRES DOS OLIVAIS SUL (P.1961, C.1967)

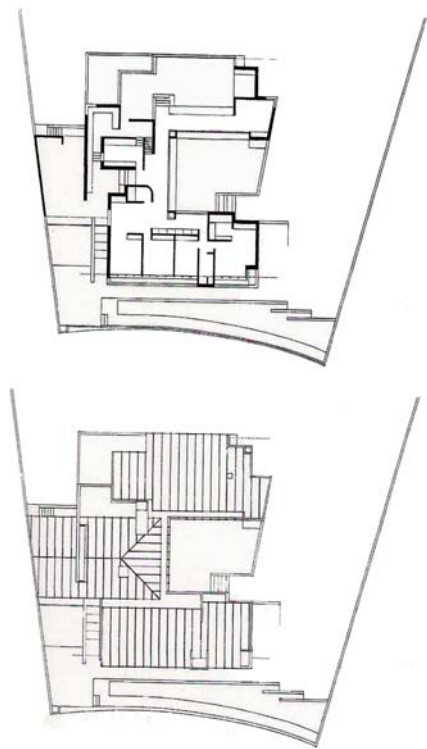
Juntamente com outros arquitectos de Lisboa, Manuel Tainha participou no plano para os Olivais Sul, experiência pioneira sobre os substanciais temas da cidade moderna, como a integração do automóvel na vida quotidiana, a habitação vertical e os novos conceitos de higiene e natureza. As três torres desenhadas por Manuel Tainha apresentam um carácter inovador que rompe com as formas urbanas tradicionais, introduzindo um universo formal novo assente na flexibilidade e na complementaridade entre os edifícios e o traçado da cidade.<sup>54</sup>

Os edifícios, de aspecto maciço, desenvolvem-se segundo uma planta quadrangular que atribui quatro casas a cada piso distribuídas em torno das varandas e de uma sala central. A introdução de grandes varandas partilhadas por várias casas evidencia o sentido colectivo que o arquitecto queria transmitir. Estas aberturas escavadas na massa das torres contrastam com a homogeneidade

52 ALMEIDA, Rogério Vieira de – [*op. cit.*].

53 TOUSSAINT, Michel – [*op. cit.*]. p.24

54 ALMEIDA, Rogério Vieira de – [*op. cit.*].

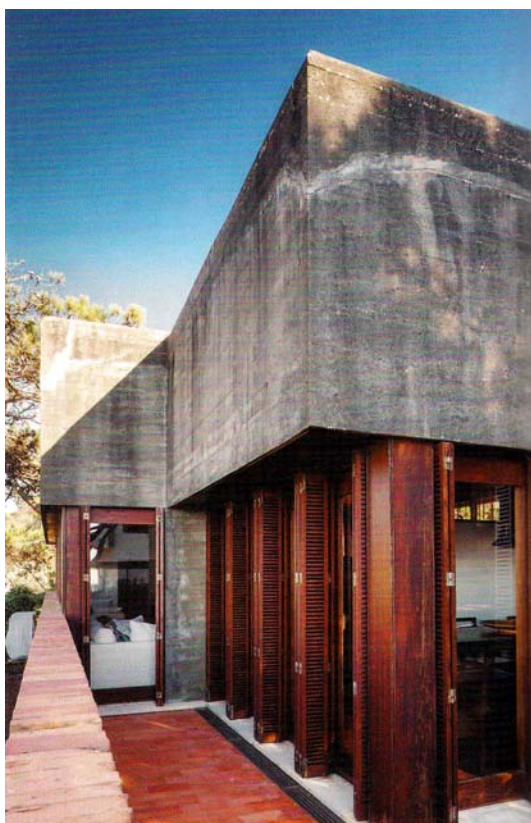


80. Casa Gallo - Planta do piso 0 e da cobertura.

81. Casa Gallo - Varanda.

82. Terraço com vista para a vila de S. Pedro de Moel.

83. Janelas corridas da sala de estar.



das fachadas vermelhas.

CASA GALLO (P.1968-1969, C.1970-1971)

A casa Gallo é uma casa de férias projectada por Manuel Tainha para Manuel Gallo e a sua família, localizada numa pequena terra de veraneio à beira-mar – S. Pedro de Moel.

A intenção inicial do projecto deriva da criação de um ambiente contido onde a contemplação da paisagem é o motor de toda a espacialidade, à semelhança do que acontece na Pousada de Santa Bárbara. Existe uma relação propositada com os elementos primários do sítio – o pinhal, o mar e o céu.

A construção não apresenta nenhum alçado para a rua e, quando nos aproximamos, apenas vimos uma paliçada que reveste uma parede de betão, ao contrário dos exemplos modernos que pontuam os pinhais da vila desde os anos cinquenta. No percurso de entrada, a afinidade com o mar é salientada nas pontuais aberturas do átrio meio coberto que nos vão desvendando a sua imensidão e o pinhal é evocado no pátio nascente cuja presença é incontornável.

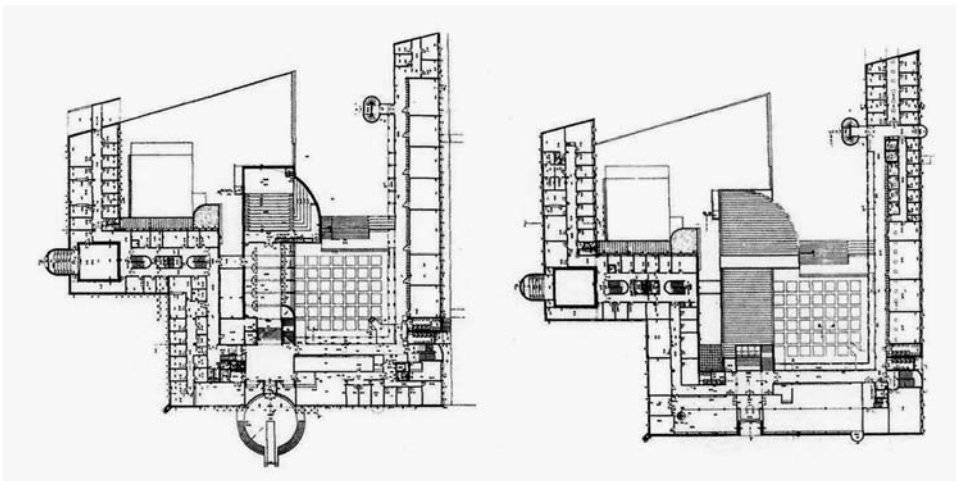
A casa é trabalhada em função da topografia e organiza-se um U, em torno de um pátio virado a nascente, à cota da entrada. Os quartos organizam-se no lado sul e a sala, desenvolvida em dois níveis, encontra-se voltada a norte. A sala distribui-se em duas zonas distintas – a zona de estar a nascente e a zona de refeições a poente, com acesso à cozinha e a uma varanda voltada para a povoação e onde podemos observar o pôr-do-sol no mar. No lado norte da sala a sequência de vãos contínuos de caixilharia em madeira enquadram a paisagem e tornam mais evidente a presença da vila e do mar. A cobertura funciona como um terraço que nos permite ter a percepção do todo envolvente.

Para o exterior, Manuel Tainha escolheu materiais de uso corrente que assumissem a passagem do tempo, é o caso do tijolo aparente, da tijoleira, do betão com cofragem de madeira e da madeira de pinho.

84. Plantas - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa.

85. Alçado para a Alameda da Universidade.

86. Entrada.



FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE LISBOA (P.1987,  
C.1990)

O projecto da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação data de 1987, quando o arquitecto Manuel Tainha ganhou o concurso lançado pelo Ministério da Educação e Cultura, tendo sido inaugurada no ano lectivo de 1990/91. No ano de 1991, o edifício recebeu o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura. O conjunto situa-se na parte Sul da Alameda da Cidade Universitária em Lisboa<sup>55</sup> e foi projectado de modo a permitir futuros acrescentos. Manuel Tainha desenvolveu o projecto baseando-se em critérios de proximidade com o ambiente residencial urbano, tendo em conta a inevitável retórica formal e dimensional da alameda e do trânsito automóvel. Assim, sente a necessidade de criar um espaço interiorizado, cuja inserção no local aproveita ao máximo o espaço disponível e consagra factores climáticos e ambientais.

O edifício apresenta um desenho contido sob a forma de quadrado cortado ao meio por um alinhamento que prolonga uma das ruas dos quarteirões residenciais mais próximos. O esquema planimétrico em H permite formar alas e pátios interiores que possibilitam a divisão programática das principais unidades funcionais – Psicologia e Ciências da Educação - distinguindo os espaços direccionados para o ensino dos espaços mais informais, destinados ao público em geral, articulando-os em torno de pátios. Nas alas viradas para a alameda situam-se a entrada principal e os espaços ligados ao ensino e, nas alas a sul, situam-se os espaços destinados aos serviços não educativos.

A cobertura permite a entrada abundante de luz natural através dos envidraçados. As fachadas são definidas pela sua horizontalidade, adquirida pela inserção ritmada e regular de duas filas de janelas quadradas ao longo do edifício. A fachada Sul, que comporta uma das entradas, é recuada e reentrante, alinhando-se com a fachada da Faculdade de Direito. Na fachada contígua, a Este, existe outra entrada, que se salienta através de um corpo cilíndrico que a coroa.<sup>56</sup>

No tema das escolas, Manuel Tainha manteve sempre uma resposta flexível que ia

55 A cidade Universitária de Lisboa é uma das últimas realizações do Estado Novo, construída durante os anos 50, segundo um plano de conjunto de Faria da Costa, onde estão implantados três edifícios de Pardal Monteiro que dominam a imagem geral da alameda.

56 ALMEIDA, Rogério Vieira de – [*op. cit.*]. p.25



- 87. Hotel Pestana Palace - novo corpo dos quartos.
- 88. Hotel Pestana Palace - percurso de ligação.
- 89. Complexo das Agências Europeias, Cais do Sodré.
- 90. Sala dos Actos, EMSA.





ao encontro das suas preocupações para com a organização do espaço interno de acordo com o crescimento do próprio edifício. Sentia a necessidade de criar um princípio de organização que permitisse as condições para a sua possível ampliação sem modificar a sua estrutura.<sup>57</sup>

#### HOTEL PESTANA PALACE (P.1996, C.2001)

O palácio Vale-Flor situa-se no alto de Santo Amaro e foi mandado construir pelo Marquês de Vale-Flor ao arquitecto italiano Nicola Bigaglia na primeira década do século XX, traduzindo ainda o estilo eclético do século XIX. Posteriormente, o edifício, de planta centralizada organizada em torno de um pátio, sofreu alterações do arquitecto José Ferreira da Costa em colaboração com Ventura Terra.

No ano de 1992 o palácio é adquirido pelo Grupo Pestana com o intuito de o transformar numa unidade hoteleira com 240 quartos, segundo projecto de requalificação e ampliação do arquitecto Manuel Tainha. O novo projecto conservou as características originais da antiga construção e permitiu a construção de duas novas alas destinadas a quartos e suites, a nascente e a poente do jardim. Em 1997 é classificado como Monumento Nacional.<sup>58</sup>

#### COMPLEXO DAS AGÊNCIAS EUROPEIAS DO CAIS DO SODRÉ (P.2005, C.2008)

O Observatório Europeu das Drogas e Toxicoddependência (EMCDDA) e a sede da Agência Europeia de Segurança Marítima (EMSA) formam um espaço multicultural cujo objectivo é assistir os estados membros da União Europeia em matéria de toxicoddependência e de segurança marítima. Os edifícios instalam-se discretamente entre o Terreiro do Paço e o Cais do Sodré e desenvolvem-se tendo em conta a exigência e a funcionalidade dos espaços internos e a implantação perpendicular ao rio Tejo, na primeira linha de água.

A construção assenta numa organização espacial que garante o usufruto da paisagem a partir da envolvente, criando uma pequena praça aberta ao rio, rematada pelo Palacete do Relógio, também ele reabilitado. A opção de

57 RIBEIRO, Rogério (coord.) – [op. cit.]. p.37

58 IGESPAR – *Pesquisa de Património, Palácio Vale Flor*.



91. Praça delimitada pelo conjunto de edifícios.

92. Edifício da EMSA - relação com o Tejo.

93. Escadaria central, EMSA.



implantar os edifícios perpendicularmente ao rio, ocultando a paisagem na menor dimensão do edifício – a sua largura, prende-se com a valorização da vista entre a colina do Chiado, o Tejo e a outra margem. Com esta disposição, o arquitecto conseguiu que todos os gabinetes tivessem luz natural e acesso à paisagem predominante sobre o rio.

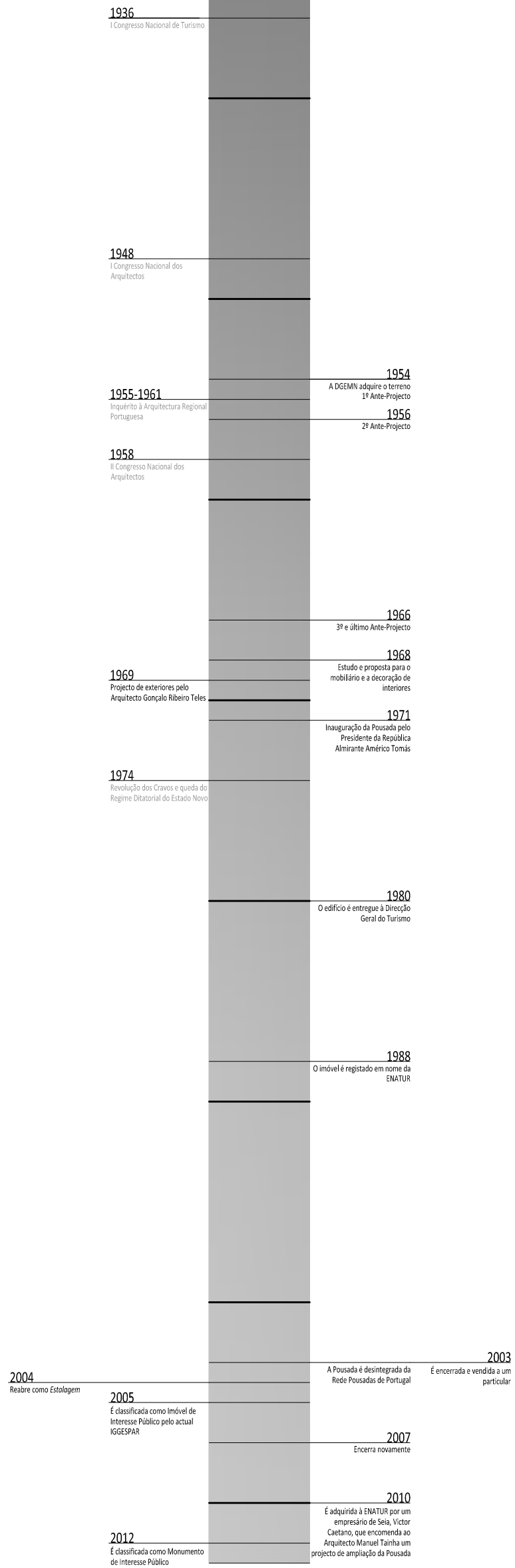
O edifício da EMSA é lido como um plano contínuo que segue uma ordem que pontualmente é subvertida, caso da janela saída do terceiro piso que corrompe a ordem rítmica das aberturas existentes nas fachadas. Segundo Manuel Tainha *a excepção confirma a regra, (...) quer dizer, excita a leitura da regra*<sup>59</sup>. O seu exterior assume um carácter contido e discreto que contrasta com a riqueza espacial e a fluidez dos espaços internos. O miolo do edifício é ocupado por uma grande escadaria que liga todos os pisos sucessivamente, permitido que os gabinetes se distribuam na periferia pelas galerias.

O edifício do EMCDDA assume uma composição mais contida que se desenvolve a partir de um embasamento de pedra com uma fachada envidraçada e duas expressivas palas inclinadas que cobrem todo o alçado.

59 In RIBEIRO, Elisabete – *Espaços&Casas nº110 Arq. Manuel Tainha*.



Pousada de Santa Bárbara







## POUSADA DE SANTA BÁRBARA

### UMA OBRA DE INÍCIO DE VIDA

A Pousada de Santa Bárbara faz parte de um conjunto de projectos hoteleiros inseridos no tema das *Pousadas Regionais* da 2ª série de pousadas encomendadas, em 1954, pela DGEMN.<sup>1</sup> Este ciclo de construção foi a oportunidade da nova geração de arquitectos, saídos do Congresso de 48, ensaiar uma crítica aos valores da Casa Portuguesa, segundo a nova realidade revelada pelo Inquérito. Esta obra destaca-se pelo papel seminal que desempenhou na evolução de Manuel Tainha como arquitecto, não só por ser uma das suas primeiras obras, mas também por ter permanecido dez anos em estado de projecto<sup>2</sup>, sendo apenas inaugurada no ano de 1971 pelo então Presidente da República – Américo Tomás.<sup>3</sup>

Os dezasseis anos que distanciaram a encomenda da construção permitiram que esta obra estabelecesse uma síntese entre si própria e os caminhos percorridos pela arquitectura portuguesa. A Pousada de Oliveira do Hospital substancia a reconciliação entre a linguagem da modernidade e o valor das tradições, assinalando o despertar de um arquitecto crítico e pioneiro da arquitectura moderna portuguesa. Com esta obra, Manuel Tainha esclarece a sua postura

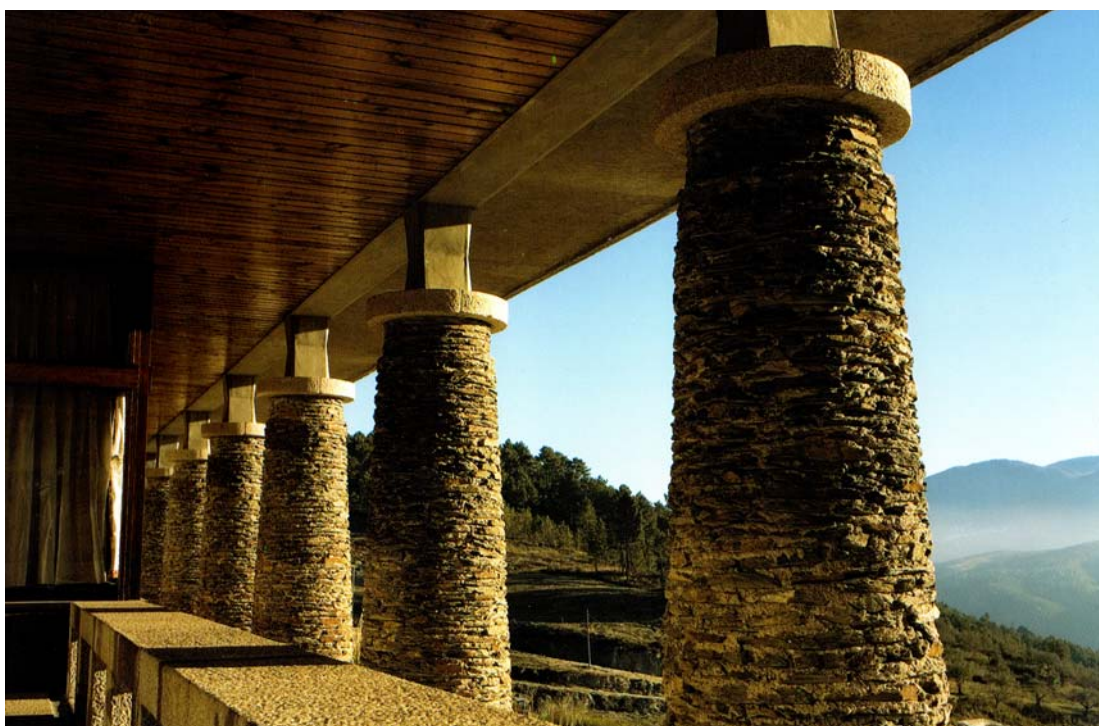
1 PEREIRA, Alexandre Marques – *Manuel Tainha* [op. cit.]. p.30

2 Quando Manuel Tainha entrega, em 1957, a primeira versão do projecto, António Salazar emitiu o seu parecer negativo, o que levou o arquitecto a repensar o projecto inicial, atrasando a sua conclusão por mais de uma década.

3 ALMEIDA, Rogério Vieira de – [op. cit.]. p.23

94. Entrada da Pousada de Santa Bárbara.

95. Teoria de colunas a sudeste.



face aos diversos paradigmas da cultura arquitectónica em Portugal, assumindo um projecto revolucionário que iria alterar os caminhos da modernidade no nosso país.

A assumida reciprocidade existente entre a arquitectura, o homem e a paisagem reflectida na arquitectura popular<sup>4</sup>, levaram Tainha a repensar a herança fornecida pelas vanguardas internacionais. Opta então por uma simplicidade orgânica perceptível na exploração do espaço e centrada na relação com a paisagem envolvente, na clareza funcional da articulação subtil dos volumes e da geometria, na dimensão e na escala muito doméstica, na combinação de novas e tradicionais tecnológicas e materiais locais e no forte sentido de espacialidade interna aliada à deambulação feita em torno do pátio interno. Projectada num período de charneira, a Pousada caminhou ao encontro de uma fusão de opostos, onde a arquitectura portuguesa confrontava conceitos tão díspares como o rural e o urbano, o natural e o artificial, a unidade e o fragmento, o local e o global. Desta colisão derivou um caminho alternativo apelidado pela crítica de *culturalista*. Por não ser seguidora da arquitectura internacional, mas por ensaiar uma linguagem própria comparável com os melhores exemplos da arquitectura espontânea da região, a Pousada distingue-se por individualizar a arquitectura portuguesa do século XX.

#### PROCESSO

*Segundo o arquitecto, não se encontraria melhor sítio para uma pousada do que aquele, na Póvoa das Quartas, meio caminho andado entre Coimbra e Guarda (...) a mim coube-me fazer daquele sítio rude e agreste um lugar habitável em louvor da paisagem<sup>5</sup>.*

A Pousada de Santa Bárbara localiza-se nas proximidades de Oliveira do Hospital, junto à Póvoa das Quartas, na conhecida Estrada da Beira. Este percurso destaca-se na região por fazer a ligação entre as duas capitais de distrito – Coimbra e Guarda, e as duas capitais de concelho – Oliveira do Hospital e

4 Torna-se importante lembrar que, por esta altura, decorria o *Inquérito* e, simultaneamente, arquitectos como Fernando Távora ou Álvaro Siza, tinham entre mãos projectos desenvolvidos segundo uma síntese entre sítio e construção, a partir da valorização e do diálogo com o envolvente, como o mercado de Vila da Feira (1953/59), o pavilhão de ténis da Quinta da Conceição (1957/58) ou a Casa de Chá da Boa Nova (p.1956/58, c. 1960/63).

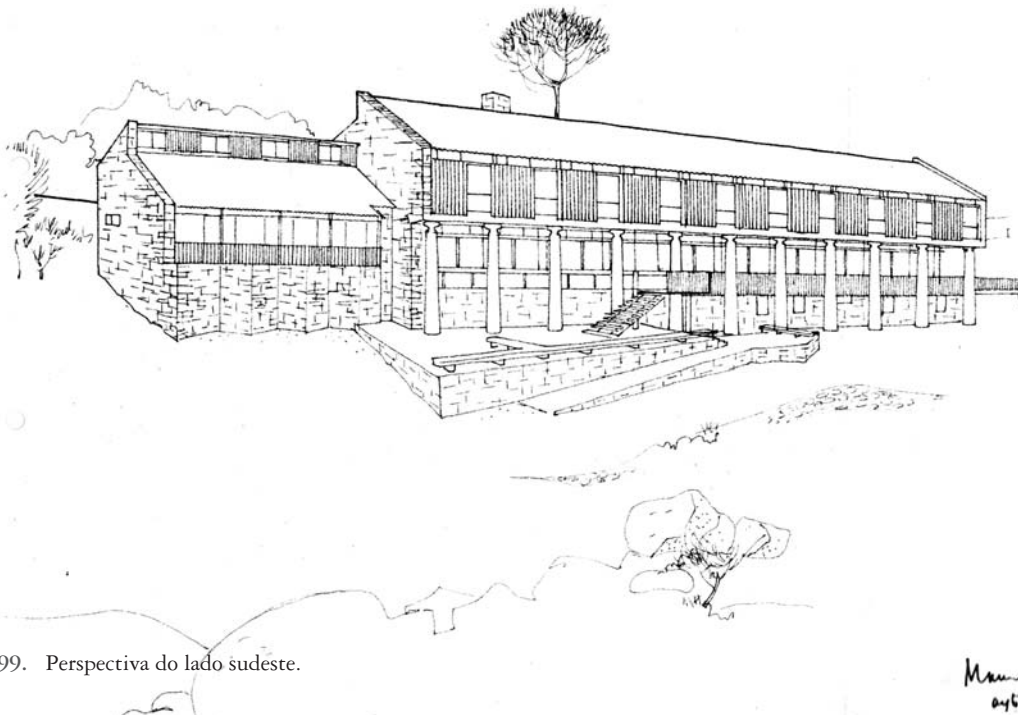
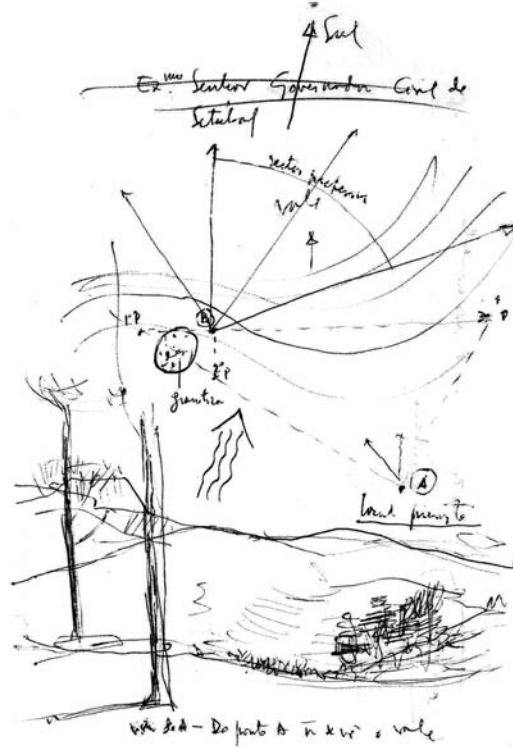
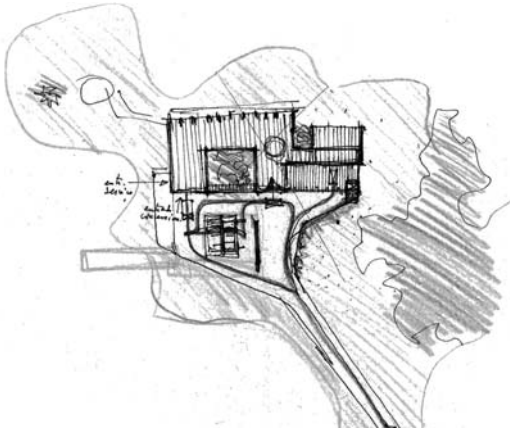
5 TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha - Projectos/Projects* [op. cit.], p.45



96. Planta de implantação.

97. Percurso de entrada.

98. Pontos de vista para a paisagem.



99. Perspectiva do lado sudeste.

Mauricio M.T.  
04/6 21.1

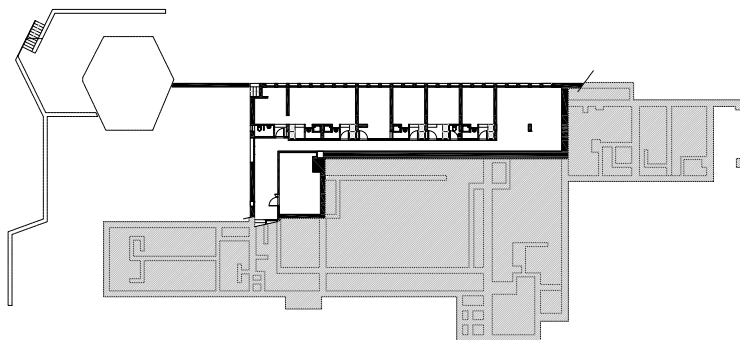
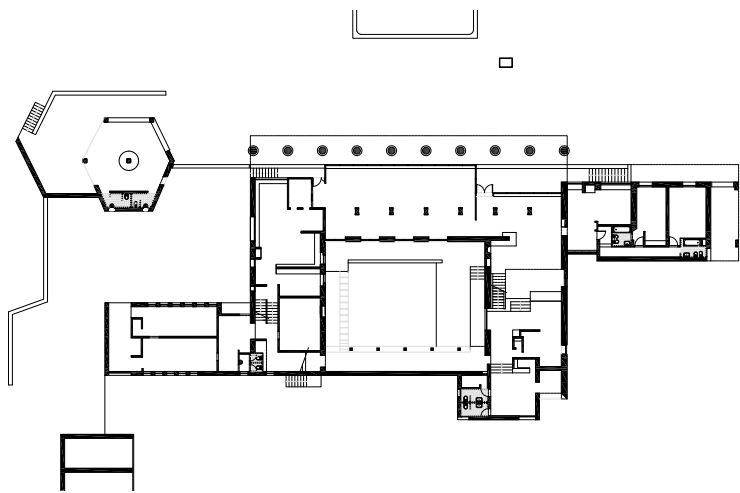
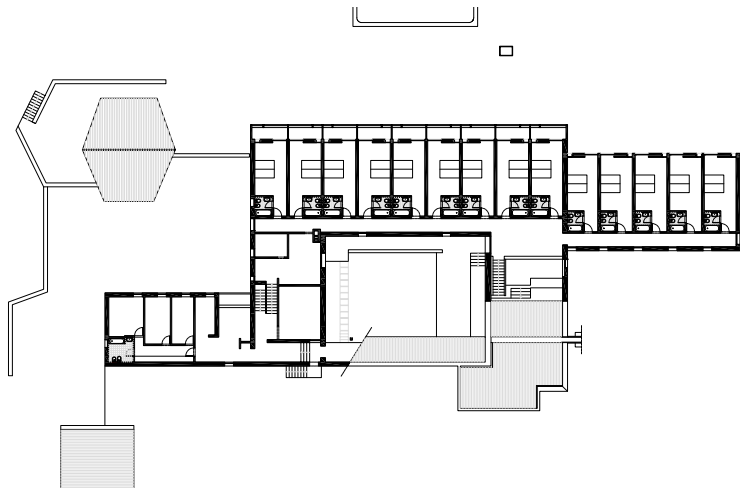
Seia que, na época, era considerada uma das principais saídas para Espanha e para o resto da Europa. O terreno escolhido pela DGEMN é delimitado pela EN 17 a norte e apresenta um acentuado declive no sentido sul, voltado para o Vale do Alva, o que permitiu uma implantação com excelente orientação solar e ampla exposição panorâmica para a Serra da Estrela. Segundo a Memória Descritiva, o projecto navegou entre dois conceitos arquitectónicos primitivos e de sentido contrário - o fechado e o aberto. O primeiro realiza o sentido de interioridade associado ao espaço de acolhimento e de abrigo que a Pousada deveria oferecer ao viajante, e o segundo comporta as qualidades ambientais próprias da Serra da Estrela.

Decorridos dois ante-projectos até se encontrar um desenho que satisfizesse os requisitos oficiais, o arquitecto elabora, em 1956, o primeiro volume das peças de projecto para a Pousada de Oliveira do Hospital<sup>6</sup>, onde fixava, em definitivo, a solução arquitectónica do edifício. Definia então o desenvolvimento planimétrico do conjunto em circuito fechado em torno do pátio, a organização altimétrica do edifício de acordo com o declive do terreno, a entrada e a zona de recepção num nível intermédio, uma orientação única e igual para todos os quartos – a sudeste, a continuidade horizontal entre a sala de refeições e a cozinha e a utilização extensiva do granito e outros materiais de uso comum na região, como a madeira e a telha. Acrescentam-se, ainda, algumas alterações, tais como a transferência da residência do concessionário para um local de maior independência em relação à vida da pousada; a integração dos serviços de lavandaria no corpo do edifício, tendo em conta a sua relativa independência e a necessária continuidade com o exterior; a redução a um único nível de todos os quartos de hóspedes de forma a facilitar o serviço de assistência e, por último, a criação de uma zona de estacionamento de automóveis junto à entrada em regime livre.<sup>7</sup>

Da implantação em encosta resultaram três pisos, em que o piso inferior se destina exclusivamente ao pessoal e às infra-estruturas, onde se situam a casa das caldeiras para o aquecimento das águas e do ambiente, uma arrecadação e os aposentos do pessoal, constituídos por quartos femininos e masculinos e uma sala de convívio. No piso da entrada dispõem-se as áreas sociais do programa

6 TAINHA, Manuel – *Primeiro volume das peças de projecto*.

7 *Ibid.* p.2



100. Planta do piso 1.

101. Planta do piso 0.



102. Planta do piso -1.



e, excepcionalmente, dois quartos com carácter de alojamento independente, associados à sala de música, pensados para serem construídos numa segunda fase da obra. A zona comum desenvolve-se a uma cota inferior em relação ao vestíbulo de entrada e desenvolve-se em dois espaços distintos, a sala de estar, mais recolhida, que se relaciona com o bar, e a sala de jantar, aberta para a paisagem através do envidraçado distribuído a todo o comprimento. A sala de estar prolonga-se para a varanda exterior, onde as colunas suportam o piso superior dos quartos e permitem dar profundidade ao alçado, garantindo-lhe uma área de sombra. Em continuidade com a sala de jantar localiza-se a cozinha, que se relaciona com a dispensa e as zonas do tratamento de roupa. A uma cota intermédia e com acesso autónomo, encontram-se os aposentos do concessionário, constituídos por três quartos, sala de estar e escritório. No último piso existem os quartos de hóspedes, todos voltados a sudeste, para o mesmo cenário das salas comuns - nove por cima das salas de estar e de jantar e cinco no volume da sala de música. A desmultiplicação em dois sectores desfasados na zona da distribuição vertical permite quebrar a monotonia dos corredores e dos próprios alçados, suavizando a escala e a extensão dos volumes através de uma dinâmica de avanços e recuos. Dos catorze, nove estão equipados com varandas próprias e todos possuem casas de banho. Na zona mais a nascente existe uma copa e uma área de preparação e arrecadação de roupas e material de limpeza, servida por uma escadaria de serviço e um monta-pratos que a liga à zona da cozinha, no piso inferior. No exterior, do lado nascente, existe uma eira coberta destinada a refeições, pelo que tem acesso próprio e se localiza perto da sala de jantar.

A estrutura do edifício resolve-se num sistema de transmissão vertical de cargas e o seu posicionamento resulta directamente da qualidade dos espaços internos, permitindo, de acordo com o caso, a limitação ou ilimitação do espaço, tensões e passagens.<sup>8</sup> As lages dos pavimentos são contínuas, com excepção da zona dos quartos onde se tornam estática e materialmente descontínuas, de modo a evitar a transmissão vibratória de peça para peça. O sistema estrutural varia entre uma primeira solução, de vigas e lages que transmitem horizontalmente as cargas sobre uma linha periférica contínua, e uma outra solução, que, quando a viga excede os seis metros, cria um ponto central

8 *Ibid.* p.3

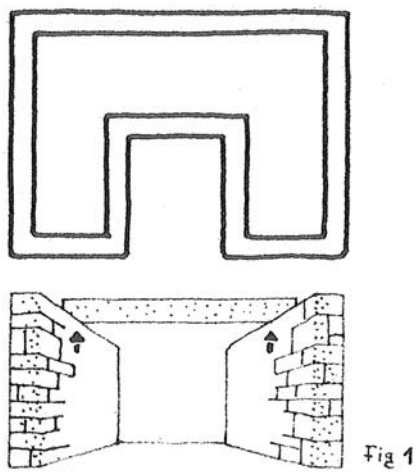


Fig 1

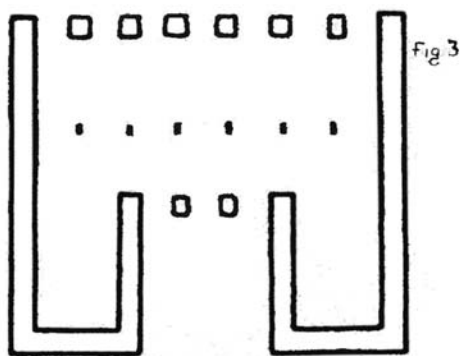
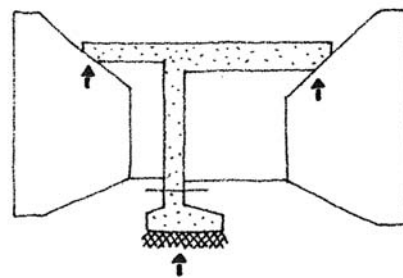
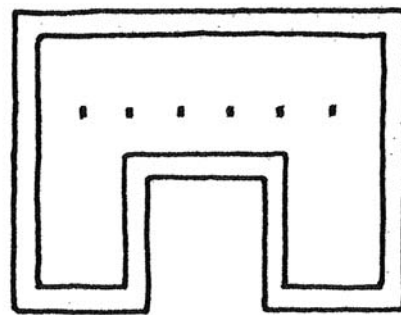


Fig 3

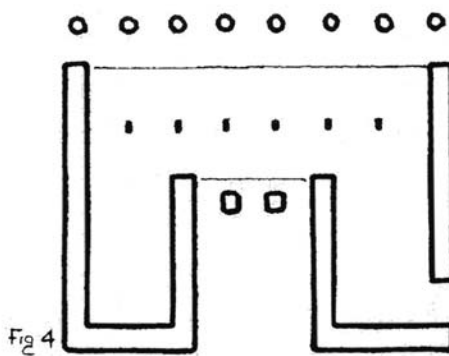
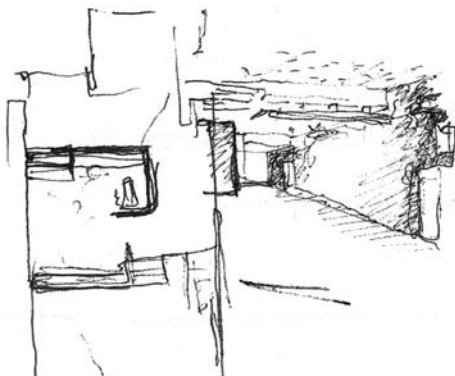
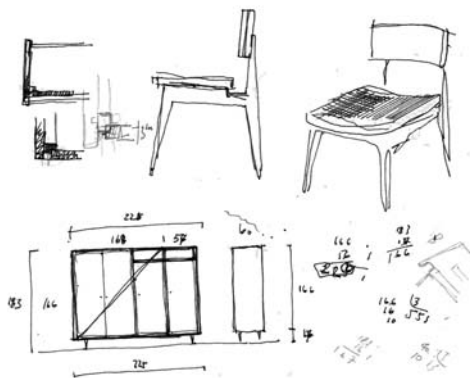


Fig 4



103. Sistema estrutural do edifício.

104. Estudo de interiores.



105. Estudo de mobiliário.

de apoio que gera uma figura porticada em T com três pontos de apoio, um no solo e dois laterais. Manuel Tainha considera que a linha periférica de apoio é, inicialmente, uma parede contínua que tende a desenhar-se à medida que se criam aberturas, até ao limite da sua conversão em pilar. Este processo evolutivo de aberturas decorre de três modalidades de organização: por perfuração, por rotura e por redução.<sup>9</sup>

A primeira resume-se à habitual forma de abertura de vãos aliada ao poder da tracção do granito que, neste caso, se afasta das regulares técnicas de fenestração que se baseiam na modulação ou na correspondência vertical, uma vez que, segundo o arquitecto, o seu conteúdo regulador impõe uma única configuração do ponto de vista plástico, mecânico e elástico. Antes, numa aproximação às práticas rurais, optou-se por uma noção orgânica de parede que compreende renovadas e ilimitadas disposições de aberturas, mais adaptáveis às necessidades do espaço interno.

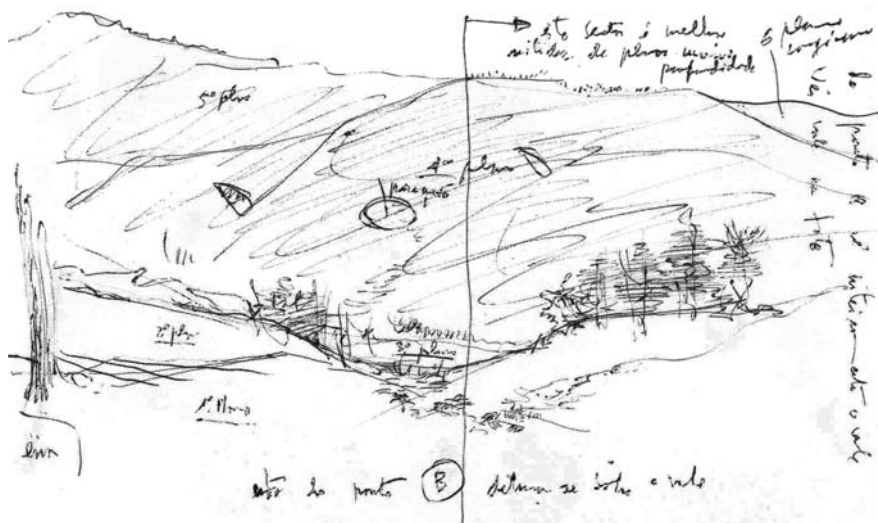
A segunda opção permite, a partir da interrupção da massa, desenhar aberturas verticais a toda a altura da parede, conseguindo, simultaneamente, que as massas mantenham entre si uma continuidade estática decorrente da resistência dos elementos horizontais.

A terceira constitui a etapa limite de composição, onde já não nos podemos referir a parede mas sim a pilar, pois apresenta-se como um elemento estático em que as forças deixam de actuar segundo um plano para actuar segundo uma ou várias linhas. Este tipo de aberturas pretende qualificar os respectivos espaços internos quando as necessidades panorâmicas e a economia de meios determinam um máximo de vão. Aqui a parede, agora de vidro, liberta-se da dependência aos elementos estruturais para cumprir finalidades estéticas e visuais, servindo-se do pórtico para ganhar toda a frente do alçado.<sup>10</sup>

O sentimento de grandeza e austeridade despertado pelo lugar inspirou todo o desenho do edifício e a escolha dos materiais, comunicando-se, por sua vez, aos interiores, ao mobiliário e ao equipamento fixo da Pousada, desenhado pelo próprio arquitecto, em colaboração com o arquitecto Fernando Bagulho, onde são predominantes a madeira, a pedra, a pele, o cobre, o espelho e a lã.





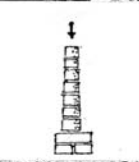




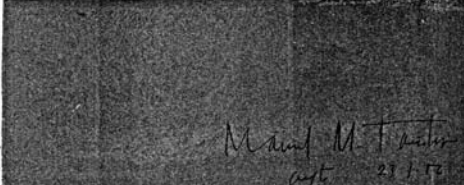
<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> *Ibid.* p.5



106. Vista da Pousada - diversos planos.

107. Estudo de materiais e técnicas locais.

LOCAL	<p>Na Povoas das Quartas, a 7 km. de Oliveira do Hospital. Abertura panorâmica para os quadrantes a sudeste e a sudoeste, segundo uma amplitude de 180 graus. Local de encosta para sul e acesso cómoda desde a Estrada.</p>	  
TECNICAS LOCAIS	<p>Estruturação mixta-linear e por pontos; a 1ª de alvenaria granítica com paramentos vistos. a 2ª de cantaria e de betão armado. Todos os b.a. apresentam a paramento de descobr gem, afim de obterem com o decurso do tempo uma tonalidade aparentada com a do granito. Pavimentos de b.a. seccionados.</p>	  
MATERIAIS	<p>Granito, madeira, telha cerâmica, tijolo e betão armado. Protecção das madeiras pelo processo de impregnação em autoclave, (tanalisadas). Betão armado com elementos de granito britado,</p>	  
DIVERSOS	<p>Agua canalizada a 7.500 ms. (Oliveira do Hospital); nascentes (2) a 24 e 40 ms. da Pousada. Electricidade a 3.500 ms.; telefone a 2.500ms. (Quausca da Beira);</p>	 <p>Maria M. T. Costa 21.1.57</p>

Os detalhes do interior, como o espelho, a sinalética ou outros elementos mais simples de uso diário (como os porta-chaves), são o resultado da estreita relação entre toda a estrutura e a decoração. Este conceito de ambiente global permite também que diversas obras de arte contemporâneas complementem o enredo arquitectónico através da sua coerência e intencionalidade, caso das tapeçarias de João Abel Manta colocadas estrategicamente na sala de estar. A concepção do mobiliário e o estudo da decoração de forma integradora tornam-se uma parte relevante de toda a qualidade e identidade do espaço.

### REINTERPRETAÇÃO DA OBRA

*Na verdade, o ciclo criativo do arquitecto só se esgota na observação comentada (crítica) dos objectos construídos e em uso: esta é a sua prova de fogo. A obra só está acabada quando habitada por pessoas, que no seu uso a interpretam de diferentes modos.<sup>11</sup>*

Embora dissimulada pela sua aparente maturidade, a Pousada de Santa Bárbara é representativa de uma fase inicial da profissão de Manuel Tainha. Ao estudarmos esta obra vamos desvendando aos poucos todas as questões e preocupações iminentes no arquitecto, desde a relação entre o interior e o exterior, a implantação na encosta com pendente elevada, a abertura sobre a paisagem, as questões do acesso e a integração com o local, a relação entre as partes que compõem o todo, o dramatismo das variações de escala, a procura dos mistérios da luz ou, embora sublimemente, a abordagem à arquitectura clássica, presente no pórtico sobre a paisagem, à maneira dos templos da Grécia antiga ou do Altes Museum de Schinkel.

Só compreendemos as verdadeiras razões e motivações da sua génese e do seu desenvolvimento depois de visitarmos a obra e sentirmos como o edifício recria o lugar, marcado essencialmente pela carga paisagística e pelo respeito entre o homem e a natureza. Para estruturar a reinterpretação da obra é aqui proposta uma separação em sete temas preponderantes na abordagem: paisagem, topografia, volumetria, percursos, relação interior/exterior, espacialidade e materialidade.

11 TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão* [op. cit.]. p.74



108. Panorâmica da paisagem - Serra da Estrela e Vale do Alva.

109. Pórtico sobre a paisagem.





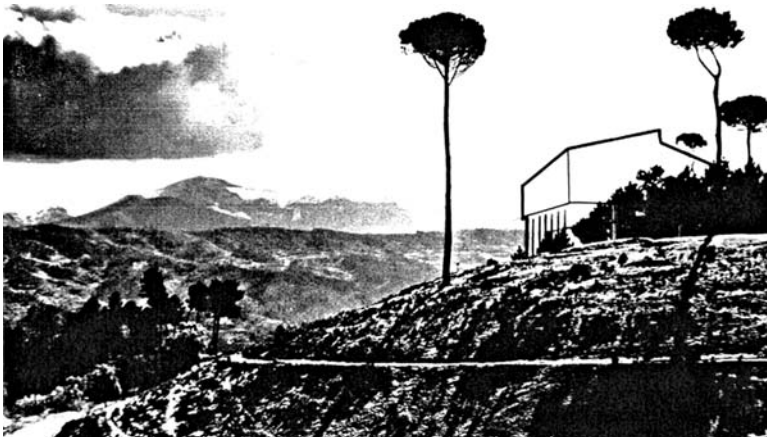
## PAISAGEM

*Seguindo por este caminho chego a outra “estação” da Cultura: a Paisagem. A Paisagem interpreto-a eu, não como mundo de contemplação, mas pelo contrário como espaço percorrável, origem e produto da actividade sensível, subjectiva, prática do homem. (...) Entre mim e o mundo natural – a Natureza – interpõe-se um universo de artefactos, em cujo primeiro plano figura esse secular, fraterno e quantas vezes odioso artefacto que é a Paisagem.*<sup>12</sup>

A paisagem que nos é oferecida pela Pousada de Santa Bárbara, pela sua vastidão, não tem nenhum ponto de focagem particular – está apenas presente. Essa paisagem oferece-nos uma leitura muito abrangente do território e é sobretudo natural, propícia a uma situação contemplativa adequada ao olhar do hóspede. Tainha estabelece a relação da Pousada com a Serra da Estrela e o Vale do Alva como o elemento estruturante de todo o projecto. A relação directa do projecto com o território fundamenta-se na inserção com a envolvente, onde a vista e o contacto com a topografia são o mote para o arquitecto direccionar todas as divisões principais para a paisagem, utilizando as aberturas como ensaio para as suas preocupações de como filtrar a transição entre o interior e o exterior. São as colunas, dominantes da varanda corrida que nos abriga com o seu moderado pé-direito, que fazem a mediação entre as salas comuns e a paisagem, uma vez que são o primeiro elemento a ser observado antes da paisagem conquistar o interior do edifício.

Existe uma grande subtilidade na maneira como o arquitecto dá ênfase à aproximação ao edifício por parte do utilizador, cuidadosamente concretizada através de uma transição progressiva de contacto com a paisagem do exterior até ao interior. O espelho, colocado estrategicamente no percurso de saída do edifício, é mais um exemplo de como toda a estrutura espacial do edifício depende do contacto, mesmo que indirecto, com a paisagem, sempre presente. No momento em que a deixamos de vislumbrar para sairmos do edifício, Manuel Tainha devolve-nos a paisagem num reflexo que podemos guardar e levar connosco para casa.

<sup>12</sup> *Ibid.* p.137

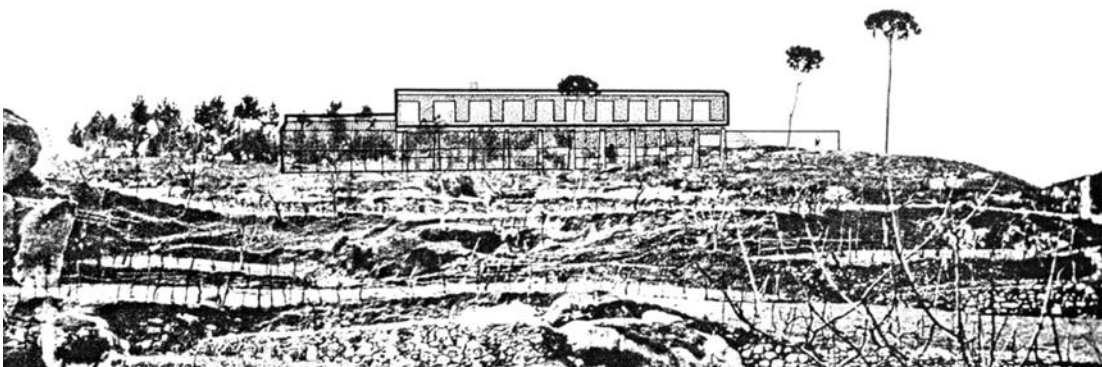


110. Desenho sobre fotografia -  
vista este.

111. Desenho sobre fotografia -  
vista noroeste.

112. Desenho sobre fotografia -  
alçado sudeste.

113. Perfil - Pousada, rio Alva,  
Serra do Colcurinho.



Porém, através do pátio interno, o arquitecto declara a negação da paisagem apostando numa *composição segundo um princípio de oposição dialéctica entre a paisagem e a não paisagem, do estar virado para a paisagem e virar-lhe as costas, como uma forma inclusivamente de a valorizar, de a gozar (...), [pois é] saindo para o exterior que se goza a paisagem. A paisagem não é pura imagem, é um espaço percorrível.*<sup>13</sup>

#### TOPOGRAFIA

A Pousada de Santa Bárbara insere-se num ponto elevado de uma encosta de acentuado declive, voltada para uma paisagem aberta. O arquitecto lida com a topografia existente de um modo bastante directo e intuitivo, procurando manter a configuração do terreno original. Apesar de uma certa pureza volumétrica, Tainha insere a Pousada no terreno, criando a impressão de que a obra nasce da topografia e faz parte dela, pousando-a no chão sem fazer grandes transformações no terreno. O volume surge paralelo às curvas de nível, exibindo o seu maior alçado para a paisagem.

Manuel Tainha aproveita a inclinação topográfica para desenvolver o edifício segundo o método do corte, o que favorece a combinação de um único piso do lado da chegada com dois pisos voltados para a paisagem. A visão dominante do conjunto, de volumes baixos e espriados em torno do pátio oferece uma disposição contemplativa para o exterior nos principais espaços internos – quartos e salas comuns.

A questão do tratamento topográfico e inserção do edifício no terreno viria a tornar-se num dos aspectos contínuos na obra do arquitecto, uma vez que lhe permite trabalhar a continuidade e a relação entre o interior e o exterior dos seus edifícios, ajudando-os a dissolverem-se no contacto com o solo.

#### VOLUMETRIA

O conjunto da Pousada de Santa Bárbara deriva de uma conjugação de volumes paralelepípedicos estruturados segundo um esquema ortogonal. Apesar da

13 TAINHA, Manuel In RIBEIRO, Rogério (coord.) – *Manuel Tainha, arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura* [op. cit.]. p.36





114. Moldura sobre a paisagem.

115. Pormenor da caleira.

116. Percurso exterior a partir da eira.

solidez da construção, o edifício parece surgir directamente do terreno, resultado transmitido pela sua escala doméstica. Porém, toda a composição se torna mais leve e delicada no alçado aberto para o Vale do Alva, efeito dado pelas colunas que suportam o último piso.

Um aspecto interessante da obra é a dualidade formal que transmite, pois, embora seja feita por adição de vários volumes, consegue, simultaneamente, dar a percepção de massa sólida. O conjunto resulta numa composição escultórica que revela a artisticidade da obra de Manuel Tainha. O granito, talhado e executado com extrema precisão, acentua a imagem de um bloco maciço, o que lhe permite dar uma continuidade entre todas as superfícies do edifício e a envolvente. A aparência exterior dos alçados deriva de diversas subtracções de vazios no volume compacto, em função das necessidades internas.

Denunciando um compromisso que concilia uma expressão estrutural de sentido purista e uma articulação volumétrica e espacial que nos remete para princípios organicistas, Tainha recorre a uma planta algo rígida que se adapta ao terreno através de uma sucessão fluida de espaços e percursos segundo variações de pavimentos e pés-direitos.

A imagem de serenidade atingida na Pousada é o resultado da conjugação entre a austeridade da composição volumétrica e a paradoxal maleabilidade espacial, que juntas constroem um percurso de tensões. Tainha *explora as fronteiras entre «binários» como dentro/fora, recolhimento/extroversão ou luz/sombra, (...) [criando] situações de grande riqueza espacial, numa sequência de momentos que permite diferentes perspectivas sobre os espaços.*<sup>14</sup>

## PERCURSOS

A questão dos acessos é um tema de relevância na Pousada de Santa Bárbara, uma vez que, logo no percurso de acesso, é dedicada uma enorme atenção à relação entre indivíduo, construção e envolvente. Percebe-se que a intenção do arquitecto foi utilizar os percursos para dar uma percepção faseada da Pousada e de destacar o terreno e a paisagem em seu redor.

O acesso que liga a EN 17 à Pousada é um percurso curvilíneo que nos oferece uma percepção lenta, tanto da paisagem como do edifício, segundo uma

<sup>14</sup> LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal*. p.86



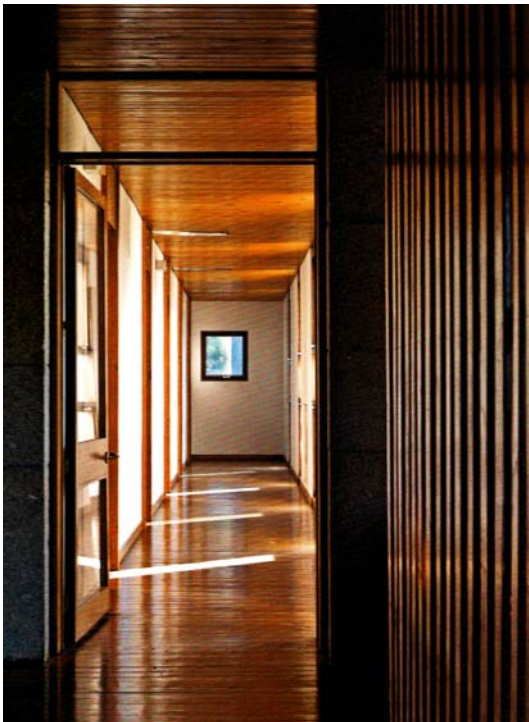
117. Escadaria de acesso ao piso superior.

118. Zona de distribuição dos quartos.

119. Corredor de circulação dos quartos.

120. Sala de jantar - abertura sobre a paisagem.

121. Átrio de entrada - mezzanine.





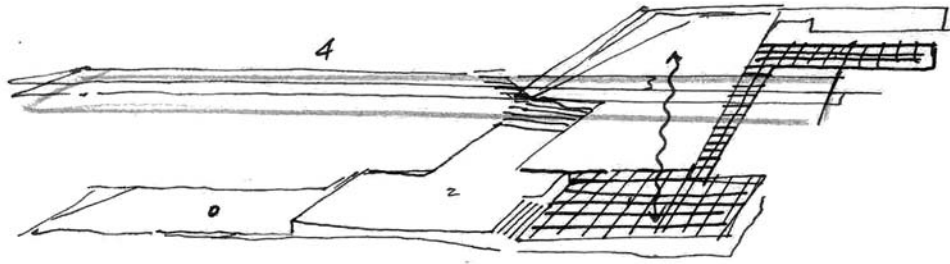
aproximação progressiva. O caminho é lateral à propriedade e conduz-nos até à entrada discreta do edifício no piso intermédio. Aqui, Tainha invoca no visitante a consciência da paisagem que está a visitar através do contraste entre o percurso encerrado na sombra da vegetação e a abertura para a paisagem revelada numa moldura que se abre no maciço granítico.

No interior, o percurso gerado pelo desenvolvimento do projecto segundo o método do corte, muito comum nas obras de Tainha, estrutura-se a partir de uma sequência de espaços acolhedores na escala e na materialidade que nos conduzem a espaços onde a paisagem predomina. Na sala de estar, após uma primeira sucessão de acontecimentos arquitectónicos coroados pelos intensos jogos de luz e dos materiais, *o nosso olhar é devolvido ao exterior ao encontro do pátio, [filtro espacial e] centro de toda a composição*<sup>15</sup>, cuja relação entre o ponto de chegada e os espaços de revelação panorâmica tornam a presença do vale e da serra mais expressiva. A simplicidade da distribuição planimétrica contrapõem-se à complexidade do trabalho em corte onde o pavimento se desmultiplica em diversos planos e o tecto é propositadamente inclinado a favor da paisagem.

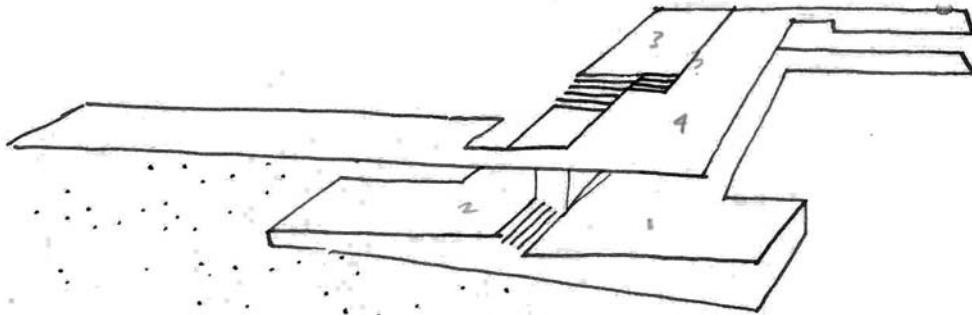
#### INTERIOR/EXTERIOR

Na sala de estar existe um efeito de contenção entre o interior e o exterior que cria um espaço ambíguo, gerado pela interioridade do pátio, de um lado, e pela exposição do envidraçado no alçado sudeste, do outro. Com o avançar do piso superior dos quartos, Tainha utiliza as colunas para suportar o volume que fica suspenso e, com o prolongamento do tecto do interior para o exterior, procura anular a presença da janela composta por delicados caixilhos de madeira. Deste modo, apesar de eliminar esta parede da sala e expô-la à paisagem, garante a protecção solar do espaço interno, filtrando a exposição gerada por esta grande abertura. Este efeito anula ao máximo a transição entre o ambiente interior e exterior e protege o contacto directo com os elementos. Todos os espaços principais do edifício são caracterizados por um sistema semelhante, é o caso do espaço de protecção das restantes salas comuns e, no piso superior, as varandas dos quartos bastante fechadas com *brise-soleils*. As

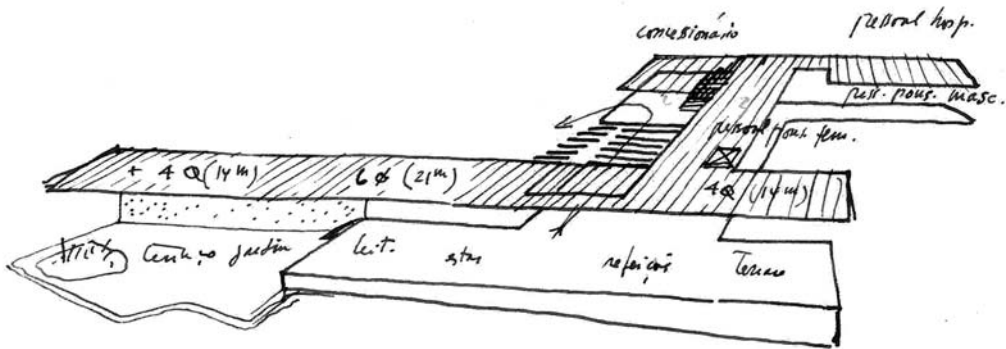
15 *Ibid.* p.86



Esquema 1



Esquema 2



Esquema 3

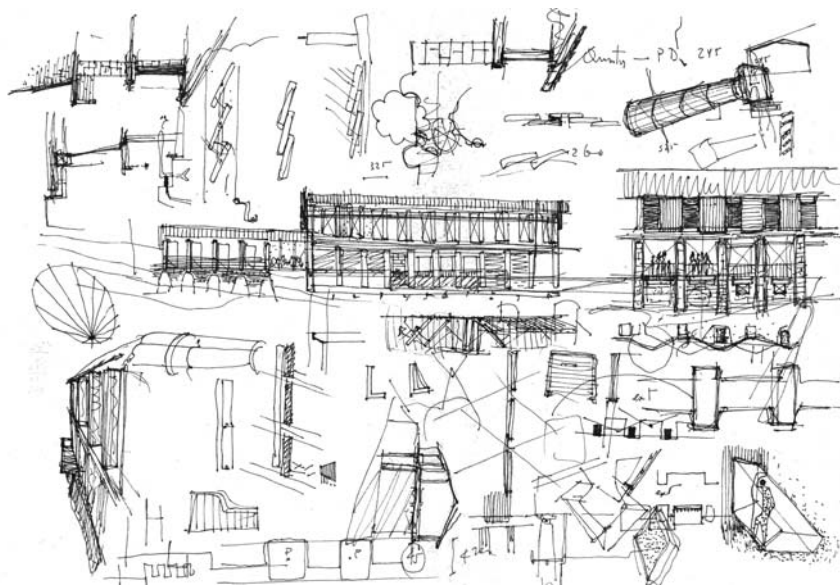
restantes aberturas, desenhadas por subtracção de vazios na massa granítica compacta, são janelas relativamente simples que Tainha usa naturalmente para iluminar e ventilar as restantes divisões, mas também para revelar pequenos apontamentos do exterior.

## ESPACIALIDADE

A organização interna é feita segundo uma hierarquização de espaços divididos programaticamente em diferentes alas e pisos, separando as áreas privadas das zonas sociais e dos serviços. O piso de entrada é, na zona mais a sul, destinado às funções sociais do hóspede e, na área a norte, destinado aos serviços de apoio. Aqui encontra-se uma escadaria de serviço que faz a ligação entre todos os pisos, permitindo que todas as funções de serviço se centralizem nesta ala. No piso superior encontram-se os quartos distribuídos por duas alas contíguas, a sudeste, que comunicam com a área social do piso inferior através da escadaria em madeira. Já o piso -1 é inteiramente destinado ao pessoal e às infra-estruturas.

A qualidade espacial da Pousada deriva da interacção com o ambiente envolvente, bem visível nos espaços sociais que se expandem para o exterior. A riqueza espacial é mais predominante nos espaços comuns, destinando para a zona dos quartos, uma estruturação mais simples e contida. A geometria e a dimensão das áreas comuns permitem conquistar imensas variáveis, que alternam entre peças centrais escultóricas, que centralizam o espaço – é o caso da lareira e do banco na sala de estar; passando por zonas de pé direito duplo, que dão continuidade entre os dois pisos da pousada – o *mezzanine* do bar; até ao pormenor do espelho que, no percurso de saída do hóspede, permite que este esteja novamente em contacto com a paisagem que lhe fica nas costas, ampliando simultaneamente a dimensão do espaço.

Espaços com distintas funções sucedem-se uns após outros, como resultado de uma inteligente dinâmica de planos que se apropriam da pendente do terreno e cujo tratamento se prende com valores de sombra e luz. Tainha dá uma grande flexibilidade ao espaço interno através da permeabilidade de circulação nos espaços centrais e da variedade de pontos de acesso às diferentes áreas. Surgem assim espaços intersticiais que filtram e protegem os grandes envidraçados, criando zonas que fazem a intermediação entre o interior e o exterior.



mate- riais	FUNÇÕES CONSTITUTIVAS				
	estrutura	divisão de espaço	obstrução dos vãos	revestimento e acabamento	ligação
pedra	alvenaria em paredes	alvenaria em paredes		lagado e empedrado simples	
betão armado	armado em vigas, pilares, e suportes.			superfície de descofragem aparente.	
ceramicos	tijolo, em alvenaria	tijolo, em alvenaria	tijolo, em alvenaria, nos paços de peito.	tiçoleira azulejo vidrado, telhas romanas	
madeira	vigas da cobertura da galeria do pátio.	tabiques, móveis fixos, escadas sec.	caixilharia de portas e janelas, rebatidos e bandeiras cheias.	forros de : parede, teto, guardas, pavimento,	
vidro		tabiques	portas e janelas		
aço	pilares da galeria do pátio, e da eira.			prumos de guardas .	
artificiais					

123. Estudo para a composição dos alçados.

124. Tipos de materiais e respectivas funções.

Tanto o bar como as salas de estar e de jantar são cruzadas pelo percurso dos hóspedes, o que lhes confere alguma versatilidade de movimentos.

O arquitecto estratifica todo o edifício de forma a valorizar o espaço interno com relações visuais para a paisagem, explorando a ideia de espaço centralizado à volta do pátio. A abordagem projectual de sentido orgânico, presente na articulação volumétrica e espacial do edifício, confere aos percursos um significado determinante na organização da Pousada.

#### MATERIALIDADE

*A região onde a Pousada se vai situar é, como se sabe, abundantíssima em granito. Dada a secular utilização deste material, nada mais natural do que instigar-se a imaginação e a invenção no sentido da sua aplicação. Porém isto não indica como certo que esta seja a única solução, a hipótese única; isto é, não dá por errada qualquer solução baseada noutros materiais. O teor de integração local de uma construção não se afere pela aplicação dos materiais que esse mesmo local fornece, mas sim pelos valores arquitecturais que ele comporta e consagra no curso da sua evolução. E estes valores são de natureza espacial, e portanto de ordem cultural e humana. Por nosso lado não foi então a abundância de granito, da madeira e da telha que determinou a sua aplicação, mas antes a nossa colocação cultural diante do assunto, o conhecimento das realizações espontâneas e cultas da região, e por consequência, os seus valores espaciais e práticos.<sup>16</sup>*

Manuel Tainha considera os materiais e as técnicas aspectos fundamentais na construção, dado que cada um deles condiciona o outro e ambos são, no seu conjunto, condicionados pelo tema construtivo. Segundo o arquitecto, os materiais escolhidos devem desempenhar as funções estruturais, de divisão do espaço, de obstrução dos vãos, de revestimento e acabamento e, por último, de ligação. Assim, desenvolve este assunto na base das relações que o material, a sua função e a sua técnica de utilização estabelecem entre si e dentro do processo geral da construção.<sup>17</sup>

No exterior, Tainha utiliza maioritariamente o granito da região, exceptuando a utilização de algum reboco branco e alguns apontamentos de madeira

16 TAINHA, Manuel – *Memória Descritiva e Justificativa*. 23 de Janeiro de 1956.

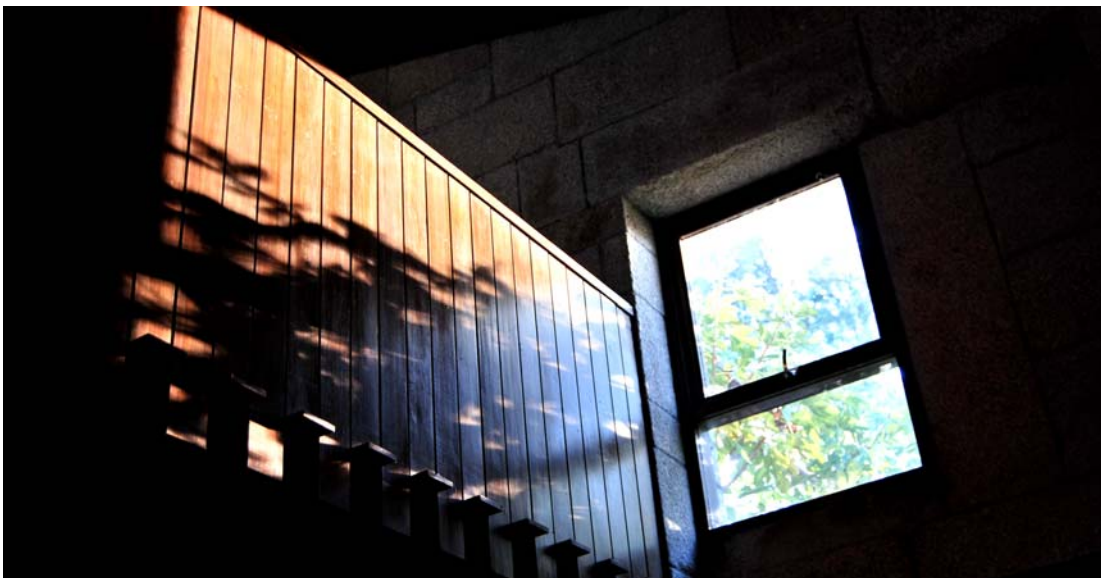
17 TAINHA, Manuel – *Primeiro volume das peças de projecto* [op. cit.]. p.5



125. Vista do lado nordeste.

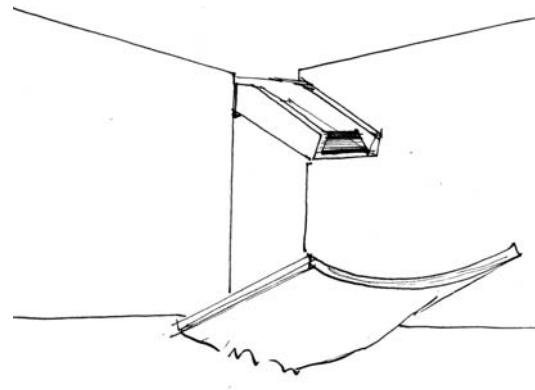
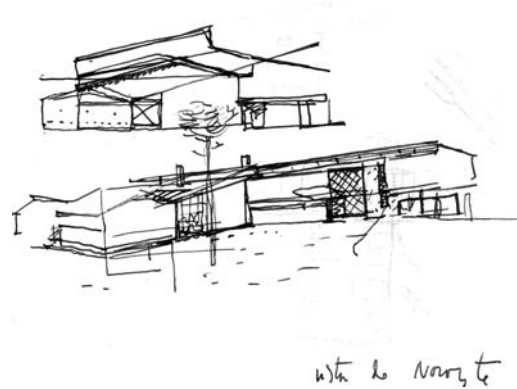
127. Pormenor do exterior - Gárgola.

129. Contraste da luz no ripado de madeira e no granito.



126. Vista do lado nordeste - Esquiço.

128. Gárgola - Esquiço.





presentes na caixilharia, nas guardas das varandas e no filtro solar dos vãos. Com função estrutural, mas também de revestimento, o granito aparece nos pavimentos e nas alvenarias exteriores dos pisos inferiores, em blocos aparelhados que transmitem um carácter de introspecção ao espaço. A alvenaria de tijolo rebocada a branco, no piso superior, contrapõe-se ao peso da alvenaria de pedra dos pisos inferiores, atribuindo-lhe maior leveza e clarificando uma diminuição do nível de introspecção. No alçado sudeste, a favor da interacção com a paisagem, as alvenarias são substituídas por vidro. Estes materiais permitem que o edifício mantenha uma continuidade plástica entre os diversos planos do volume, resultando em massas coesas envolvidas por um pano contínuo com diferentes cores e texturas. O arquitecto explora ainda o detalhe construtivo, acentuando alinhamentos de materiais, formas e apontamentos que ligam ou valorizam certas partes do edifício – caso da gárgula em betão, no exterior, que encaminha a água da caleira, da autoria do escultor Fernando Conduto.

No interior, Tainha recorre aos mesmos materiais de base – pavimentos e paredes em alvenaria de granito, algumas rebocadas a branco e outras revestidas a madeira. Esta é utilizada sobretudo como revestimento de pavimentos, de paredes e de tectos, mas, pontualmente, assume funções construtivas, caso da escada de acesso ao piso superior ou dos pilares que suportam o alpendre do pátio interno. A obra vive não só dos detalhes do trabalho em madeira como da forma como os diversos materiais se interligam. Pode-se ainda observar uma propositada articulação entre a materialidade dos revestimentos e do mobiliário – observe-se a integração da lareira, as escadas do bar que são simultaneamente banco, o espelho que nos reflecte a paisagem ou a luz que se desenha.

A estereotomia do granito tomou como modelo os paramentos graníticos da igreja de Oliveira do Hospital<sup>18</sup>, o que possibilitou um desenho ortogonal das juntas com acabamento a picão em pedras de formato rectangular e de dimensões variadas. Esta expressão formal de extrema simplicidade concretiza-se no diálogo entre os materiais, onde é possível explorar também as particularidades que a luz suscita na textura da pedra.

Porém, *o uso da pedra aparelhada, a larga aplicação da madeira e a cobertura em*

18 TAINHA, Manuel – *Fichas de Assistência em Obra*. Nº2, 8 de Fevereiro de 1968.



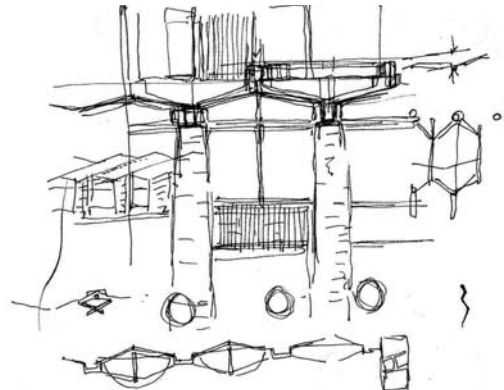
130. Construção típica da beira em granito.

131. Rifugio Pirovano, Cervinia.

132. Alçado Sudeste.

133. Avanços e recuos do alçado sudeste.

134. Estudo para as colunas.



*telha romana não diminuem a convicção (...) das colunas ciclópicas*<sup>19</sup> do alçado sudeste. As colunas que sustentam o frágil volume dos quartos, elevado a cima da copa da árvores, não são estreitos *pilotis* de betão, mas sim espessos pilares de xisto aparelhado, que nos remetem para os ancestrais espigueiros da cultura portuguesa. A sua espessura e espaçamento derivam da sua forma e do seu material, cujo posicionamento permite enquadrar a paisagem e possibilita a sua relação com o espaço interno. Manuel Tainha reproduz os pilares alpinos do *Rifugio Pirovano* na Cervinia, do arquitecto italiano Franco Albini<sup>20</sup>, num conjunto de colunas que criam um pórtico sobre a paisagem natural, à semelhança dos templos da Grécia antiga ou do Altes Museum, que Schinkel abre sobre a paisagem urbana de Berlim<sup>21</sup>. Trata-se do encontro entre a elementaridade intemporal da cultura popular - inteiramente relacionada com a paisagem - com uma ideia contemporânea de conforto. A tensão entre estes dois elementos define a base conceptual do projecto da Pousada de Santa Bárbara, que assenta num enorme respeito pelo *genius loci* e pelas heranças locais.<sup>22</sup>

A simplicidade da escolha e utilização dos materiais vai ao encontro do desejo de inspiração local, evidente no respeito pela natureza do sítio ou no íntimo diálogo entre interior e exterior. As particularidades aparentemente paradoxais desta obra – sobriedade e carácter, discrição e afirmação – revelam poeticamente o caminho da revisão do moderno, segundo um silencioso racionalismo que ambiciona um sentido orgânico.

Manuel Tainha produz um edifício muito claro e objectivo, que obedece fundamentalmente a dois pontos: paisagem e inserção no terreno. Porém, a simplicidade desta abordagem não implica falta de riqueza espacial, consta-

19 LOBO, Susana – [op. cit.]. p.84

20 Manuel Tainha conhece Franco Albini (1905-1977) por intermédio de Keil do Amaral, aquando do concurso para a Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, no qual Albini fazia parte da equipa de consultores permanentes, ao lado de Sir Leslie Martin, Carlos Ramos e Keil do Amaral. Também José Pacheco, que trabalhou no atelier de Manuel Tainha depois de estagiar com Albini em Itália, na década de 1960, poderia ter influenciado a utilização das colunas na Pousada de Santa Bárbara.

21 TOSTÕES, Ana; BECKER, Annette; WANG, Wilfried – *Arquitectura do século XX: Portugal*.

22 Em jeito de comparação, pode-se estabelecer um paralelo entre a Pousada de Santa Bárbara e a Biblioteca de Viipuri de Alvar Aalto, pois, apesar da maior densidade tectónica de Tainha, ambas partilham um momento de transição entre um tempo de procura de identidade do modo de projectar e um tempo de desenvolvimento do *modus operanti*.

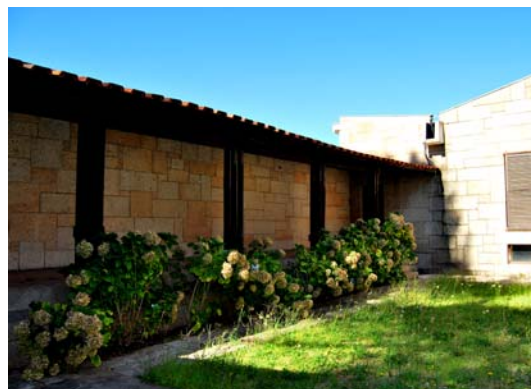


135. Varanda exterior.

136. Acesso da sala de estar para o exterior.

137. Galeria do pátio interno.

138. Pátio interno - relação com a sala de jantar.



tada pela dinâmica espacial e pela riqueza dos diferentes espaços que colocam o envolvente como elemento central do projecto. Um dos momentos mais fortes da obra é a memorável vista do interior sombrio sobre a paisagem distante e iluminada que, em contraluz, enquadra o vale e a serra entre os espaços das grossas colunas de xisto.

A sua capacidade de síntese das inquietações da arquitectura portuguesa daquela época e do próprio discurso que o arquitecto vinha a desenvolver ao longo da sua ainda curta carreira, tornam a Pousada de Santa Bárbara uma obra única.

### UMA OBRA DE FIM DE VIDA

No momento em que a ENATUR decide vender um conjunto significativo de unidades construídas de raiz, caso das Pousadas de Santa Bárbara, de S. Jerónimo, de S. Tiago, de Santa Catarina, de S. Gens e de S. Pedro, comprova-se a falta de critérios da orientação política das Pousadas de Portugal, que sobrepeõe considerações de ordem financeira ao valor cultural e arquitectónico destas obras.

Preocupada com a forma como se tem lidado com a herança que as mais recentes gerações de arquitectos nos deixaram, a arquitecta Susana Lobo fez, em Agosto de 2002, um pedido de classificação da Pousada de Santa Bárbara junto do IPPAR. Por despacho de homologação de 3 de Fevereiro de 2005, a Pousada de Santa Bárbara foi então classificada como Imóvel de Interesse Público, reabrindo ao público posteriormente como *Estalagem*. Sabe-se que, por esta data, os novos proprietários encomendaram ao arquitecto Manuel Tainha um projecto de remodelação que incluía uma sala de jogos e um *healthclub*. Esta atitude de envolver o arquitecto original no projecto de remodelação revela uma certa tomada de consciência perante o valor arquitectónico do edifício, que até então tinha sido negligenciado.

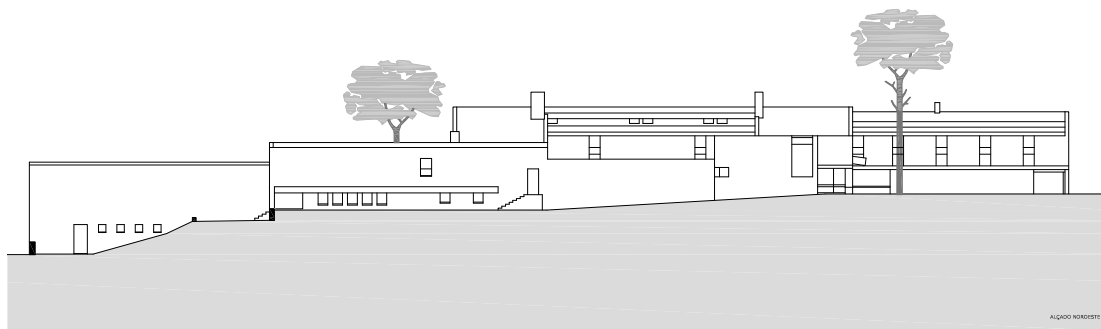
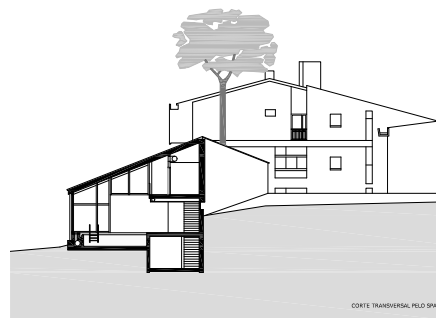
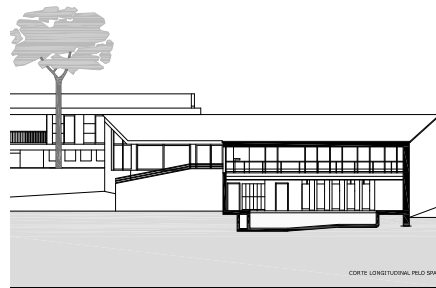
Entretanto abandonada desde 2007 e ostentando graves sinais de degradação, a Pousada é adquirida à ENATUR, em 2010, por um casal de Seia – o empresário Vitor Caetano e a sua esposa Susana Caetano, com a participação directa do Presidente da Câmara de Oliveira do Hospital, José Carlos Alexandrino. Segundo o empresário, o edifício irá reintegrar o roteiro das unidades turísticas da região depois de ser alvo de trabalhos de requalificação



139. Proposta - Alçados sudoeste e nordeste.

140. Proposta - Cortes pelo volume do spa.

141. Proposta - Alçados sudeste e noroeste.





conforme projecto realizado ainda pelo próprio arquitecto Manuel Tainha. O projecto de ampliação pretende adaptar a Pousada às exigências turísticas contemporâneas<sup>23</sup>, transformando a anterior *estalagem* num *espaço de luxo* com classificação de *4 estrelas*, capaz de atrair turistas nacionais e estrangeiros<sup>24</sup>. Segundo a Memória Descritiva e Justificativa do projecto de ampliação da Pousada de Santa Bárbara, o novo proprietário pretende imprimir ao edifício um renovado conceito, a começar pelo novo nome – *Hotel Pousada de Santa Bárbara*. Ainda que mantenha a geometria original do edifício, a nova *unidade hoteleira de charme* procura reflectir o local e a região e prevê o aumento da capacidade de alojamento e um novo espaço de Spa, de acordo com as actuais necessidades dos hóspedes<sup>25</sup>.

O *Hotel* é composto por três edifícios com características e finalidades distintas que se complementam entre si e se conjugam com o envolvente. Pretende-se que o conjunto seja absorvido pelo bosque, transformado agora num *espaço zen com pequenos refúgios* de relaxamento e espreguiçadeiras de repouso, baloiços e liteiros inseridos numa *atmosfera de sentidos* em comunhão com a natureza. O edifício principal manterá a volumetria preexistente e a organização espacial resultará de adaptações pontuais do novo programa hoteleiro, que amplia o número de quartos de dezasseis para dezanove. O piso de entrada destina-se, como anteriormente se verificava, ao uso comum dos hóspedes, onde encontramos, voltadas a sudeste, para além da sala de estar e de jantar, as primeiras duas unidades de alojamento precedidas da sala de música onde se pretende instalar uma biblioteca direccionada para os costumes e saberes da região. A zona de serviço mantém-se a nordeste, composta pela cozinha e todas as valências inerentes ao seu funcionamento, bem como a zona de distribuição de serviço que garante a entrada de toda a logística necessária à actividade do

23 Desde a década de 60 que Portugal centra a sua actividade turística no produto *Sol e Mar*, mais conhecido pelo *Turismo dos 3 "S" - Sun, Sea and Sand*. Porém, a competitividade com outros países europeus (como a Espanha, a Turquia, a Grécia ou a Tunísia, entre outros), que oferecem o mesmo produto, despertam para a necessidade de diversificação da oferta. Para combater a extrema dependência deste turismo direccionado para o mar, Licínio Cunha aborda a necessidade de atender não só aos valores pessoais dos turistas, mas também ao fortalecimento da cultura e preservação do património, que apelida de *Novo Turismo* caracterizado pelos 3 novos "S" – *Sophistication, Specialization and Satisfaction*. [consultar CUNHA, Licínio – *Economia e Política do Turismo*.]

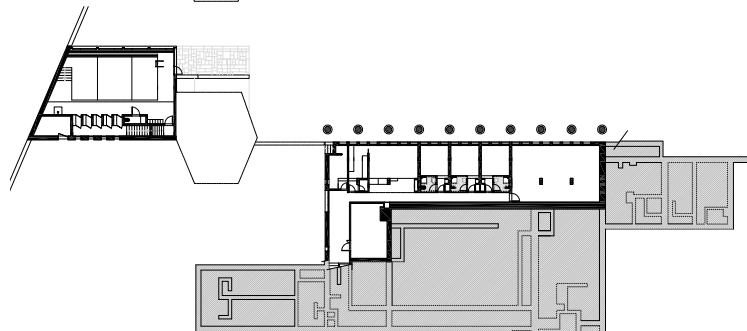
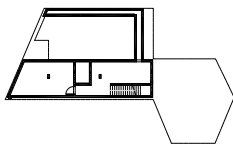
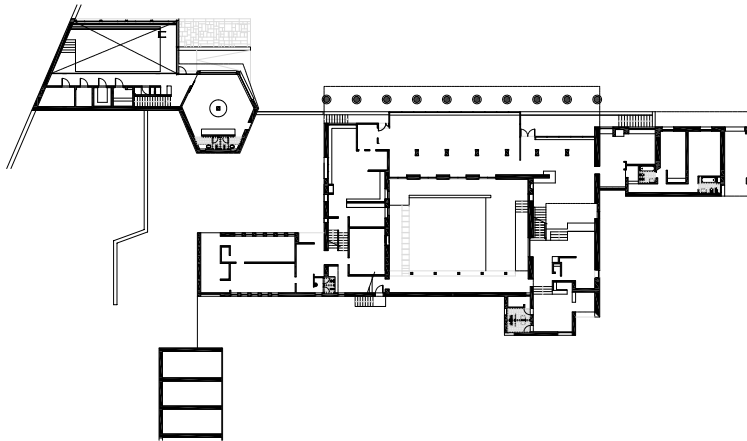
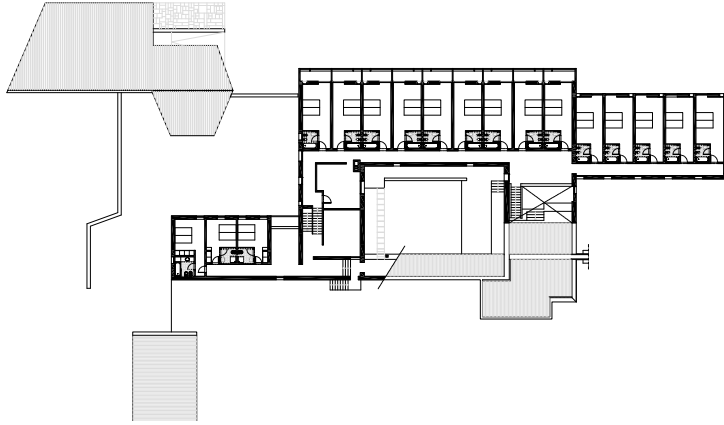
24 LOPES, Liliana – *Estalagem de Santa Bárbara nas mãos de empresário senense*.

25 O hóspede é cada vez mais exigente e está cada vez melhor informado sobre os destinos turísticos, pelo que a oferta se deve adaptar, através do reforço do seu carácter distinto e único, às necessidades de uma clientela bastante diversificada e à intensificação da concorrência.

142. Proposta - Planta do piso 1.

143. Proposta - Planta do piso 0.

144. Proposta - Planta do piso -1.



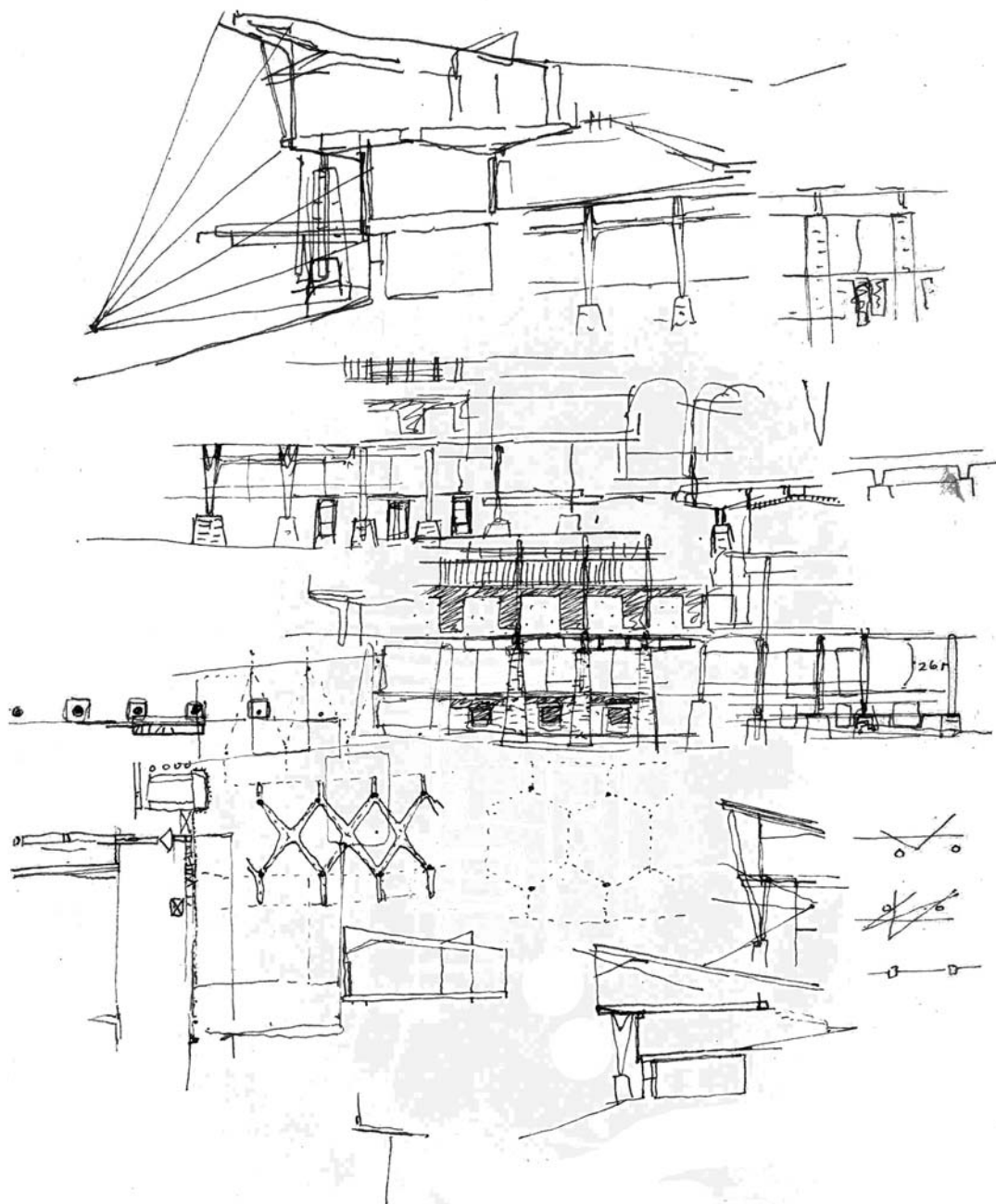
edifício. No piso superior, distribuídos por dois corredores contíguos sobre as salas comuns, encontram-se catorze quartos com a mesma tipologia, cujo percurso se inicia na sala de estar do piso de entrada pela escadaria de madeira original. Por similitude de funções, na antiga zona destinada ao concessionário, serão instaladas três novas unidades de alojamento para os hóspedes com sala de estar. No piso -1, direccionado ao pessoal e às infra-estruturas, pretende-se reorganizar o espaço de forma a adaptar a zona dos arrumos à instalação de valências relacionadas com a administração do *Hotel*, incluindo três quartos, uma sala, uma cozinha e um pequeno escritório.

A construção hexagonal autónoma, apelidada de *eira* e implantada na zona lateral do edifício principal, sofrerá uma ampliação, cuja leve estrutura metálica e envidraçados pretendem ser o menos intrusivos possível na qualidade arquitectónica do conjunto. O propósito é instalar uma zona de Spa com piscina e uma área de repouso que permita aos utentes usufruírem da paisagem envolvente voltada para a Serra da Estrela. O acesso ao piso de entrada é feito por uma rampa que nos leva à recepção e nos conduz, por uma varanda com vista para a piscina, às diversas salas de massagens e banhos. O piso inferior destina-se à piscina hidrodinâmica e aos respectivos vestiários de apoio. Todo este projecto de ampliação da *eira*, decorrente das actuais necessidades hoteleiras, esteve a cargo de Manuel Tainha que inicialmente, segundo a esposa do actual proprietário, ponderou em não intervir neste espaço que considerava propício ao descanso e à contemplação da paisagem.

O edifício das antigas garagens, actualmente desactivado, será recriado de forma a acolher exposições temporárias, lojas de artesanato e artes locais, transformando-se numa zona de promoção turística da região e apoio ao hóspede.

Dado que o edifício é anterior ao Plano de Ordenamento do Território de Oliveira do Hospital, pretende-se que a área de ampliação proposta compense a demolição da piscina exterior existente que se considera desenquadrada do conjunto. Já o arquitecto Manuel Tainha se tinha manifestado contra a implantação da piscina na frente do edifício, justificando a sua opinião com a perturbação da privacidade dos hóspedes e a quebra da envolvência com a paisagem.

Em entrevista a um jornal local em Abril de 2010, o novo proprietário, Vitor Caetano, previa inaugurar o novo *Hotel Pousada de Santa Bárbara* em 2011.



145. Estudos de composição.

Entretanto, em Dezembro de 2012, o então Secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, classifica<sup>26</sup> a Pousada de Santa Bárbara como Monumento de Interesse Público<sup>27</sup>. Encontramo-nos a terminar o ano de 2013 e a Pousada continua intacta e encerrada, agora já sem a voz do arquitecto que a viu nascer. Segundo Susana Caetano, o atraso no início das obras de ampliação e requalificação da Pousada, que deveriam acontecer ainda este ano, deve-se apenas à falta de licença da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital. Sabe-se também que, depois da morte de Manuel Tainha, em Junho de 2012, a colaboradora do projecto de ampliação, arquitecta Ana Barbas, se encontra encarregue de finalizar o mesmo, a par com a arquitecta Teresa Rodeia, convidada pelos próprios proprietários.

26 A classificação é, por essência, um acto administrativo que impõe regras, mediante protecção legal, à valorização do edifício. Qualquer bem imóvel pode ser classificado, desde que cumpra determinados critérios de carácter geral – critérios histórico-culturais, estético-sociais e técnico-científicos, e de carácter complementar – integridade, autenticidade e exemplaridade. A relevância do bem a classificar é determinada pelo cruzamento crítico e pela apreciação minuciosa dos aspectos a cima referidos.

27 *Portaria 740-AG/2012.*







## CONCLUSÃO

A construção da Pousada de Santa Bárbara foi marcada sobretudo por uma época de protagonismo do modernismo internacional, onde Manuel Tainha se apodera de um sistema de referências aparentemente inconciliáveis. O enraizamento e a autenticidade defendidos pelo arquitecto aparecem nesta obra de forma bastante assumida, onde as lições da arquitectura tradicional são reconquistadas na escala adoptada, nas soluções construtivas e no manuseamento dos materiais e da luz. No entanto, não existe qualquer similitude com os *regionalismos* oficiais. O rigor do desenho que caracteriza a concepção do projecto traduz-se, na construção, por uma incorporação de todas as suas partes, onde o interior é modelado segundo uma dinâmica de percursos fluidos caracterizados pelos constantes desníveis nos pavimentos, pelas diversas inclinações dos tectos e pela variação dos pés-direitos.

A Pousada de Santa Bárbara faz-nos sentir que as diversas referências que invoca se conjugam num todo coerente, capaz de transformar aquele sítio num lugar único, remodelando a nossa percepção da paisagem e da ideia pré-concebida de arquitectura moderna, numa sequência de experiências sensoriais susceptíveis de infinitas interpretações.

*Mais do que uma obra de maturidade, está-se perante uma obra densa e saturada, uma típica primeira obra de uma personalidade rica e complexa, e portanto produzindo uma obra plena de reflexão.*<sup>1</sup>

1 ALMEIDA, Rogério Vieira de – *Manuel Tainha e a arquitectura: as formas, o tempo e o sentido*. p.23



Nos últimos anos, assistimos a muitos casos de intervenções e restaurações de edifícios modernos, algumas bem sucedidas e outras que comprometeram irreversivelmente o valor arquitectónico dos bens, pelo que não podemos deixar de reconhecer que a conservação do património moderno requer uma reflexão meticulosa. A conservação deste património, construído no século XX, tornou-se uma questão premente para a salvaguarda patrimonial em Portugal, na medida em que, muito deste edificado, incluindo alguns casos bastante paradigmáticos, se encontra em processo de avançada degradação ou mesmo de intrusiva transformação.

O património moderno português é a herança cultural de um passado recente ainda não suficientemente estudado e reconhecido, tanto pelos organismos específicos como pela opinião pública em geral. O facto de a arquitectura moderna ainda não ter atingido o mesmo reconhecimento que as arquitecturas de períodos anteriores atrasa a aceitação do seu valor arquitectónico e cultural. Torna-se por isso necessário consciencializar a sociedade actual para a valorização dessas obras, sob o risco de serem descaracterizadas ou mesmo destruídas.

Perante este património em risco, é essencial criar uma oportunidade de debate sobre o tema ao nível da intervenção, através de inventários e documentação, conceitos e critérios de intervenção, aspectos funcionais e infra-estruturais, técnicas de intervenção e de conservação, entre outros, segundo uma reflexão conjunta e multidisciplinar, dirigida por técnicos, estudantes e investigadores das áreas da arquitectura, da engenharia e de outras profissões envolvidas na reabilitação do património arquitectónico.

Um aspecto intrigante da modernidade foi o conflito entre o seu conteúdo programático, de uma resistente crença no progresso, no futuro e na autonomia em relação ao passado, e o seu aspecto transitório de uma grande sensibilidade pelo efémero, pela fragmentação e pela desconexão. Contudo, é preciso admitir que conservar a arquitectura moderna não vai contra a essência da própria modernidade, embora pareça uma ironia que se tente preservar uma arquitectura que era, no seu período de afirmação, contrária a qualquer forma de preservação. No seguimento deste raciocínio, e porque a Pousada de Santa Bárbara equaciona valores integradores que vão para além dos princípios básicos da modernidade, admitimos que a conservação da arquitectura moderna levanta novos desafios à disciplina da conservação.



Embora acreditemos também que a preservação do património moderno não deve ser diferente da preservação de obras de um passado mais distante, nem que é necessário criar toda uma nova teoria da conservação para lidar com os princípios inerentes à manutenção desta arquitectura.

Com inventividade e ponderando as teorias da conservação elaboradas ao longo do tempo, o património moderno pode ser reutilizado ou adaptado a novas necessidades ou funções. Mesmo quando um edifício mantém a sua função original, como o caso da Pousada de Santa Bárbara, torna-se essencial actualizá-lo para as exigências hoteleiras contemporâneas.

A estratégia do processo de conservação e ampliação da Pousada de Santa Bárbara não se pode prender apenas com remendar o que falhou ou o que envelheceu, mas antes, definir uma intervenção que respeite a autenticidade do todo. Não podemos por isso subestimar o valor dos materiais, porque os materiais por si só não definem a essência da obra, mas sim a sua intenção projectual, a forma como foram usados e a espacialidade que geraram. A autenticidade com que os materiais se relacionam com o projecto define articulações mais dinâmicas entre espaços por meio de estratégias – como a transparência, a multiplicidade de pontos de vista, a relação entre interior e exterior, a afinidade subtil com a paisagem, entre outros – aspectos que nenhuma obra de conservação ou ampliação, de hoje ou daqui a cem anos, pode ou deve alterar.

Encontrar um futuro para o grande leque de edifícios obsoletos do período moderno através da adaptação, da reutilização ou da renovação de construções com 30, 40 ou 50 anos, para que melhor sirvam as necessidades actuais, significa encontrar um equilíbrio entre a arquitectura moderna e os utentes contemporâneos. A arquitectura moderna, como parte fundamental do património cultural do século XX, necessita de ser preservada para as futuras gerações. *As ideias de uma geração tornam-se factos para a geração seguinte, engrossando assim o arsenal colectivo do conhecimento.*<sup>2</sup>

Novos desafios levantam novas questões - Como responder às novas necessidades sociais e tecnológicas sem alterar a integridade e a unidade do património moderno? Até que ponto são admissíveis mudanças sem alterar a sua autenticidade? Como adaptar as disposições espaciais para as exigências

2 TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão*. p.69





contemporâneas? São questões controversas e difíceis, ou mesmo impossíveis de responder, com as quais o património moderno continua a conviver.

A história da Pousada de Santa Bárbara está ainda por completar. Espera-se que o último projecto de vida do arquitecto Manuel Tainha ainda acrescente alguns parágrafos a esta narrativa.



## BIBLIOGRAFIA

### LIVROS

AA.VV. – *Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.

AA.VV. – *Pousadas de Portugal*. 2ª ed. Porto: Asa, 2000. ISBN 9724116948.

BANDEIRINHA, José António – *Quinas Vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa*. 2ª ed. Porto: FAUP, 1996. ISBN 9729483159.

CHOAY, Françoise – *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2010. ISBN 9789724412740.

CUNHA, Licínio – *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: McGraw-Hill, 2003. ISBN 9728298528.

DGEMN – *Pousada de Santa Bárbara*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, 1971.

FERNANDES, José Manuel – *Arquitectos do século XX: da tradição à modernidade*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006. ISBN 9898010061.

FERNANDES, José Manuel – *Arquitectura modernista em Portugal (1890-1940)*. Lisboa:



- Gradiva, 1993. ISBN 9726623391.
- FERNANDES, José Manuel – *Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003. ISBN 9728736266.
- FERNANDEZ, Sérgio – *Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930-1974*. 2ª ed. Porto: Serviço editorial FAUP, 1988.
- FRANÇA, José Augusto – *A Arte em Portugal no século XX: 1911-1961*. 4ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. ISBN 9789722415835.
- LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. ISBN 9728704925.
- MILHEIRO, Ana Vaz (coord.) – *Arquitectos Portugueses Contemporâneos: obras comentadas e itinerários para a sua visita*. Lisboa: Público, 2004. ISBN 9728179863.
- PEREIRA, Alexandre Marques – *Manuel Tainba: Arquitectos Portugueses - Jornal Público*. Série 2, nº5. Vila do Conde: Verso da História, 2013. ISBN 9789898657404.
- PORTAS, Nuno – *A Arquitectura para Hoje: seguido de Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. ISBN 9789722415668.
- PORTUGAL, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – *Caminhos do Património*. Lisboa: DGEMN, Livros Horizonte, 1999. ISBN 9729763828.
- RIBEIRO, Rogério (coord.) – *Manuel Tainba, arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Exposição organizada pela Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2000. ISBN 9728392664.
- RODRIGUES, José Manuel (coord.) – *Teoria e Crítica de Arquitectura: Século XX*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Sul, Caleidoscópio, 2010. ISBN 9789896580650.
- TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão*. 2ª ed. Lisboa: AEFA-UTL, 2003. ISBN





9729900302.

TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha - Projectos/Projects: 1954-2002*. Porto: Asa, 2002.  
ISBN 9724131130.

TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha: Textos de Arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2006. ISBN 9898010444.

TAINHA, Manuel – *Textos do Arquitecto Manuel Tainha*. Lisboa: Estar Editora, 2000.  
ISBN 9728095716.

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*. 7ª ed. Porto: FAUP publicações, 2006.  
ISBN 9789729483226.

TÁVORA, Fernando – *O Problema da Casa Portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947.

TOMÉ, Miguel – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*. Porto: FAUP publicações, 2002. ISBN 972948354.

TOSTÕES, Ana [et al.] – *1º Congresso Nacional de Arquitectura*. [ed. fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008. ISBN 9789728897277.

TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004. ISBN 9728736355.

TOSTÕES, Ana – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª ed. Porto: FAUP publicações, 1997. ISBN 9729483302

TOSTÕES, Ana; BECKER, Annette; WANG, Wilfried – *Arquitectura do século XX: Portugal*. Catálogo da Exposição “Arquitectura do Século XX: Portugal”. Lisboa: Portugal-Frankfurt 97, Centro Cultural de Belém, 1997. ISBN 3791319108.

VASSALO, Francisco (coord.) – *OA'MT: Ordem dos Arquitectos: Portugal - Manuel Tainha: nomeado para o prémio Jean Tshumi*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2002.



ARTIGOS EM LIVROS

ALMEIDA, Rogério Vieira de – “Manuel Tainha e a arquitectura: as formas, o tempo e o sentido”. In RIBEIRO, Rogério (coord.) – *Manuel Tainha, arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Exposição organizada pela Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2000. ISBN 9728392664. pp. 23-30.

AMARAL, Francisco Keil do – “A Moderna Arquitectura Holandesa”. In TOSTÕES, Ana (coord. cient.) – *Keil do Amaral no centenário do seu nascimento*. Lisboa: Argumentum/Ordem dos Arquitectos, 2010. ISBN 9789728479688.

FERNANDES, José Manuel – “Pousadas de Portugal: obras de raiz e em monumentos”. In ALÇADA, Margarida (coord.); GRILO, Maria Inácia Teles (coord.) – *Caminhos do Património*. Lisboa: DGEMN e Livros Horizonte, 1999. ISBN 9729763828. pp. 159-177.

LIMA, Francisco de – “Pousadas”. In LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. ISBN 9728704925.

LOBO, Susana – “1942-2002 - 60 Anos de Pousadas”. In TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004. ISBN 9728736355. pp. 83-101.

PEREIRA, Alexandre Marques – “O pedreiro que aprendeu latim”. In RIBEIRO, Rogério (coord.) – *Manuel Tainha, arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Exposição organizada pela Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2000. ISBN 9728392664. pp. 45-47.

PINA, Paulo – “Pousada: Uma Pedagogia Oficial”. In *Portugal: O Turismo no Século XX*. Lisboa: Lucidus, 1988. pp. 115-125.

PORTAS, Nuno – “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal. Uma Inter-



pretação”. In ZEVI, Bruno – *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcadia, 1970-1973. pp. 687-746.

TOSTÕES, Ana – “Manuel Tainha: 50 anos de arquitectura portuguesa - Arte, Profissão, modo de vida?”. In RIBEIRO, Rogério (coord.) – *Manuel Tainha, arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Exposição organizada pela Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2000. ISBN 9728392664. pp. 11-20.

TOSTÕES, Ana – “Pousadas. Da Campanha de “Bom Gosto” à Modernidade”. In *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004. ISBN 9728736355. p. 319.

TOUSSAINT, Michel – “A Primeira Fase do Arquitecto”. In TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha - Projectos/Projects: 1954-2002*. Porto: Asa, 2002. ISBN 9724131130. pp. 9-24.

#### PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

*Arquitectura, Revista de Arte e Construção*. n.º 62. Lisboa: F. Costa, Set/Out de 1958.

*Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: Pousadas Regionais*. n.º 111. Lisboa: Frace, Junho de 1944.

*Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: Pousadas Portuguesas - S. Martinho, S. Bráz, Arrábida, Santiago*. n.º 125. Lisboa: Frace, Agosto de 1945.

*Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento*. n.º 1. Lisboa: A. Palmares, Abril de 1958.

*Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento*. n.º 3. Lisboa: A. Palmares, Junho de 1958.





*Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento*. n.º 4. Lisboa: A. Palmares, Julho de 1958.

#### ARTIGOS EM PERIÓDICOS

AMARAL, Francisco Keil do – “Maleitas da Arquitectura Nacional”. *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*. Lisboa: F. Costa. n.º 23/24 (Mai/Jun de 1948).

AMARAL, Francisco Keil do – “Uma Iniciativa Necessária”. *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*. Lisboa: F. Costa. n.º 14 (Abril de 1947), pp. 12-13.

ANDRESEN, João – “Quatro Novas Pousadas”. *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*. Lisboa: F. Costa. n.º 62 (Set/Out de 1958), p. 5.

DANIEL, Ana Cristina Marques – “Caracterização do Sector Turístico em Portugal”. *Revista de Estudos Politécnicos*. Guarda: ESTG. ISSN 1645-9911. Vol. VIII, n.º 14 (2010), pp. 255-276.

LOBO, Susana – “A colonização na linha de costa: da marginal ao «resort»”. *Jornal Arquitectos - Férias*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. n.º 227 (Abr/Jun de 2007), pp. 18-25.

LOBO, Susana – “Pousadas S.O.S.”. *Laura, Revista de Cultura Arquitectónica - Crítica*. Guimarães: D.A.A.U.M. ISSN 1645-832X. n.º 3 (Outubro de 2005), pp. 34-40.

TAINHA, Manuel – “A VII Exposição Geral de Artes Plásticas”. *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*. Lisboa: F. Costa. n.º 48 (Agosto de 1953), pp. 20-22.

TAINHA, Manuel – “Editorial”. *Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento*. Lisboa: A. Palmares. n.º 1 (Abril de 1958), p. 1.

TAINHA, Manuel – “Editorial”. *Binário - Arquitectura, Construção e Equipamento*. Lisboa: A. Palmares. n.º 3 (Junho de 1958), p. 1.



TAINHA, Manuel – “Estilo e Espaço, Arquitectura”. *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*. Lisboa: F. Costa. n.º 46 (Fevereiro de 1953), pp. 9-10.

TAINHA, Manuel – “Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa”. *Arbitécti, Revista de Arquitectura e Construção*. Antonio Cruz y Antonio Ortiz - Manuel Tainha. Lisboa: Editora Trifório. Ano III, n.º 10 (Ago/Set/Out de 1991), pp. 33-59.

TAINHA, Manuel – “Projecto de Uma Pousada para Oliveira do Hospital”. *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*. Lisboa: F. Costa. n.º 62 (Set/Out de 1958), pp. 9-10.

#### PROVAS ACADÉMICAS

SANTOS, Daniela Alexandra Nogueira – *Pousada de Viseu: Metamorfose e reciclagem de uma memória*. Coimbra: Departamento de Arquitectura - FCTUC, 2012. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

VENDA, Cátia Filipa Fidalgo de Sousa – *Reabilitação e reconversão de usos: o caso das pousadas como património*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2008. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

#### REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS

ARQUITECTOS, ORDEM DOS – *Dia Nacional do Arquitecto, Homenagem a Manuel Tainha* [em linha]. Lisboa: 2010. [consult. Junho de 2011]. Disponível em: <<http://arquitectos.pt/?no=2020492273,154>>.

DGEMN – *Pousada de Santa Bárbara / Estalagem de Santa Bárbara* [em linha]. Lisboa: 2007. [consult. Janeiro de 2012]. Disponível em: <[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=17324](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17324)>.

IGESPAR – *Pesquisa de Património, Palácio Vale Flor* [em linha]. Lisboa: 2011. [consult.



Novembro de 2013]. Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71202/>>.

IGESPAR – *Pesquisa de Património, Pousada de Santa Bárbara - detalhe* [em linha]. Lisboa: 2012. [consult. Outubro de 2013]. Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/330634/>>.

Portugal, Pousadas de – *O Nosso Legado | Pousadas de Portugal* [em linha]. Lisboa: 2010. [consult. Setembro de 2013]. Disponível em: <<http://www.pousadas.pt/historic-hotels-portugal/pt/corporate/pages/legacy.aspx>>.

Silenciosa, Ruptura – *Pousada de Santa Bárbara* [em linha]. Porto. [consult. Outubro de 2013]. Disponível em: <<http://www.rupturasilenciosa.com/Pousada-de-Santa-BarbarA>>.

#### ARTIGOS ELECTRÓNICOS

BAGULHO, Fernando – “Fixe”. *Dia Nacional Do Arquitecto: Homenagem ao Arquitecto Manuel Tainha* [em linha]. 12 de Julho de 2010. [consult. Fevereiro de 2013]. Disponível em: <<http://arquitectos.pt/documentos/1280939292H9mFP7hb1F-c22GI7.pdf>>.

BAPTISTA, Ricardo – “Manuel Tainha (1922-2012): João Belo Rodeia recorda o “professor e mestre””. [em linha]. 19 de Junho de 2012. [consult. Junho de 2012]. Disponível em: <<http://www.construir.pt/2012/06/19/manuel-tainha-1922-2012-joao-belo-rodeia-recorda-o-professor-e-mestre/>>.

CARVALHO, Ricardo – “Manuel Tainha conversa com Ricardo Carvalho”. *O Elogio do Espaço* [em linha]. 4 de Fevereiro de 2000. [consult. Dezembro de 2013]. Disponível em: <[http://rcjv.rapidoefacil.com/F/artigo\\_view.cgi?artigo\\_id=90](http://rcjv.rapidoefacil.com/F/artigo_view.cgi?artigo_id=90)>.

GRAÇA, João Luis Carrilho da – “Cool”. *Dia Nacional Do Arquitecto: Homenagem ao Arquitecto Manuel Tainha* [em linha]. 12 de Julho de 2010. [consult. Fevereiro de





2013]. Disponível em: <<http://arquitectos.pt/documentos/1280939292A2cUU-3cp5Ox25XT4.pdf>>.

LOPES, Liliana – “Estalagem de Santa Bárbara nas mãos de empresário senense”. [em linha]. Oliveira do Hospital: Correio da Beira Serra, 8 de Abril de 2010. [consult. Março de 2012]. Disponível em: <<http://www.correiodabeiraserra.com/index.php/local/3286-estalagem-de-santa-barbara-nas-maos-de-empresario-senense>>.

TAINHA, Manuel – “Alocação de Homenagem”. *Dia Nacional Do Arquitecto: Homenagem ao Arquitecto Manuel Tainha* [em linha]. 12 de Julho de 2010. [consult. Fevereiro de 2013]. Disponível em: <<http://arquitectos.pt/documentos/1280939292P2rD-Q2rb7Ms14YW2.pdf>>.

TOUSSAINT, Michel – “O Dia Nacional do Arquitecto e Manuel Tainha”. [em linha]. 12 de Julho de 2010. [consult. Fevereiro de 2013]. Disponível em: <<http://www.publi-co.pt/cultura/noticia/o-dia-nacional-do-arquitecto-e-manuel-tainha-1551115>>.

#### FILMOGRAFIA

FINA, Luciana – *In Media Res, No Meio das Coisas* [registo video]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; RTP; LAFstudio, 2013. Cinema (72 min.).

RIBEIRO, Elisabete – *Espaços&Casas nº 110 Arq. Manuel Tainha* [registo video]. GO-TO films. Lisboa: Semanário Expresso, SIC Notícias, 20 de Maio de 2011. (4:47 min.).

#### DOCUMENTOS GOVERNAMENTAIS

Portaria 740-AG/2012. Lisboa: Diário da República - 2.<sup>a</sup> série - N.º 248, 24 de Dezembro de 2012.



DOCUMENTOS NÃO PUBLICADOS

PEREIRA, Alexandre Marques – *Manuel Tainha ou o Arquitecto dos Sete Ofícios* [Dactilografado]. Homenagem a Manuel Tainha, 4 de Julho 2010. Ordem dos Arquitectos, Lisboa.

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos; ALVERNAZ, Pedro Brum Vieira – *Reabilitação de conventos e mosteiros para pousadas*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da FCTUC, 1999. Trabalho de Licenciatura realizado para a disciplina de História da Arquitectura.

TAINHA, Manuel – *Fichas de Assistência em Obra* [Dactilografado]. Projecto para a Pousada de Santa Bárbara, 1968 (Fevereiro, Março, Agosto, Setembro, Outubro). Atelier Manuel Tainha, Lisboa.

TAINHA, Manuel – *Memória Descritiva e Justificativa* [Dactilografado]. Projecto para a Pousada de Santa Bárbara, 1956. Atelier Manuel Tainha, Lisboa.

TAINHA, Manuel – *Memória Descritiva e Justificativa* [Documento electrónico]. Hotel Pousada de Santa Bárbara, 2010. Gabinete Vitor Caetano, Seia.

TAINHA, Manuel – *Primeiro volume das peças de projecto* [Dactilografado]. Projecto para a Pousada de Santa Bárbara, 1956. Atelier Manuel Tainha, Lisboa.



## FONTES DAS IMAGENS

1, 2 - <http://www.leme.pt/imagensportugallisboaexposicao-do-mundo-portugues0001.html>

3, 4 - <http://www.blaubooks.com/auctions/listing/category/0-7/2>

5 - TOSTÕES, Ana [et al.] – *1º Congresso Nacional de Arquitectura*. [ed. fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008. ISBN 9789728897277.

6 - <http://kmepalavras.com/2012/03/06/0-arquitecto-de-lisboa/>

7, 8, 9, 10 - <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html>

11, 12 - <http://www.bulhosa.pt/livro/arquitectura-popular-em-portugal-2-volumes/>

13, 14, 15, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35 - LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

16, 17 - PINA, Paulo – *Pousada: Uma Pedagogia Oficial*. In Portugal: O Turismo no Século XX. Lisboa: Lucidus, 1988.

18, 19, 21, 22, 23 - <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/01/primeiras-pousadas>





-deportugal.html

20 - <http://blogdaruanove.blogs.sapo.pt/47512.html>

32, 53, 54, 55, 56, 57, 62, 64, 94, 95, 108, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 125, 127, 129, 132, 133, 135, 136, 137, 138 - Fotografias da autora.

33 - <http://www.teetimes.pt/slideshow/photos/accom/232/img1.jpg>

36 - <http://www.pousadas.pt/historic-hotels-portugal/pt/pousadas/lisbon-hotels/pousada-de-obidos/castelo-de-obidos/pages/home.aspx>

37 - <http://www.fotosantesedepois.com/wp-content/uploads/2011/10/forte-de-S%C3%A3o-Jo%C3%A3o-Baptista-berlengas.jpg>

38 - <http://rahalemportugal.blogspot.pt/>

39 - <http://crisaguiargomes.blogspot.pt/2012/04/forte-de-sao-filipe-de-setubal.html>

40 - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pousada\\_Rainha\\_Santa\\_Isabel-Estremoz\\_%281%29.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pousada_Rainha_Santa_Isabel-Estremoz_%281%29.jpg)

41 - <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=859454&page=11>

42 - <http://www.panoramio.com>

43 - <http://radiogeice.com/geicefm/index.php/noticias/332-cerveira-projecto-deremodellacao-da-pousada-d-dinis-a-aguardar-qluz-verdeq>

44 - <http://therecordsoftime.com/2012/06/05/pousada-santa-marinha-guimaraesportugal/>

45 - <http://www.geolocation.ws/v/P/48113618/guimares-pousada-de-santamarinha/en>



46 - <http://andessemparar.blogspot.pt/2011/01/pousada-flor-da-rosa-crato.html>

47 - [http://atouchoflisbon.blogspot.pt/2011/08/pousada-de-arraiolos\\_25.html](http://atouchoflisbon.blogspot.pt/2011/08/pousada-de-arraiolos_25.html)

48 - <http://www.geolocation.ws/v/W/File:Charme%20e%20requite.jpg/-/en>

49 - AAVV - *Pousadas de Portugal*, 2ª ed., Porto: Asa, 2000. p.13

50, 51, 61, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 119, 120, 121 - PEREIRA, Alexandre Marques – *Manuel Tainha: Architectos Portugueses* - Jornal Público. Série 2, nº5. Vila do Conde: Verso da História, 2013.

52, 130 - Fotografias cedidas pelo arquitecto Manuel Tainha.

58, 59, 60 - <http://www.betar.pt/pt/item/11-clientes/182-manuel-tainha>

63, 76, 77, 79, 87, 88 - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Tainha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Tainha)

65, 66 - <http://www.arquitectos.pt/?no=2020494178,154>

67 - <http://www.germanocastropinheiro.com/publicacoes/>

68 - TAINHA, Manuel – *Arquitectura em Questão*. 2ª ed. Lisboa: AEFA-UTL, 2003.

69 - TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha: Textos de Arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

100, 101, 102, 113, 139, 140, 141, 142, 143, 144 - Desenhos elaborados pela autora.

107, 110, 111, 112, 124 - Desenhos cedidos pelo arquitecto Manuel Tainha.

131 - <http://www.archimagazine.com/balbini.htm>



Esquiços e Desenhos - Cedidos pelo arquitecto Manuel Tainha.

Capa e Separadores - Fotografias da autora.

Cronologias - Desenhos elaborados pela autora.







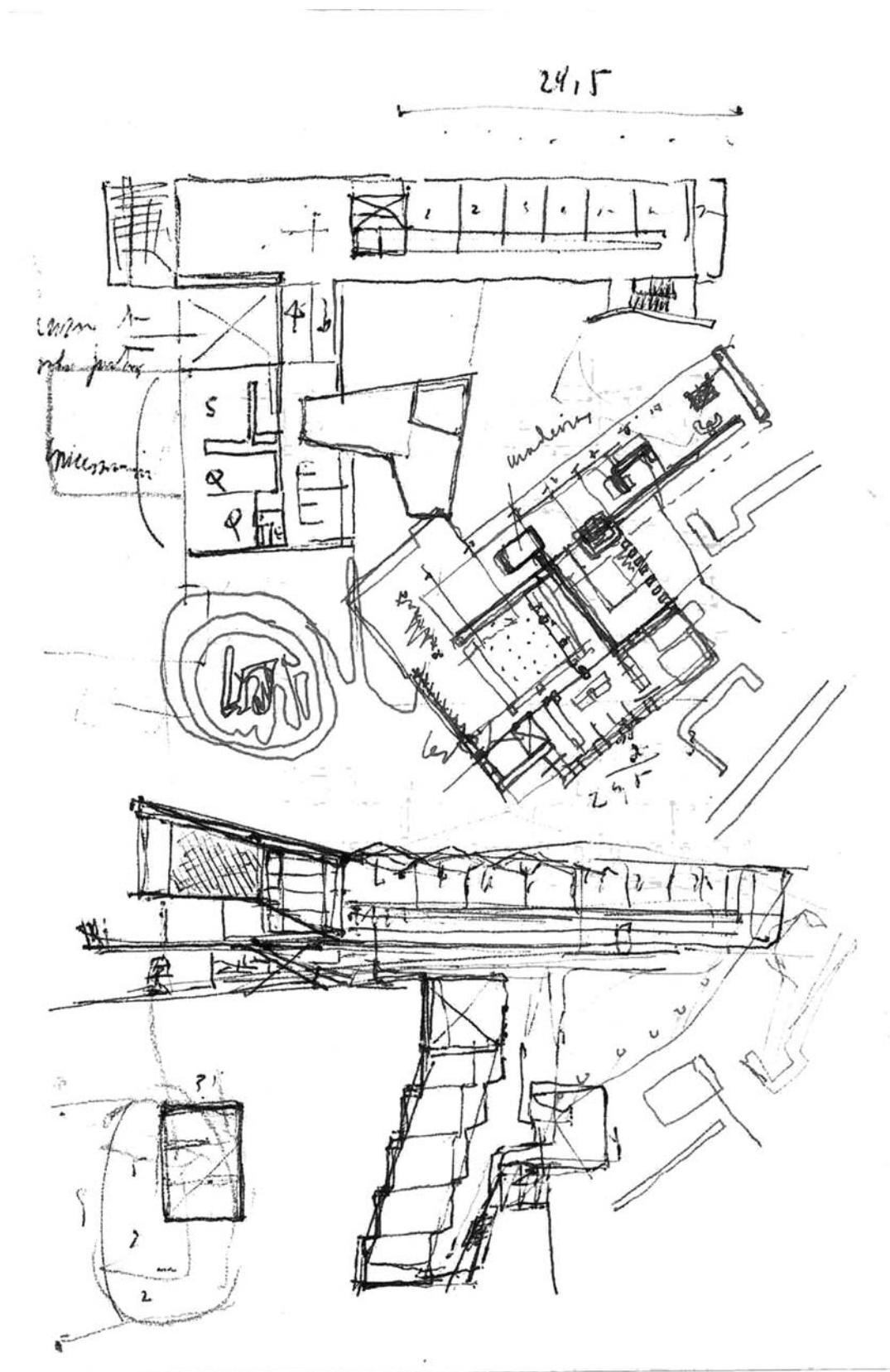
## ANEXOS

<b>ANTE-PROJECTOS</b>	<b>173</b>
Esquiços	173
Desenhos	183
<b>PROJECTO</b>	<b>191</b>
Memória Descritiva e justificativa	191
Fichas de Assistência em Obra	200
Fotografias da Construção	208
Esquiços	212
Desenhos	227
Reinterpretação da obra	21 f.
<b>AMPLIAÇÃO</b>	<b>233</b>
Memória Descritiva e Justificativa	233
Desenhos	7 f.
<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>243</b>
Portaria n.º 740 - AG 2012	243
<b>FONTES DAS IMAGENS</b>	<b>247</b>

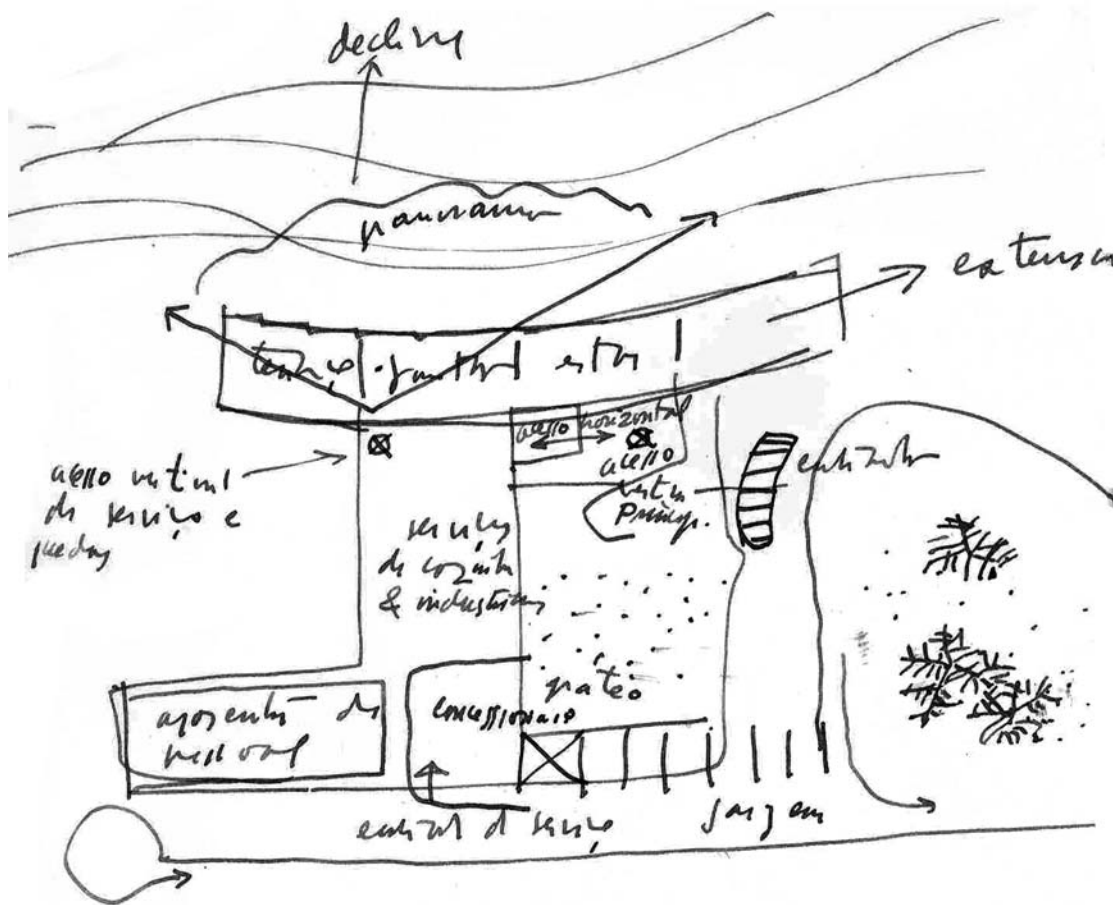






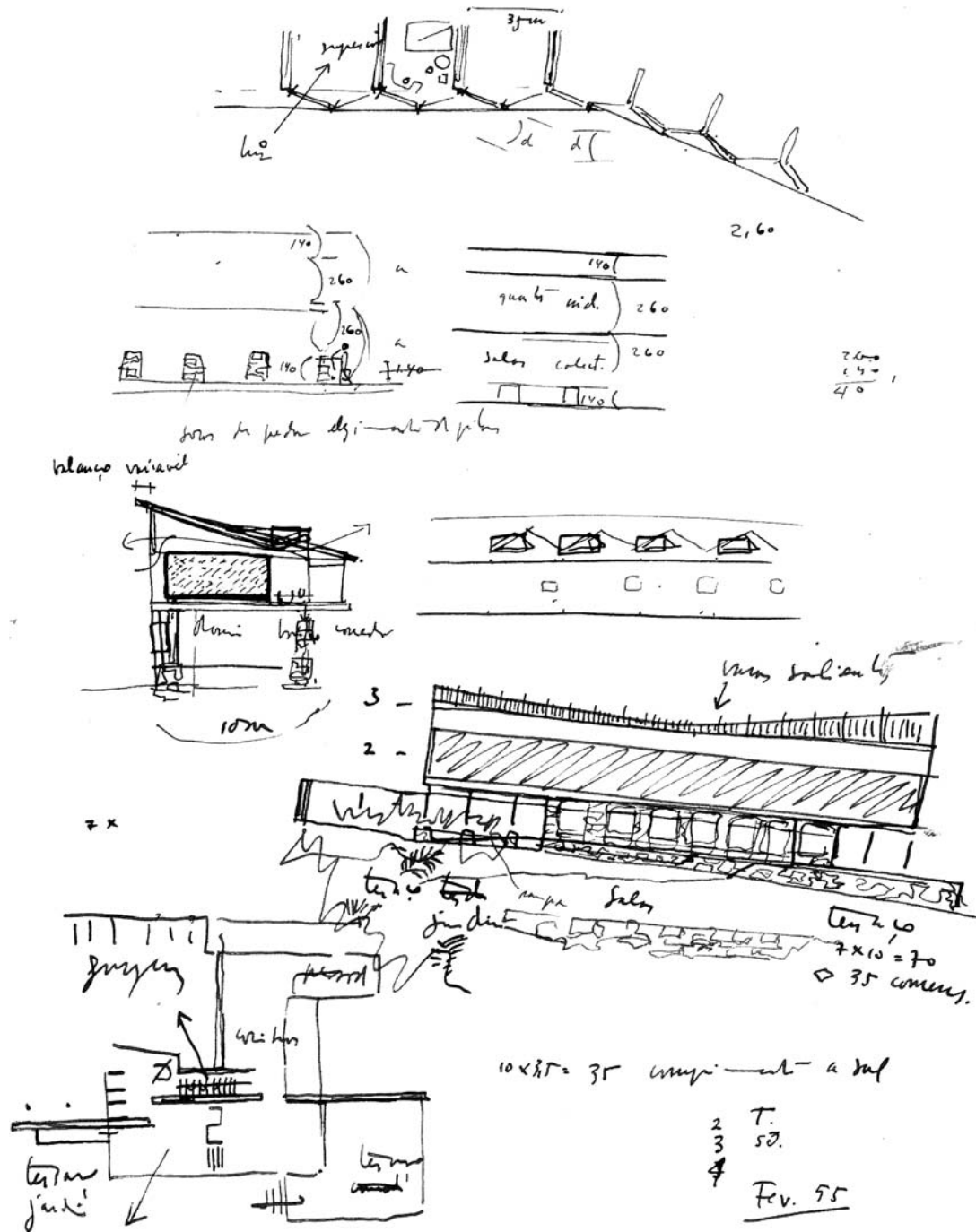




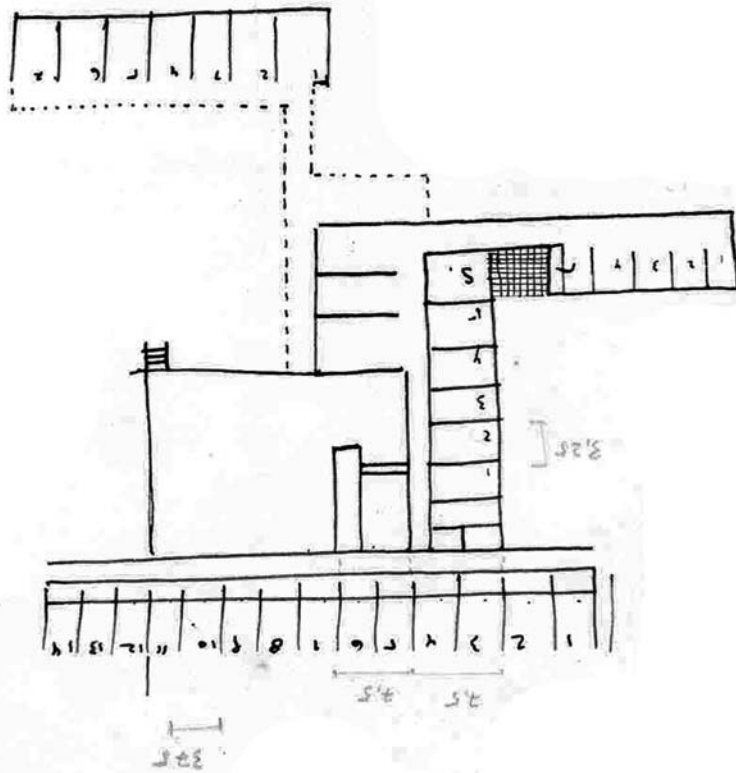
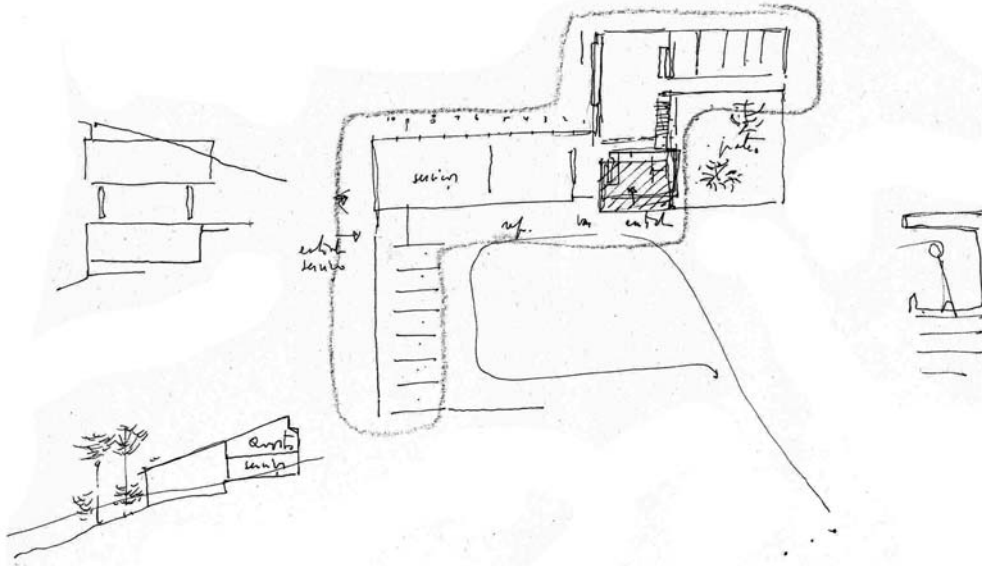


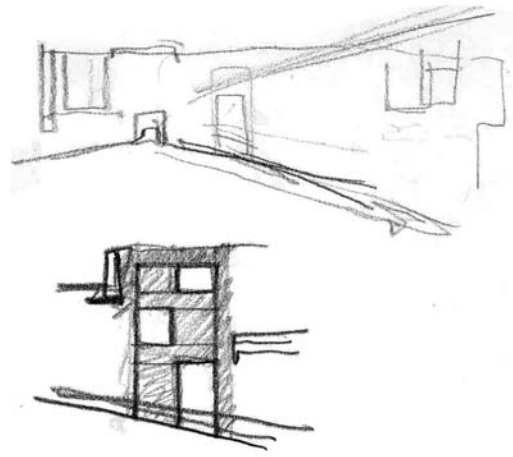
cortina de vedação pro 62 tom

E.N. 17

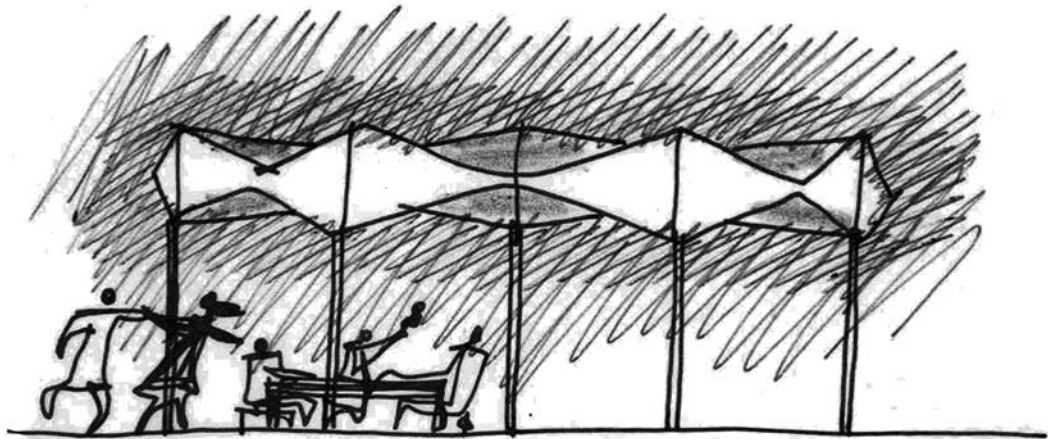
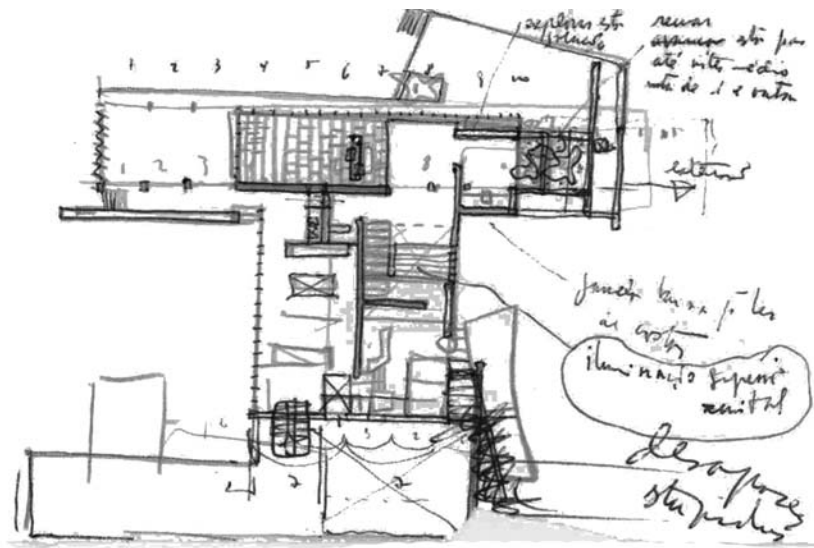


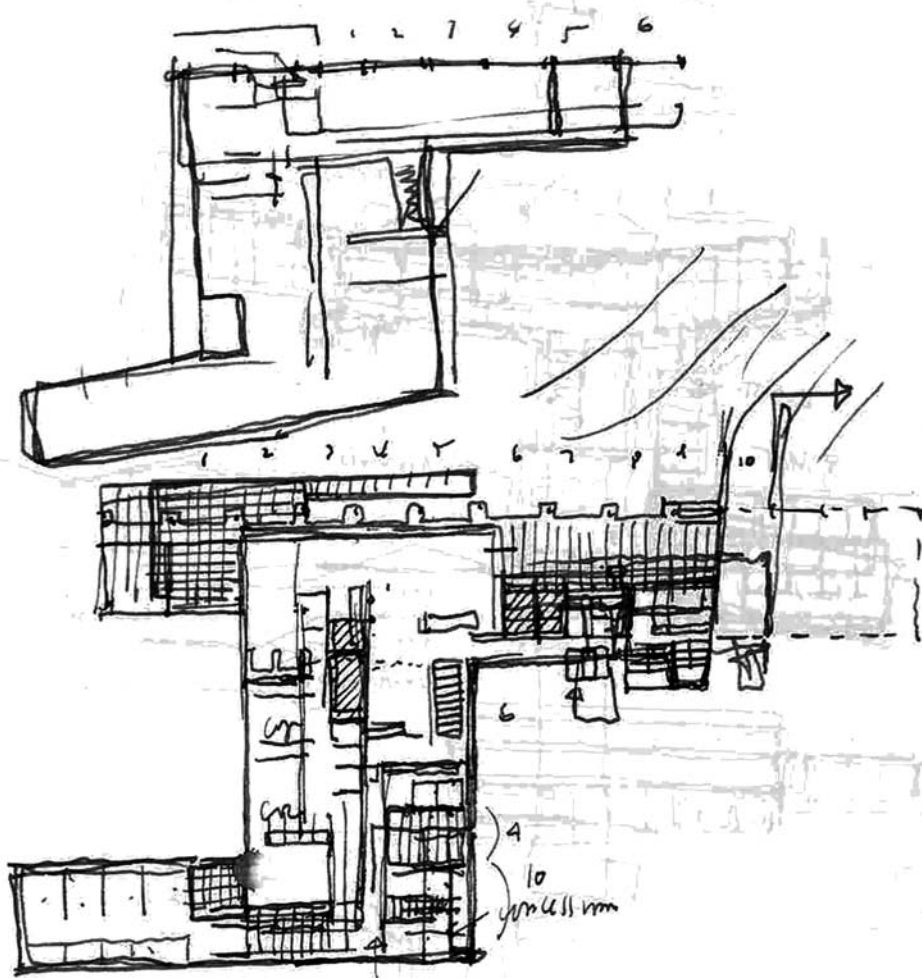
Program Khas dan Ikonotipis



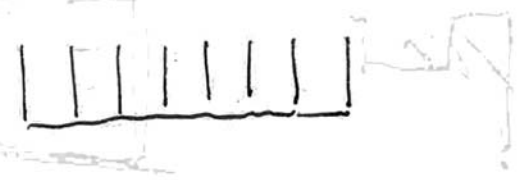


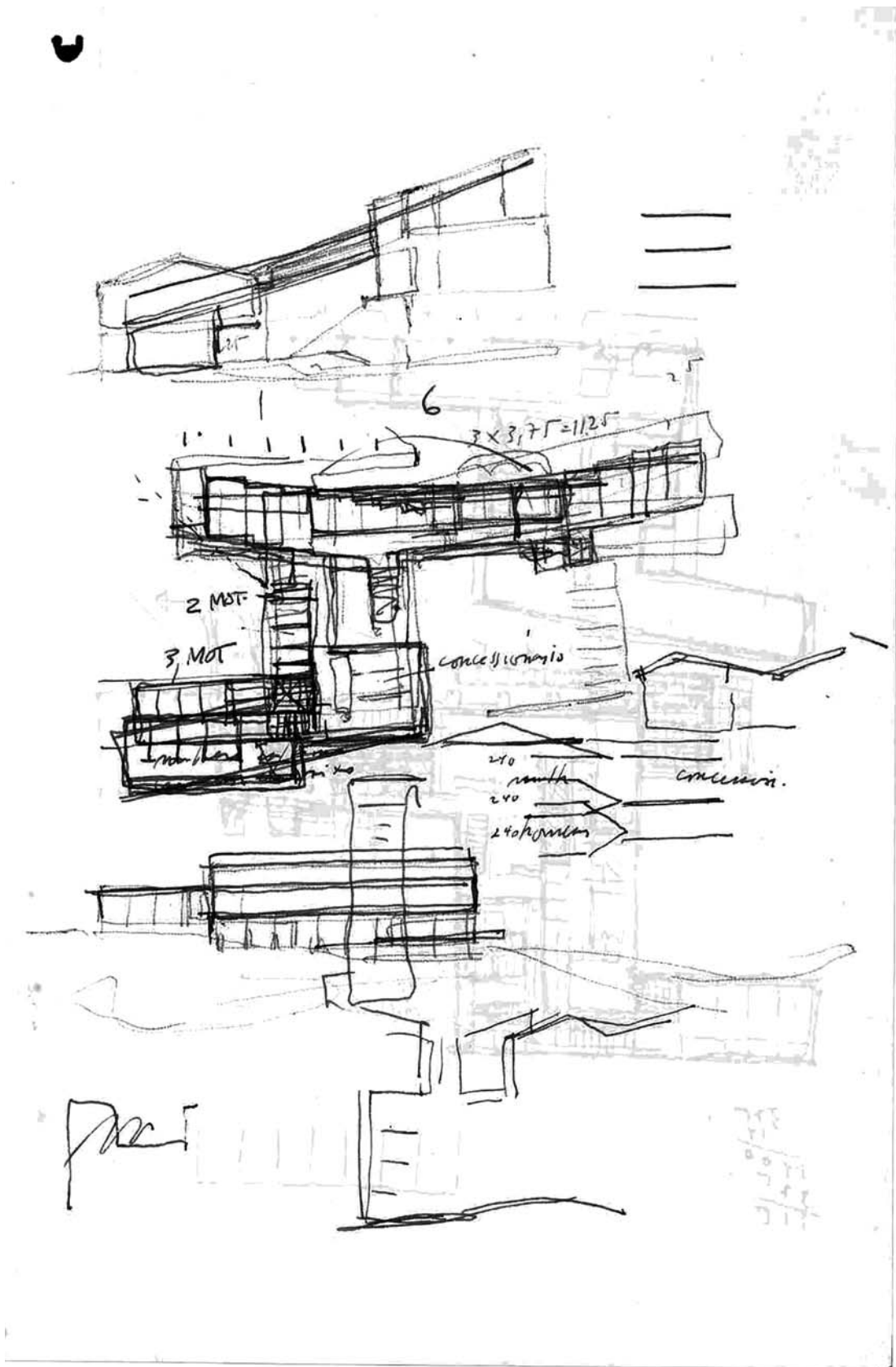
Fev. 55





$$\begin{array}{r}
 375 \\
 14 \\
 \hline
 1400 \\
 375 \\
 \hline
 515
 \end{array}$$







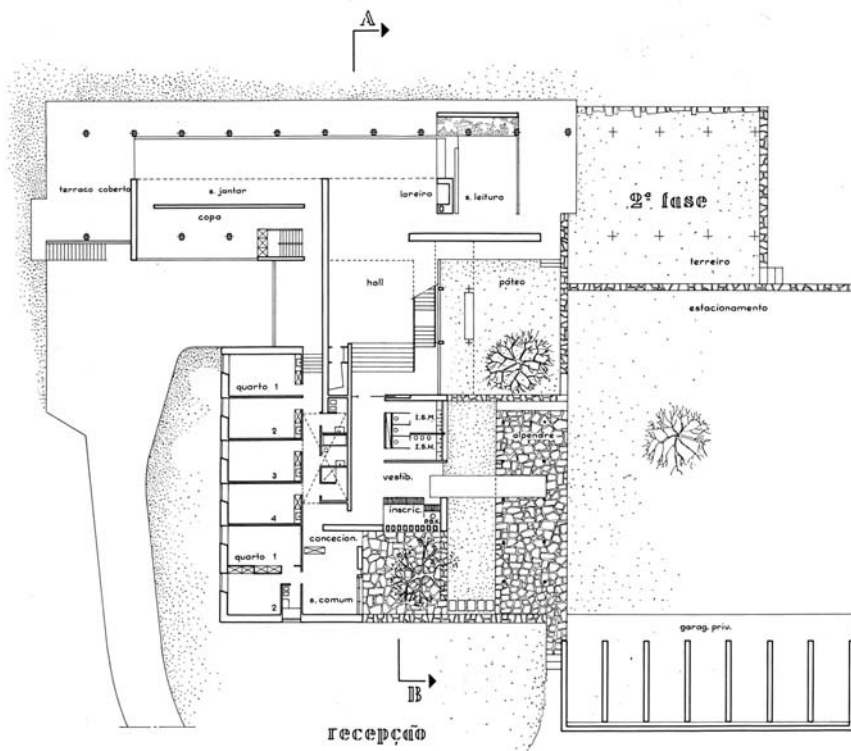
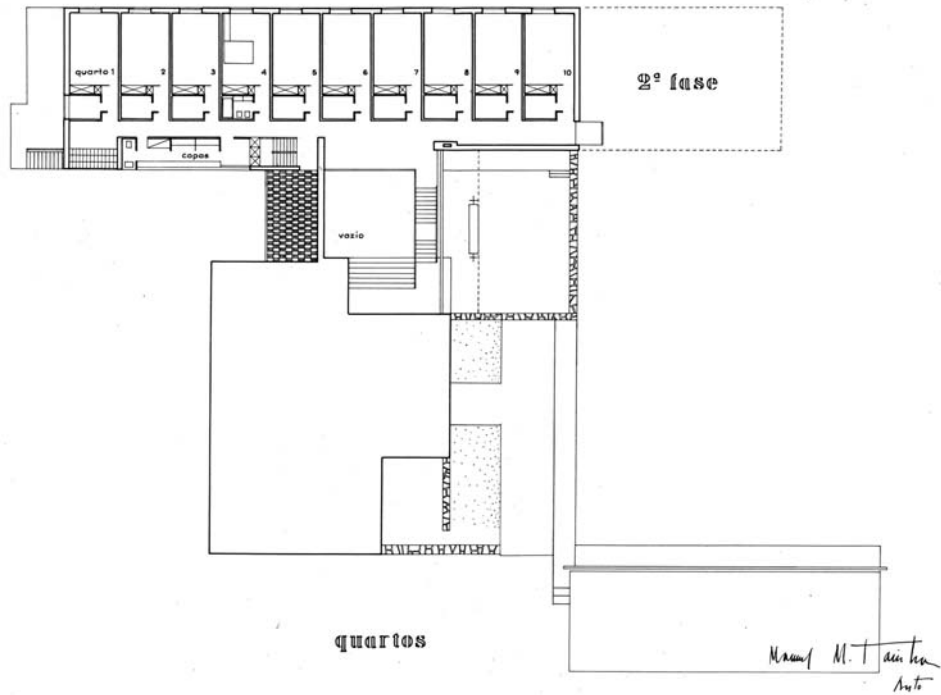


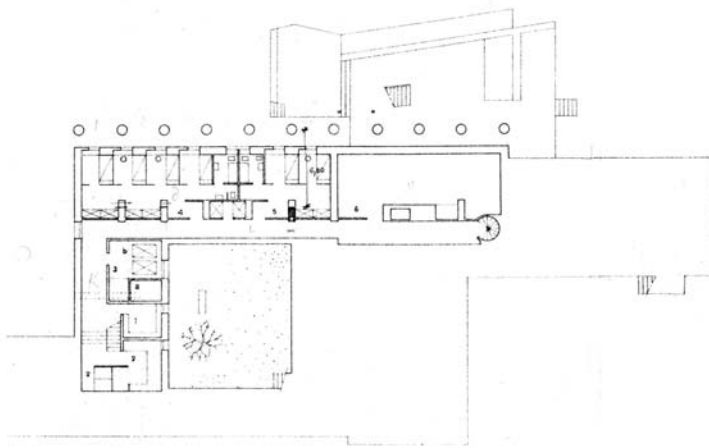
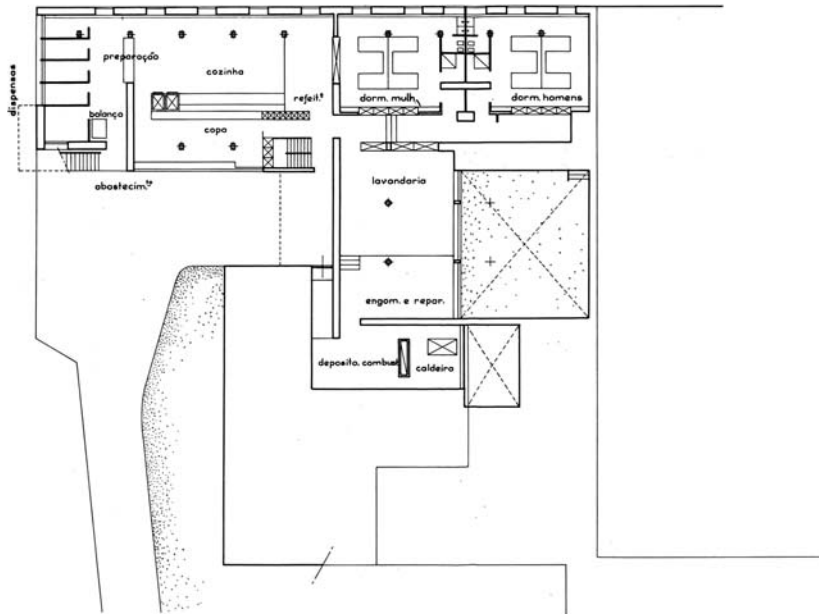
DESENHOS

**M.O.P. OLIVEIRA DO HOSPITAL**

POUSADA  
esc. 1/200

07





PLANTA DO 1º PAVIMENTO

- 1 galeria dos quartos
- 2 apartamento
- 3 quarto
- 4 copa
- 5 roupa suja
- 6 roupeiro
- 7 creche de serviço neut.
- 8 escada de serviço

PLANTA DO 2º PAVIMENTO

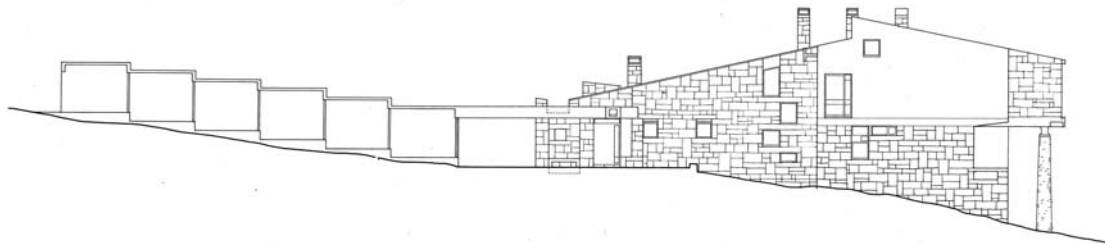
- 1 caldeira
- 2 limpeza geral
- 3 equipamento a) caldeiras b) esgoto
- 4 quarto de pessoal interno
- 5 quarto de pessoal interno
- 6 arrecadação geral

Escala: 1 / 200

arquitecto

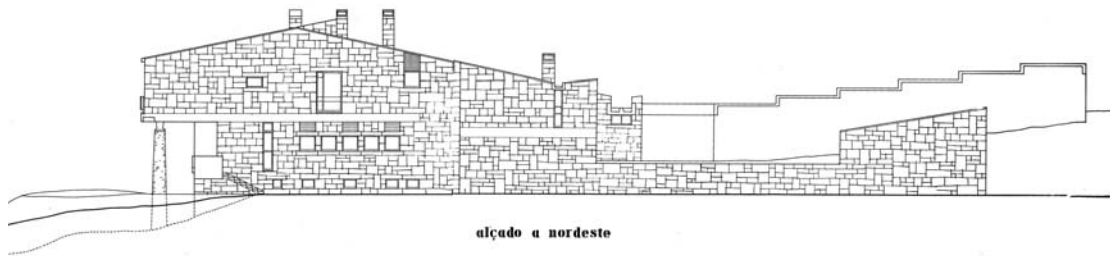
*Maria M. Teixeira*

23.1.72

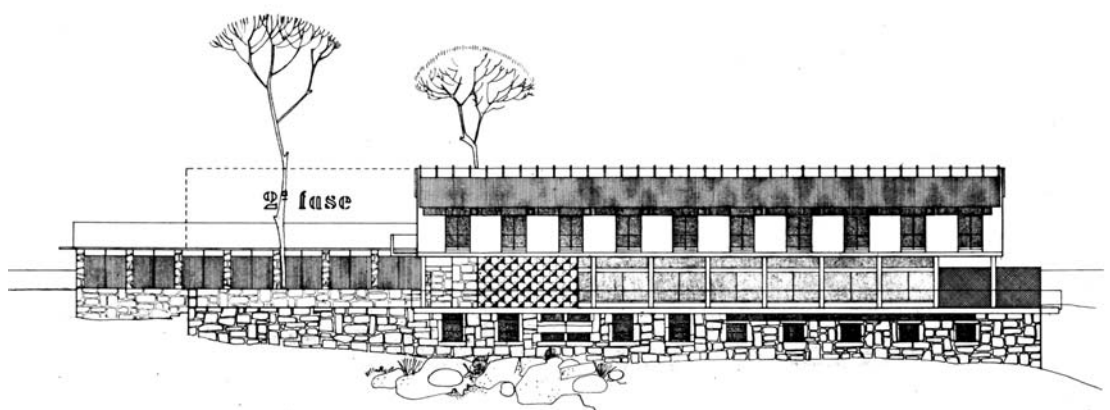


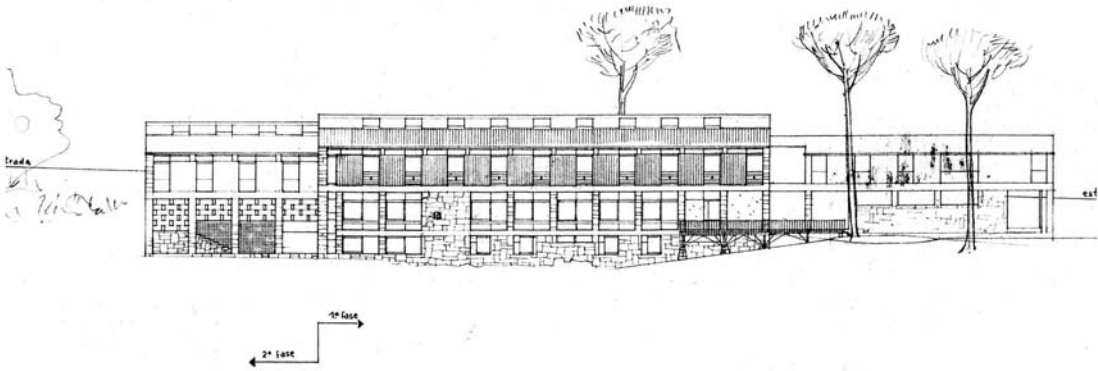
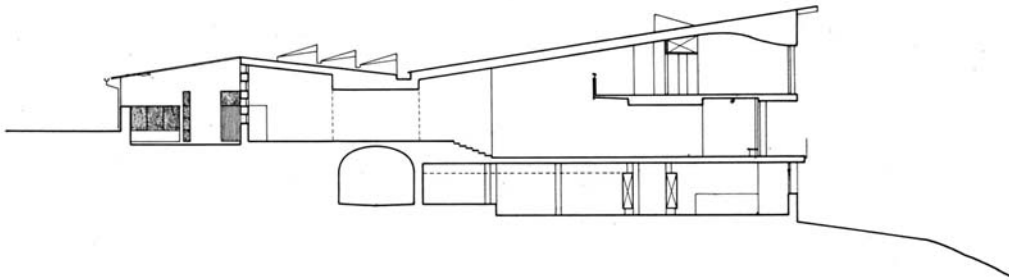
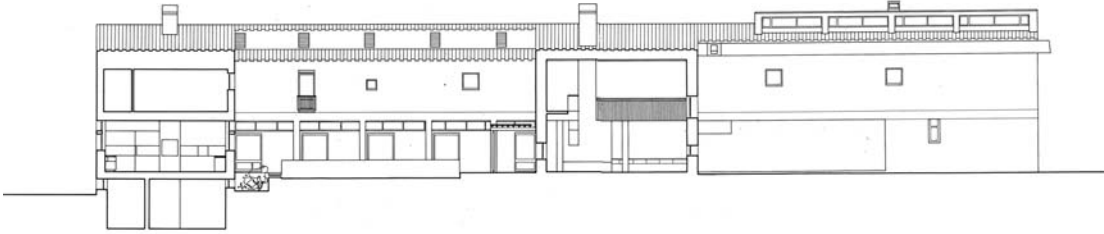
alçado a sudoeste

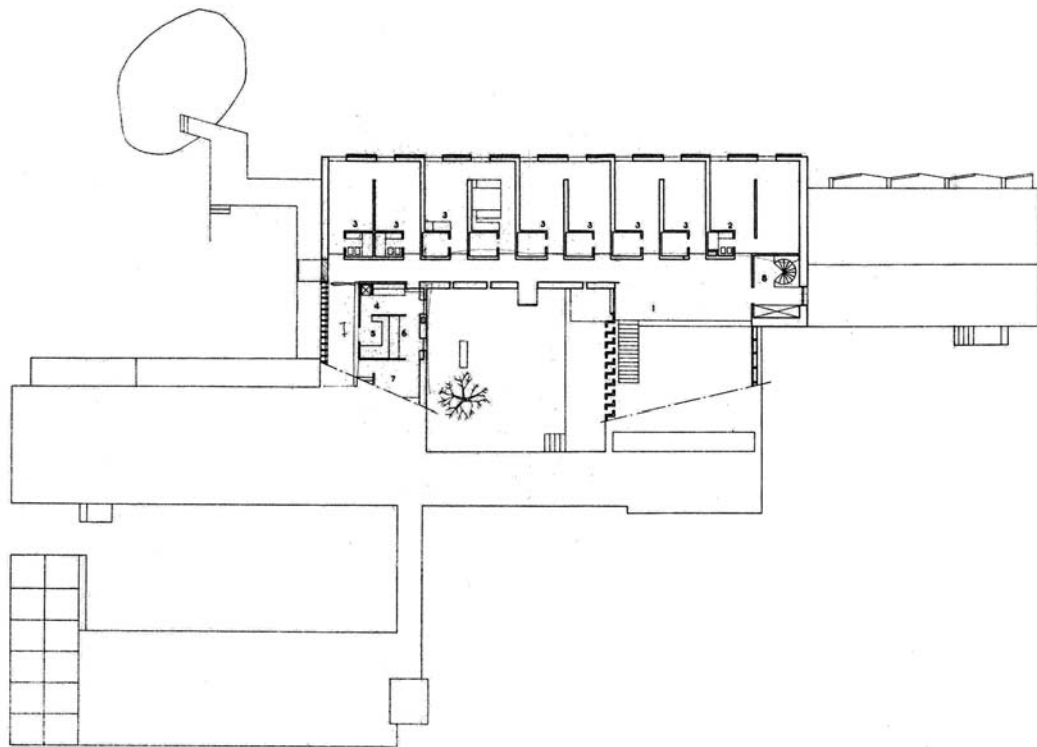
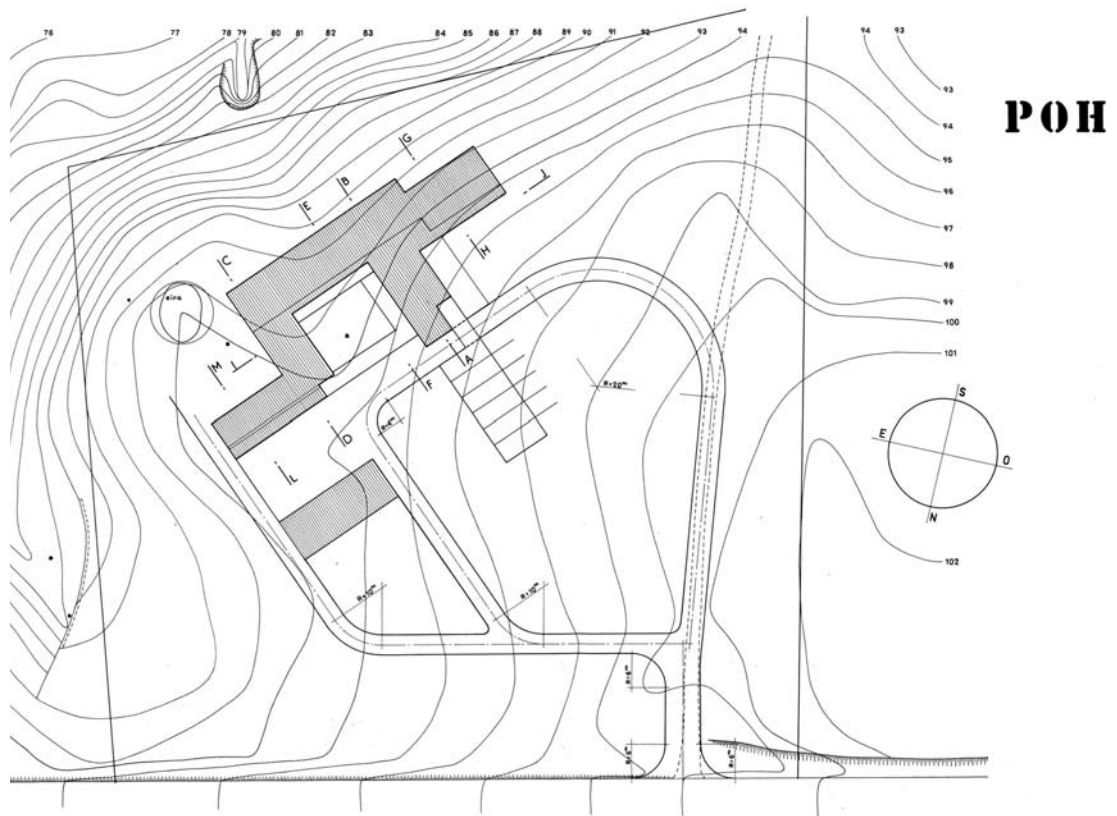
**POH 1**  
20



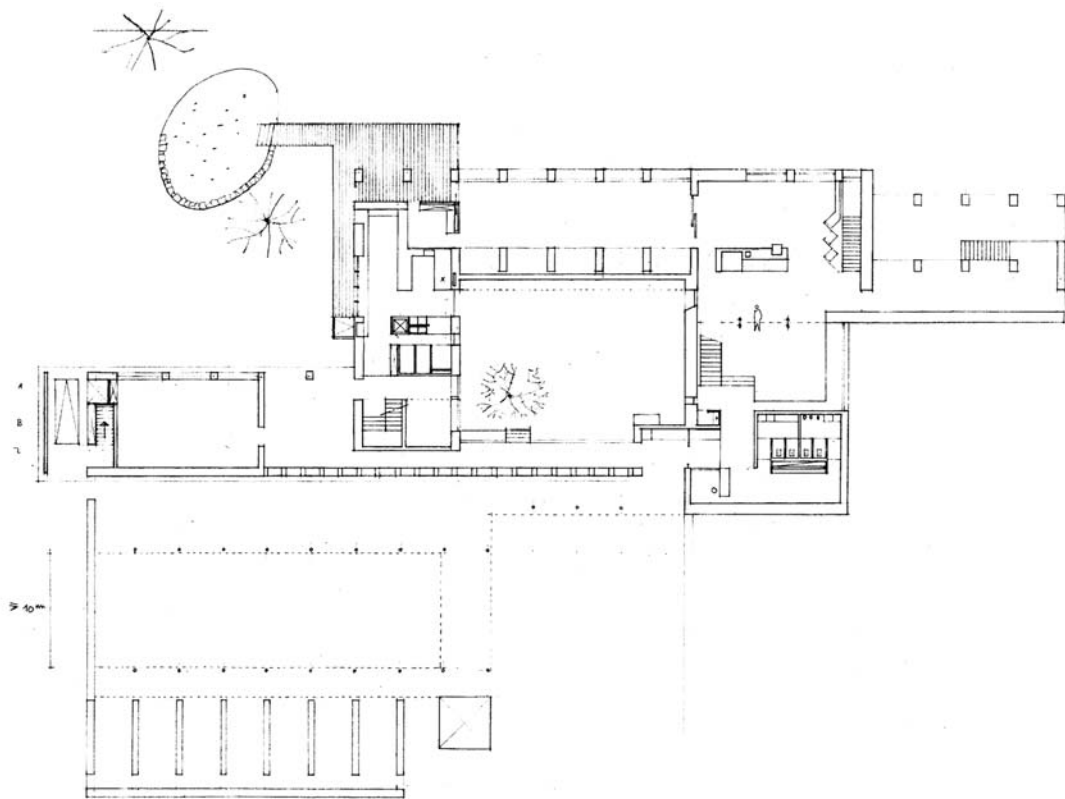
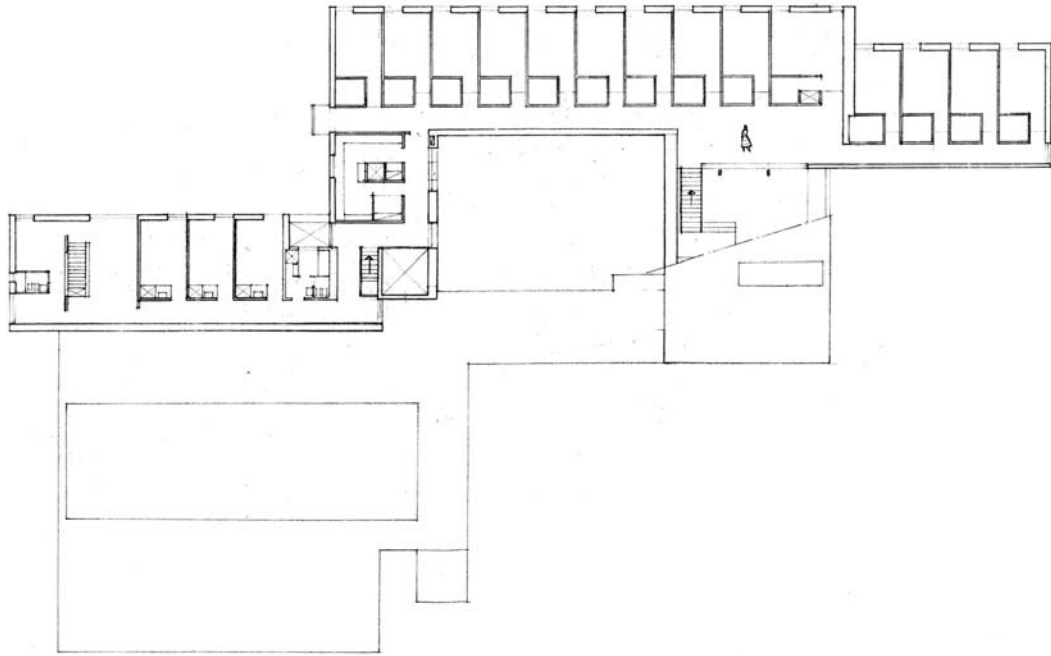
alçado a nordeste















# PROJECTO

## MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

MANUEL MENDES TAINHA  
arquitecto

Embora tenhamos apresentado em seu tempo, e por iniciativa própria, um 2.º ante-projecto da Pousada de Oliveira do Hospital, que parece ter antecipadamente respondido às observações mais tarde feitas ao primeiro, surge-nos a oportunidade de apresentar um 3.º ante-projecto em que as questões de fundo do programa e de forma arquitectónica, esboçados no 2.º, fossem agora mais clara e extensamente trabalhados.

Na verdade este trabalho surge por efeito de 2 forças:

- 1.ª - insistências sobre o conteúdo funcional e prático do tema e do programa;
- 2.ª - aprofundamento dos meios de integração desse tema no local.

Sendo efectivamente os dois termos de uma operação artística, a sua projecção no resultado final não pode, em rigor, exprimir-se aqui, visto que a sua síntese se processa ao nível exclusivamente arquitectónico e dentro dos seus próprios vocábulos e método.

Em todo o caso procuraremos justificar um ponto.

A região onde a Pousada se vai situar, é como se sabe abundantíssima em granito. Dada a secular utilização deste material, nada mais natural do que instigar-se a imaginação e a invenção no sentido da sua aplicação.

Porém isto não indica como certo que esta seja a única solução, a hipótese única; isto é, não dá por errada qualquer solução baseada noutros materiais. O teor de integração local de uma construção não se afere pela aplicação dos materiais que esse mesmo local fornece, mas sim pelos valores arquitecturais que êle comporta e consagra no curso da sua evolução. E estes valores são de natureza espacial; e portanto de ordem cultural e humana.

Por nosso lado não foi então a abundância de granito, da madeira e da telha que determinou a sua aplicação, mas antes a nossa colocação cultural diante do assunto, o conhecimento das realizações espontâneas e cultas da região, e por consequência, os seus valores espaciais e práticos.

Por outro lado à formulação mais profunda dos dados do programa, nesta altura do nosso trabalho, não foi indiferente a posse desses valores. Assim, e para exemplo, o caso de termos optado pela contiguidade horizontal dos serviços de cozinha com a sala de refeições, e pela sua continuidade, radicou-se no estilo ou regime de vida interna mais peculiar dos meios rurais ou semi-rurais, em oposição a outro tipo de relação, digamos mais urbano, onde estes dois elementos são mais diferenciados. Aqui, certos elementos assumem um caracter mais amplio mais rico do que aquele que lhe determinam as suas funções imediatas.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1956

Manny M. Anta

## INTRODUÇÃO

Temos oportunidade de apresentar o primeiro volume das peças de projecto, para a Pousada de Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas); o qual é exclusivamente constituído pelos desenhos de conjunto à escala 1:100.

Estas peças fixam em definitivo a solução arquitectónica do edificio e, nessa medida, fornecem os elementos necessários ao trabalho final das especialidades; não sem que estas nos tenham previamente informado acerca das suas exigências fundamentais.

Todo o trabalho de projecto fica pois estabelecido e ordenado da forma seguinte:

- 1 - Elaboração das peças de conjunto (escala 1:100);
- 2 - Elaboração definitiva dos projectos de betão armado e especialidades;
- 3 - Execução simultânea de peças de pormenor (e pequenos conjuntos) a escalas maiores -- 1:50, 1:25 e natural, com o concurso dos dados definitivos das especialidades;
- 4 - Fixação do caderno de encargos e custo definitivo da obra.

Isto significa que ao presente volume haveremos de juntar um segundo, constituído pelas partes 2ª., 3ª., e 4ª. deste programa.

## GENERALIDADES

Neste trabalho damos seguimento ao que substancialmente foi fixado no último ante-projecto; a saber:

- a - desenvolvimento planimétrico do conjunto em circuito fechado, gerando um espaço livre interior -- pátio;
- b - distribuição geral das peças adentro deste circuito;



- c - organização assimétrica do conjunto em estrita aderência ao declive do terreno;
- d - entrada e zona de recepção a nível intermédio;
- e - orientação única e igual para todos os quartos de cama;
- f - sala de refeições e cozinha em contiguidade horizontal;
- g - situação dos quartos para o pessoal dos hóspedes compatível com a sua eventual utilização pelos próprios hóspedes, quando for caso disso;
- h - utilização extensiva da pedra granítica e outros materiais de uso comum na região

E introduzem-se as seguintes alterações:

- 1ª. - transferência da residência do concessionário para um local de maior independência em relação à vida da pousada, o que vem em benefício das duas partes;
- 2ª. - integração dos serviços de lavandaria no corpo do edifício; guardadas a sua relativa independência e justa continuidade exterior;
- 3ª. - redução a um único nível de todos os quartos de cama dos hóspedes, o que facilita extremamente todo o serviço de assistência, mormente o das refeições (peq. almoços);
- 4ª. - criação de uma zona de estacionamento de automóveis junto à entrada, em regime livre.

Fixados estes quatro pontos de novidade sobre o ante-projecto, ainda que o não alterem nas suas bases primárias, o nosso trabalho seguiu o caminho de apuramento de cada uma das partes componentes, e das suas relações internas com o domínio da estrutura, da construção e das especialidades.

#### ESTRUTURA

A estruturação geral do edifício resolve-se num sistema de transmissão vertical de cargas, mixto de pontos e linhas. O seu estabelecimento e emprego foram, sublinhados, naturalmente regulados pela qualidade e a

forma dos espaços internos adentro das suas últimas exigências — limita  
ção nuns casos, ilimitação noutros, tensões, passagens, etc.

Em princípio temos um sistema de vigas e lages que transmitem horizontalmente as cargas sobre uma linha periférica contínua. Esta é a figura primária (Fig.1).

Desde que o vão exceda os 6 metros a viga cria um apoio central em regime de encastramento; por outras palavras, a viga gera uma figura porticada em T com três apoios: um ao solo, e dois laterais na linha periférica con  
tínua (Fig.2).

As lages dos pavimentos são contínuas, com excepção para a zona dos quartos de cama dos hóspedes onde se tornam descontínuas, estática e materialmente, para evitar a transmissão vibratória de peça para peça.

A linha periférica de apoio apresenta-se até aqui como parede mecâmicamente não organizada. Porém, à medida que nela se praticam aberturas ela ta  
de, pela sucessiva composição de forças e respectivo direccionalismo, a organizar-se; até ao caso limite da sua conversão em pilar (resultante ú  
ca).

Adentro deste processo evolutivo consideramos três modalidades de fenestração a que correspondem outros tantos planos de organização da parede:

- 1ª. - por perfuração;
- 2ª. - por rotura;
- 3ª. - por redução.

A primeira consiste na forma comum de abertura de pequeno vão, governado pelo poder de tracção dos granitos.

Neste caso afastamo-nos das técnicas de fenestração de base normativa: mo  
dulação, correspondências (verticais), ritmias, etc. Efectivamente estas técnicas contestam, pelo seu próprio conteúdo regulador, a feição unitária e discricionária da parede contínua, seja de ponto de vista plástico,

seja mecânico e elástico. Pelo contrário, a noção orgânica da parede (massa e tensão), longe como está da visão estático-gráfica, assimila novas e ilimitadas séries combinatórias de aberturas (ou quaisquer outros acidentes) tão adaptáveis quanto quizermos às puras necessidades do espaço interno.

Esta técnica aproximou-nos das práticas rurais.

A segunda modalidade consiste na rotura ou interrupção das massas parietais, dando origem a aberturas verticais a toda a altura da parede. As massas, ainda que desintegradas, mantem entre si uma certa continuidade estática através dos elementos horizontais de resistência (vigas e lajes); diferentemente portanto do caso dos pavimentos de madeira onde não existe nenhuma espécie válida de articulação estática.

Finalmente a terceira das modalidades constitui a fase de organização limite.

Com efeito a redução de uma parede contínua a uma teoria de segmentos (Fig.3) pode ser interpretada seja como uma perfuração seja como uma rotura, nos seus estados limite.

Todavia já não podemos falar mais em parede, mas sim em pilar, pois trata-se ao cabo e resto de um elemento estática e plásticamente diferenciado de um segmento de parede, na própria medida em que as forças deixam de se compor (actuar) segundo um plano de simetria para actuar, no máximo da sua composição, segundo uma linha — o eixo do pilar. Este eixo introduz, no caso do simples apoio, uma imediata bi ou pluralidade de simetrias, segundo se trate de um pilar de secção rectangular ou secção circular. Escolhendo a secção circular estamos portanto em presença de uma superfície de revolução em torno do eixo, o que melhor define o pilar como eixo de rotação espacial.

Ora bem, se qualquer um destes tipos de fenestração surge, por via de regra, a qualificar os respectivos espaços internos (sabido como é, que a luz é uma das determinantes do espaço), o último, porém, acumula mais duas alegações; a saber:

- 1ª. - necessidades panorâmicas
- 2ª. - economia de meios

De facto, se a solicitação panorâmica determina um máximo de vão, a circunstância desta se verificar na região dos pórticos determina um mínimo de apoio. Acontece então que a teoria de pilares acompanha o andamento modular dos pórticos.

Porque já não se trata de uma sequência de aberturas praticadas numa parede, mas sim de um peristilo, segue-se que a rotura é total, ou por outras palavras, a abertura ganhou toda a frente (Fig.4), e ocupará, em profundidade a posição que nós quizermos.

A parede (de vidro, neste caso) libertou-se de qualquer sujeição aos elementos resistente; e daí, a sua acomodação a puras finalidades estético-visuais.

#### CONSTRUÇÃO

Nesta parte do problema, que só por necessidade de sistematização, se individualua, consideramos dois aspectos: o dos materiais e o das técnicas. Cada um deles condiciona o outro, e ambos são no seu conjunto condicionados pelo nível construtivo que o tema requiere e a pecunia oferece. Assim, segundo as suas funções se devem entender:

- a - materiais de estrutura
- b - materiais de divisão do espaço
- c - materiais de obstrução dos vãos
- d - materiais de revestimento e acabamento
- e - materiais de ligação

O quadro seguinte desenvolve este tema, na base das relações que o material, a sua função, e técnica de utilização estabelecem, adentro do processo geral da construção.

No alto, as cinco funções construtivas.

Na vertical, a gama dos materiais.

No interior, a forma como cada um dos materiais aparece a desempenhar aquelas funções.

Temos então uma grelha de leitura, onde cada forma construtiva (ou técnica de utilização se o quisermos chamar, pois se trata de forma-tipo) surge pelo concurso dos dois principais factores da obra: os materiais e as funções construtivas.

Toda a pormenorização da obra constará do segundo volume. Ali, as formas que agora se apresentam sob uma figura-tipo, desenvolver-se-ão segundo o grau de adaptação a cada caso concreto. E então esta grelha dará lugar a uma outra que se adapta à evolução dos trabalhos de execução, a partir duma inversão das coordenadas.

#### SERVIÇOS TÉCNICOS

Este capítulo envolve todo o equipamento técnico do edifício. A sua gama estende-se, aqui, para além do tradicional pois que, ao mesmo tempo que se trata de um edifício isolado, ele deve possuir todos

aqueles atributos de conforto que a sua própria definição determina.  
Temos então os seguintes serviços:

- a - Água
- b - Energia eléctrica
- c - Aquecimento
- d - Telefone

Ora bem, a instalação de cada um destes serviços está referida, como tal, a um esquema operativo de base comum que compreende todas as suas fases. Estas são:

- 1ª. - captação (ou produção)
- 2ª. - fornecimento
- 3ª. - distribuição
- 4ª. - uso (ou consumo)
- 5ª. - evacuação e eliminação

Está bem de ver que esta última fase diz apenas respeito ao serviço de águas; compreendido neste o de esgotos, uma vez que ao cabo de contas é a água o veículo de todos os materiais que neles circulam.

No processo geral de instalação (abastecimento) a cada fase corresponde, para cada um dos produtos, um tipo bem determinado de equipamento — desde as máquinas centrais aos aparelhos terminais (uso).

O quadro II dá, por forma gráfica, uma noção regrada da instalação de cada serviço.

À esquerda os produtos a abastecer

Em cima as fases do abastecimento

No ponto de concurso destas coordenadas, o atributo.

Cada um dos serviços é, pela multiplicidade de problemas que levanta e implicações construtivas, objecto de um projecto especial que se apresenta no 2º volume. Contudo tomámos de cada um deles o suficiente de informação para que a obra final possa exprimir-se pelo integral, que não a soma, dos seus conteúdos.

Tal portanto como acontece com os capítulos anteriores.

*MM. Tainhu*





FICHA DE ASSISTENCIA		07
OBRA	Pousada de Oliveira do Hospital	LOTE ____ CELULA ____
TECNICOS PRESENTES:	ag tecn Loureiro -(empregado) José (encarregado) MwM.Tainha	DATAS 16 MAR. 191
PROBLEMAS DISCUTIDOS:		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1 - definição do tipo de juntas (estereotomia) e acabamento dos paramentos a partir da amostra executada pelo empregado</li> <li>2 - prolongamento da arrecadação da cave ,junto às instalações do pessoal, proposto pela Fiscalização (engº Costa Alemão)</li> </ol>		
SOLUÇÕES PROPOSTAS:		
<p>Foi sugerida por mim a hipótese de eliminar o pano de peito de madeira (tabuado) da vão da sala de jantar, e substituí-lo por paramento de pedra (alvenaria aparelhada). Empregado ficou de estudar a hipótese do ponto de vista do custo, e informar na próxima reunião.</p>		
SOLUÇÕES DEFINITIVAS:		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1 - aprovada a amostra executada pelo empregado.</li> <li>2 - aceite a proposta: executar mais cinco janelas superiores para iluminação da cave ampliada/ mesmas dimensões dos vãos e dos nembos</li> </ol>		

INSTITUTO

## FICHA DE ASSISTENCIA

07

OBRA Pousada de Oliveira do Hospital LOTE      CELULA     

### TECNICOS PRESENTES:

empreiteiro: eng<sup>o</sup> Loureiro  
encarregado: José  
arquitecto : M.M.Tainha

### DATAS

3 AGO. 19

### PROBLEMAS DISCUTIDOS:

- 1 - localização da E3 : é ainda possível mudar de sítio, pois não está construída
- 2 - painel contíguo à Vp9 (sala/jantar)
- 3 - definição de todos os forros de tábuas (paredes e tectos)
- 4 - prolongamento do forro de tecto para o exterior ( sala/jantar )
- 5 - lintel das janelas das salas de estar(átrio) e jantar
- 6 - pormenores de E2 e E7
- 7 - problema da utilização da casquinha
- 8 - rodapé dos quartos
- 9 - faltam desenhos n.os 14 e 17 na obra

### SOLUÇÕES PROPOSTAS:

- 1 - decidir localização e informar Loureiro e D.E do Centro
- 2 - fazer estudo e mandar
- 3 - fazer estudo e mandar
- 4 - rever em face das diferentes situações interior-exterior
- 5 - dadas as condições de clima o lintel carece de reforço. Nos quartos dos hóspedes fez-se lintel de betão a revestir de madeira. Aqui esta solução não é possível dado o tamanho do vão (14m) Encarou-se a incorporação de perfis metálicos.
- 6 - fornecer
- 7 - dada a má qualidade da casquinha corrente no mercado estudar o assunto em conjunto com o eng<sup>o</sup> Moreira (conhecedor)
- 8 - tábuas de 8cm de alto. nota: ter em conta no estudo dos armários
- 9 - pedir à DGEMN (eng<sup>o</sup> Ferreira da Cunha) envio destes desenhos urgentes

*Sev. de Construção/MOP 366772/3/4*

### SOLUÇÕES DEFINITIVAS:

Custo do depósito de água..... 100.000\$00  
Substituir LINEX de Vp13 e Vp7 por outro material.

mm m m t e a n d i c a	<b>FICHA DE ASSISTENCIA</b>	<b>07</b>
OBRA <u>Pousada de Oliveira do Hospital</u> LOTE <u>    </u> CELULA <u>    </u>		
<b>TECNICOS PRESENTES:</b> empreiteiro eng <sup>o</sup> Loureiro encarregado José nota: os engs Costa Alemão e Moreira já se tinham retirado, dado o meu atrazo. MMT	<b>DATAS</b>  <b>7 SET. 196</b>	
<b>PROBLEMAS DISCUTIDOS:</b>		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1 - aparelho e tratamento do granito</li> <li>2 - problema do desenho n<sup>o</sup> 14 do projecto</li> <li>3 - vigas de betão no tecto dos serviços do 1<sup>o</sup> andar</li> <li>4 - <u>corpo da entrada</u></li> <li>5 - paredes exteriores ( de 0,40 e 0,60)</li> </ol>		
<b>SOLUÇÕES PROPOSTAS:</b>		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1- deu-se indicação para executar a alvenaria aparelhada de forma mais tosca, para não parecer cantaria de fôrro</li> <li>2 - cedí a folha 14 do meu processo pessoal, ficando os serviços de Coimbra de me fornecerem uma cópia. Caso não possuam o original o empreiteiro devolve-me a cópia agora cedida. Avisar Coimbra.</li> <li>3 - segundo o empreiteiro existem 3 vigas no tecto dos serviços que não figuram nos meus desenhos. Em princípio serão pois de executar</li> <li>4 - avisei de que vou propôr alterações de pequena monta neste corpo que apresentarei na proxima reunião.</li> </ol>		
<b>SOLUÇÕES DEFINITIVAS:</b>		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1 - amostra para apreciar na próxima visita à obra</li> <li>2 - Coimbra vai mandar-me cópia do des 14 (eng<sup>o</sup> Costa Alemão 10/968)</li> <li>3 -</li> <li>5 - as paredes exteriores que no projecto figuravam macissas, estão a ser executadas como paredes duplas de alvenaria aparelhada de cerca de 0,30 e tijolo a cutelo, à excepção do corpo da entrada (recepção e atrio) que mantém paramento interior visto também de alvenaria aparelhada.</li> </ol> <p>nota: só agora tive conhecimento desta decisão que pelos vistos foi tomada pelos serviços sem me consultar. Em face disto importamenter contactos mais estreitos com os serviços, não fazendo nenhuma visita à obra sem a sua presença.</p>		



OBRA Pousada de Oliveira do Hospital LOTE \_\_\_\_\_ CELULA \_\_\_\_\_

TECNICOS PRESENTES:

- 1ª parte: gabinete/ engos Costa Alemão e Moreira, MMT
- 2ª parte: obra/eng.os Costa Alemão, Moreira, Loureiro (emp) Fiscal e encarreg José; MMT

DATAS

19 SET. 1968

PROBLEMAS DISCUTIDOS:

- 1 - capacidade do depósito elevado
- 2 - nova localização das garagens e hipótese de coberto estacionamento
- 3 - instalações do concessionário p/ hospedes
- 4 - definida a madeira a utilizar: Vpp ext e Vjj em "pau rosa"; tetos forros etc em casquinha
- 5 - quartos do pessoal/ ampliação
- 6 - sala do pessoal dos hospedes/conversão
- 7 - refeitório do pessoal pousada/conversão
- 8 - cozinha
- 9 - portas das casas de banho/ alargamento
- 10 - fluxómetros das casas de banho/substituição
- 11 - localização de bilhas propano
- 12 - impermeabilização das coberturas
- 13 - coluna de fugas/serviços

SOLUÇÕES PROPOSTAS:

SOLUÇÕES DEFINITIVAS:

- 1-depósito com capacidade de 70m<sup>3</sup> elevado cerca de 5m do solo.
- 2-rotação de 90º das garagens e criação de um coberto junto entrada
- 3-preve-se utilização para um quarto de hospedes em ponta.
- 5- 9 mulheres e 3 homens colectivos, mais um individual para cozinha
- 6-sala dos motoristas convertida em quarto com banho completo
- 7-sala refeições-pessoal convertida em sala estar hospedes
- 8- a)1 despensa de dia, mais frigorificos resolvem o problema  
b) porta dupla comunicação sala jantar-copa (criar tambor)
- 9-alargadas para 0,65 ao tisco com folha de 0,60
- 10- fluxómetro substituído por Canope embutido
- 11- exterior junto às garagens com acesso directo
- 12- folha de zinco sobre a lage, e ripa cerâmica
- 13- rever com simplificação

nota: fiquei de fornecer novo desenho da recepção próxima semana

FICHA DE ASSISTENCIA		07
OBRA <u>Pousada de Oliveira do Hospital</u> LOTE <u>      </u> CELULA <u>      </u>		
TECNICOS PRESENTES: 1ª parte/gabinete: Costa Alemão, Moreira, J.Tainha, A.Rola, MMT. 2ª parte/obra: engºs Costa Alemão, Moreira, J.Tainha, A.Rola, empreitº Loureiro, Fiscal e encarregado José. arqº MMT subempreitº inst.especiais Bento & Filho	DATAS 25 OUT. 196	
PROBLEMAS DISCUTIDOS: <ol style="list-style-type: none"> <li>1 - inst especiais: aquecimento/iluminação/sinal./distribuição</li> <li>2 - tetos das casas de banho-hóspedes</li> <li>3 - quartos motoristas</li> <li>4 - <u>garagens</u></li> <li>5 - depósito elevado</li> <li>6 - tímpanos dos vãos de madeira</li> <li>7 - porta da copa dos quartos-hospds (1º andar)</li> </ol>		
SOLUÇÕES PROPOSTAS: <ol style="list-style-type: none"> <li>1 - revisto o projecto com engºRola/empreitº/subempreitº:distribuição horiz assegurada ppara os quartos-hospedes pela soleira do vão de porta e jan VJC, e verticalmente pelos prumos do vão VJB1 (sala-jantar). Fazer respectivos pormenores. Nota: isto diz respeito ao aquecimento periférico. Para efeito das águas quentes: inst. corre por cima do teto das casas de banho hospedes.Para isso:</li> <li>2 - o teto das c. de b./hospds converte-se em lage corrida a todo o edificio p/ efeito de controle e conservação das canalizações/ alçapão de acesso na zona de serviços do 1º andar.</li> <li>3 - preparados p/hospedes: fazer esboço de c.de b. com wc incorporado</li> <li>4 - rotação de 90º marcada no próprio local: enviar desenho de confirmação.</li> <li>5 - elevação a 12m: espero envio desºCosta Alemão/depsesito de S.Jacinto.</li> <li>6 - substituir a tabuado de madeira por granito aparelhado, excepto VP8/1º and</li> <li>7 - deslocada do corredor p/ zona de serviço</li> </ol>		
SOLUÇÕES DEFINITIVAS:		

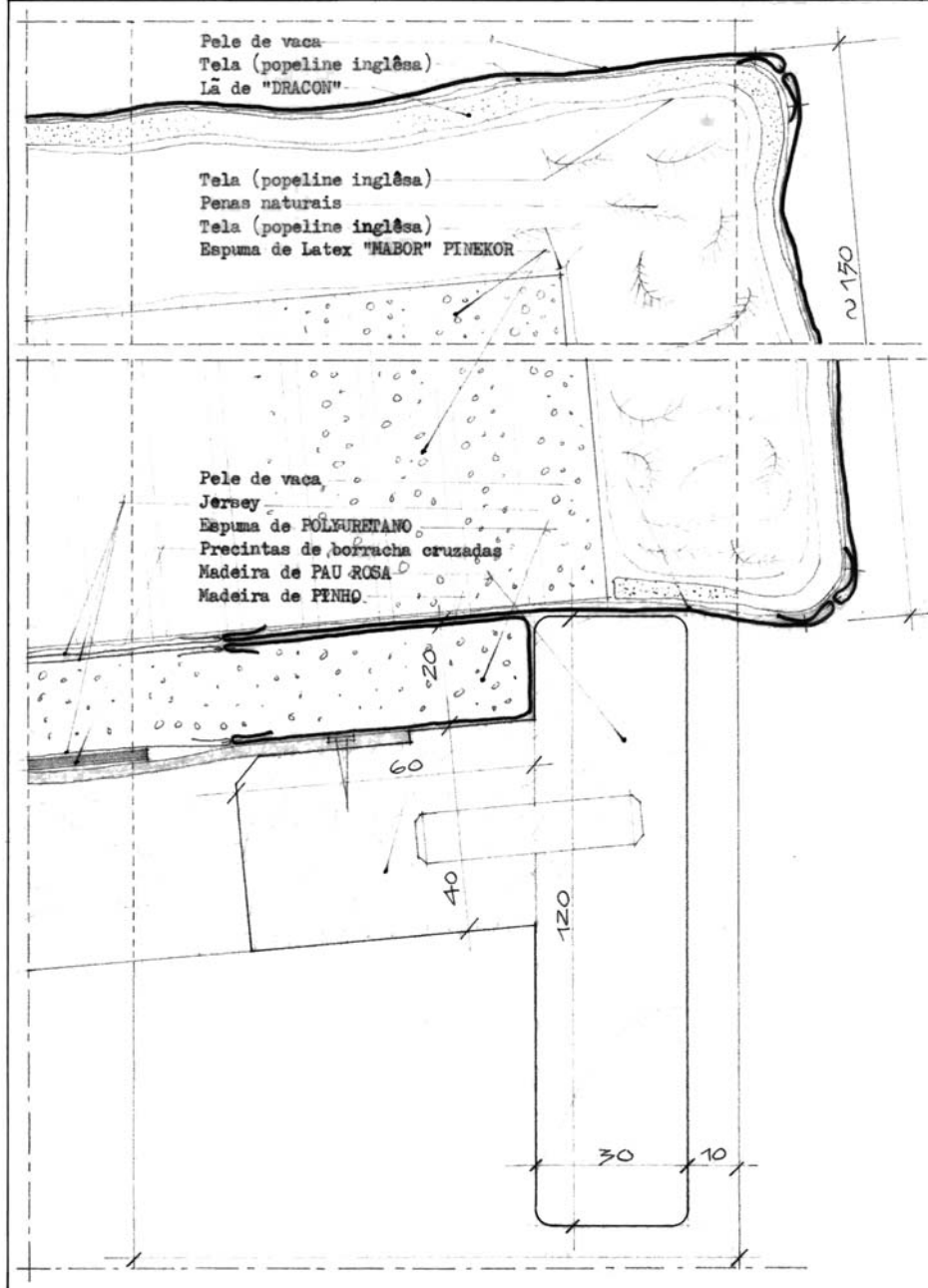




FOLHA DE FORMENOR Nº0009  
ESCALA NATURAL  
o arquitecto:

CI/SrB (82-2)Y.16

M.M.TAINHA arquitecto  
rua Viriato 5,49-Lisboa 1  
Tel: 534050



## FOTOGRAFIAS DA CONSTRUÇÃO



1. Vista sobre o Vale do Alva.

2.

3.

4.

5. Terreno virgem.

6. Fotomontagem do terreno.



- 7.
- 8.
- 9. Terreno virgem.
- 10. Vista sobre o Vale do Alva.
- 11.
- 12.
- 13. Construção típica da Beira.







14.

15.

16.

17. Fotografias da Obra.

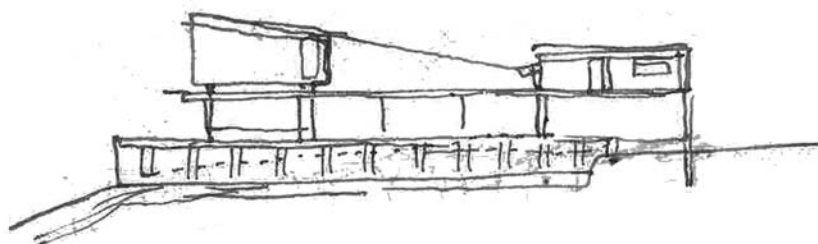
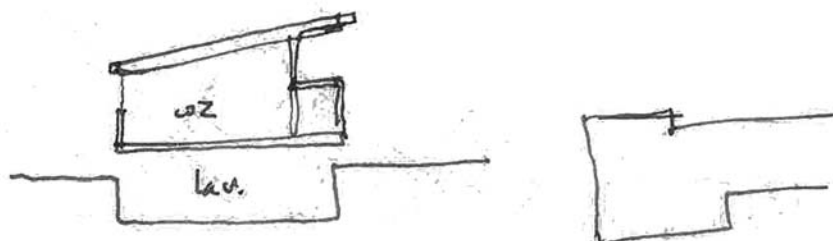
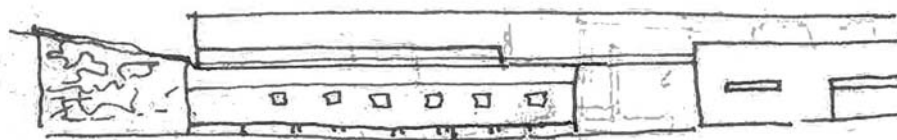
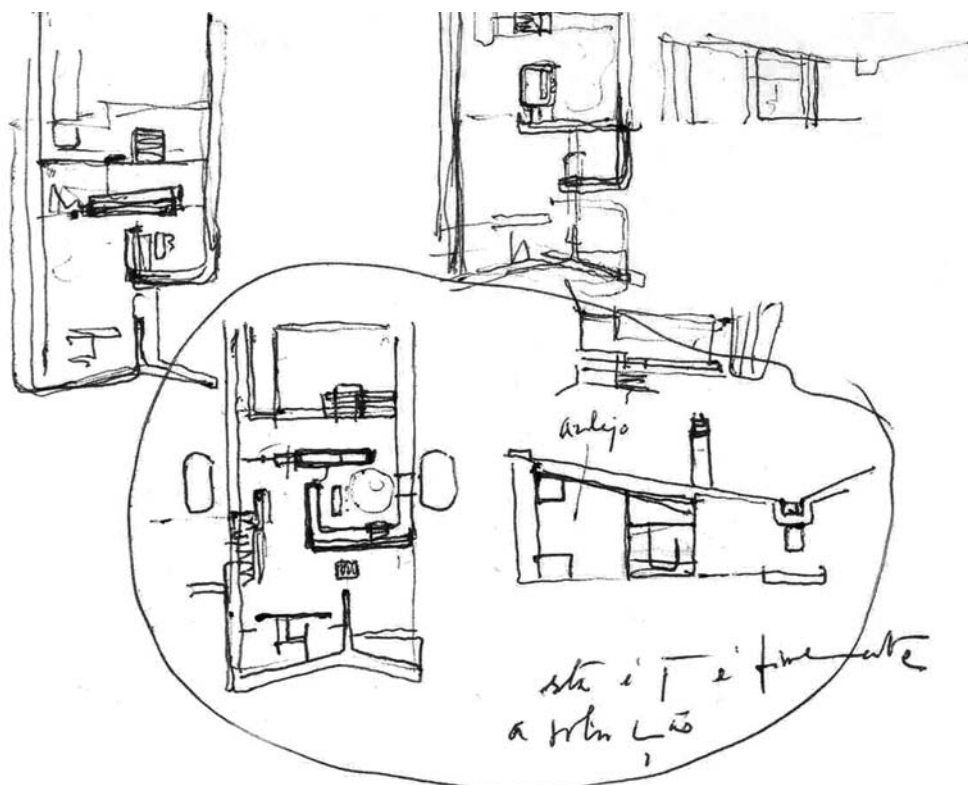
18.

19. Família do arquitecto na Pousada.

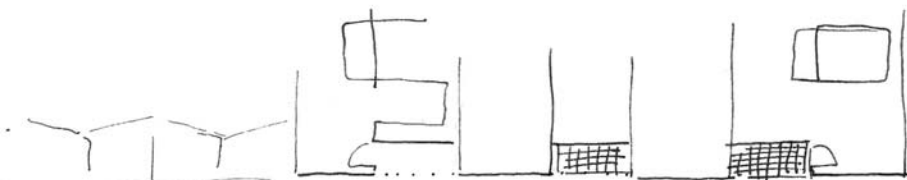
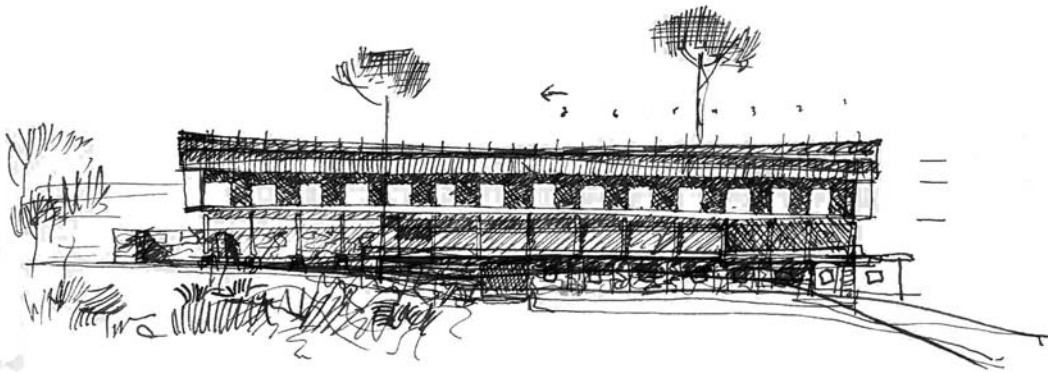




# ESQUIÇOS

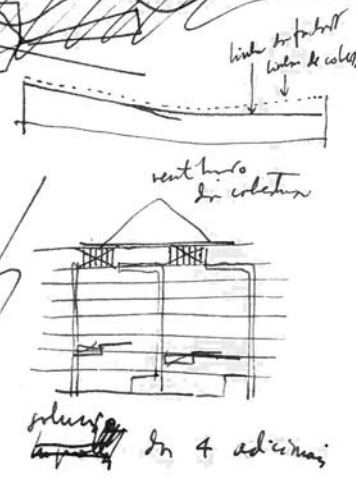
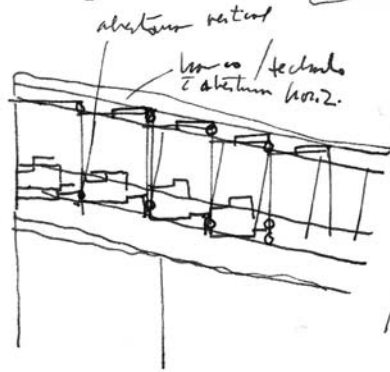
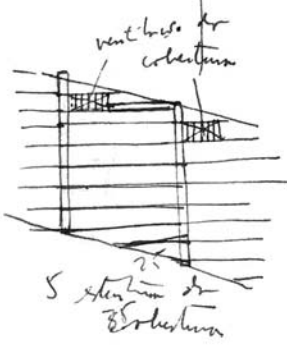
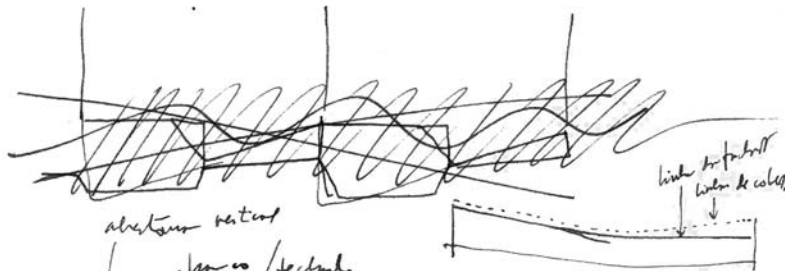




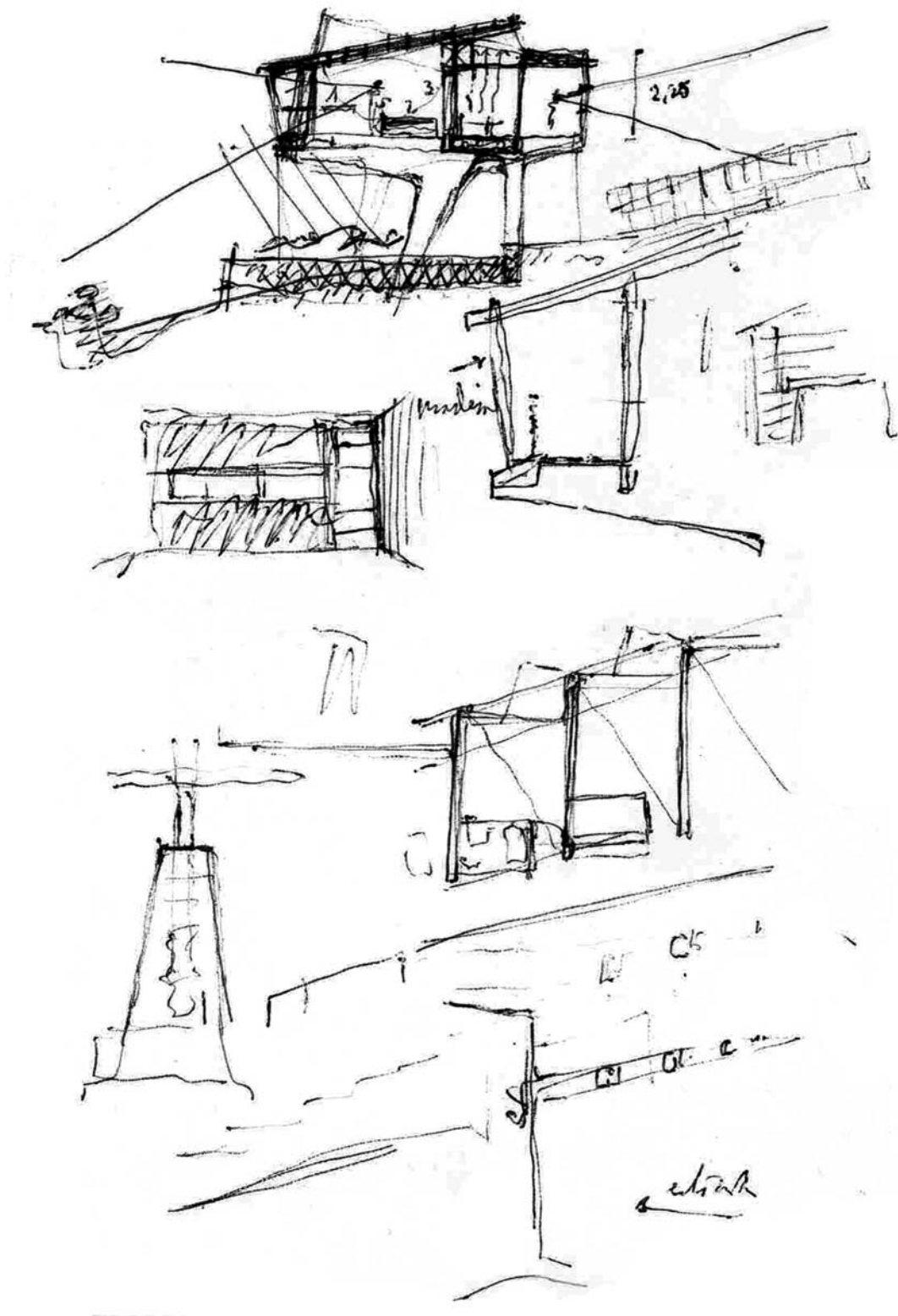


1.º F. 35 m comp.  
 2.º F. = 50 m "

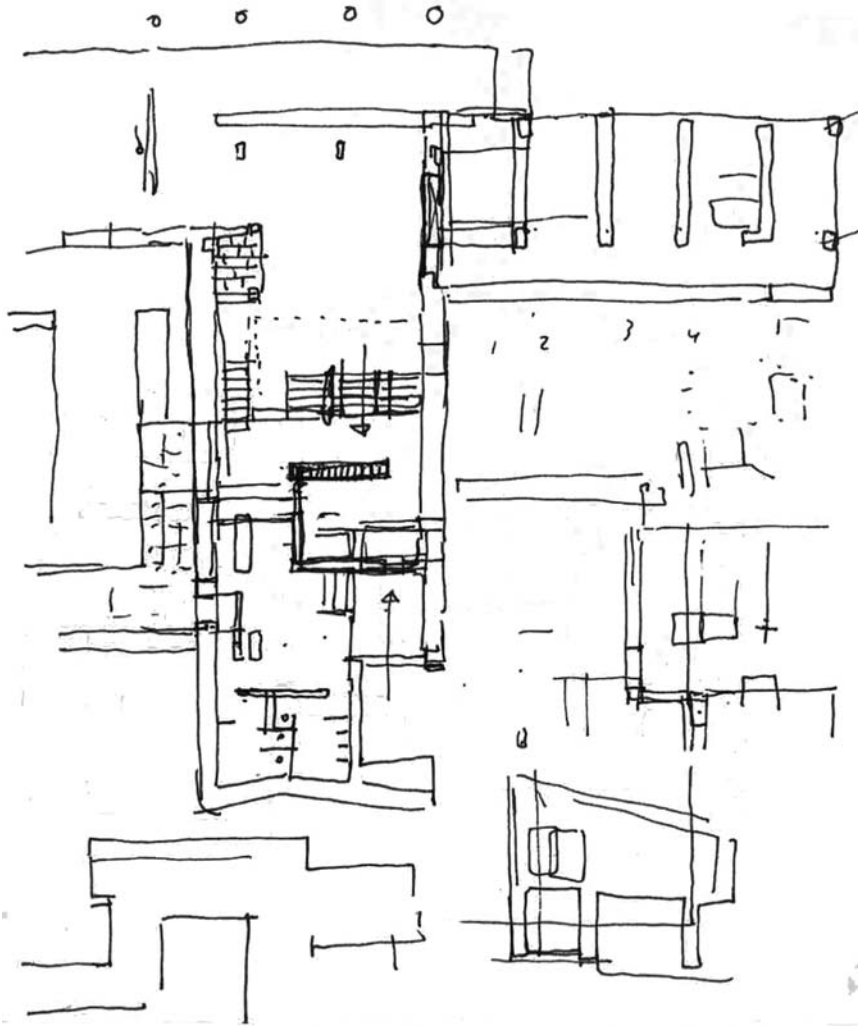
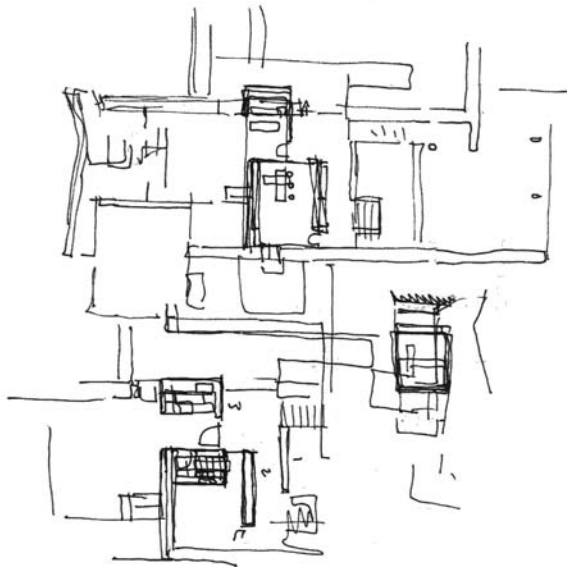
3,5      17,5



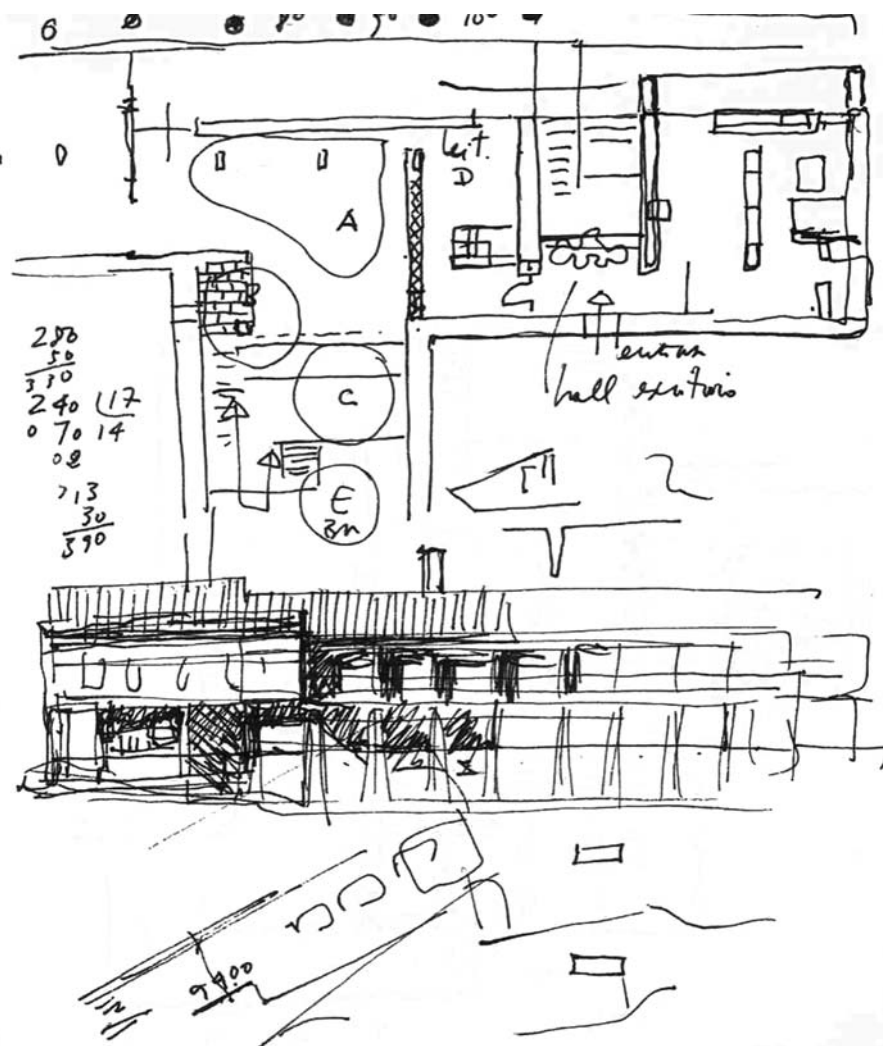
solucao em 4 adicmas



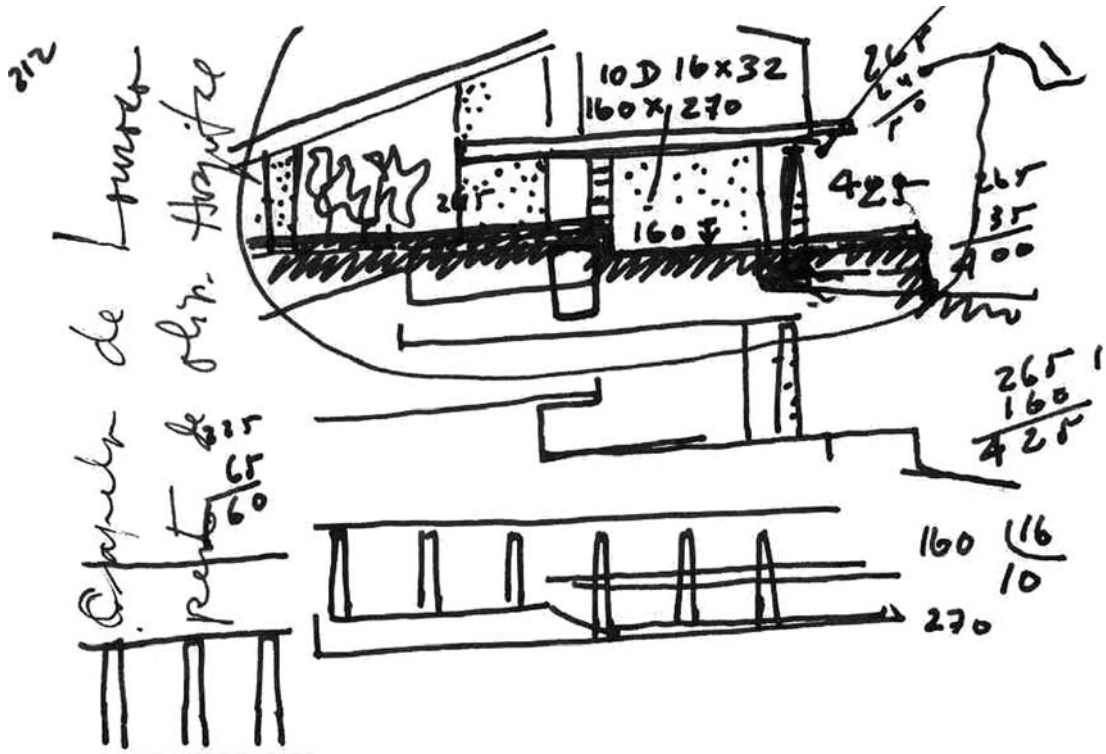
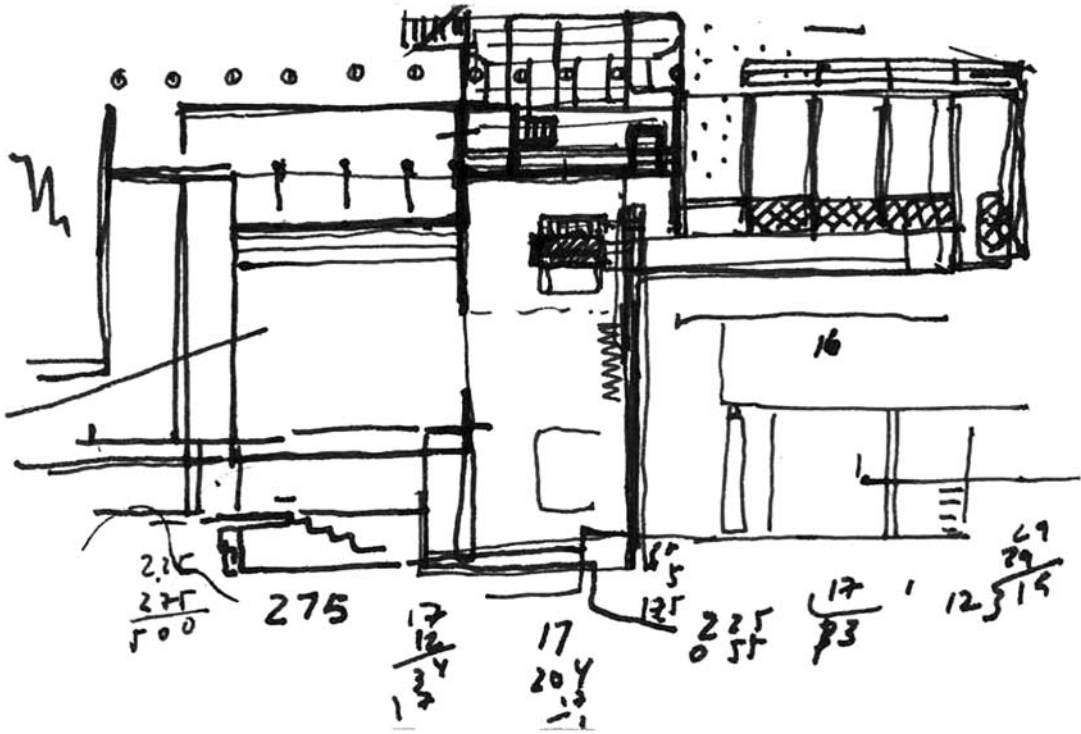
9

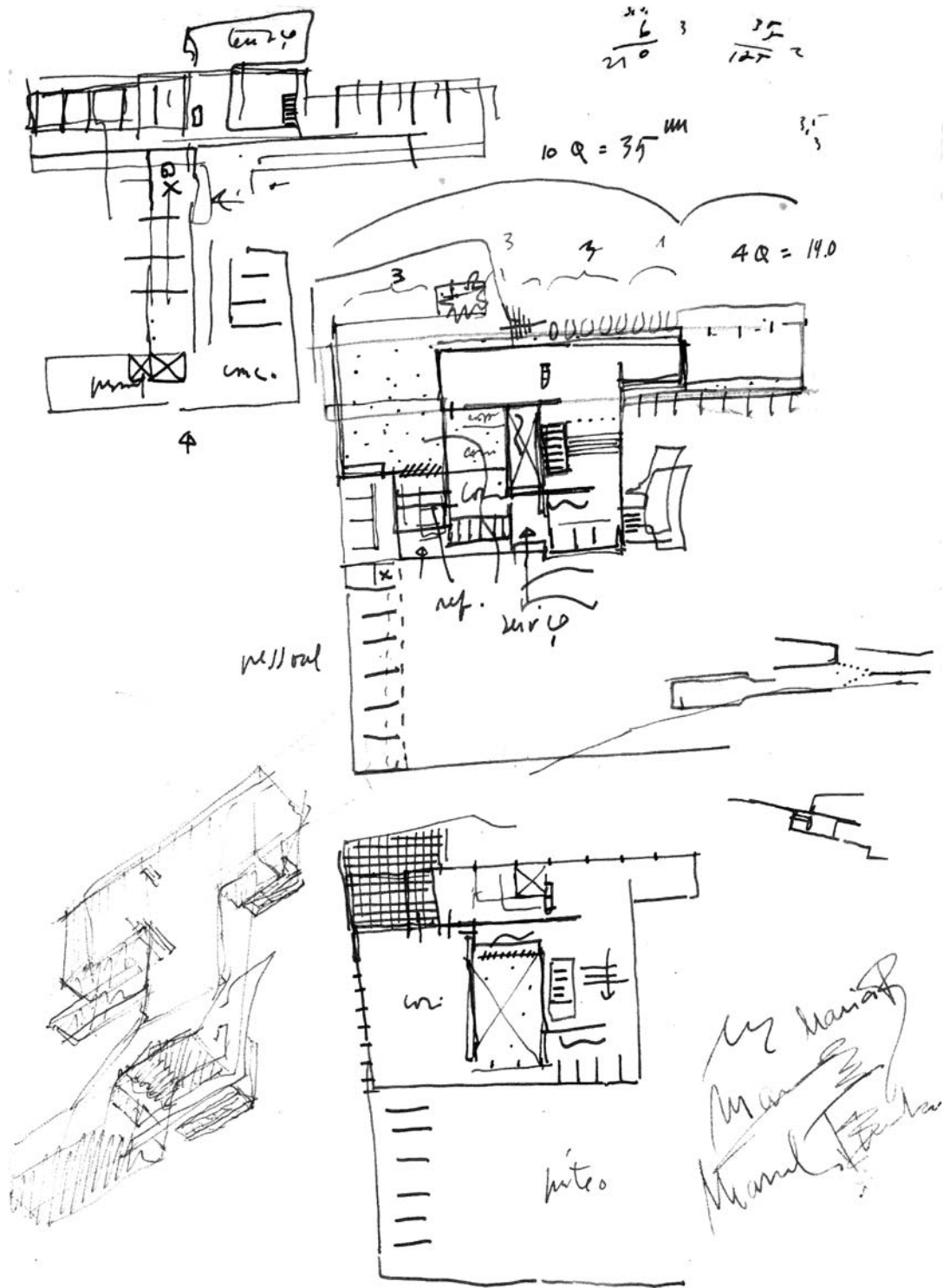


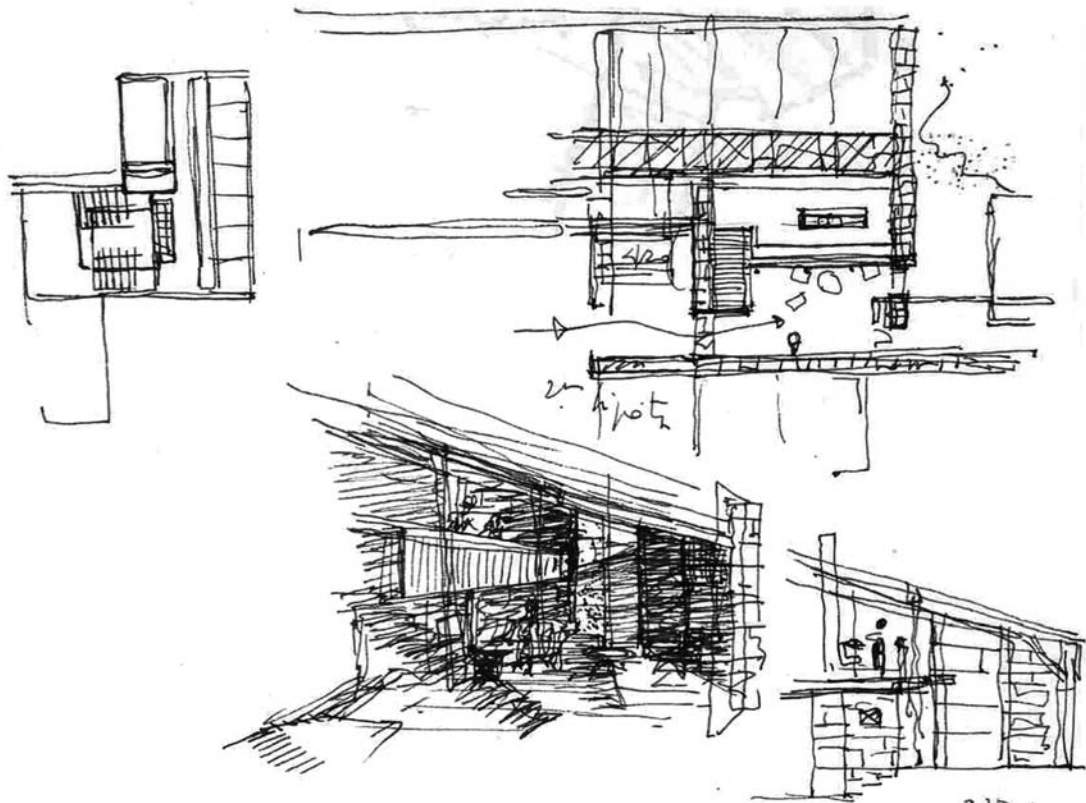




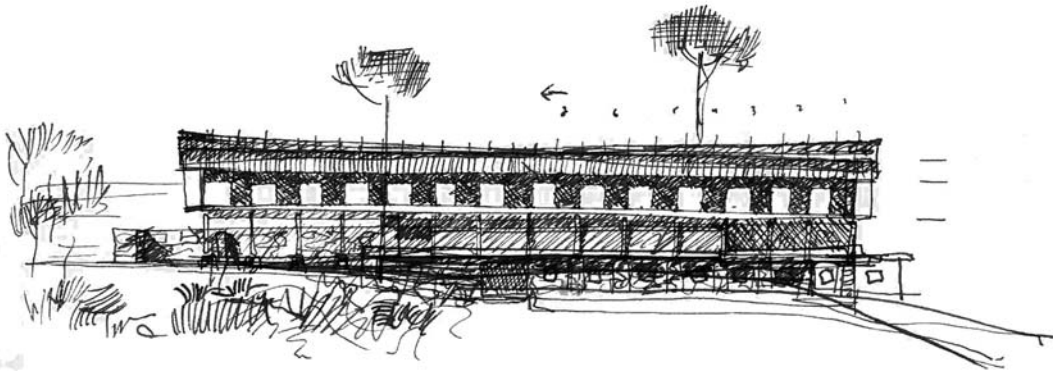
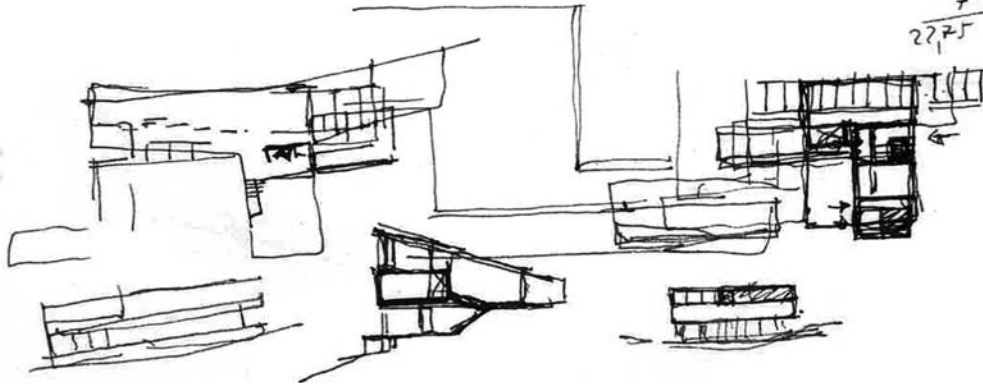


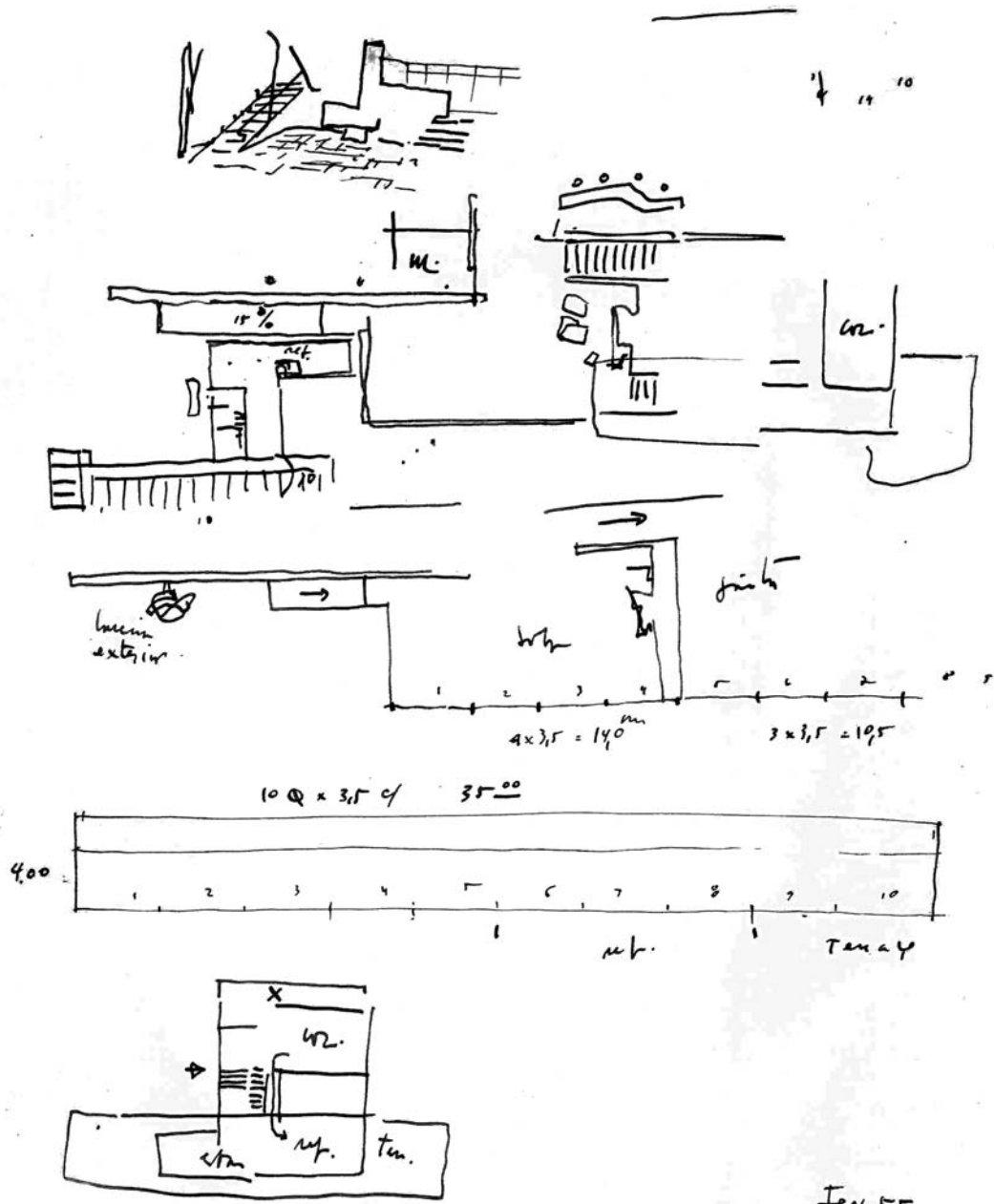




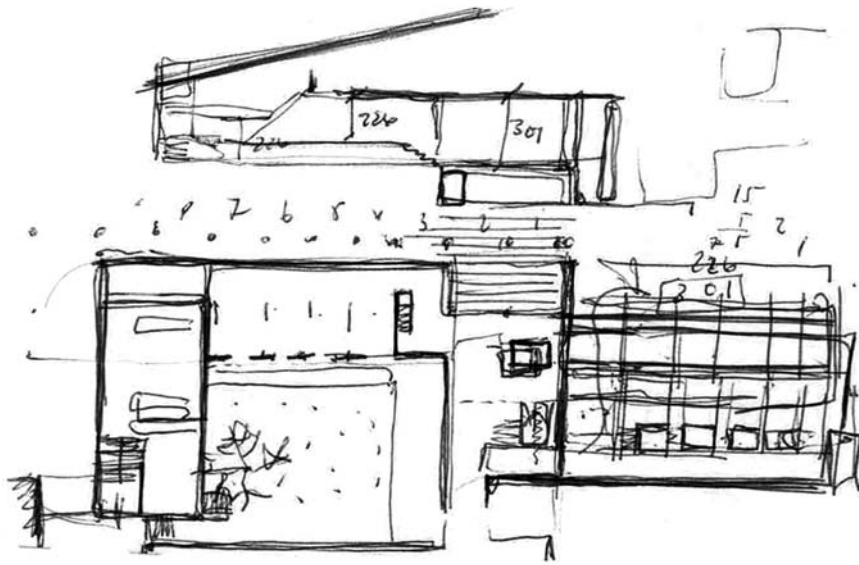


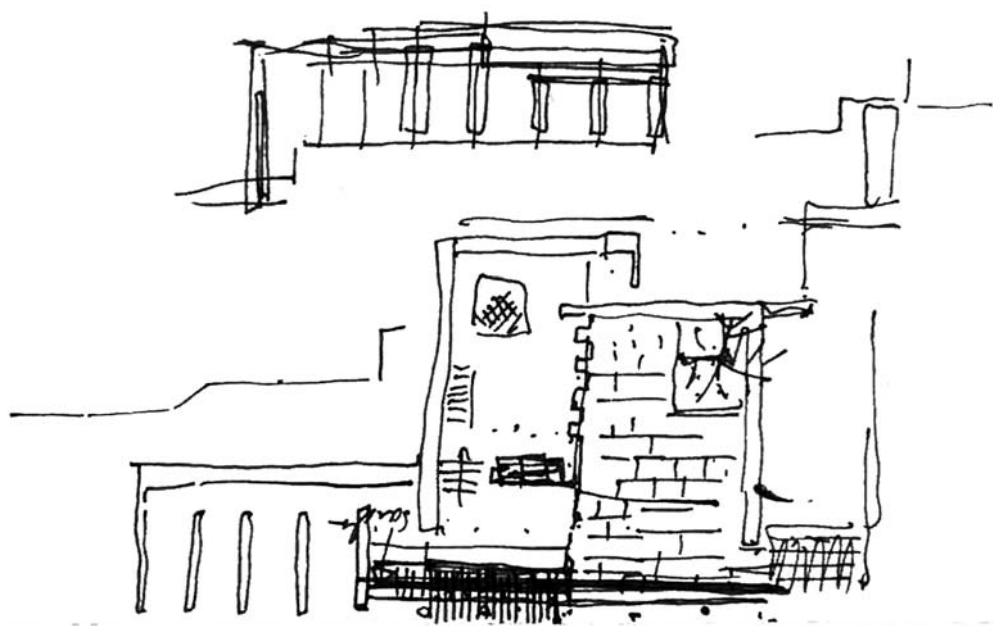
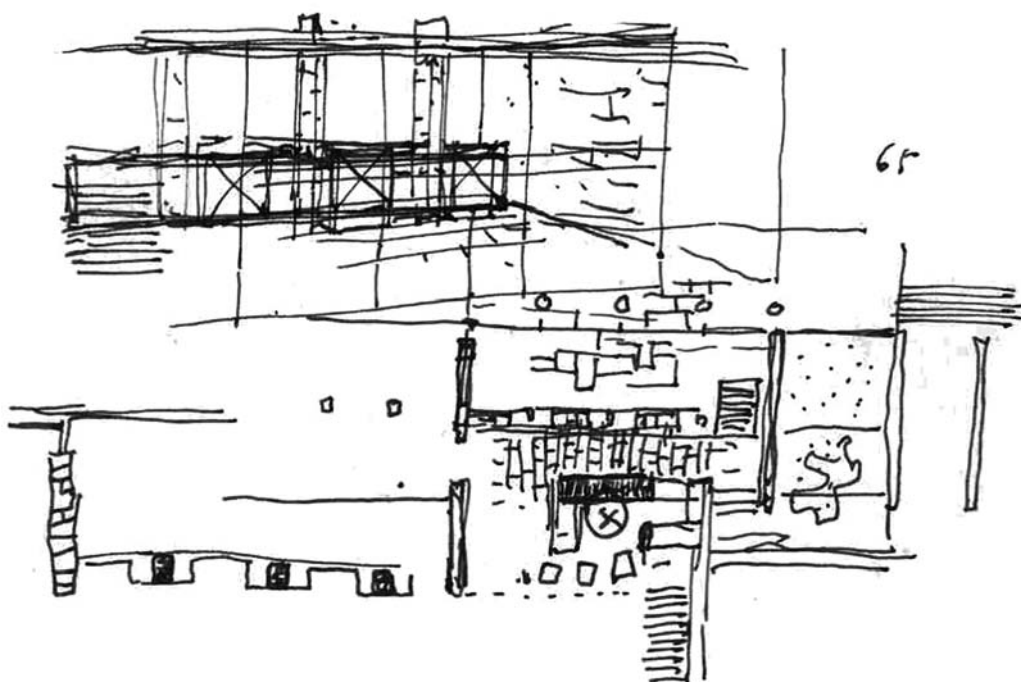
325 13  
7  
2275



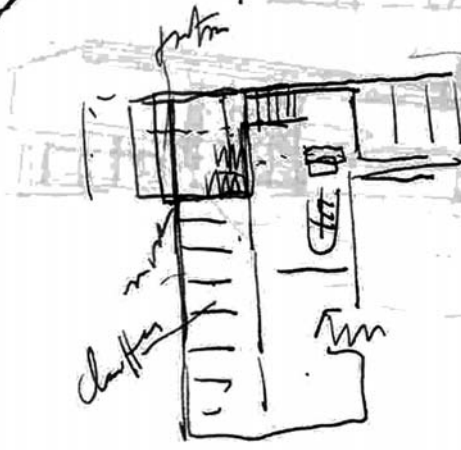
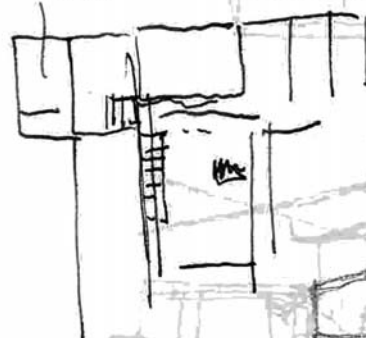
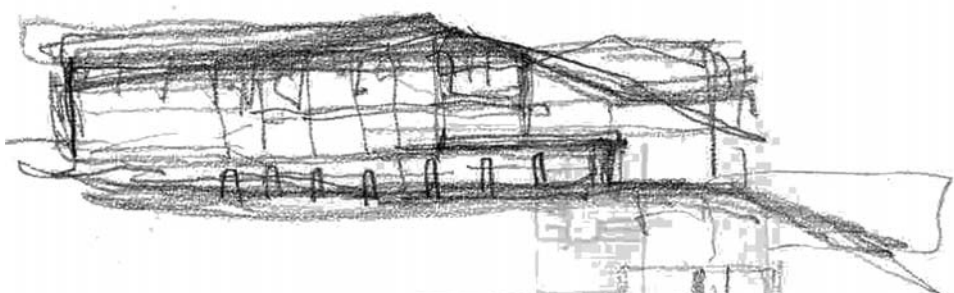


Fev. 55

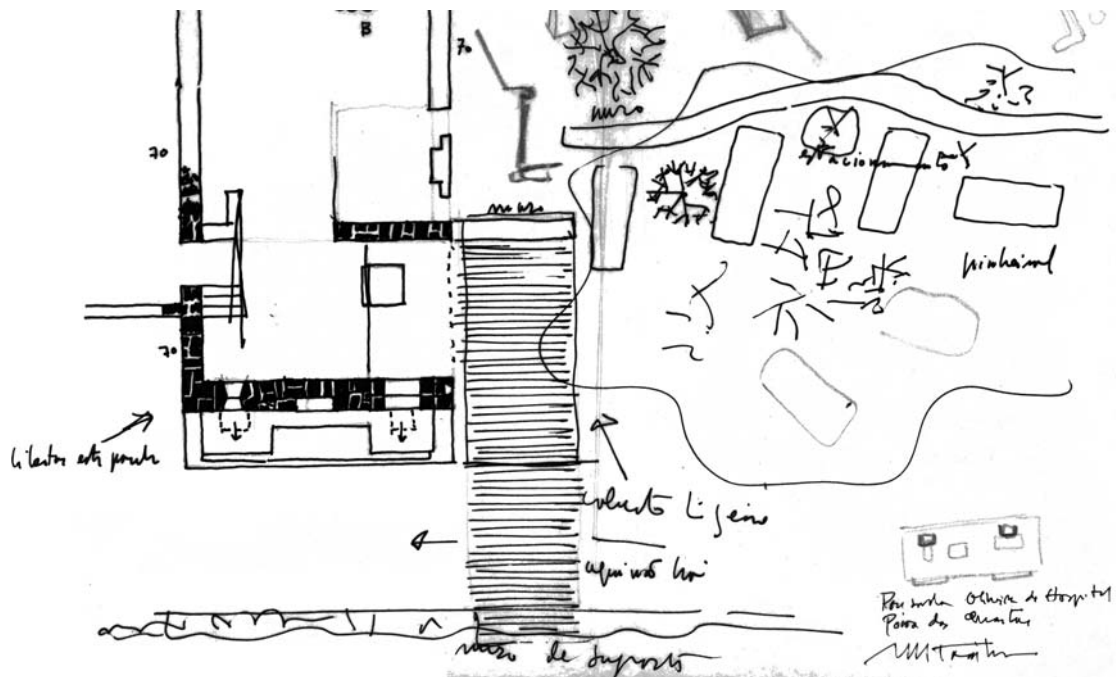
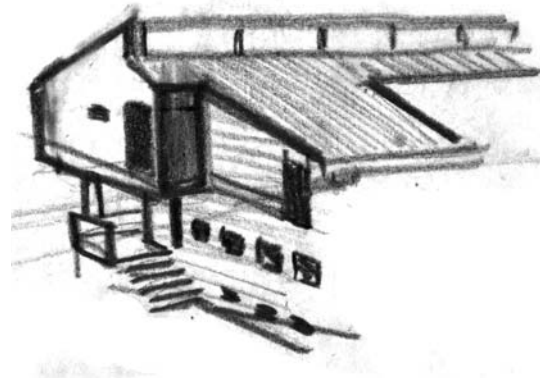


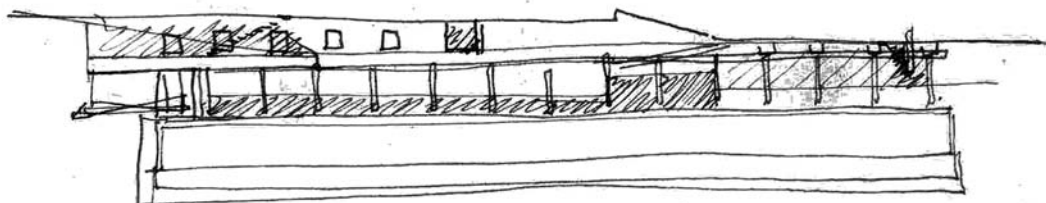
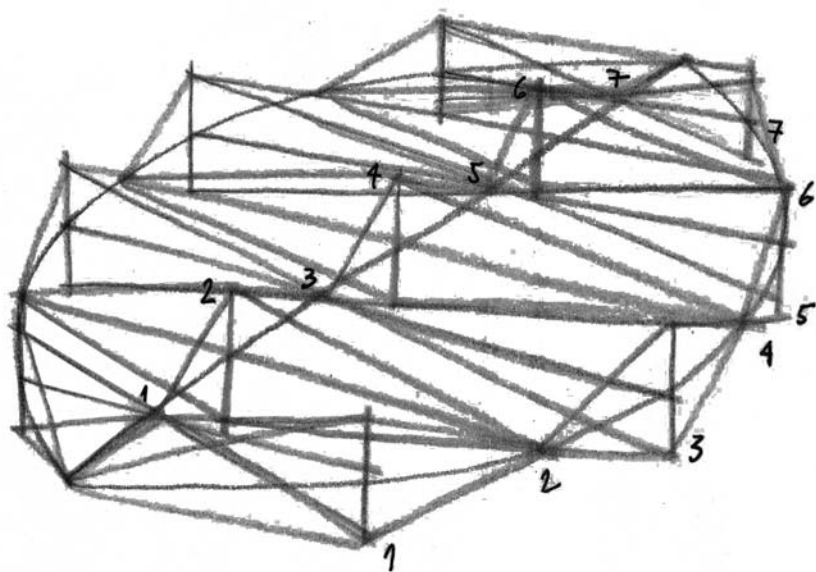




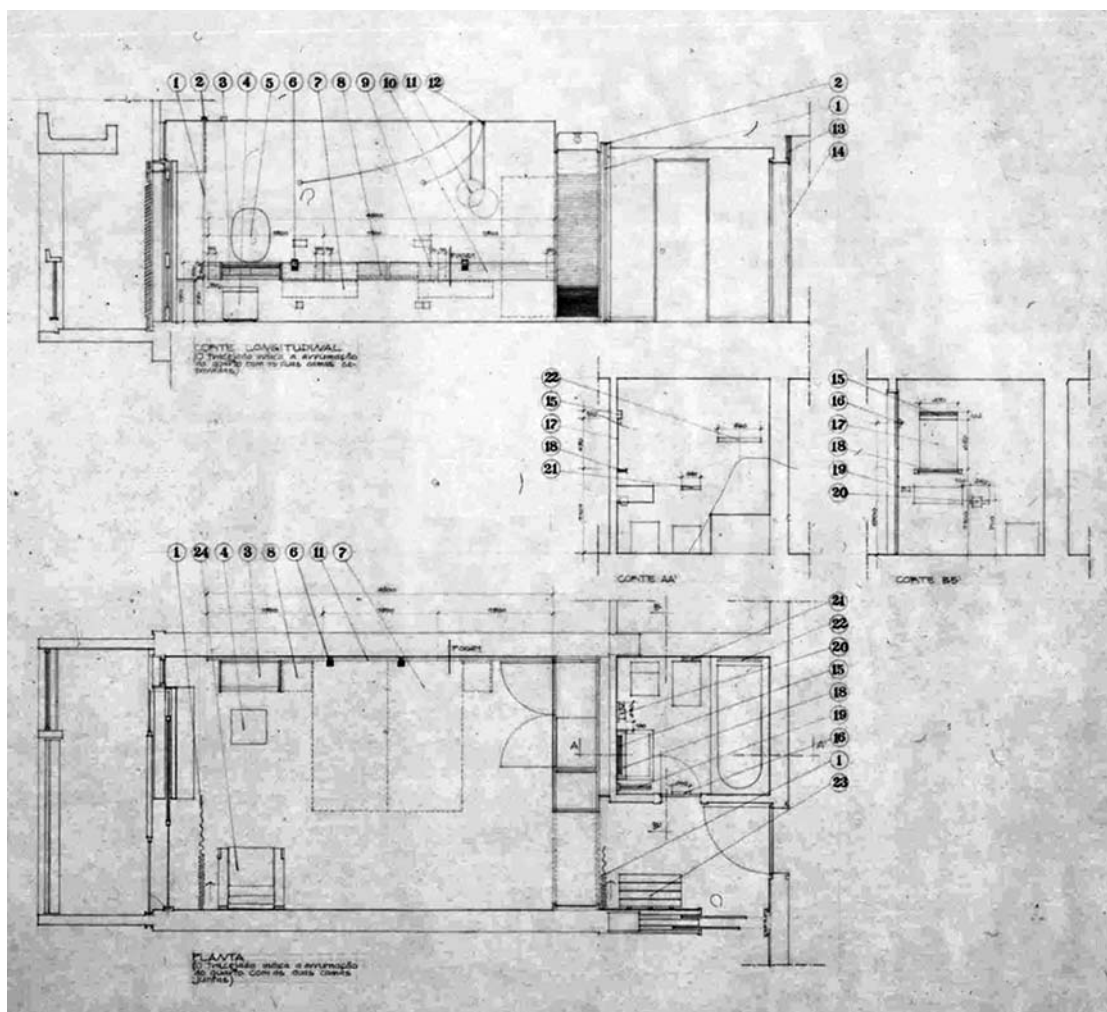
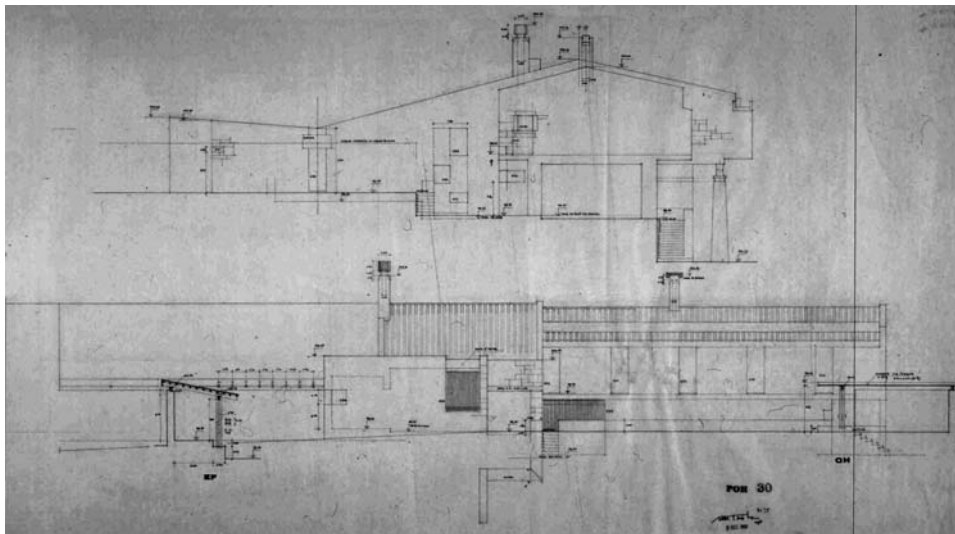


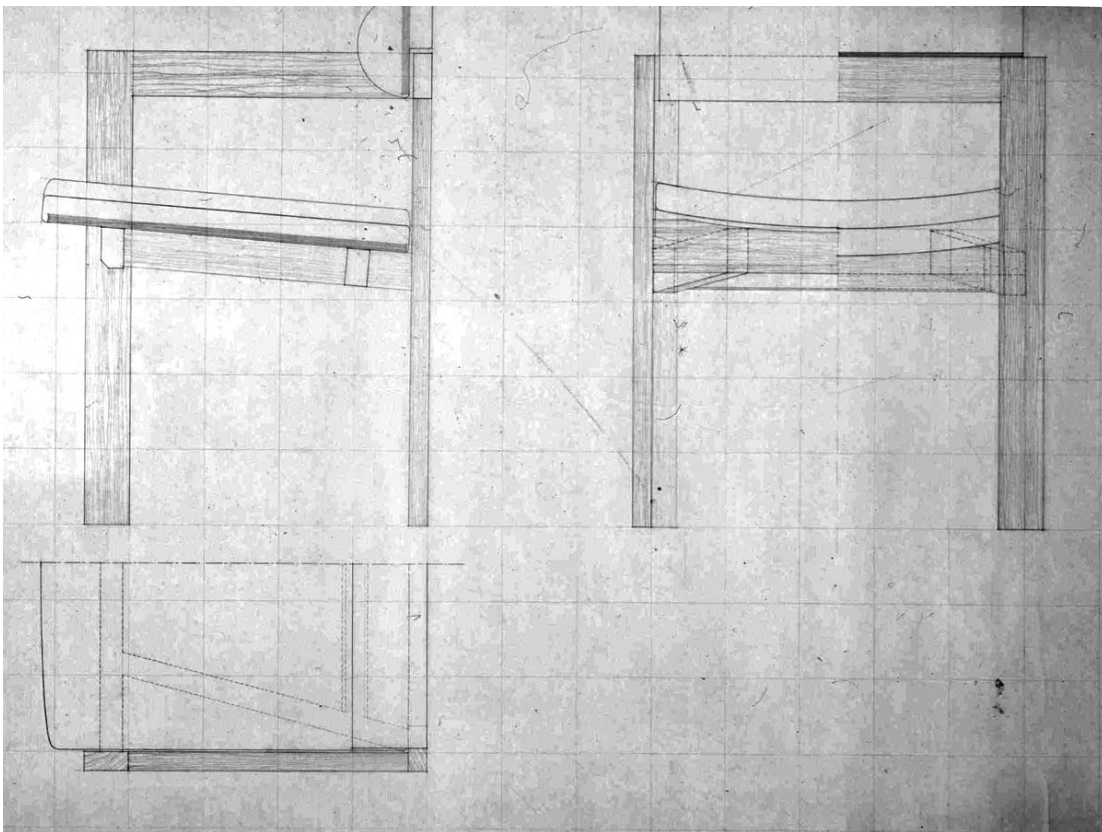
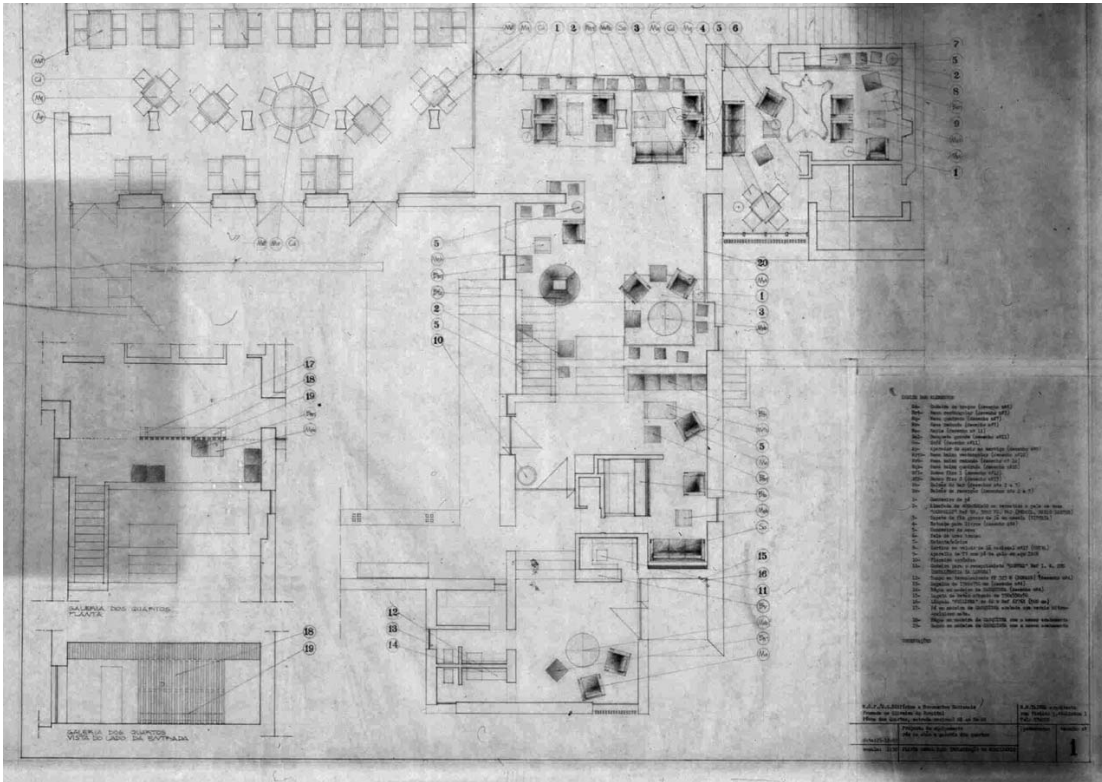
2021 10 26





DESENHOS







Páginas anteriores:

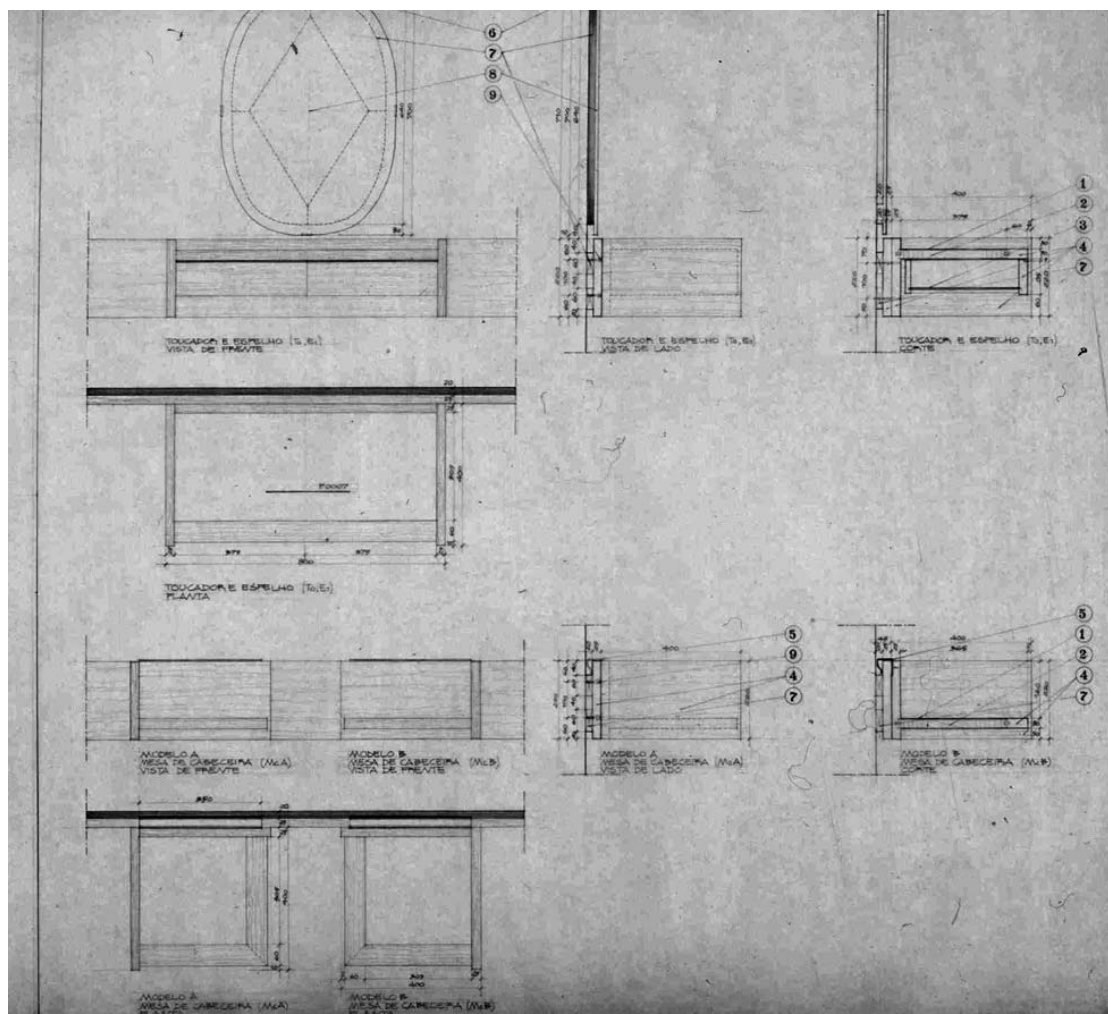
20. Cortes transversal e longitudinal com altimetrias.

21. Módulo do quartos - materiais.

22. Planta de mobiliário.

23. Pormenor da cadeira.

24. Pormenor do toucador e do espelho.





# REINTERPRETAÇÃO DA OBRA

## IDENTIFICAÇÃO E INSERÇÃO NO TERRITÓRIO

POUSADA DE SANTA BÁRBARA  
ARQUITECTO MANUEL TAINHA

### PROCESSO DO PROJECTO:

1954 - A DGMN ADQUIRE O TERRENO  
1954 - 1º ANTE-PROJECTO  
1956 - 2º ANTE-PROJECTO  
1966 - 3º E ÚLTIMO ANTE-PROJECTO  
1968 - ESTUDOS DE MOBILIÁRIO E DECORAÇÃO  
1969 - PROJECTO DE EXTERIORES PELO ARQ. GONÇALO RIBEIRO TELES  
1971 - INAUGURAÇÃO DA POUSADA  
1980 - É ENTREGUE À DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO

1988 - É REGISTADA EM NOME DA ENATUR  
2003 - É DESINTEGRADA DA REDE POUSADAS DE PORTUGAL  
2004 - REABRE COMO ESTALAGEM  
2005 - CLASSIFICADA COMO IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO PELO IGGESPAR  
2007 - ENCERRA ATÉ AOS DIAS DE HOJE  
2010 - É ADQUIRIDA POR VICTOR CAETANO  
2010 - PROJECTO DE AMPLIAÇÃO PELO ARQ. MANUEL TAINHA  
2012 - CLASSIFICADA COMO MONUMENTO DE INTERESSE PÚBLICO

LOCALIZAÇÃO: PÓVOA DAS QUARTAS / OLIVEIRA DO HOSPITAL

COORDENADAS (latitude e longitude): 40° 21' 45.179" / -7° 48' 2.0982"

ZONA CLIMÁTICA: I2 / V2

EIXO DE IMPLANTAÇÃO:

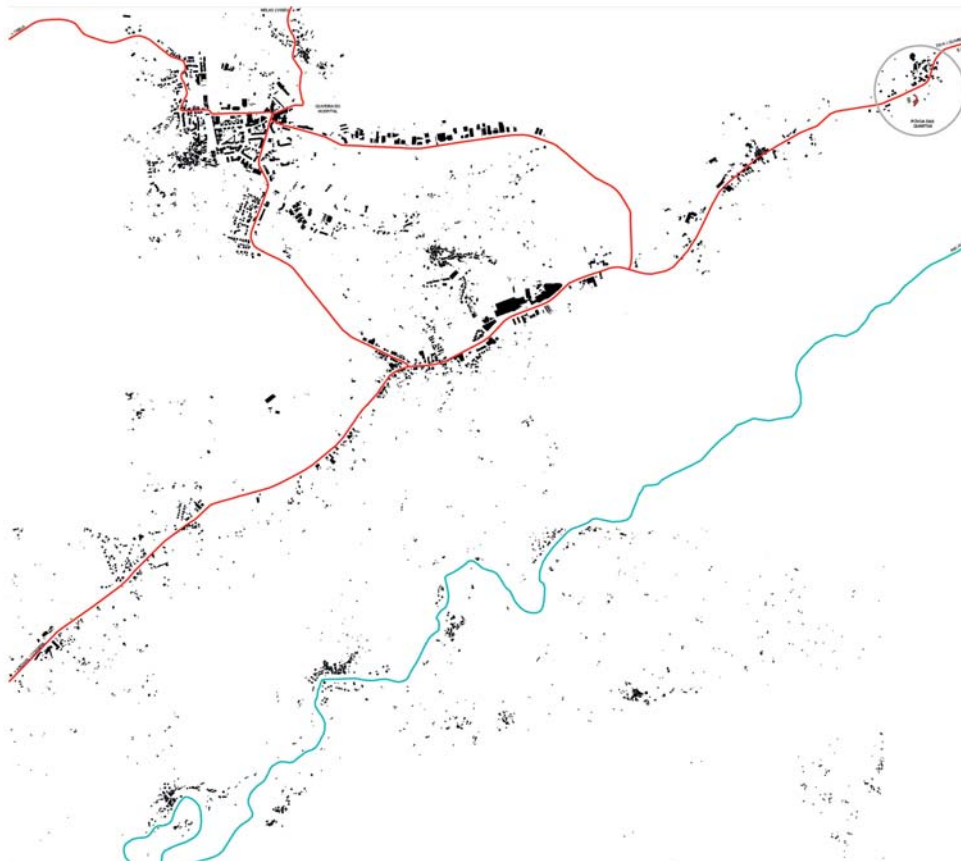


ELEMENTOS GRÁFICOS DE APOIO  
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

- OLIVEIRA DO HOSPITAL
- NÚCLEO URBANO DE OLIVEIRA DO HOSPITAL
- LOCALIZAÇÃO DA POUSADA - PÓVOA DAS QUARTAS



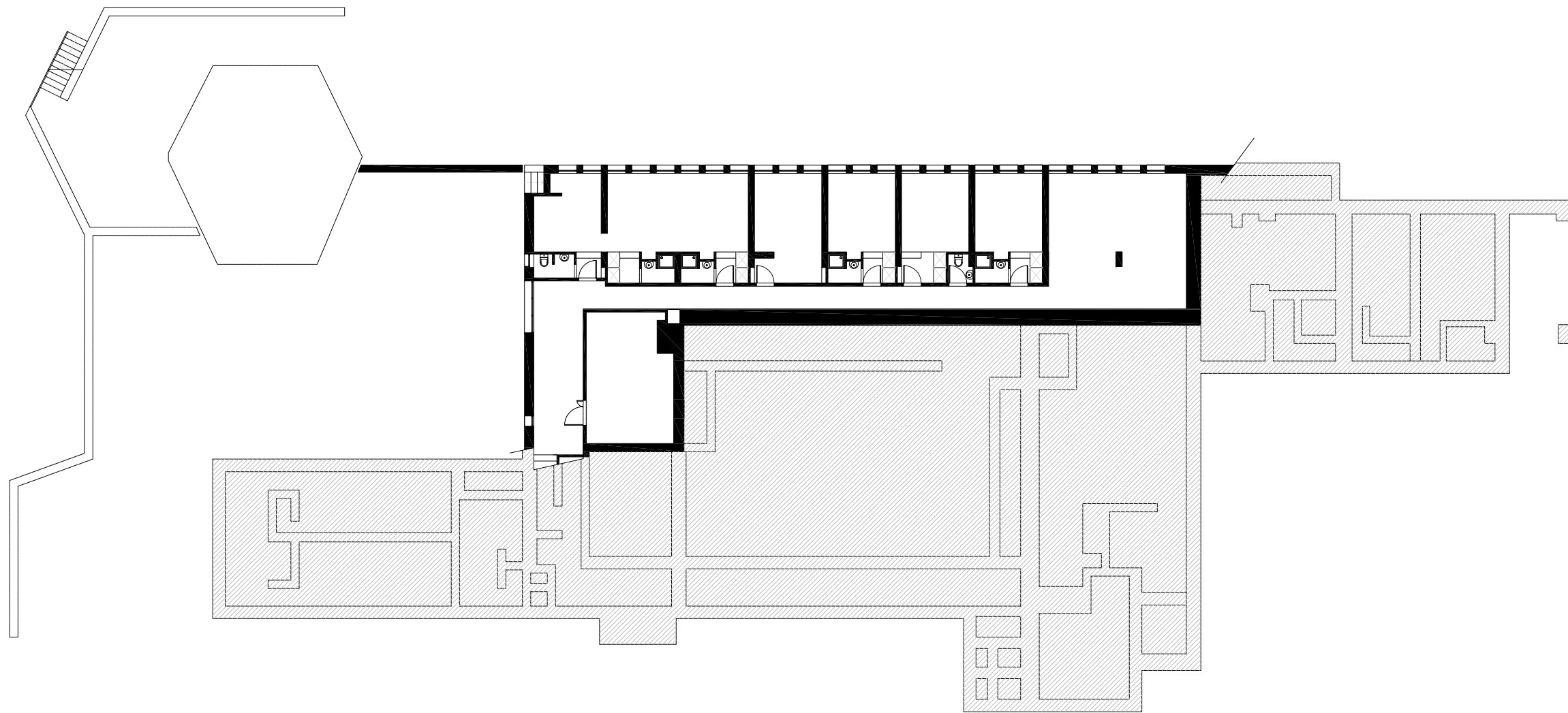
RELAÇÃO DA POUSADA COM O NÚCLEO URBANO DE OLIVEIRA DO HOSPITAL



IMPLANTAÇÃO DA POUSADA DE SANTA BÁRBARA

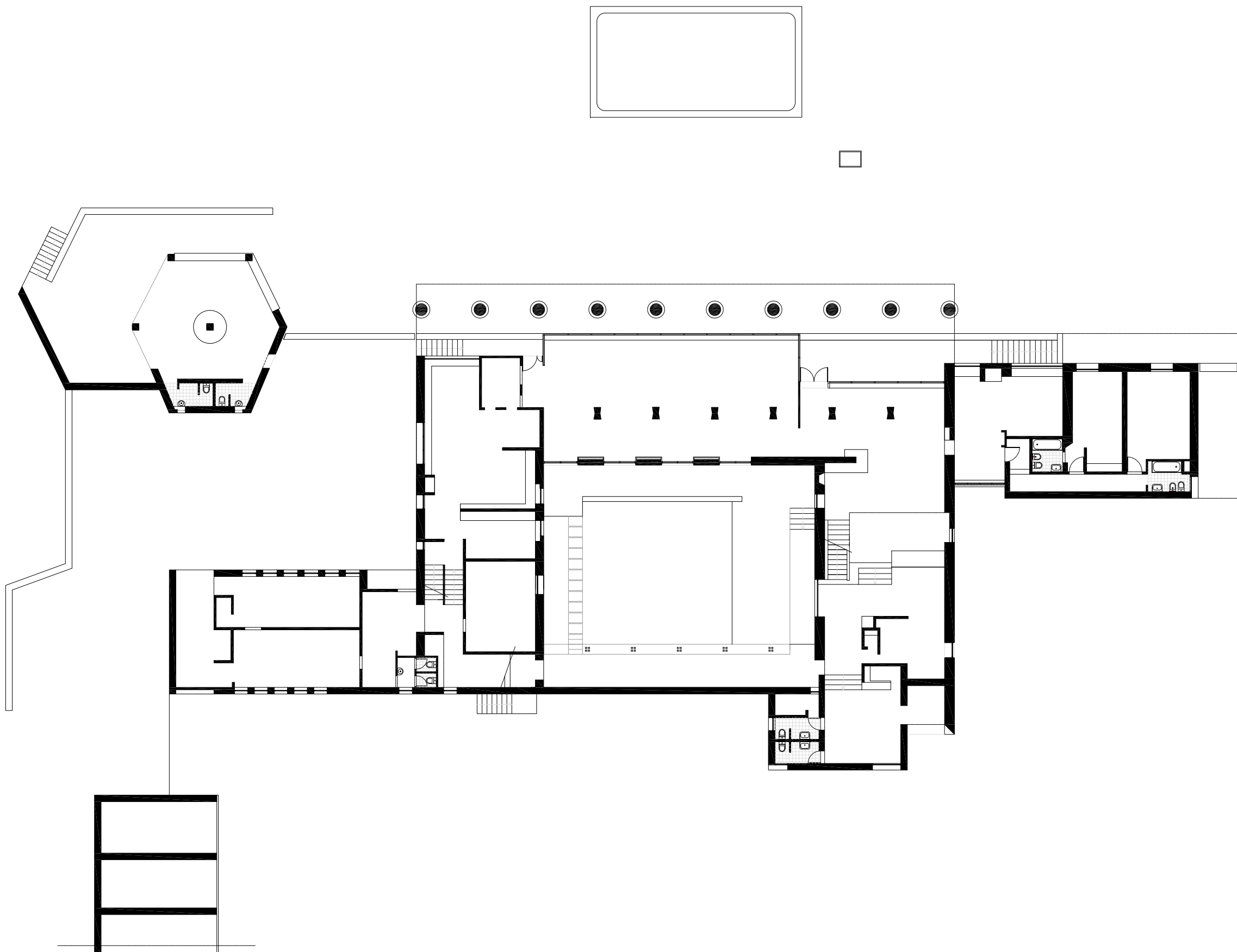






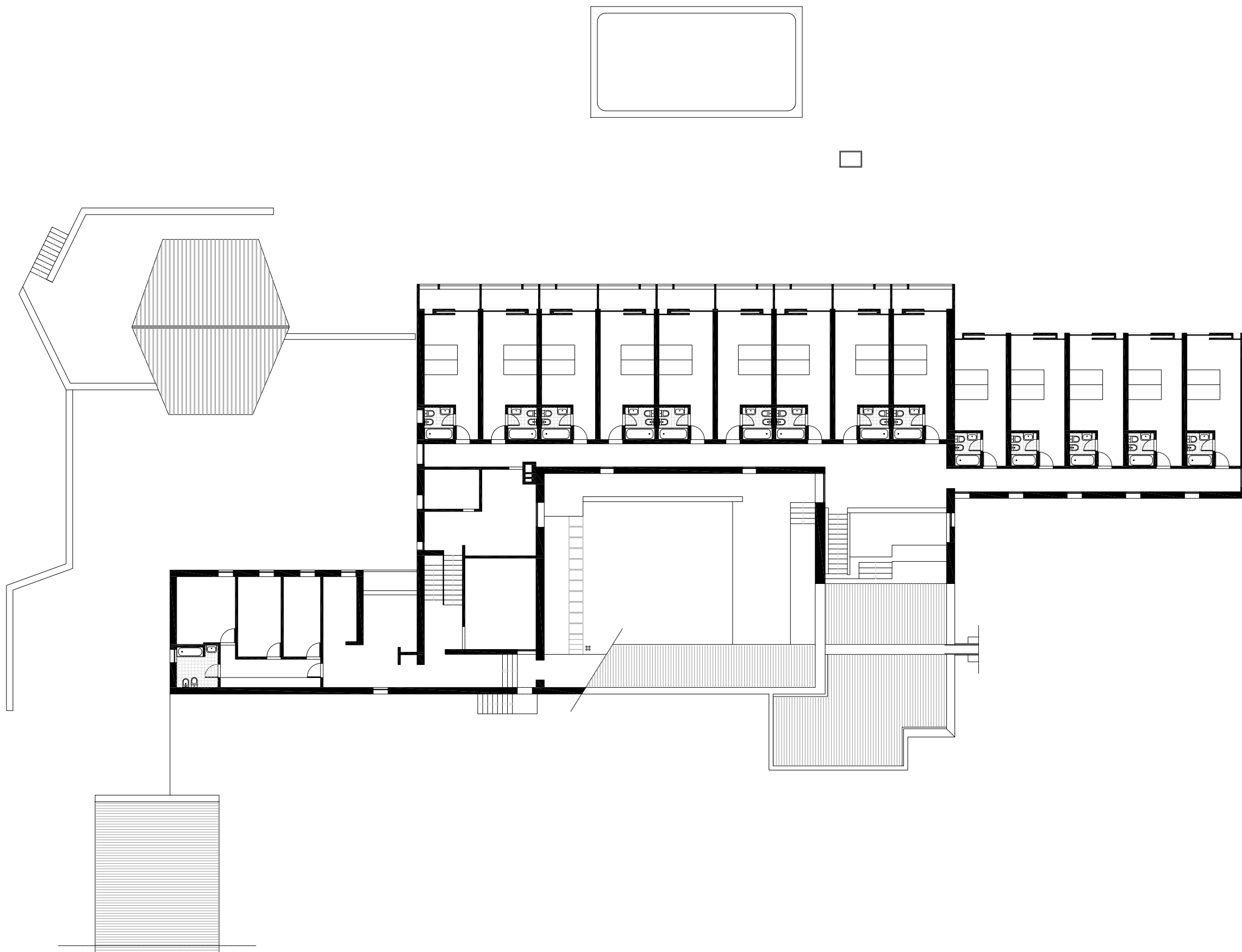
## POUSADA DE SANTA BÁRBARA

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	1/21
	PLANTA DO PISO -1		



POUSADA DE SANTA BÁRBARA

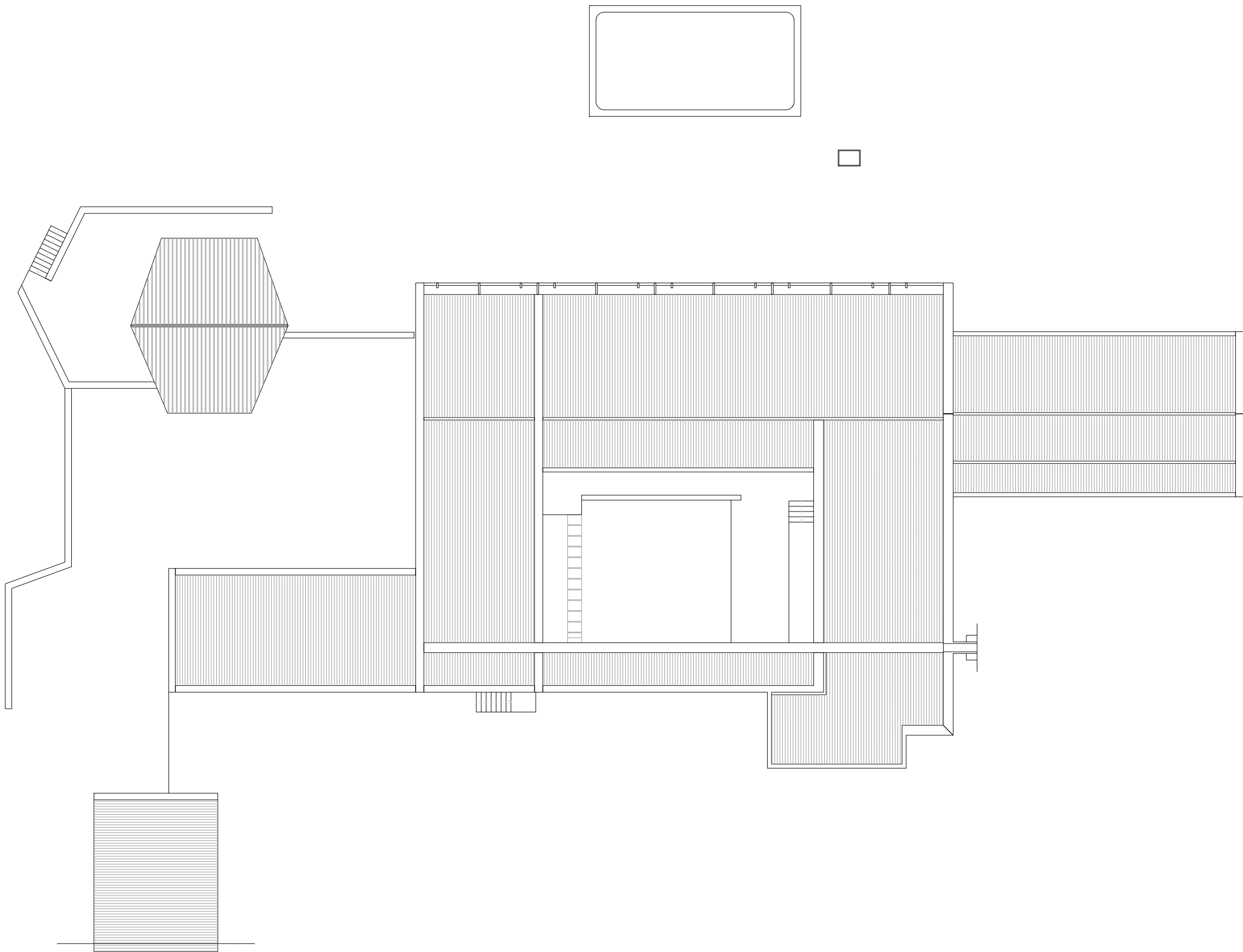
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	2/21
	PLANTA DO PISO 0		



## POUSADA DE SANTA BÁRBARA

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	3/21
	PLANTA DO PISO 1		





**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	4/21
	PLANTA DA COBERTURA		



ALÇADO SUDOESTE



ALÇADO NORDESTE

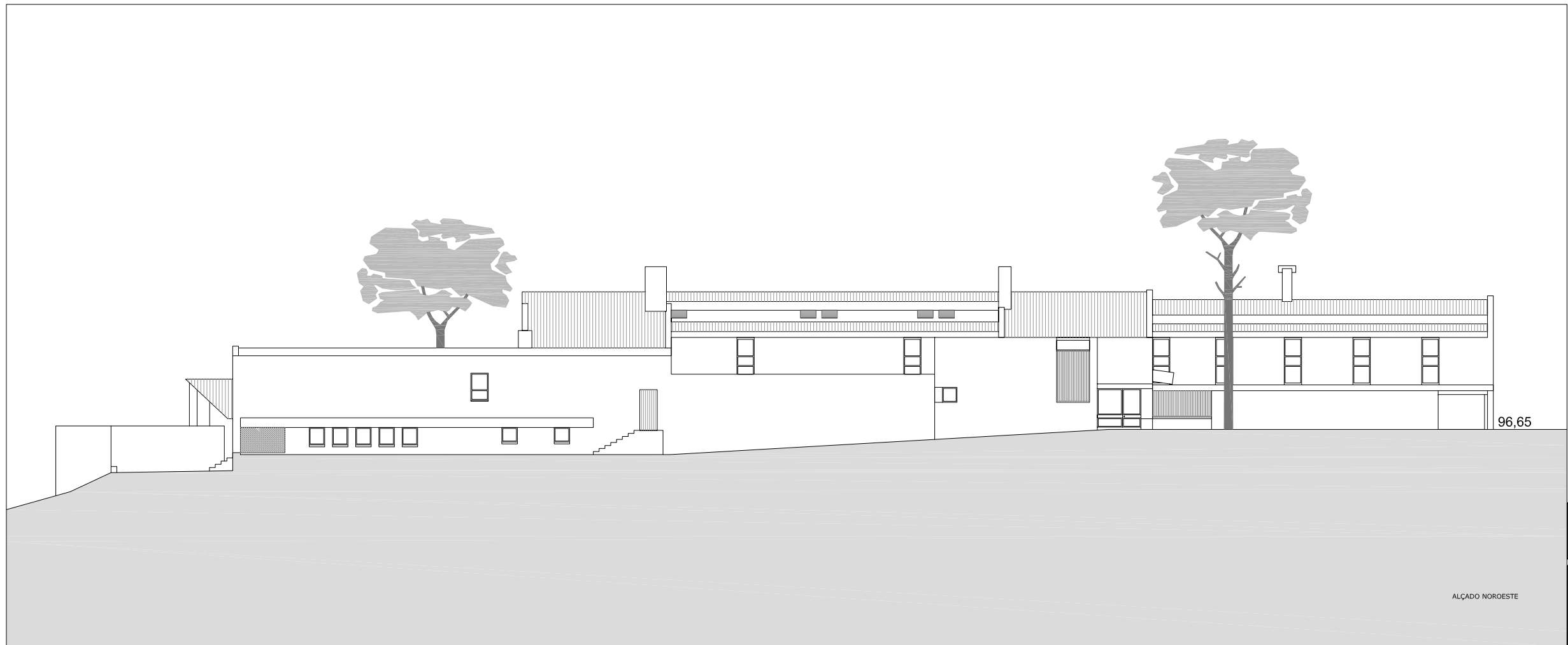


CORTE TRANSVERSAL PELA SALA



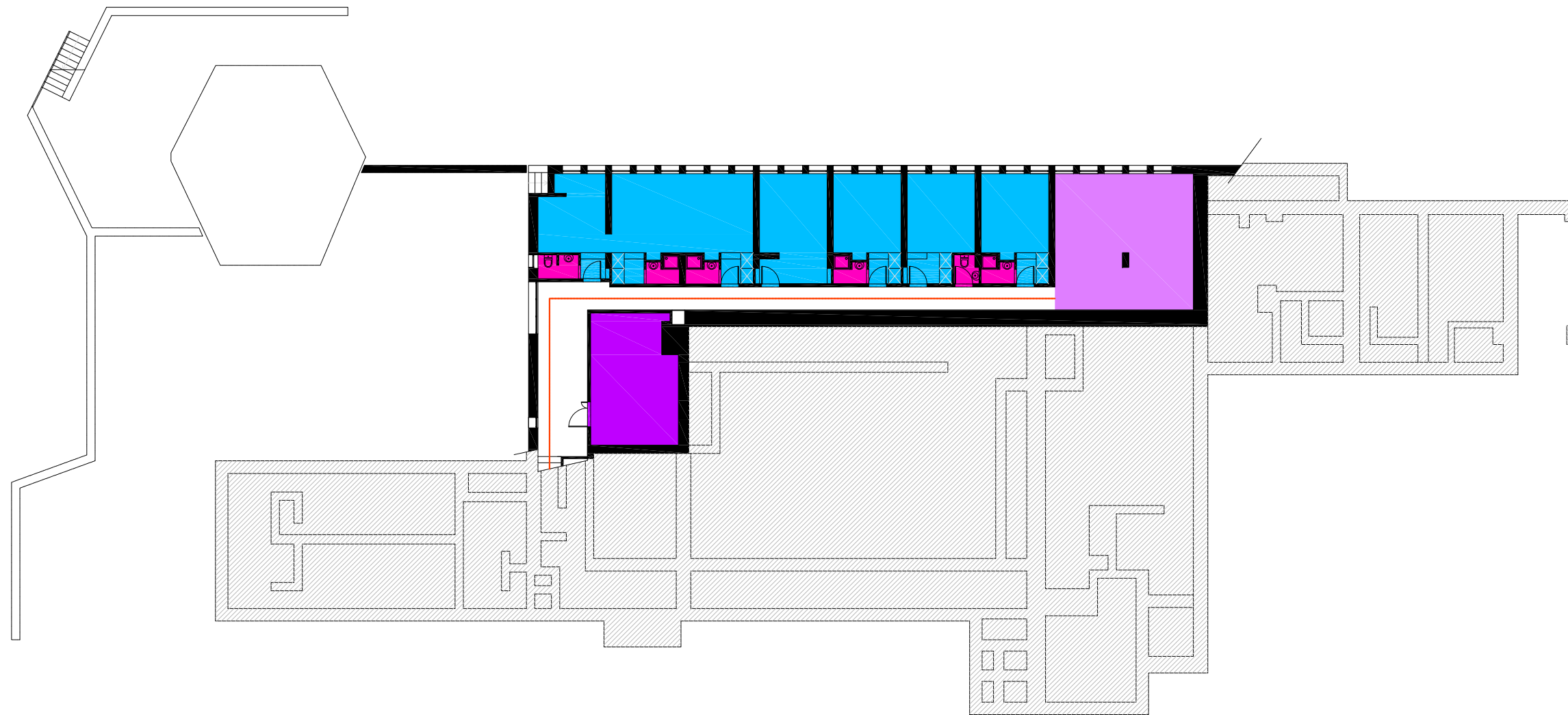
CORTE TRANSVERSAL PELO PÁTIO

<b>POUSADA DE SANTA BÁRBARA</b>		
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	1954-1971
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	ESCALA
		1/250
	CORTES E ALÇADOS	FOLHA
		5/21



POUSADA DE SANTA BÁRBARA

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	6/21
	ALÇADOS		



ESPAÇOS DESTINADOS AOS HÓSPEDES

**espaços públicos**

- sala de jantar
- sala de estar
- sala da lareira
- bar

**espaços privados**

- quartos

SERVIÇOS

**acolhimento**

- entrada
- recepção

**roupa**

- lavandaria
- engomadoria

**cozinha**

- confecção
- copa
- dispensa
- garrafeira

**infra-estrutural**

- casa das caldeiras
- arrecadação
- i.s. hóspedes
- i.s. serviço

**peçoal**

- sala comum
- quartos
- concessionário

CIRCULAÇÃO

**horizontal**

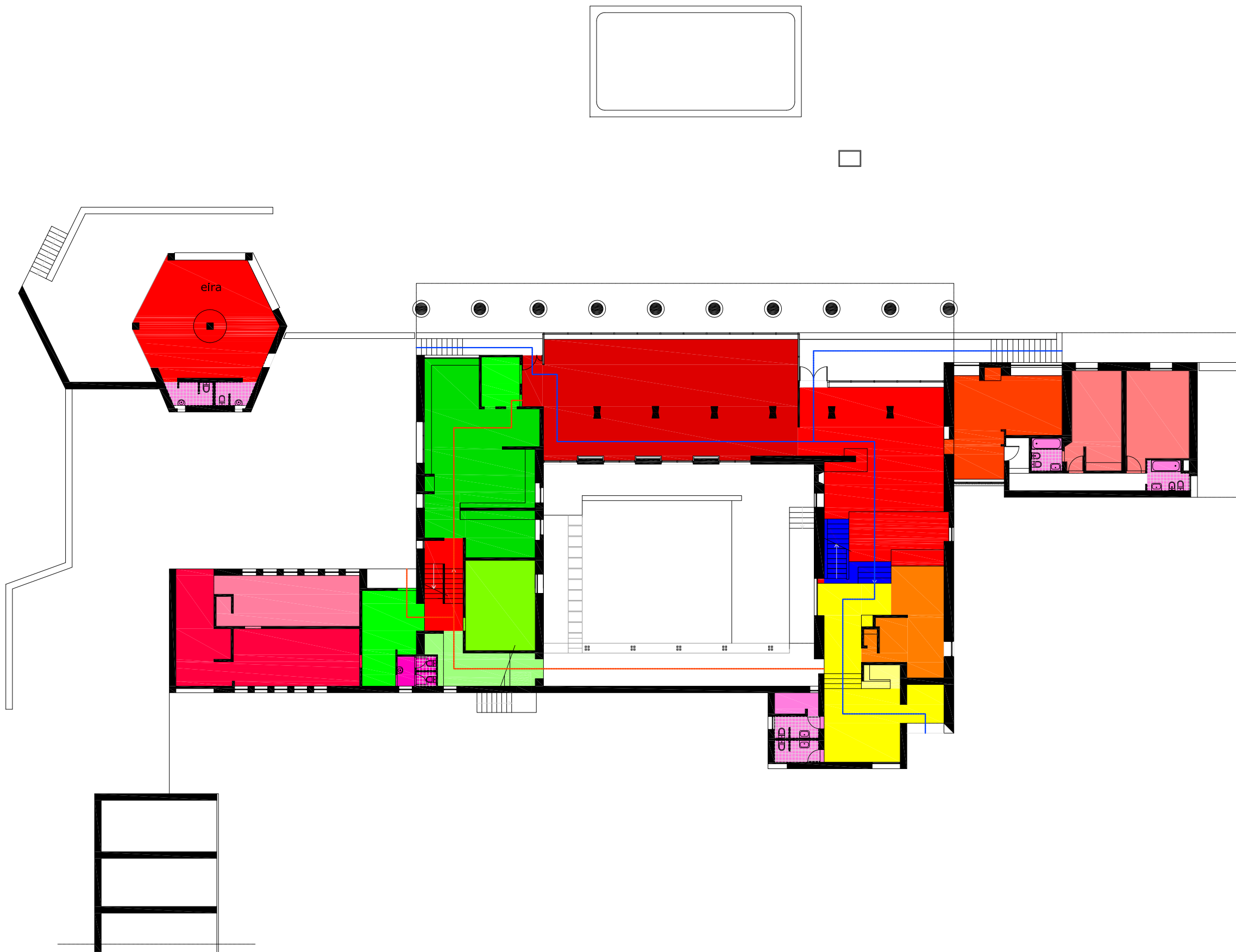
- pública
- de serviço

**vertical**

- pública
- de serviço



<b>POUSADA DE SANTA BÁRBARA</b>		
<small>ARQUITECTO</small>	MANUEL TAINHA	<small>DATA DO PROJECTO</small>
<small>LOCALIZAÇÃO</small>	OLIVEIRA DO HOSPITAL	1954-1971
<small>PRESENTE</small>	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	<small>ESCALA</small>
	PLANTA DO PISO -1	1/250
		<small>FOLHA</small>
		7/21



ESPAÇOS DESTINADOS AOS HÓSPEDES

**espaços públicos**

- sala de jantar
- sala de estar
- sala da lareira
- bar

**espaços privados**

- quartos

SERVIÇOS

**acolhimento**

- entrada
- recepção

**roupa**

- lavanderia
- engomadoria

**cozinha**

- confecção
- copa
- dispensa
- garrafeira

**infra-estrutural**

- casa das caldeiras
- arrecadação
- i.s. hóspedes
- i.s. serviço

**peçoal**

- sala comum
- quartos
- concessionário

CIRCULAÇÃO

**horizontal**

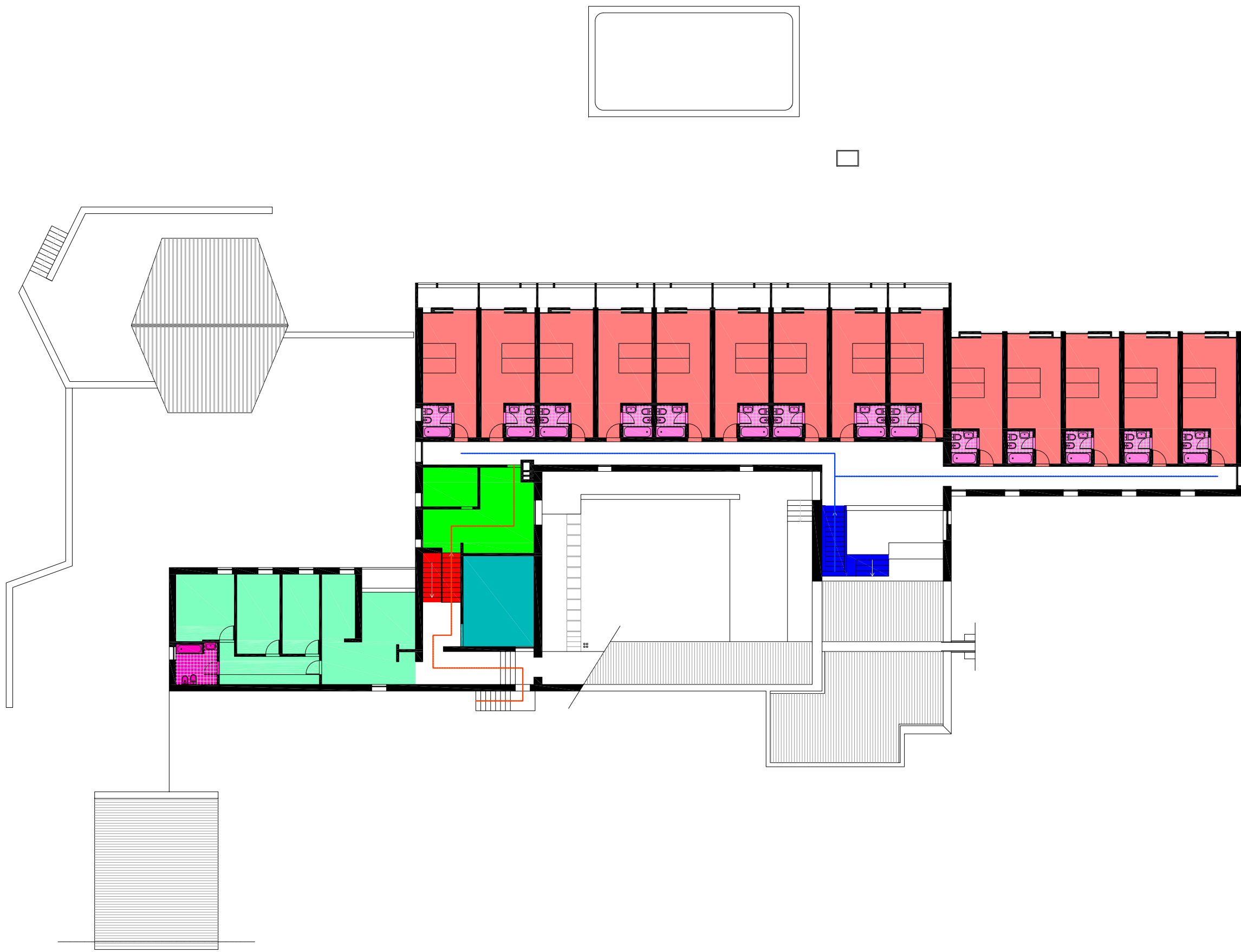
- pública
- de serviço

**vertical**

- pública
- de serviço

POUSADA DE SANTA BÁRBARA

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	8/21
	PLANTA DO PISO 0		



ESPAÇOS DESTINADOS AOS HÓSPEDES

**espaços públicos**

- sala de jantar
- sala de estar
- sala da lareira
- bar

**espaços privados**

- quartos

SERVIÇOS

**acolhimento**

- entrada
- recepção

**roupa**

- lavanderia
- engomadoria

**cozinha**

- confecção
- copa
- dispensa
- garrafeira

**infra-estrutural**

- casa das caldeiras
- arrecadação
- i.s. hóspedes
- i.s. serviço

**pessoal**

- sala comum
- quartos
- concessionário

CIRCULAÇÃO

**horizontal**

- pública
- de serviço

**vertical**

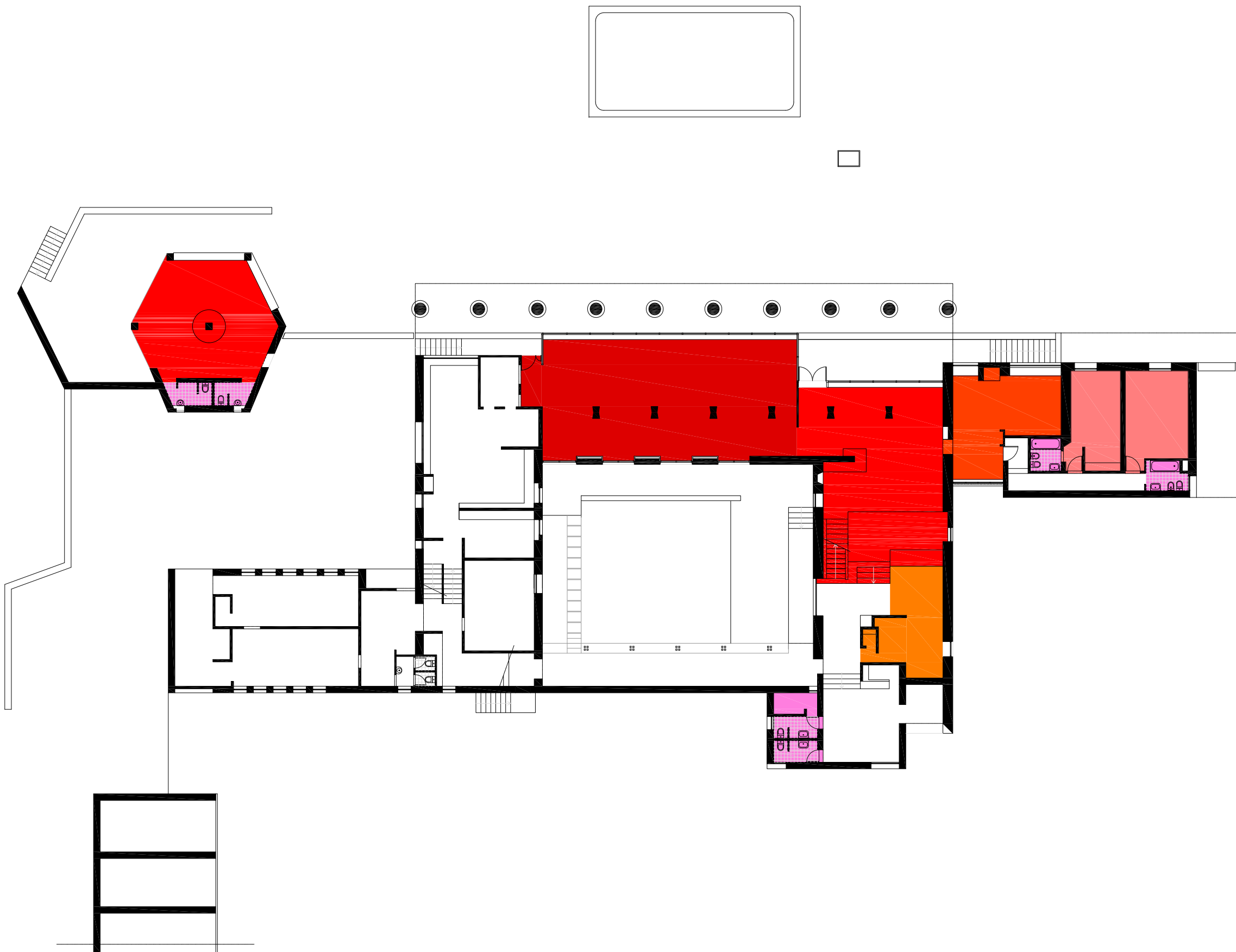
- pública
- de serviço



POUSADA DE SANTA BÁRBARA

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	9/21
	PLANTA DO PISO 1		





ESPAÇOS DESTINADOS AOS HÓSPEDES

**espaços públicos**

- sala de jantar
- sala de estar
- sala da lareira
- bar

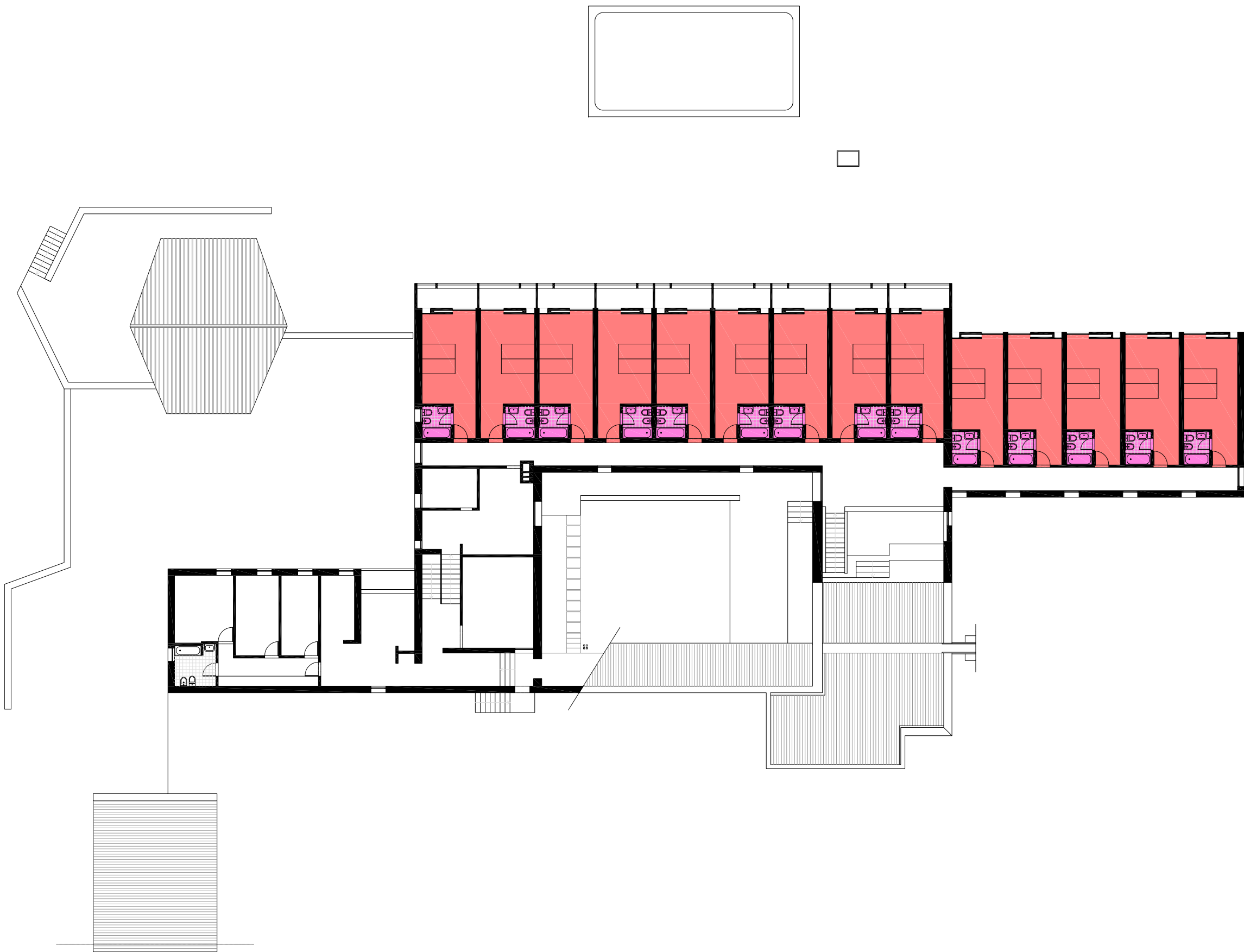
**espaços privados**

- quartos



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	10/21
	PLANTA DO PISO 0		



ESPAÇOS DESTINADOS AOS HÓSPEDES

**espaços públicos**

- sala de jantar
- sala de estar
- sala da lareira
- bar

**espaços privados**

- quartos



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

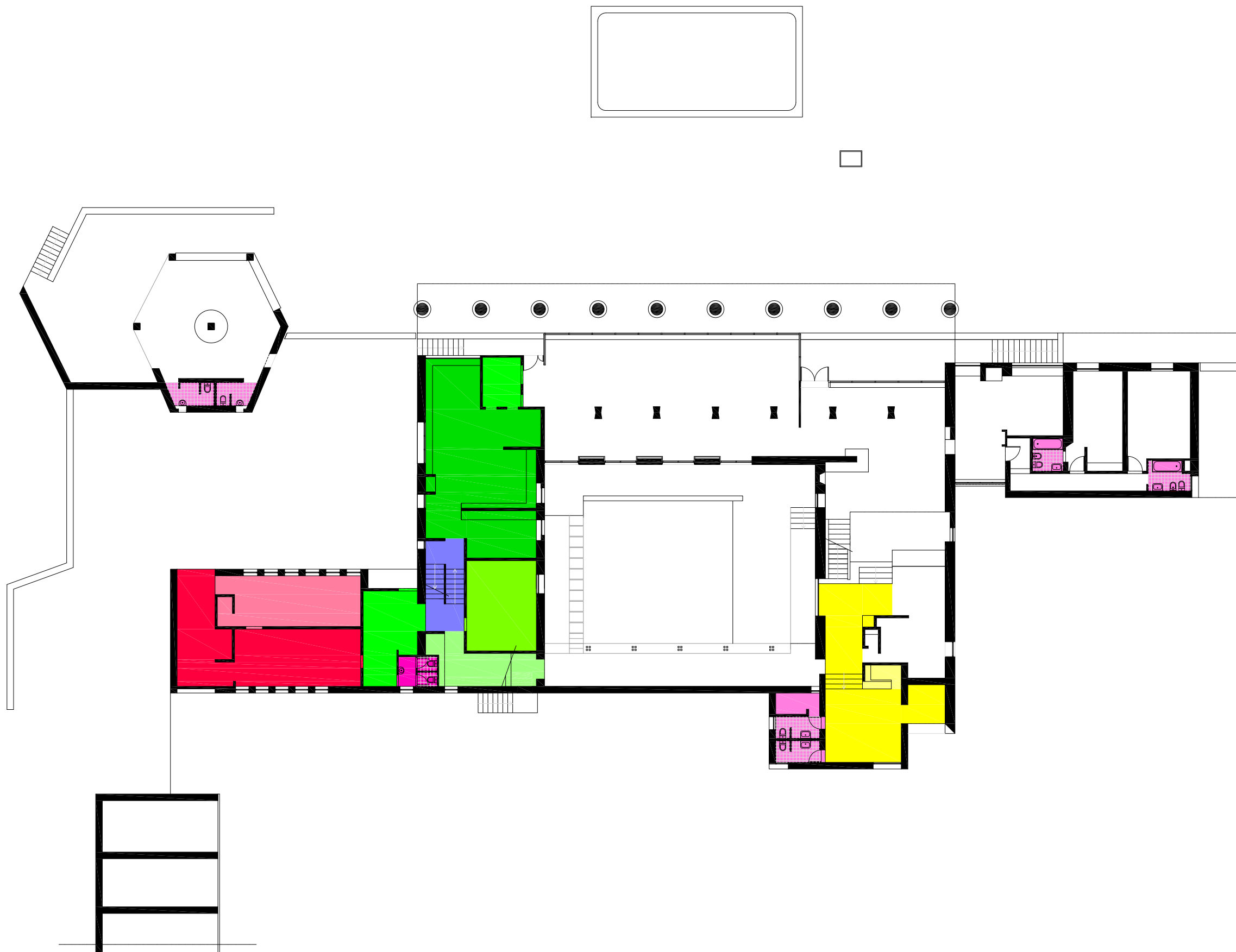
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	11/21
	PLANTA DO PISO 1		



- SERVIÇOS
- |                    |                         |
|--------------------|-------------------------|
| <b>acolhimento</b> | <b>roupa</b>            |
| ■ entrada          | ■ lavanderia            |
| ■ recepção         | ■ engomadoria           |
| <b>cozinha</b>     | <b>infra-estrutural</b> |
| ■ confecção        | ■ casa das caldeiras    |
| ■ copa             | ■ arrecadação           |
| ■ dispensa         | ■ i.s. hóspedes         |
| ■ garrafeira       | ■ i.s. serviço          |
| <b>peçoal</b>      |                         |
| ■ sala comum       |                         |
| ■ quartos          |                         |
| ■ concessionário   |                         |



<b>POUSADA DE SANTA BÁRBARA</b>		
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	1954-1971
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	ESCALA
	PLANTA DO PISO -1	1/250
		FOLHA
		12/21

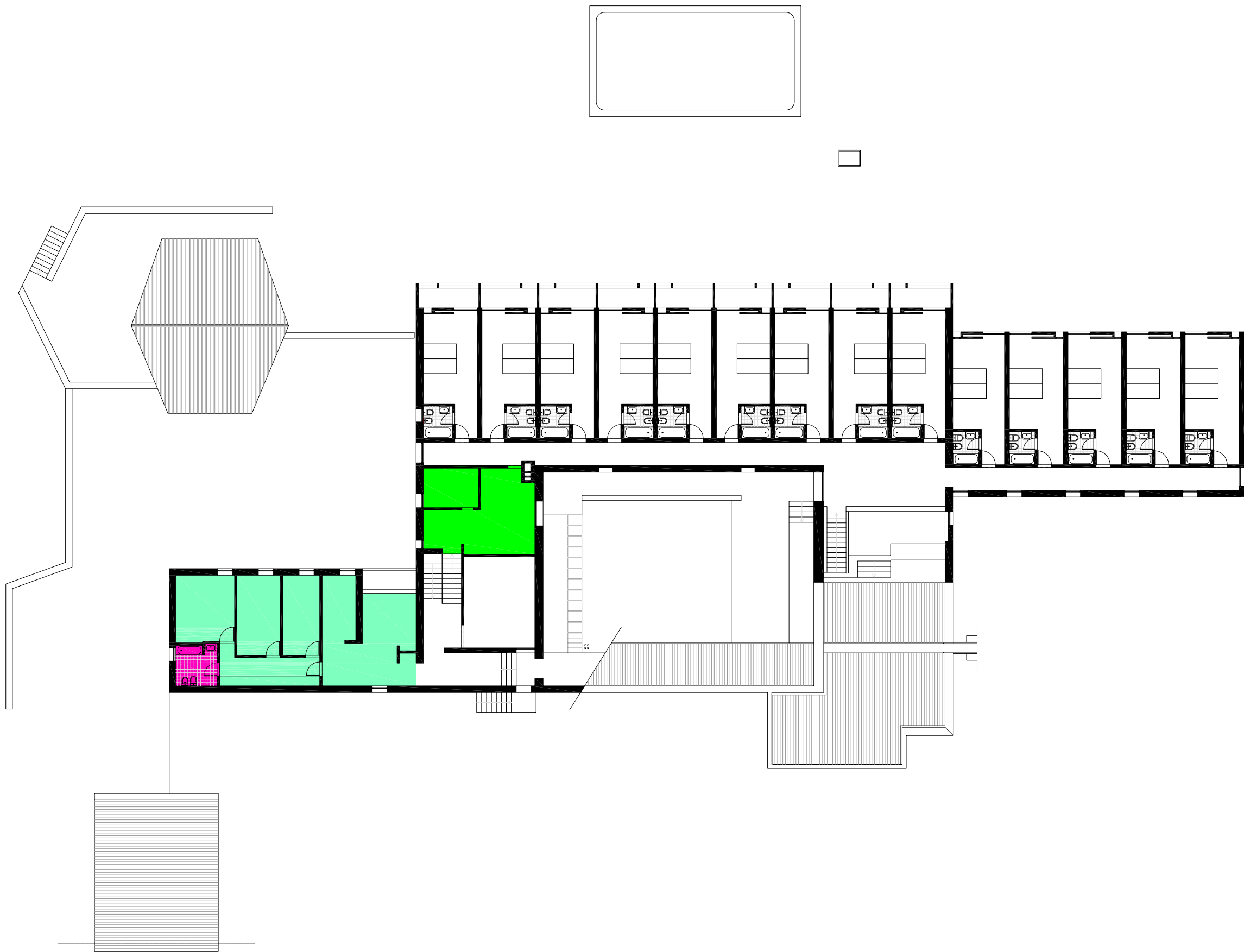


- SERVIÇOS
- |                    |                         |
|--------------------|-------------------------|
| <b>acolhimento</b> | <b>roupa</b>            |
| ■ entrada          | ■ lavandaria            |
| ■ recepção         | ■ engomadoria           |
| <b>cozinha</b>     | <b>infra-estrutural</b> |
| ■ confeção         | ■ casa das caldeiras    |
| ■ copa             | ■ arrecadação           |
| ■ dispensa         | ■ i.s. hóspedes         |
| ■ garrafeira       | ■ i.s. serviço          |
| <b>peçoal</b>      |                         |
| ■ sala comum       |                         |
| ■ quartos          |                         |
| ■ concessionário   |                         |



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	13/21
	PLANTA DO PISO 0		

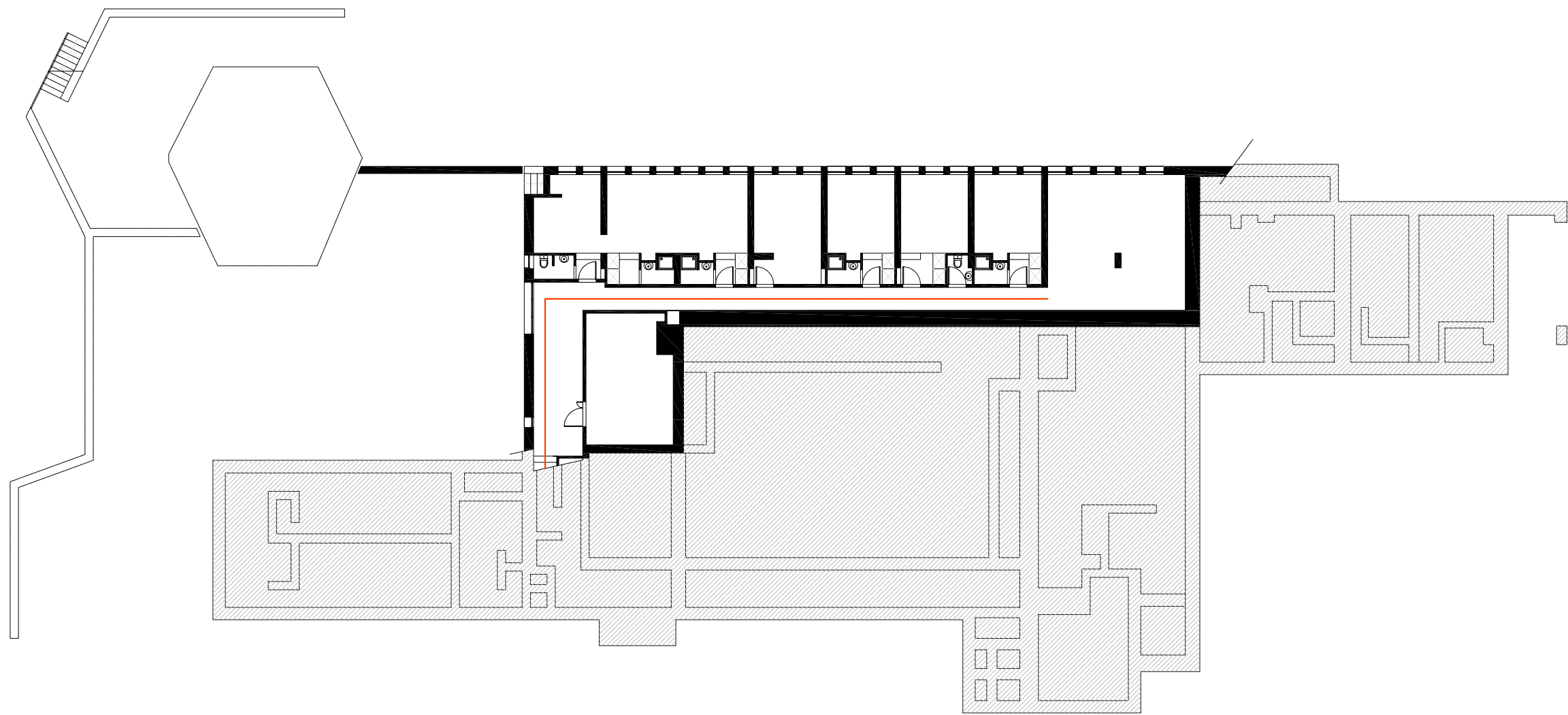


- SERVIÇOS**
- acolhimento**
    - entrada
    - recepção
  - cozinha**
    - confeção
    - copa
    - dispensa
    - garrafeira
  - personal**
    - sala comum
    - quartos
    - concessionário
  - roupa**
    - lavandaria
    - engomadoria
  - infra-estrutural**
    - casa das caldeiras
    - arrecadação
    - i.s. hóspedes
    - i.s. serviço



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	14/21
	PLANTA DO PISO 1		



CIRCULAÇÃO

**horizontal**

**vertical**

- pública
- de serviço

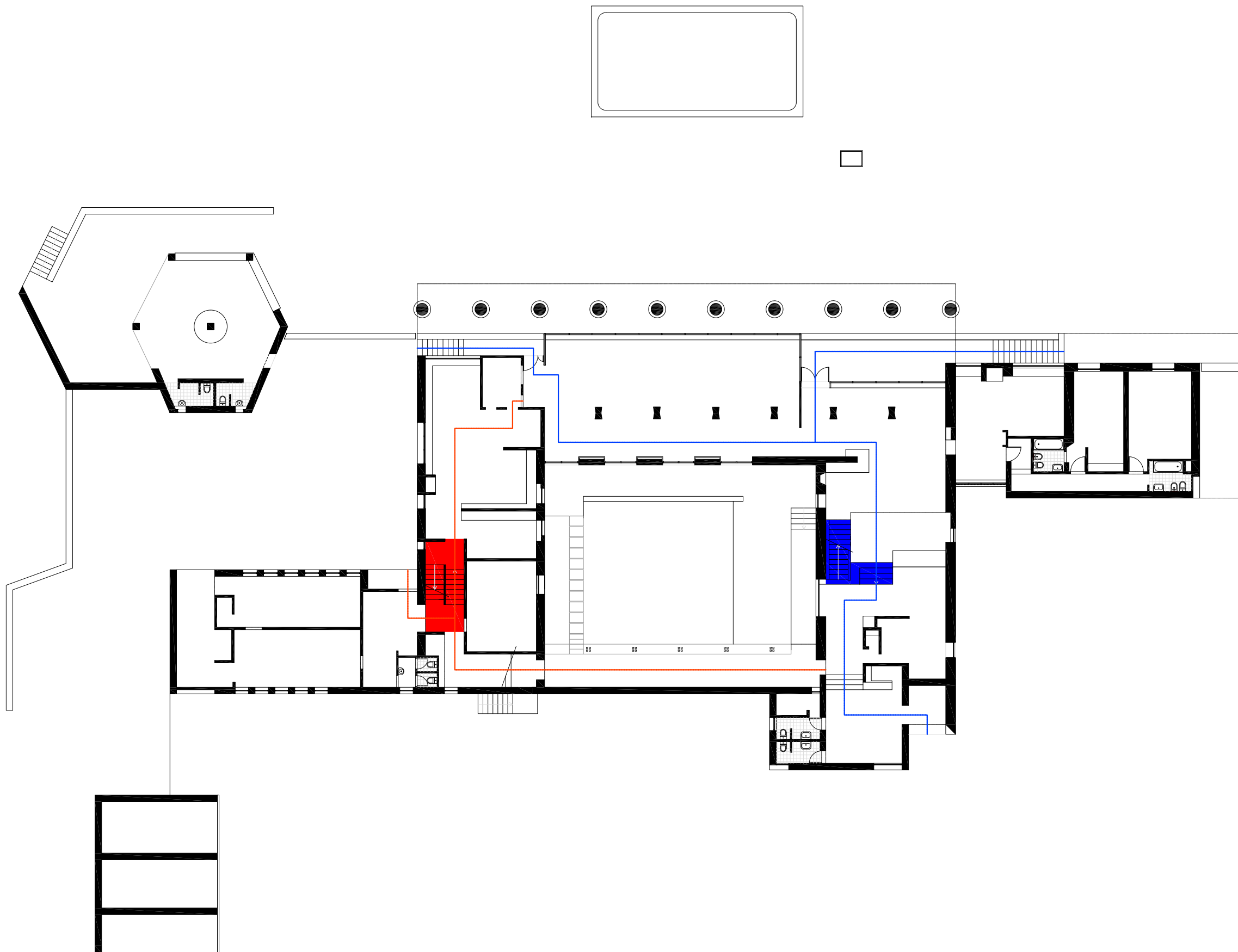
- pública
- de serviço



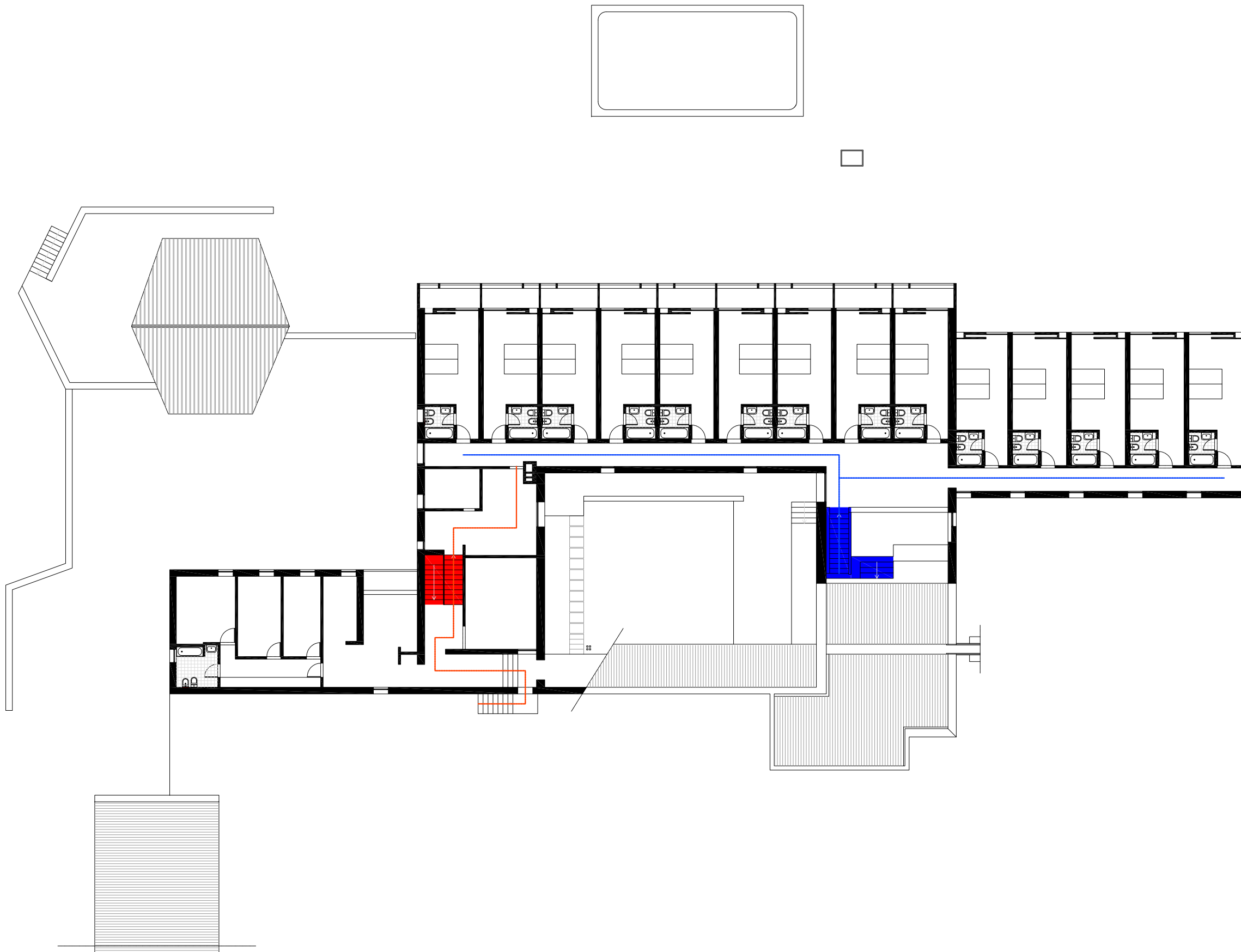
**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	15/21
	PLANTA DO PISO -1		





<b>POUSADA DE SANTA BÁRBARA</b>		
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	1954-1971
PRESENTO	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	ESCALA
	PLANTA DO PISO 0	1/250
		FOLHA
		16/21





CIRCULAÇÃO

**horizontal**

**vertical**

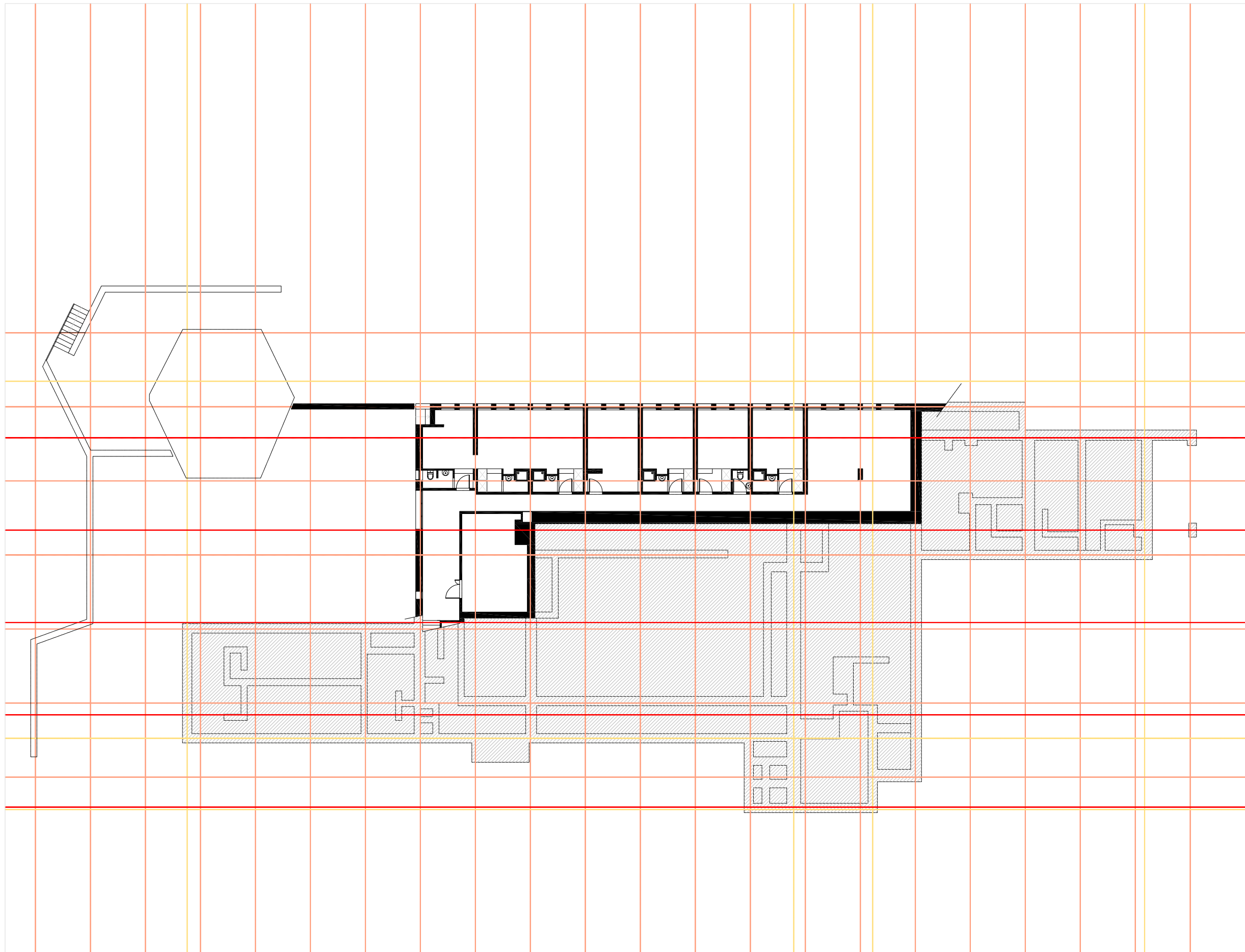
 pública  
 de serviço

 pública  
 de serviço

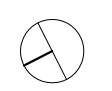


**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	17/21
	PLANTA DO PISO 1		

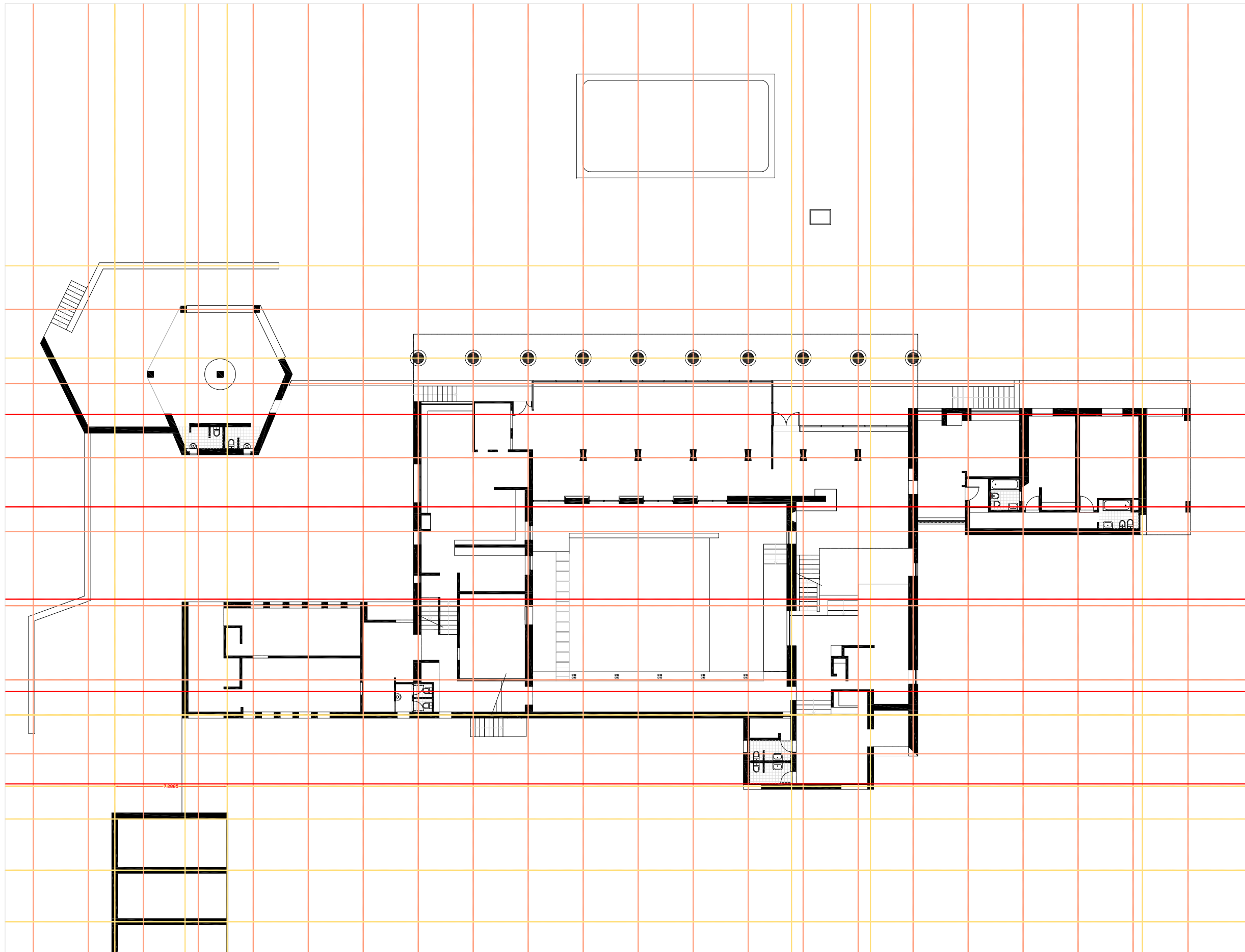


- MÉTRICA**
- eixos limite 6,00 m
  - regra vertical: 3,50 m  
horizontal 4,80 m
  - exepção



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	18/21
	PLANTA DO PISO -1		



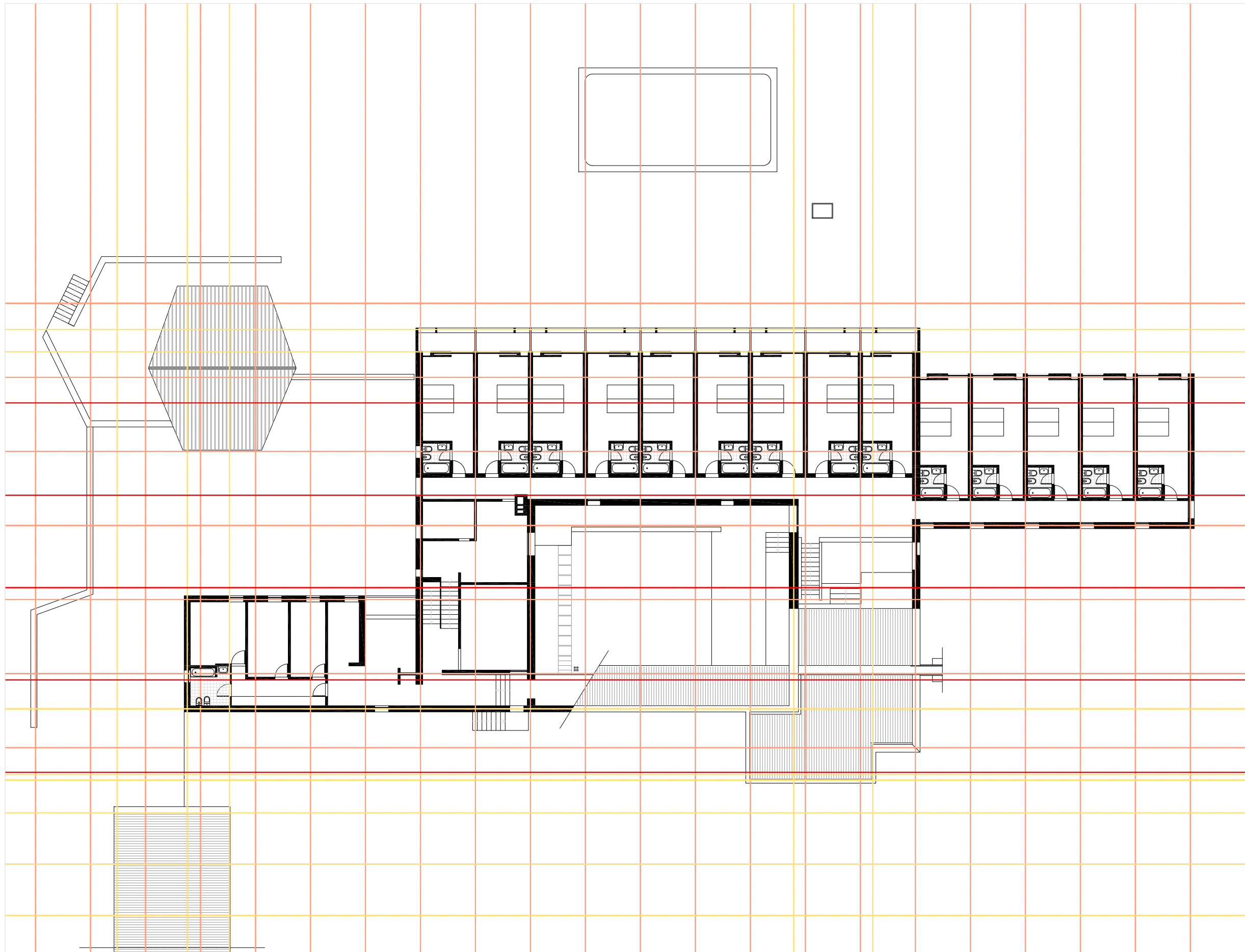
MÉTRICA

- eixos limite 6,00 m
- regra vertical: 3,50 m  
horizontal 4,80 m
- excepção



## POUSADA DE SANTA BÁRBARA

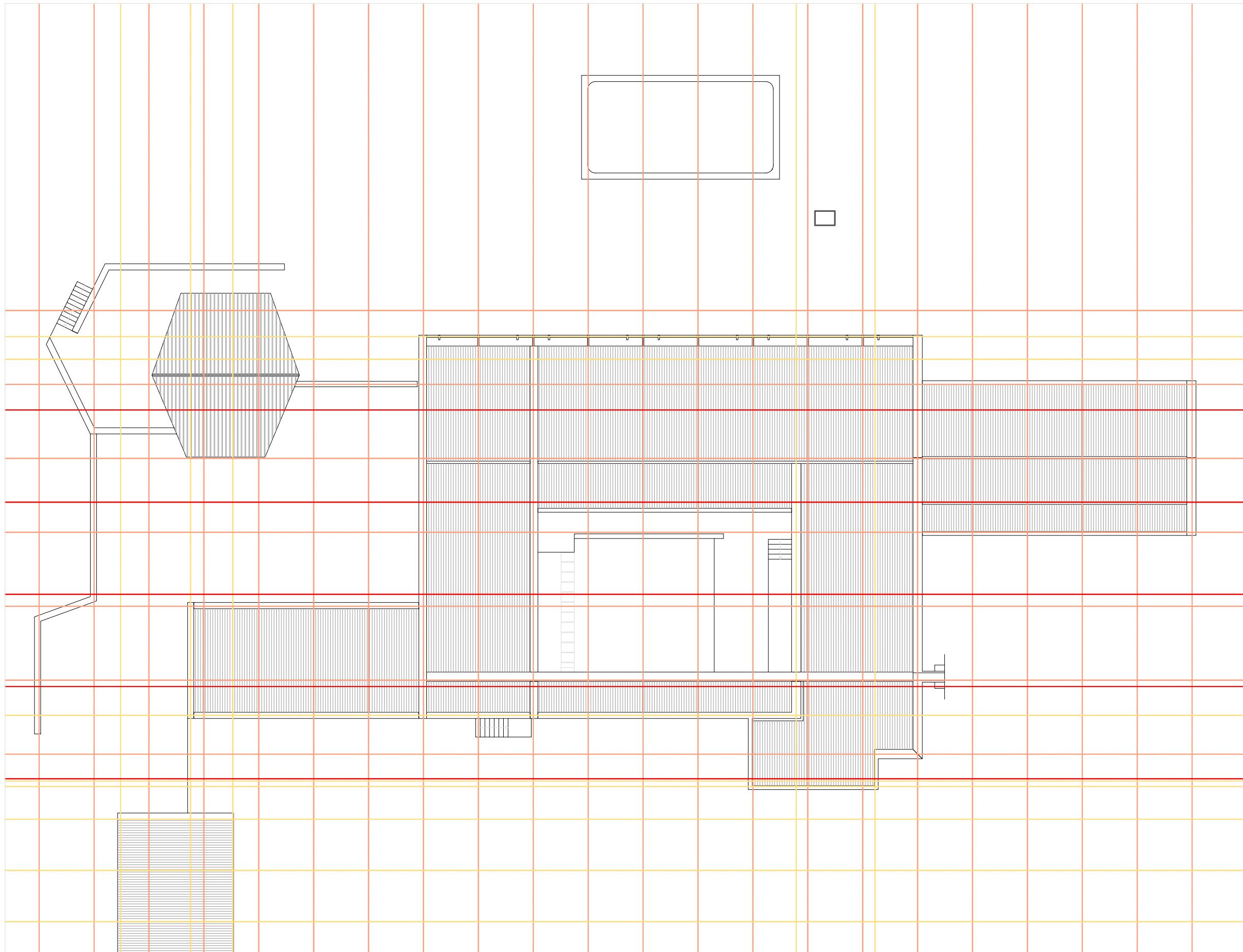
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	19/21
	PLANTA DO PISO 0		



MÉTRICA  
 — eixos limite 6,00 m  
 — regra vertical: 3,50 m  
 — excepção horizontal 4,80 m

POUSADA DE SANTA BÁRBARA

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	20/21
	PLANTA DO PISO 1		



MÉTRICA  
 — eixos limite 6,00 m  
 — regra vertical: 3,50 m  
 — excepção horizontal 4,80 m



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	1954-1971
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	FOLHA	21/21
	PLANTA DA COBERTURA		



# AMPLIAÇÃO

## MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

### I – INTRODUÇÃO

A presente memória descritiva refere-se ao pedido de licenciamento de ampliação e alteração de um estabelecimento hoteleiro, Hotel de 4 estrelas designado por: Hotel Pousada de Santa Bárbara, a levar a efeito em Póvoa das Quartas, freguesia de Lagos da Beira, concelho de Oliveira do Hospital, cujo licenciamento foi requerido pelo Sr. Vítor Manuel Costa Caetano.

### II – DESCRIÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DA PROPOSTA

A antiga “Pousada de Santa Bárbara”, localizada na Póvoa das Quartas, ao lado da Estrada Nacional 17, é descrita por diversos historiadores como um ícone de arquitectura, inspiração para a arquitectura na altura em que foi projectada e é classificado como Edifício de Interesse Público pelo IGESPAR.

A proposta que se apresenta virá imprimir um novo conceito, e que permite enquadrar o equipamento do Hotel Pousada de Santa Bárbara nos destinos de excelência hoteleira de Portugal, repondo-o de novo no circuito turístico, que tantas memórias e saudades encerra.

Pretende-se desenvolver uma unidade hoteleira de charme com grande qualidade e conforto, mantendo a trama original da “Pousada de Santa Bárbara”, e adaptá-la de forma a concorrer à classificação 4 estrelas, aumentando a sua

capacidade de alojamento, um novo espaço de Spa, que se pretende conjugar com os espaços exteriores envolventes, complementada com a zona de serviços existentes, sala de jantar e sala de estar.

A instalação do Spa pretende imprimir um conceito de espaço, como fonte de consciência ambiental e com papel de intervenção e sensibilização em estreita comunhão com o bosque envolvente.

### III – INSERÇÃO URBANA E PAISAGISTICA DA EDIFICAÇÃO

O edifício situa-se numa povoação periférica da cidade de Oliveira do Hospital, num local de excepção, em que a construção existente se funde intimamente com a paisagem, e em que a utilização dos processos construtivos de características regionais adquiriram uma expressão de cariz moderno.

O próprio conceito de pousada regional é encarada sobretudo em termos de escala a intimidade do ambiente e tornando a paisagem, sempre presente e de modo muito marcante, como um elemento de valorização do espaço interno, facto este que se traduz, tanto em espaços de grande amplitude visual, como em novos tipos de contacto com o exterior, através do pátio ou de pequenos jardins que possibilitam zonas de maior envolvimento e recolhimento.

A ampliação proposta pretende manter este espírito, renovando a intenção de manter os elementos arquitectónicos anteriores com base para a construção, e abrindo novos espaços sobre a paisagem deslumbrante.

### IV – DESCRIÇÃO FUNCIONAL, ACESSOS VERTICAIS E CIRCULAÇÃO

O projecto que se propõe pretende adaptar o edifício original às necessidades e exigências dos utilizadores actuais.

A implantação do Hotel Pousada de Santa Bárbara sugere a existência de 3 edifícios com características diferentes que se irão complementar e conjugar com os espaços exteriores envolventes.

O edifício principal, existente, terá um programa funcional que se estende por 3 pisos, que se descrevem:

- No piso 0, de chegada, está consignada a função de uso comum aos hóspedes, o controlo de acesso é feito pela recepção que acolhe os hóspedes numa primeira fase e os encaminha através do cenário rústico confortável da sala de estar

para os quartos. O restaurante partilha a magnífica vista panorâmica sobre a Serra da Estrela, com a beleza do pátio interior, localizado na zona central do edifício. Neste piso localizam-se as primeiras 2 unidades de alojamento precedidas da chamada sala de lareira onde se pretende instalar uma biblioteca recheada de livros de costumes e saberes da região, livros de autores locais e contos de criança. Na ala norte a zona de serviço é composta pela cozinha com todas as valências inerentes aos serviços a prestar, o hall de entrada de serviço dos funcionários garantirá a entrada de toda a logística necessária ao hotel e acesso a áreas técnicas ou à lavandaria ou ao economato.

No piso 1 localizam-se os quartos de hóspedes, designados como unidades de alojamento, cujo controlo de acesso é feito a partir da recepção, na zona existente com o acesso através da escada original sobre a sala de estar, a distribuição é feita por um corredor que serve as 14 unidades de alojamento com a mesma tipologia, dispondo de 2 quartos comunicantes.

Na zona norte, a antiga “casa do concessionário”, será alterada, de maneira a garantir uma nova linguagem para esse espaço, com a atribuição de 3 novas unidades de alojamento, precedidas por uma pequena sala de estar, capaz de proporcionar o conforto e descanso dos hóspedes.

Este piso dispõe também de uma sala para a administração e uma copa de apoio já existentes com acesso pela caixa de escadas de serviço.

No piso -1 do edifício principal, pretende-se reorganizar a zona de arrumos aí existente, vasta, criando um espaço composto por 3 quartos, sala, cozinha e um pequeno escritório destinado à administração do hotel, uma arrecadação e a sala de máquinas.

O edifício onde antigamente existia o “coreto” será alvo de ampliação onde se pretende instalar um Spa panorâmico, garantindo a mesma qualidade arquitectónica do projecto original, tendo como ponto de partida o telheiro existente.

Assim a instalação do Spa, garantia de bem-estar, desenvolve-se em 3 pisos, sendo um deles técnico (piso -2) de apoio à piscina hidrodinâmica. No piso -1 existirá a piscina hidrodinâmica que co-habitará com a paisagem deslumbrante do vale Serra da Estrela, bem como os vestiários de apoio. No piso 0 a recepção conduzirá os clientes pelas diversas valências do Spa, sala de massagem, jacuzzi, banho turco, sauna e duche. Pretende-se criar uma envolvimento de conforto e bem-estar, em comunicação estreita com a natureza

propondo uma sala de repouso.

O edifício das garagens originais, hoje desactivadas e não necessárias, terão novo uso. Pretende-se criar um espaço destinado a receber exposições temporárias de lojas de artesanato, artes locais, promoção turística da região com intercâmbio das unidades hoteleiras, apoio ao hóspede com informação sobre romarias, caminhadas, festas pagãs e outras de interesse local.

Pretende-se que os edifícios sejam absorvidos pelo bosque envolto, que se transformará num espaço “Zen”, adquirindo “pequeno refúgios” de relaxamento com camas ou espreguiçadeiras de repouso, baloiços e liteiros.

## V – ADEQUAÇÃO DA EDIFICAÇÃO À UTILIZAÇÃO PRETENDIDA

Programa proposto

Um hotel de 19 quartos com requisitos para a classificação de 4 estrelas.

- Piso -1 do edifício principal

Zona administrativa. 3 quartos com instalação sanitária, sala, cozinha, escritório, zona de serviço/técnica, arrecadação e sala de máquinas.

- Piso 0 do edifício principal

Zona de quartos (unidades de alojamento): 2 quartos com instalação sanitária, corredor de distribuição, zona social, recepção, salas de estar, sala de jantar, sala de lareira, instalações sanitárias e pátio exterior.

Zona de serviço/técnica: cozinha, despensa, economato, instalação sanitária, hall de entrada de serviço, lavandaria e casa das máquinas.

- Piso 1 do edifício principal

Zona de quartos (unidades de alojamento): 8 quartos com instalação sanitária, 9 quartos com instalação sanitária e varanda, uma sala de estar, corredores de distribuição e circulação vertical.

Zona de serviços: copa de apoio e circulação verticais.

Zona administrativa: gabinete de administração.

- Piso -2 do edifício Spa

Zona de serviços/técnica, casa das máquinas, Avac, tanque de compensação e casa das máquinas da piscina.

- Piso -1 do edifício Spa

Zona de Spa: piscina, vestiários, instalação sanitária e área de cacifos.

Zona de serviços/técnica: casa das caldeiras.

Piso 0 do edifício Spa

Zona de Spa: massagem, jacuzzi, banho turco, sauna, duche, recepção, sala de repouso/sala de chá e circulação vertical.

#### VI – NATUREZA E CONDIÇÕES DO TERRENO

Os movimentos de terra a executar apenas na zona do Spa, que será alvo de ampliação, deverá definir qual a natureza do terreno e como deverá ser estável e suficientemente firme para suportar as cargas que lhe são transmitidas pelos elementos de construção, nas condições de utilização mais desfavoráveis.

#### VII – ADEQUAÇÃO ÀS INFRA-ESTRUTURAS E REDES EXISTENTES

A intervenção que se pretende fazer não interfere com as infra-estruturas e redes existentes sendo previsível adequação interior, nas zonas a intervir, a essas mesmas infra-estruturas.

#### VIII – CARACTERÍSTICAS DE EDIFICABILIDADE

Área a alterar (remodelar)

- Área destinada à administração: 179,50 m<sup>2</sup>
- Novos Quartos: 112,00 m<sup>2</sup>
- Sala de Chá: 72,00 m<sup>2</sup>
- Total de área a alterar: 363,50 m<sup>2</sup>

Área a ampliar

- Piso -2: 70,00 m<sup>2</sup>
- Piso -1: 162,00 m<sup>2</sup>
- Piso 0: 76,80 m<sup>2</sup>
- Total de área a ampliar: 308,80 m<sup>2</sup>

#### IX – ADEQUABILIDADE RELATIVAMENTE AO PDM

Uma vez que o edifício é anterior ao Plano Directo Municipal da cidade de Oliveira do Hospital pretende-se garantir a área de construção de ampliação

proposta compensada com a demolição da piscina exterior existente e sobre a qual se entende, desenquadrada do edifício, devolvendo assim a privacidade aos hóspedes na sua vivência do Hotel Pousada de Santa Bárbara.

## **X – CONDIÇÕES TÉCNICAS ESPECIFICAS**

### **10.1 – Estrutura**

A estrutura da ampliação que se pretende executar será executada em estrutura metálica, dotada de todos os elementos de isolamento e de impermeabilização. Nas zonas em que existem alterações de configuração das paredes existentes, elas nunca interferirão com a super-estrutura resistente.

### **10.2 – Alvenarias**

As paredes exteriores serão formadas por paredes duplas de tijolo com caixa de ar, onde se incluirá o isolamento térmico necessário e com o revestimento exterior com pedra de granito rosa. Quanto às interiores serão de alvenaria de tijolo com espessura variável.

### **10.3 – Cobertura**

A cobertura será revestida com a mesma telha do telheiro existente, cuja estrutura de madeira se pretende conservar.

### **10.4 – Revestimentos**

O exterior do edifício a ampliar terá um revestimento em granito rosa.

A cobertura será revestida com telha lusa conforme telheiro existente.

Os vãos das janelas na generalidade, assumem a forma de envidraçados de dimensão variáveis. São compostos por caixilharia de alumínio lacado a cor RAL 3004 tipo “ARKIAL SAPA” e vidro laminado duplo.

Os vãos das portas interiores são do tipo “Vicaima” com madeira à vista, os exteriores são de alumínio tipo “SAPA” com acabamento igual ao dos envidraçados e a porta do espaço técnico é metálica.

## **XI – ACESSIBILIDADES**

As acessibilidades ao edifício procuram garantir as condições regulamentares do Regime de Acessibilidades nos edifícios (DI 163/2006 de 6 de Agosto),



cumprindo as normas presentes no Decreto-Lei 222/2008 de 12 de Novembro relativo às condições mínimas de Segurança Contra Incêndios em edifícios. No entanto e em relação à parte do edifício existente, e uma vez que se trata de um edifício classificado, não torna obrigatória o seu cumprimento.

Relativamente à parte que se pretende ampliar houve uma preocupação suplementar nessa adequação.

O acesso a cada piso destinado a uso dos clientes é feito por rampa.

A circulação interior possui um hall que dispõe de dimensões mínimas para a rotação 360° de uma cadeira de rodas, e estão conforme a secção 2.2.2.

Dentro deste edifício não existe degrau ou rampa sendo esta sempre acessível para as pessoas com mobilidade condicionada.

As instalações sanitárias serão revestidas no chão e nas paredes com um material resistente, impermeável e de fácil limpeza e anti-derrapante.

## XII – DELEGADO DE SAÚDE

Todas as zonas de copa possuem um armário de dispensa do dia, um armário de material de fácil limpeza para os produtos de limpeza e serão equipados com baldes para resíduos com tampa accionada por pedal. As zonas para os funcionários serão equipadas com lavatório de serviço destinado ao pessoal, dotado com torneira de comando não manual, sistema individual para secagem de mãos e detergente líquido desinfectante e cesto com pedal para toalhas de papel. As portas do estabelecimento serão equipadas com um sistema de protecção contra insectos (tipo cortina de ar). O estabelecimento possui um sistema de ar condicionado que permite a renovação adequada e permanente do ar.

Na cozinha será efectuado a separação entre zona suja e zona limpa, permitirá realizar a “marcha em frente” dos produtos e alimentos, e ainda terá adequadas condições de iluminação e ventilação com aparelhos que permitam a extracção de fumos e cheiros e terá a capacidade adequada para o numero de refeições a confeccionar. As zonas de confecção e manipulação de alimentos possuirão luz natural e artificial. Ao nível dos pavimentos, tectos e paredes serão todos em material lavável e não putrescível, será cumprido o ponto 3 do artigo 4º, DL 425/99, 21 Outubro. A cozinha possui um sistema de exaustão próprio. Todas as torneiras serão accionadas por pedal. Os vestuários serão

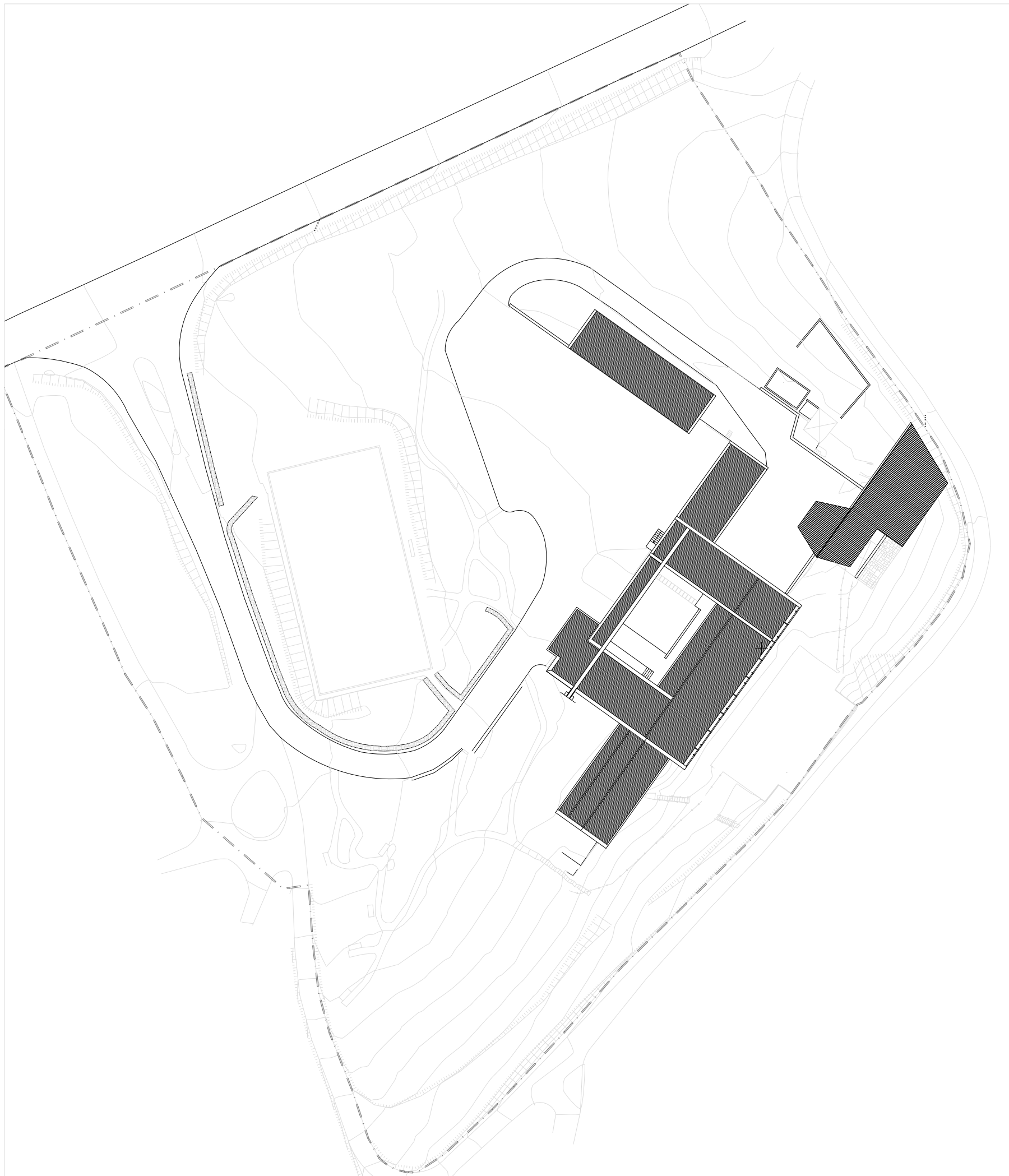
equipados de bancos, cabides, estrado na zona de duche, armários individuais e equipamentos de 1º socorro (artigo 21, Portaria 987/93 de 6 de Outubro).

### **XIII – CONCLUSÃO**

Verdadeiro como a sua origem, redescobrimo o prazer de autenticidade, o Hotel Pousada de Santa Bárbara procura reflectir o local e a região envolvente. Na generalidade o seu design de mobiliário e decoração estará em sintonia com a região, transformando a sua atmosfera numa atmosfera de sentidos.

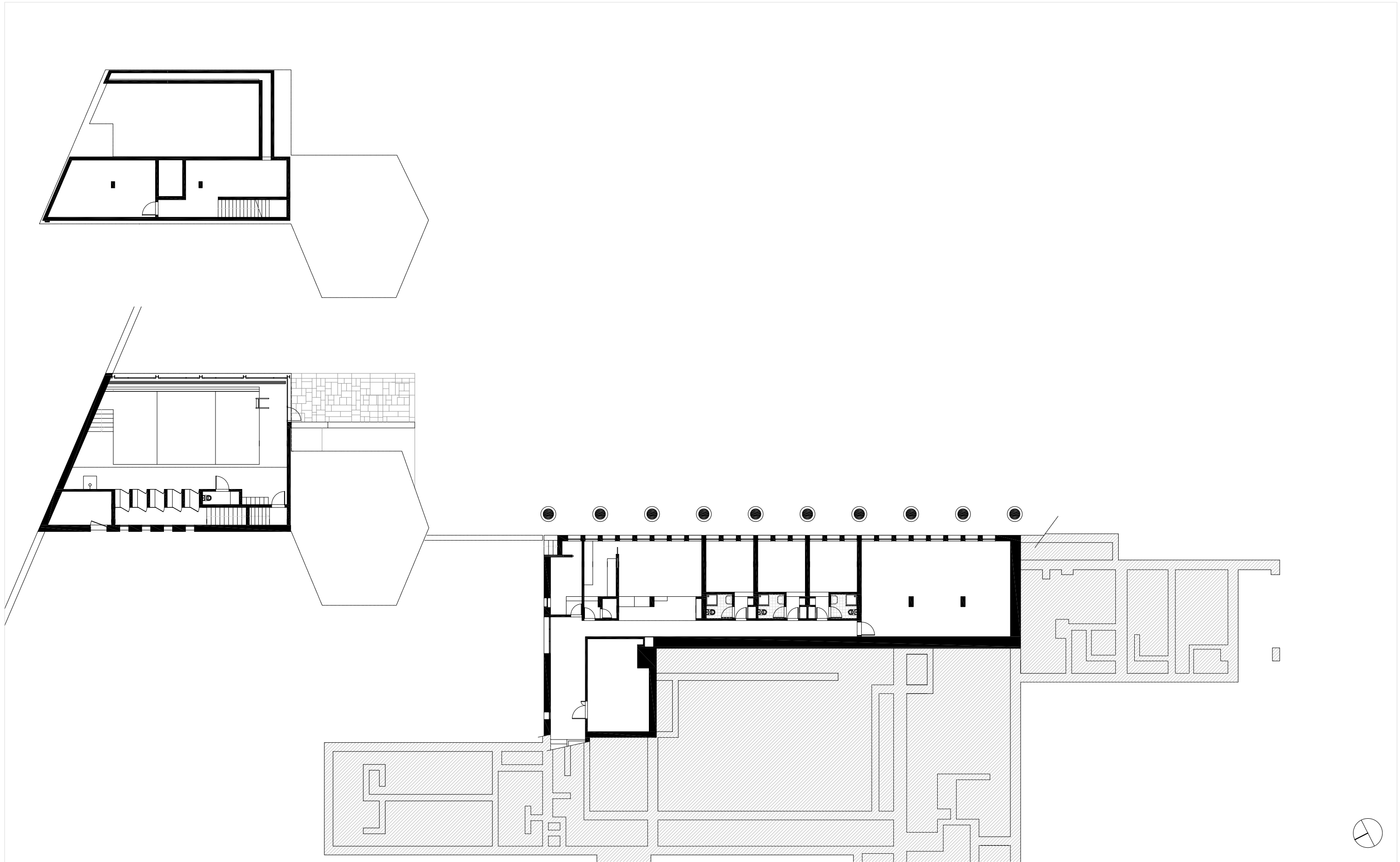


## DESENHOS



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

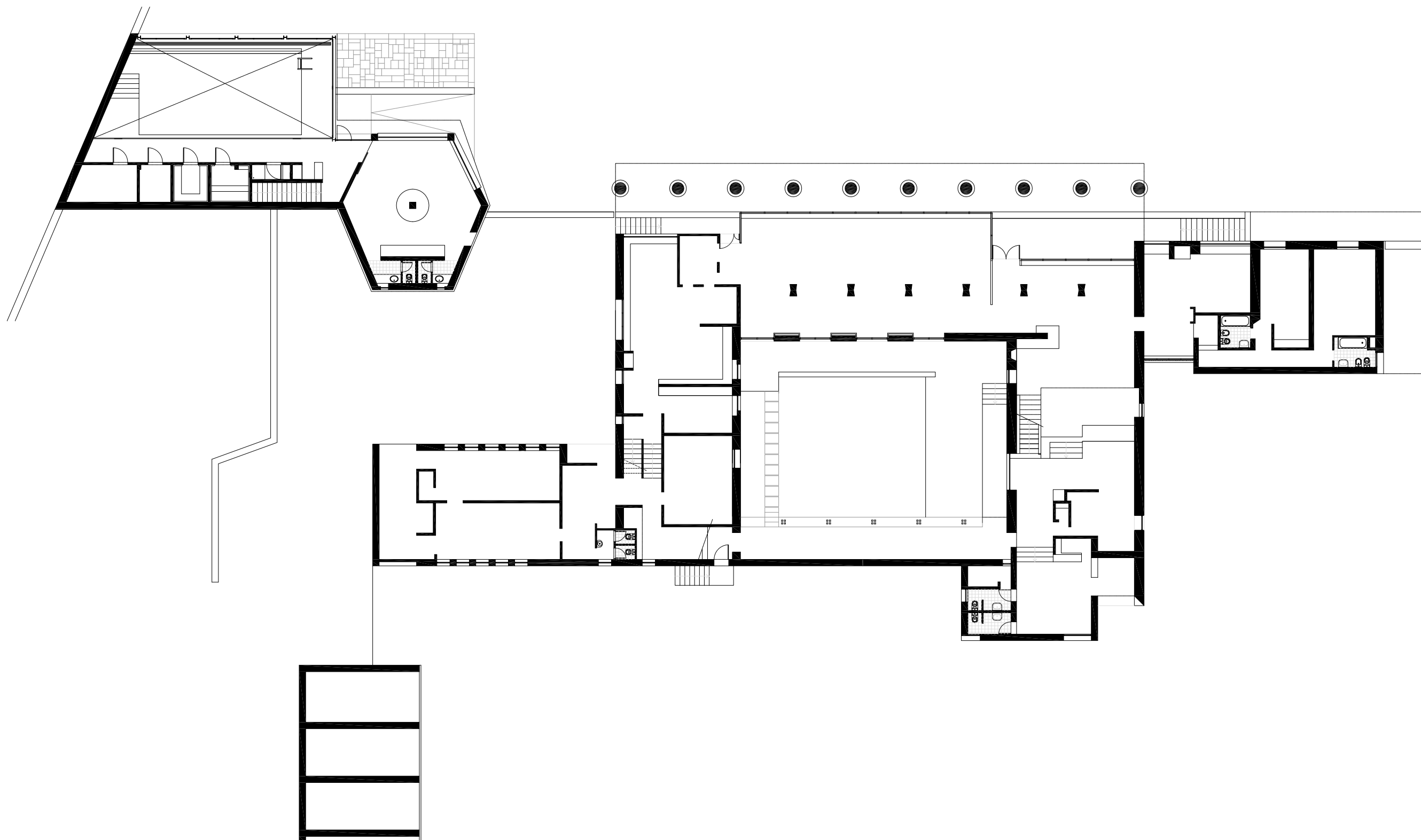
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	2011
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/500
DESENHO	PROPOSTA	FOLHA	1/7
	PLANTA DE IMPLANTAÇÃO		



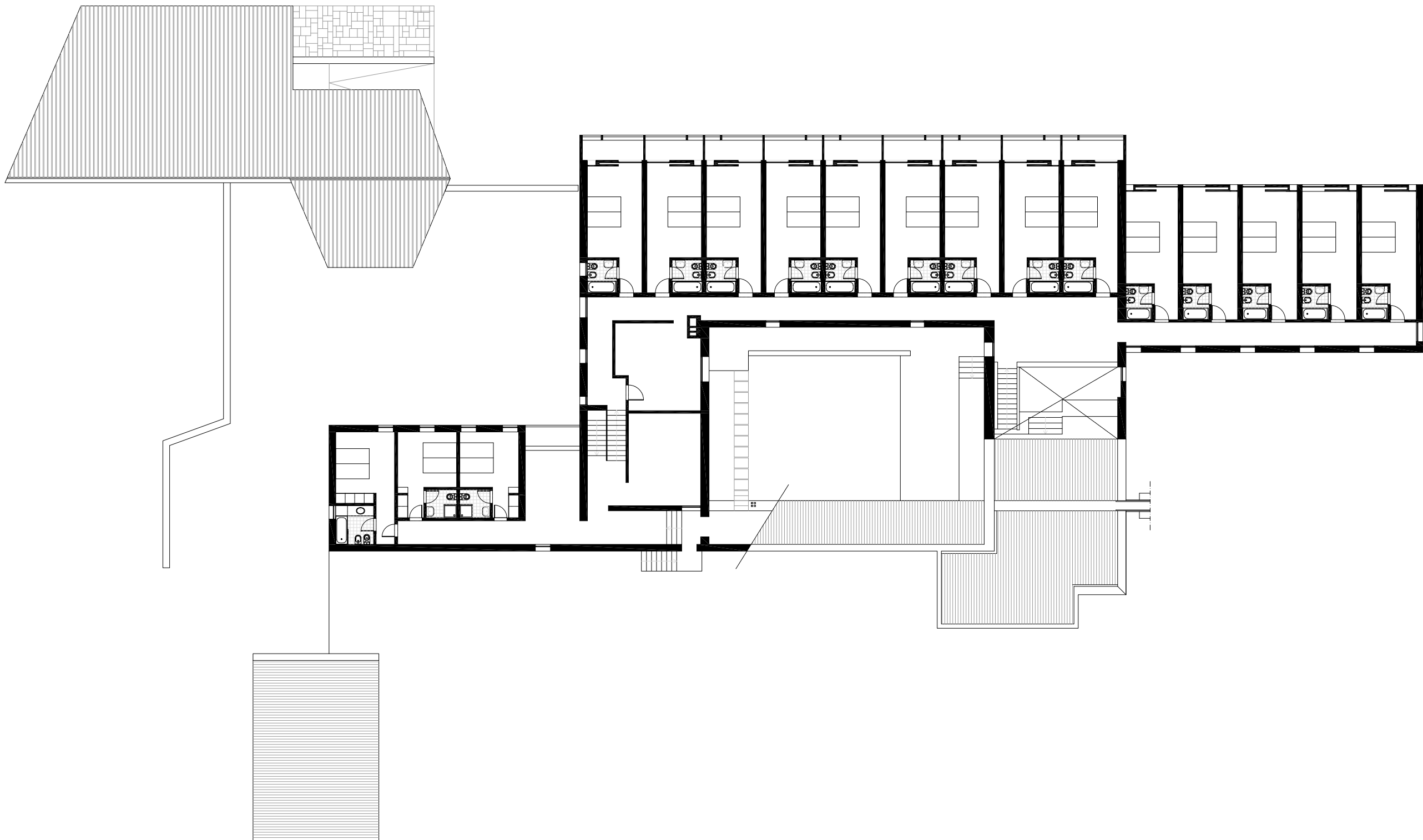
**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	2011
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	PROPOSTA	FOLHA	2/7
	PLANTA DO PISO -1		



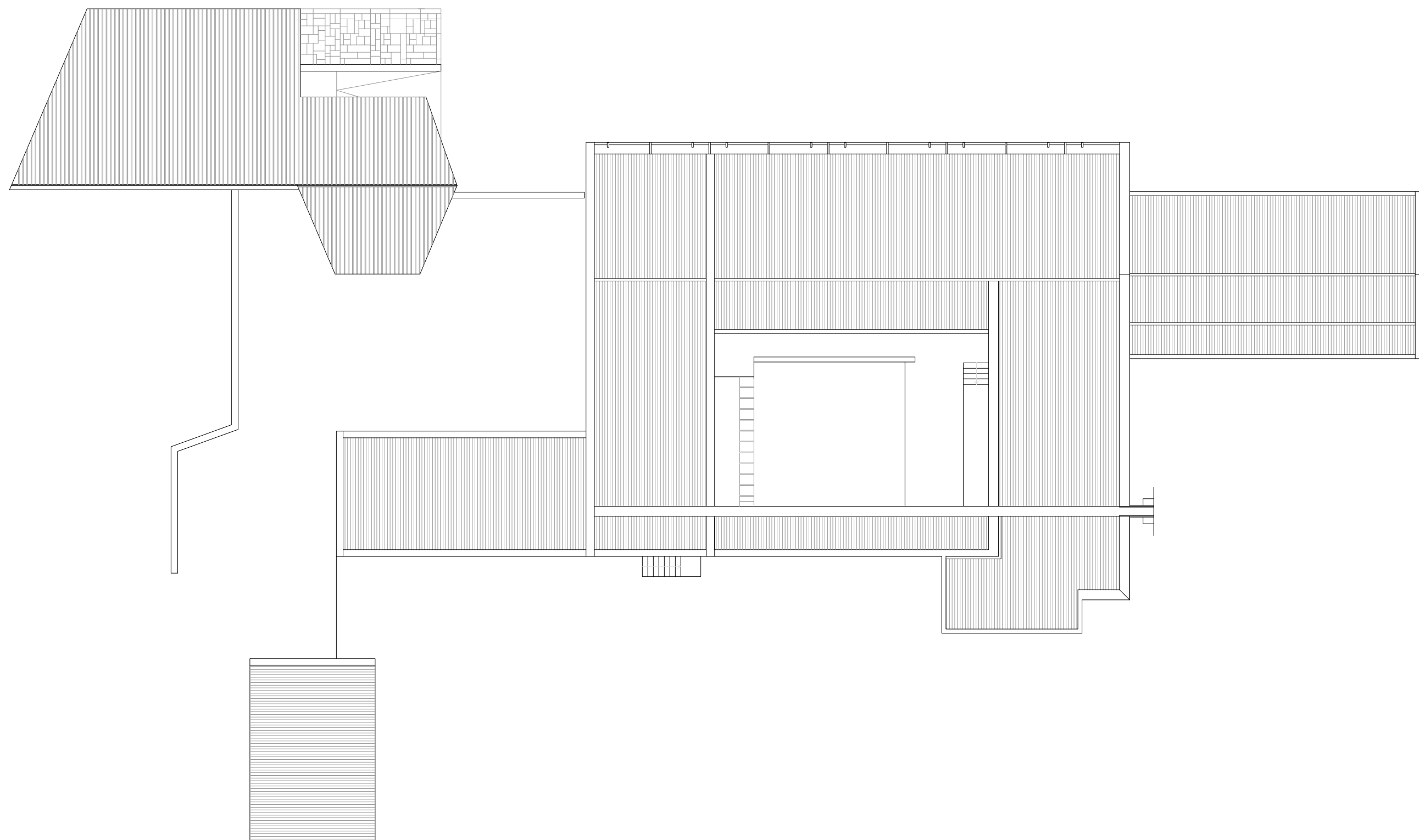


<b>POUSADA DE SANTA BÁRBARA</b>		
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	2011
PRESENTE	PROPOSTA	ESCALA
	PLANTA DO PISO 0	1/250
		FOLHA
		3/7



**POUSADA DE SANTA BÁRBARA**

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	2011
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	PROPOSTA	FOLHA	4/7
	PLANTA DO PISO 1		



# POUSADA DE SANTA BÁRBARA

ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO	2011
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	ESCALA	1/250
PRESENTE	PROPOSTA	FOLHA	5/7
	PLANTA DA COBERTURA		



ALÇADO SUDOESTE



CORTE LONGITUDINAL PELO SPA



ALÇADO NORDESTE



CORTE TRANSVERSAL PELO SPA

<b>POUSADA DE SANTA BÁRBARA</b>		
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	2011
PRESENTE	PROPOSTA	ESCALA
	ALÇADOS	1/250
		FOLHA
		6/7



POUSADA DE SANTA BÁRBARA		
ARQUITECTO	MANUEL TAINHA	DATA DO PROJECTO
LOCALIZAÇÃO	OLIVEIRA DO HOSPITAL	2011
PRESENTE	PROPOSTA	ESCALA
	ALÇADOS	1/250
		FOLHA
		7/7

# CLASSIFICAÇÃO

## PORTARIA N.º 740 - AG 2012

40536-(28)

Diário da República, 2.ª série—N.º 248—24 de dezembro de 2012

no uso das competências conferidas pelo n.º 11 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 86-A/2011, de 12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

### Artigo 1.º

#### Classificação

É classificado como monumento de interesse público o Paço da Glória, constituído pelo edifício principal, capela, construção anexa e portal, em Novais, freguesia de Jolda-Madalena, concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

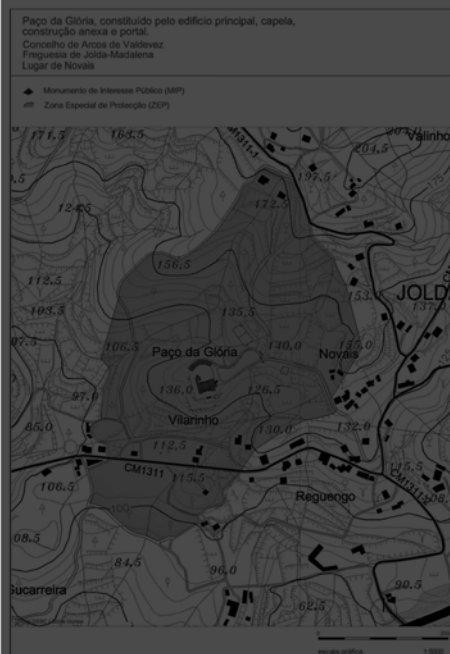
### Artigo 2.º

#### Zona especial de proteção

É fixada a zona especial de proteção do monumento referido no artigo anterior, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

9 de dezembro de 2012. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

#### ANEXO



24782012

#### Portaria n.º 740-AF/2012

O Palácio da Carreira, construído em finais do século XVIII, constitui um dos mais característicos solares tardo-barrocos do Alentejo, destacando-se tanto pelas dimensões como pela exuberância decorativa de fachadas e interiores.

Do conjunto arquitetónico, que inclui o palácio e os jardins e pátios anexos, faz parte um dos mais ricos acervos de azulejaria oitocentista do país. Nos interiores, os painéis de azulejos somam-se aos revestimentos de pinturas murais combinando o gosto eclético característico do reinado de D. Maria I com composições claramente neoclássicas, que aqui se substituem ao barroco tardio.

Entre a produção azulejar devem referir-se ainda os painéis do pintor Luis Ferreira, conhecido por "Ferreira das Tabuletas", pos-

sivelmente efetuados na Fábrica de Cerâmica da Viúva Lamego, em Lisboa.

A classificação do Palácio da Carreira reflete os seguintes critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro: o caráter matricial do bem, o seu valor estético e material intrínseco, a sua concepção arquitetónica e urbanística e a extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva.

A zona especial de proteção do bem imóvel agora classificado é fixada por portaria, nos termos do disposto no artigo 43.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro.

Foram cumpridos os procedimentos de audição dos interessados, previstos no artigo 27.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, de acordo com o disposto nos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo.

Assim:

Sob proposta dos serviços competentes, ao abrigo do disposto nos artigos 15.º, 18.º, n.º 1, e 28.º, n.º 2, da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e no uso das competências conferidas pelo n.º 11 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 86-A/2011, de 12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

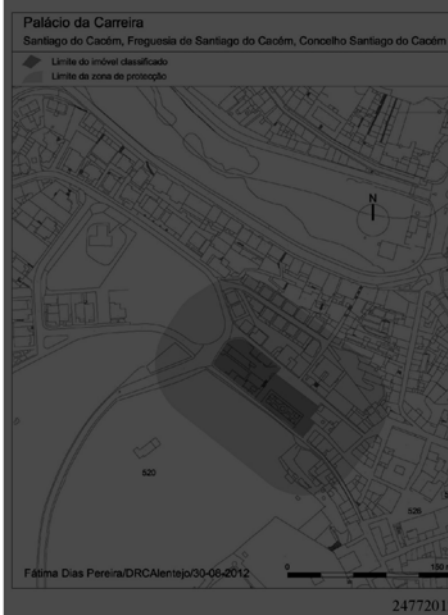
### Artigo único

#### Classificação

É classificado como monumento de interesse público o Palácio da Carreira, no Largo do Capitão-Mor, Santiago do Cacém, freguesia e concelho de Santiago do Cacém, distrito de Setúbal, conforme planta constante do anexo à presente portaria e que dela faz parte integrante.

9 de dezembro de 2012. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

#### ANEXO



24772012

#### Portaria n.º 740-AG/2012

Construída nos Anos 50 do século XX sob projeto do arquiteto Manuel Tainha, a Pousada de Santa Bárbara constitui um dos exemplos paradigmáticos dos princípios da Arquitetura Moderna Portuguesa.

Na forma como expõe e materializa a clareza funcional do projeto, na forma como conjuga a diferenciação volumétrica, no apelo aos ma-





teriais locais e num forte sentido de espaço interno, a adopção de uma expressão contemporânea está patente na fachada noroeste, integralmente revestida a blocos de granito, e no corpo sul, assente sobre pilares xistosos autóctones.

A fachada sudeste, de três pisos, desenvolve-se em extensão de forma a maximizar o aproveitamento da luz solar e o desfrute da paisagem circundante.

Como parte integrante do projeto são ainda de salientar as propostas que englobam o desenho de mobiliário que acompanha a integridade linguística das formas patentes neste imóvel.

A classificação da Pousada de Santa Bárbara reflete os seguintes critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro: o génio do respetivo criador e a concepção arquitetónica, urbanística e paisagística.

A zona especial de proteção do bem imóvel agora classificado será fixada por portaria, nos termos do disposto no artigo 43.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro.

Foram cumpridos os procedimentos de audição dos interessados, previstos no artigo 27.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, de acordo com o disposto nos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo.

Assim:

Sob proposta dos serviços competentes, ao abrigo do disposto nos artigos 15.º, 18.º, n.º 1, e 28.º, n.º 2, da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e no uso das competências conferidas pelo n.º 11 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 86-A/2011, de 12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

#### Artigo único

##### Classificação

É classificada como monumento de interesse público a Pousada de Santa Bárbara, em Póvoa das Quartas, freguesia de Lagos da Beira, concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra, conforme planta constante do anexo à presente portaria e que dela faz parte integrante.

9 de dezembro de 2012. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

#### ANEXO



24812012

#### Portaria n.º 740-AH/2012

Pelo artigo 2.º do Decreto n.º 32 973, publicado no *Diário do Governo*, I Série, N.º 175, de 18 de agosto de 1943, foi classificado como imóvel de interesse público (IIP) o «Palácio da Mitra, em Santo Antão do Tojal, com os seguintes anexos: a antiga igreja, o chafariz monumental, o aqueduto, o pombal existente na quinta do Palácio, com os seus azulejos decorativos, e o portão que dá entrada directa à quinta e que se encontra à direita e um pouco distanciado da igreja».

O atual Palácio e a respetiva quinta, já referida em documentação do século XIII, resultam da intervenção setecentista do arquiteto italiano Antonio Canevari, que transformou a antiga propriedade rural numa grandiosa quinta de recreio. Utilizado inicialmente como local de veraneio dos Arcebispos e mais tarde dos Patriarcas de Lisboa, o palácio foi também delimitado para acolher o rei quando em trânsito entre Lisboa e o novo palácio e convento de Mafra.

Para além das salas do interior do palácio, com rico património azulejar, ou da renovação barroca da igreja, destaca-se a praça monumental que articula o conjunto edificado entre si e com a quinta, para onde deita o terraço de acesso à Sala das Bênçãos e o balcão desta última, compondo um programa erudito envolvendo uma clara preocupação urbanística.

São de referir ainda o grandioso chafariz enquadrado pelas alas palacianas e abastecido pelo aqueduto resultante da mesma empreitada, que servia também a população, os jardins de recreio, com o seu equipamento barroco, e toda a área murada da antiga quinta de produção agrícola.

Assim, pelo presente diploma procede-se às seguintes alterações à classificação estabelecida no Decreto n.º 32 973, de 18 de agosto de 1943:

i) Da área de delimitação da classificação original, de forma a passar a abranger toda a área murada da antiga quinta;

ii) Da designação da classificação para «Palácio da Mitra, aqueduto, pombais, chafarizes, igreja, monumental portão de entrada e toda a área murada da antiga quinta»;

iii) Da categoria de classificação, de imóvel de interesse público (IIP) para monumento de interesse público (MIP), de acordo com a legislação atualmente em vigor.

A ampliação da área classificada do Palácio da Mitra, aqueduto, pombais, chafarizes, igreja, monumental portão de entrada e toda a área murada da antiga quinta reflete os seguintes critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro: o valor estético e material intrínseco do bem, o génio do respetivo criador, o interesse do bem como testemunho notável de vivências históricas, a sua concepção arquitetónica e paisagística, a extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva e as circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da integridade do bem.

A zona especial de proteção (ZEP) tem em consideração o enquadramento paisagístico do conjunto, bem como a relação espacial entre os diversos elementos que o compõem. A sua fixação visa salvaguardar a integridade física e contextual do edificado e das áreas circundantes e a relação visual do conjunto com as zonas envolventes.

Foram cumpridos os procedimentos de audição dos interessados, previstos no artigo 27.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, de acordo com o disposto nos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo.

Assim:

Sob proposta dos serviços competentes, ao abrigo do disposto nos artigos 15.º, 18.º, n.º 1, e 28.º, n.º 1, da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e nos termos do artigo 199.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

#### Artigo 1.º

##### Classificação

1 — É ampliada a área de delimitação da classificação do «Palácio da Mitra, em Santo Antão do Tojal, com os seguintes anexos: a antiga igreja, o chafariz monumental, o aqueduto, o pombal existente na quinta do Palácio, com os seus azulejos decorativos, e o portão que dá entrada directa à quinta e que se encontra à direita e um pouco distanciado da igreja», classificado como imóvel de interesse público pelo artigo 2.º do Decreto n.º 32 973, publicado no *Diário do Governo*, I Série, N.º 175, de 18 de agosto de 1943, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.



## FONTES DAS IMAGENS

1 a 19 - Fotografias cedidas pelo arquitecto Manuel Tainha.

Reinterpretação da Obra - Desenhos elaborados pela autora.

Projecto de Ampliação - Desenhos elaborados pela autora.

Memória Descritiva e Justificativa (2010) - cedida por Vitor Caetano.

Portaria n.º 740 AG 2012. Lisboa: Diário da República - 2.ª série - N.º 248, 24 de  
Dezembro de 2012.

Restantes documentos - cedidos pelo arquitecto Manuel Tainha.